

PATRISIA CIANCIO

**LUSOFONIA DIGITAL: UM NOVO CAMINHO PARA A
INTEGRAÇÃO**



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO

2008

PATRISIA CIANCIO

**LUSOFONIA DIGITAL: UM NOVO CAMINHO PARA A
INTEGRAÇÃO**



Orientador(a) da Dissertação:

Professora Doutora Judite A. Gonçalves de Freitas

**Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Mestre em Relações Internacionais.**

RESUMO

Ao correr as folhas deste trabalho é possível encontrar um projeto que traça estratégias múltiplas em ambientes digitais dentro do escopo da lusofonia. Os ecos culturais aqui são propagados por uma sociedade em rede dos universos entrelaçados a partir de uma história que começa com os Descobrimentos e, com uso de novas tecnologias, pode experimentar um caminho capaz de resgatar sentimentos e conciliar rumos.

Pode parecer ousado ou supérfluo falar de necessidade de informação e educação em áreas nas quais as populações sequer possuem o que comer. Mas esta proposta acredita que esses são instrumentos capazes de ajudar a reverter um quadro de miséria de maneira auto-sustentável. Enxerga no fator cultural o caminho para o conhecimento recíproco dos povos na preservação e disseminação de suas tradições, que tendem a se perder nas implementações de planos meramente economicistas. Requer longo prazo para dar vulto a seus efeitos e alguma crença de que ainda existem valores humanos isentos de interesses. A Lusofonia Digital, proposta desta tese, não é apenas a oferta de novas ferramentas que emprega a já desgastada expressão “sociedade do conhecimento”. Mas sim a possibilidade de despertar nas pessoas novos projetos de vida através da interação propiciada pelo uso do meio para pesquisas e aprendizado, entre tantas outras vias de aproveitamento.

Apesar de demandar uma ação efetiva de um conjunto de atores, como governos e ONGs, a proposta está fundamentalmente voltada para a sociedade civil e dela depende também seu futuro. Enquanto não se constrói um planejamento comunicacional, pragmático, com base nos valores da educação, salpicam iniciativas avulsas e idéias que não são concretizadas. Assim, a lusofonia, no plano real, acaba por ser um amontoado de divagações restrito a uma classe pensante, e está coberta de mofo. Por isso, não consegue respirar.

ABSTRACT

In the following report you will find a project that emphasizes multiple strategies in digital environment inside the "Lusofonia". The cultural echoes here described are shared through the web society among universal links that are embraced by historical process which have started during the "Discoveries". By using new technologies, we can experience new feelings and reconcile our directions.

Perhaps, it may sounds strange to talk about information and education in areas where poverty takes place. However, this proposal demonstrates that these instruments can help to invert the face of misery in a special self-sustainable way. It highlights in the cultural factor, the society recognition of the necessity of preservation and dissemination of tradition that probably will disappear among economic project implementations. In addition, it requires time to demonstrate the effects and demands faith that even though we live in a modern world, there are still human beings with principles and free of self-interest that care about innovation. The proposal of "The Digital Lusofonia" is not only to offer new tolls by the already tired expression "knowledge society", but a possibility of awake people to new projects of life.

Beside of demanding an effective action by a group of actors such as government and NGOs, the proposal is totally dedicated to civil society and relies on it to survive in the future. While an efficient, based on education values, and pragmatic communication plan not yet exist, many ideas and initiatives are created, but they generally do not become concrete. Consequently, "Lusofonia", in the real plan, is an accumulation of theories restricted to thoughts of a social group, and it remains frozen. Therefore, it can not breed until it is put in action.

RÉSUMÉ

En parcourant les pages de ce travail, on trouvera un projet qui ébauche différentes stratégies liées à l'environnement digital au sein de la Lusophonie. Les échos culturels sont ici propagés par une société liée à des univers entrelacés par une histoire partagée, qui commence avec les Grandes Découvertes. Cette société chemine actuellement, grâce au recours aux nouvelles technologies, sur une voie permettant une plus grande tolérance et conciliation des perspectives.

Il peut paraître osé, sinon superflu, de parler de nécessité d'information et d'éducation dans des régions où les populations ne satisfont même pas leurs besoins alimentaires. Cependant, ce travail défend que ce sont là les instruments qui permettent de transformer, de façon autosuffisante, un environnement marqué par la misère. Il souligne en effet la relevance du facteur culturel comme voie à suivre en vue d'une connaissance réciproque des peuples, tout en préservant et en diffusant leurs traditions — traditions qui tendent à se perdre dans des applications purement économicistes. Il faudra un certain temps pour que la réalité se transforme et que s'enracinent des valeurs humaines exemptes des intérêts les plus divers. À cet égard, la Lusophonie digitale, thème central de ce travail, ne constitue pas seulement un possibilité de création de nouveaux outils que la “société de la connaissance” – expression cent fois rebattue – utilise déjà. Elle constitue plutôt la possibilité de faire éclore de nouveaux projets de vie pour les personnes, à travers l'interaction que facilite l'utilisation de moyens de recherche et d'apprentissage, parmi tant d'autres voies possibles d'enrichissement.

Bien qu'elle exige l'action effective d'un ensemble d'acteurs, comme les gouvernements et les ONG, cette proposition se tourne fondamentalement vers la société civile, et c'est bien d'elle que dépendra son futur. Seules des initiatives isolées et des idées non concrétisées peuvent résulter de l'absence de planification communicationnelle, pragmatique, basée sur les valeurs de l'éducation. La Lusophonie n'est pour le moment qu'un agglomérat de divulgations restreintes à une classe intellectuelle relativement démodée. Elle ne parviendra à respirer qu'en se libérant de ce carcan.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Professora Doutora Judite de Freitas, por sua íntegra conduta de orientação. Por ter me propiciado liberdade de pensamento e expressão. Por seus esforços em realizar um trabalho sério e de credibilidade acadêmica. Por seu rigor metodológico e sua minúcia nos detalhes que fizeram toda a diferença neste trabalho. Pela transmissão de seu conhecimento. E, sobretudo, por suas orientações científicas, à luz do seu saber.

Agradeço ao Programa ALBAN, que me deu a oportunidade de realizar este projeto em Portugal, berço da lusofonia. Hoje um sonho vivido. A Doutora Carla Ribeiro pela disponibilidade em prestar um atendimento altamente profissional aos bolsiros.

Agradeço ao Professor Doutor João Casqueira, que muito tem me apoiado e incentivado, desde os primeiros contatos para requisição da bolsa de estudos (desde 2003), e permitiu que escrevesse esta dissertação em português do Brasil, o que foi essencial.

Agradeço a Professora Doutora Mônica Leite Lessa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) por sua sabedoria e pela mão amiga sempre estendida, ao jornalista Orlando Castro por seu olhar crítico e tantas contribuições valiosas neste percurso, a Professora Doutora Regina Brito por seus textos e suas idéias.

Agradeço a todo o respeitoso Corpo Docente da Universidade Fernando Pessoa (UFP) do Mestrado em Relações Internacionais. E ao Professor Doutor Jorge Pedro Sousa, do Departamento de Comunicação.

Agradeço aos especialistas que contribuíram para este estudo com entrevistas, esclarecimentos e apoio para publicações.

Agradeço a revista Língua Portuguesa, na figura do editor Luiz Costa, pela oportunidade de colaboração.

Agradeço a todos os funcionários da UFP, em especial à equipe das Bibliotecas, as grandes figuras humanas e profissionais Humberto Alves e Carla Azevedo, que me ajudaram nas pesquisas das obras e no cotidiano. As meninas da Cantina e ao Sr. Carlos.

Agradeço o apoio de minha grandiosa Mãe, Teresa Rubano Ciancio, meus irmãos Salvador Ciancio e Maria Teresa Ciancio Pires, meus sobrinhos Leonardo e Lorena.

Agradeço aos amigos brasileiros que tanto me deram força neste caminho, em especial às grandes amigas Juliana Braga, Anne Clínio e Maria Fernanda de Freitas. Aos amigos portugueses, a colega de classe e amiga Vânia Almeida. Ao amigo Amílcar Rodrigues.

Finalmente, agradeço a Deus por minhas conquistas e a todos aqueles que não foram mencionados neste papel, e que fizeram parte desta realização.

DEDICATÓRIA

**À memória de meu Pai, Vincenzo Rosario Ciancio,
mestre desta vida.**

A Glaucio Guerra, amor e companheiro.

LISTA DE SIGLAS

- ABL** – Academia Brasileira de Letras
- ACL** – Academia de Ciências de Lisboa
- Acapep** – Associação Cartográfica dos Países de Expressão Portuguesa
- AO** – Acordo Ortográfico
- Bric** – Brasil, Rússia, Índia, China
- CGI** – Comitê Gestor da Internet no Brasil
- CL** – Cidadania Lusófona
- CPLP** – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
- FAO** – *Food and Agriculture Organization of the United Nations*
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IC** – Instituto Camões
- ICP** – Instituto de Cooperação Portuguesa
- IILP** – Instituto Internacional de Língua Portuguesa
- INCM** – Instituto Nacional das Comunidades de Moçambique
- IPAD** – Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
- JL** – Jornal de Letras
- OMS** – Organização Mundial do Comércio
- OMPI** – Organização Mundial da Propriedade Industrial
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- Oppi** – Observatório de Políticas Públicas para InfoInclusão
- Palop** – Países de Língua Oficial Portuguesa
- PNUMA** – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
- ProInfo** – Programa Nacional de Informação na Educação
- RI** – Relações Internacionais
- Rits** – Rede de Informação para o Terceiro Setor
- SADC** – Sociedade para o Desenvolvimento da África Austral
- UA** – União Africana
- Unesco** – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

ÍNDICE

RESUMO.....	I
ABSTRACT.....	II
RÉSUMÉ.....	III
AGRADECIMENTOS.....	IV
DEDICATÓRIA.....	V
LISTA DE SIGLAS.....	VI

INTRODUÇÃO

I Capítulo – A Internet como alternativa para a criação de uma comunidade dos povos de língua portuguesa	6
1.1. Fundamentos para a Lusofonia Digital	6
1.2. Recortes Culturais: o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP) e os 200 anos de chegada da Corte Portuguesa ao Brasil	15
1.2.1. Internacionalização da Língua Portuguesa	26
1.2.2. 2008: um possível cenário de renovação ou reforço de laços.....	27
1.3. A CPLP na sociedade do conhecimento	33
1.4. A variante brasileira: idioma tecnológico no processo de “babelização”	55
1.5. Impressões digitais: a extrema-unção pela vertente cultural.....	64
1.6. Língua portuguesa e tecnologia em perspectiva poética	72
II Capítulo – O terceiro setor e as políticas públicas nas oportunidades de inserção em projetos online	78
2.1 Uma visão dos projetos de Internet de utilidade para a Lusofonia Digital.....	78
2.2. <i>Oi Futuro</i>: um estudo de caso em Moçambique	83
III Capítulo – A wiki e a rede social dos povos de Língua Portuguesa: um passo para a comunidade virtual	95
3.1. O retrato atual da infoexclusão nos países lusófonos	95
3.2. A filosofia da Web 2.0 a serviço da democratização da informação e transparência: o novo caso americano dos governos eletrônicos e a relação com Portugal	100
3.3. A Wiki das Lusofonias e a Rede Social Lusófona, uma proposta prática	104
3.3.1 Dez oportunidades com a criação de uma Wiki das Lusofonias.....	109
IV Capítulo – Os portais e a blogosfera lusófona	113
4.1. Um panorama da Lusofonia na rede	113
4.2. Os lusófonos querem falar – análise da blogosfera africana (e timorense) como espaço de representatividade e registro de línguas autóctones	128

CONCLUSÃO	135
5. BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES	138

ÍNDICE DE FIGURAS, GRÁFICOS, ESQUEMAS, MAPA E TABELAS

Figura I: Imagem captada a partir do motor de busca Google em maio de 2008 pelo termo “Lusofonia Digital”	2
Gráfico I – Comunicação	36
Gráficos II e III – Povos e Países	37
Gráfico IV – Cultura/Cultural	38
Gráfico V – Internet	39
Gráfico VI - Digital.....	41
Gráfico VII – Educação	41
Gráfico VIII – Informação	42
Gráfico IX – Tecnologia	43
Gráfico X - Transparência	43
Gráfico XI – Cooperação.....	44
Gráfico XII – Comunidade.....	45
Gráfico XIII – Rede	46
Gráfico XIV – Regional	46
Gráfico XV – Diversidade.....	47
Gráficos XVI e XVII – Multilateral e Bilateral.....	49
Gráfico XVIII – Cidadania.....	50
Gráfico XIX – Transferência.....	51
Gráfico XX – Inclusão	51
Tabela I: Identificação dos documentos da CPLP analisados.	54
Gráfico XXI – Registros de sites no Brasil e em Portugal.....	61
Figura II: Acervo de boas práticas.....	82
Figura III – Gráfico retirado de estudo da INCM sobre penetração telefônica em Moçambique (Rego, 2005).....	90
Gráfico XXII – População dos países de língua portuguesa (2007).....	96
Gráfico XXIII – Penetração de Utilizadores de Internet nos países de língua portuguesa em percentual (2008).....	97

Figura VIII – Percentual de utilizadores de Internet em África - 2007.....	97
Gráfico XXIV – Número de utilizadores (2008).	98
Figura IV – Tabela retirada do site Projeto Século XXI com mapeamento de ferramentas.....	102
Figura V – Visão geral de acessos ao blogue DirectoLuso.	107
Tabela II – Buscas realizadas no Google que levaram ao blogue DirectoLuso.	108
Figura VI – Áreas de procedência das pesquisas ao blogue DirectoLuso.	108
Tabela III- Buscas sobre Lusofonia, lusófonos e países de língua portuguesa.	122
Tabela IV – Buscas por países de língua portuguesa, mais Goa e Macau.	123
Tabela V – Buscas nos portais de governos da CPLP.....	124
Tabela VI – Buscas em jornais online.....	125
Tabela VII – Buscas no site Thecnorati.....	126
Tabela VIII – Buscas no Google Acadêmico.	127
Figura VII – Imagem retirada do site Obvious, que apresenta o ranking de blogues registrados no Thecnorati.....	128
Mapa da Inflexclusão nos países lusófonos: uma reprodução de desigualdades.....	99
Esquema1 – Primeiros dez links busca Google.pt.....	114
Esquema2 – Busca por lusofonia, CPLP e países de língua portuguesa.....	115
Esquema3 – Pesquisa por países e regiões.....	116
Esquema4 – Pesquisa nos portais dos governos.....	117
Esquema5 – Pesquisa por jornais online.....	118
Esquema6 – Quantitativo de blogues.....	129
Esquema7 – Pesquisa Google Acadêmico.....	120

ANEXOS

ANEXO I – <i>Brasil ainda não é lusófono</i>, I Congresso Internacional da Lusofonia, revista Língua Portuguesa.....	155
ANEXO II – <i>O temor da língua brasileira</i>, IV Colóquio Internacional da Lusofonia, revista Língua Portuguesa.....	156

ANEXO III – <i>Rio terá sua Casa da Lusofonia, revista Língua Portuguesa</i>	157
ANEXO IV – <i>Exportação eletrônica – novelas brasileiras influenciam falares de outros países com identidade lusófona</i>	158
ANEXO V – <i>Conferência Debate Futuro de São Tomé e Príncipe, site Projeto Lusofonia</i>	159
ANEXO VI – <i>Ciberpoema une língua portuguesa e tecnologia, Jornal do Comercio do Rio de Janeiro</i>	160
ANEXO VII – <i>O tecnoportuguês no país dos Descobrimentos, site Projeto Lusofonia</i>	163
ANEXO VIII – <i>Entrevista I, André Couto, coordenador do Projeto Tonomundo em Moçambique, da empresa Oi Futuro</i>	164
ANEXO IX – <i>Entrevista II, criador do projeto Século XXI, professor Gary Chapman, da Universidade do Texas, em Austin</i>	168
ANEXO X – <i>Entrevista III, lingüista da Priberam Helena Figueira</i>	171
ANEXO XI – <i>Release Oi Futuro</i>	175
ANEXO XII - <i>Dez trechos destacados do documento da CPLP Declaração sobre Sociedade da Informação e do Conhecimento</i>	179
ANEXO XIII - <i>Tabela de documentos da CPLP analisados para o Diagrama de Expressão</i>	183
ANEXO XIV - <i>Tabela de análise de 33 blogues</i>	183

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende ser uma contribuição ao campo das Relações Internacionais e Lusofonia. Visa a conjugar argumentos que evidenciam a eficácia e viabilidade de criação de uma Lusofonia Digital. A expressão, como será apresentada, aborda as alternativas de inserção e intercâmbio cultural dos povos lusófonos em novos espaços de sociabilidade através da Internet¹. Promove uma correlação com os Descobrimentos no que diz respeito à origem da criação do terreno flutuante e descontínuo que constitui o solo lusófono, como uma premonição do mundo virtual. Exclui o fator *e-commerce*, que seria a transposição direta da navegação a partir de interesses comerciais de hoje no mundo globalizado, ao privilegiar o capital humano no epicentro das ações em projetos de fomento a fontes locais de saber. Neste estudo, o mar das rotas de comércio passa ao oceano da informação. Propõe-se ainda de maneira prática a cooperação na abertura de meios de interatividade através de ferramentas digitais, com ênfase à produção de conteúdos em idiomas autóctones, versados pela língua portuguesa. E sugere o nascimento de uma comunidade virtual lusófona² (ou das lusofonias) nos conceitos de Web 2.0³, contextualizada de maneira realista nas problemáticas da Lusofonia no âmbito da cultura.

¹ Uma das medidas episódicas do uso da Internet como ferramenta de integração lusófona ocorreu há oito anos, registrada em nota publicada na Revista Lusofonia de número 15, com o título *Internet liga espaço lusófono*. “Os jovens portugueses têm pouco contato com a realidade cultural e social dos países africanos de língua portuguesa. Face a esta realidade, o Instituto Marquês de Valle-Flor assinou em Dezembro com o Instituto de Cooperação Portuguesa (ICP) um protocolo que vai ligar, desde Janeiro de 2000, os cinco países da África lusófona, mais Portugal e Brasil via Internet”. Com a finalidade de saber sobre o andamento da ação, foi feito contato por e-mail com o Instituto Marquês de Vale-Flor, mas nenhuma resposta foi obtida. Vê-se que a necessidade de inserção na sociedade do conhecimento por parte dos povos lusófonos já fora identificada no momento certo de debate. Mas houve um retardamento das medidas para um plano de ação que congelou o cenário na carência de projetos.

² Existe um Fórum do Yahoo chamado Comunidade Lusófona. Disponível em: http://br.groups.yahoo.com/group/comunidade_lusofona/messages/3401?viscount=100. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

³ “Web 2.0 é um termo (2003) para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma Web, como wikis, aplicações baseadas em folksonomia e redes sociais. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Este estudo indaga como utilizar a globalização, que parte do princípio neoliberal de padronização, para preservar idiosincrasias. A proposta não é seguir os passos da primeira mundialização, na qual o poeta Fernando Pessoa eternizou em genialidade o mar português como lágrimas de Portugal enquanto caminho de partidas. Mas justamente de tornar essa nova navegação um porto de chegadas e encontros de povos. Definido como tal, não foram encontradas mais referências ao termo “Lusofonia Digital” na busca (com uso de aspas, consultada em **abril de 2008**⁴) do Google, maior site de pesquisas da rede. De acordo com figura ilustrativa a seguir, a expressão só é assinalada referindo-se à tese em questão *Lusofonia Digital: um novo caminho para a integração*, imprimindo ao tema um caráter de pesquisa que pode incitar novos interesses de investigação.

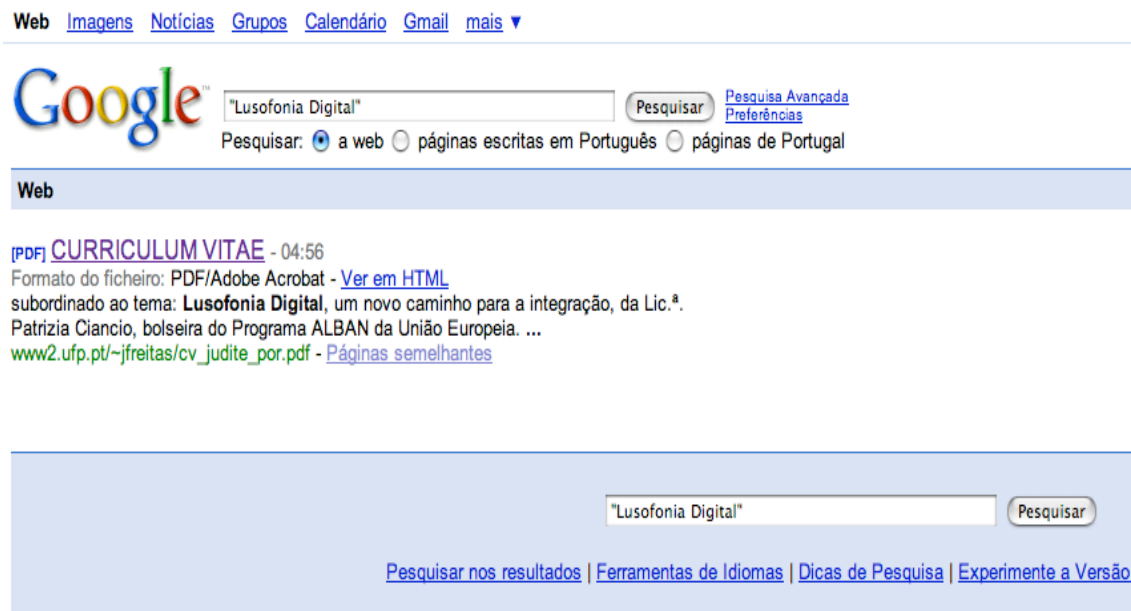


Figura I: Imagem captada a partir do motor de busca Google em maio de 2008 pelo termo “Lusofonia Digital”.

⁴ No entanto, a APCNP - Associação para a Promoção Cultural do Norte de Portugal criou recentemente um projeto com a utilização desta expressão, mas voltado para questões mercadológicas (uma rede de públicos e clientes), totalmente adverso ao conceito de Lusofonia Digital proposto neste estudo.

O movimento restaurador da lusofonia pelo reconhecimento dos povos e suas construções simbólicas pode ser feito através de um projeto de comunicação de efeito modernizante capaz de atualizar esta linguagem. A língua é a portuguesa, que desta vez assumiria o papel de intermediária, não de intérprete. O português seria uma língua instrumental e de tecnologia que permitiria o redescobrimto, desta vez mútuo, entre as culturas. E ter nesse posto o português que cada nação lusófona incorporou e devolveu ao mundo em sua variante. A demanda prima pela criação de novos canais de acesso à informação sobre os países e as regiões que compõem a comunidade (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste – sendo em Brasil e Portugal o português uma língua materna e, nos demais, idioma oficial, além da Galiza e das localidades em que o português é considerado língua de “uso”: Macau, Goa, Diu, Damão e Malaca) e por legitimar espaços que nunca foram fronteiriços. Espaços agora de sociabilidade, com base em ambientes colaborativos.

No contexto das RI este trabalho se insere também em ações de políticas públicas e cooperação, sendo ponto fulcral para a criação de uma Lusofonia Digital a democratização dos meios e da informação, para entrada, pelo menos inicialmente, dos povos lusófonos na sociedade do conhecimento de maneira auto-sustentável. Assim sendo, a recolha de dados para os estudos foi pensada como um dossiê de argumentos para a construção desta hipótese. Uma das preocupações centrais foi também desenvolver uma parte prática para o projeto com propostas de criação de uma Wiki das Lusofonias, que formaria um acervo gratuito temático-cultural para pesquisas, além de uma vertente mais interativa, que promoveria o encontro dos cidadãos lusófonos com a sugestão de investimento em redes sociais. Com objetivo empírico, foi criado ainda um blogue (Directoluso – pensar a lusofonia: labirinto da cultura) com disponibilização de informações sobre o universo da lusofonia, e serão expostos ainda relatórios de buscas que comprovam a carência deste tipo de dado na rede. E para evidenciar a viabilidade das ações de Internet e Língua Portuguesa, foi escolhido como estudo de caso o projeto *Oi Futuro* em Moçambique, que se tornou políticas públicas no Brasil beneficiando professores e alunos na formação de pólos irradiadores de conhecimento. A falta de projetos práticos nesta área em âmbito intergovernamental, precisamente nos organismos

promotores da lusofonia, faz com que os povos lusófonos percam mais uma oportunidade de se comunicarem e de se (re)conhecerem, longe dos estereótipos criados ao longo dos tempos. E despreza um importante meio que pode ser usado à serviço da educação.

O estudo traz para melhor composição de alicerces: (1) análise documental de 64 atas das reuniões de Chefes de Estado da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), (2) mapeamento através de mecanismos de busca na Internet para verificar a condição do termo “lusofonia” (e derivados) hoje na rede, (3) compilação de dados sobre os acessos à Internet nos países de língua portuguesa em gráficos e mapa, e (4) análise de discurso através do estudo de 33 blogues africanos e timorenses no intuito de comprovar a necessidade de a sociedade civil opinar sobre os fatos segundo suas realidades e subjetividades, sem a dependência do olhar estrangeiro. Neste último tópico, a blogosfera de África e Timor foi escolhida por tais regiões constituírem áreas de ainda pouca visibilidade na produção de informação independente. E assim a Internet se configura em um importante mecanismo de legitimação e registro de idiomas nacionais para a posteridade, perpetuação e afirmação de valores e costumes, assim como difusão de conhecimento diretamente da fonte, e criação de representatividades.

A idéia de projetar a lusofonia para universos virtuais foi pensada pela amplitude cultural que o termo congrega, e pelo fato de seu nascimento ter constituído os primórdios de um tipo de relação que se confere na atualidade. A proposta atende ainda a acontecimentos recentes que demandam um aprimoramento na aquisição e transmissão do conhecimento sobre as áreas que compreendem a lusofonia, como a alteração da Lei Federal 10.639/03, que mudou a Lei de Diretrizes Bases da Educação no Brasil, e torna obrigatório o estudo de História das Culturas Africana e Afro-brasileira. A iniciativa pretende estimular a democratização da informação para fortalecimento da identidade étnico-racial. Este é um dos caminhos para a divulgação da lusofonia no maior espaço geográfico de lusofalantes. Termo todavia desconhecido no país, como mostram os anexos deste trabalho, produzidos através de coberturas de eventos sobre o tema em Portugal.

Em uma visão geral, o Capítulo I perpassa temáticas que compõem o alicerce da proposta em suas nuances culturais, históricas, lingüísticas e internacional. O Capítulo II menciona projetos reais cujas experiências podem ser aproveitadas pela proposta em questão. O Capítulo III está centrado nas alternativas tecnológicas para a criação de novos canais entre os povos focando ainda na carência de infra-estruturas locais e, por fim, o Capítulo IV faz um mapeamento da lusofonia hoje na rede e verifica o debate lusófono em torno de si mesmo e do mundo.

A investigação contemplou a participação em eventos da área em Portugal e suas respectivas coberturas jornalísticas promovidas pela mestrandia para veículos brasileiros obedecendo ao intuito de divulgar o termo lusofonia naquele país.

A metodologia utilizada neste trabalho inclui, portanto, análise de informação através de pesquisas em jornais e meios eletrônicos, com tradução em gráficos, tabelas e mapa, elaboração de diagrama de expressão em amostras quantitativas e interpretação qualitativa, buscas de informação em centros de estudo, como bibliotecas e institutos de promoção de cultura da língua portuguesa, em organizações governamentais e ONGs, bem como entidades voltadas aos temas e práticas de difusão da Internet. Foram feitas também análise bibliográfica e documental, e complemento de entrevistas a especialistas, bem como estudo de caso. O trabalho visou ainda a ter publicações ou artigos que compreendam o tema, ao longo da duração da pesquisa, como também um registro de ações de governos e entidades que comprovem a efervescência do debate proposto.

Palavras-chave: Internet, digital, lusofonia, lusófono, língua portuguesa, cultura, informação, conhecimento, Wiki, rede social, idiomas autóctones, CPLP, tecnologia, blogosfera, África, terceiro setor e políticas públicas.

I Capítulo – A Internet como alternativa para a criação de uma comunidade dos povos de língua portuguesa

1.1. Fundamentos para a Lusofonia Digital

“Sonhar com o impossível é o primeiro passo para torná-lo possível”

Confúcio

A negação da lusofonia⁵ tal como se apresenta pode ser o caminho para fazê-la acontecer enquanto projeto coletivo de povos que, pelo produto da história, se entrecruzam e não se conhecem. Em contrapartida, é possível fazer surgir um novo conceito, com base na geração de oportunidades de inclusão social, através da tecnocultura do conhecimento, nas alternativas de interação e formação contínua em cultural digital. Com a globalização, houve uma reinvenção do capitalismo em um processo de autofagia que resultou em novos canais de comunicação e na realidade paralela dos universos virtuais. A lusofonia, o dito continente imaterial⁶, tem uma vocação natural para se concretizar no intangível. Isto é, na informação e na interconectividade. Seu teor mitológico projeta o sentido para o mundo das idéias. E nele, é possível estar verdadeiramente a um passo da ação.

[...] “não se pode interpretar a mundialização como resultado brusco do capitalismo americano, e sim como consequência de uma sedimentação lenta, mas constante, do conhecimento. Como já mostrava Karl Marx, não se pode compreender a mundialização sem contabilizar a participação portuguesa, extremamente precoce em relação aos tempos contemporâneos” (Margarido, 2000: 81).

⁵ “O conceito de Lusofonia repousa sobre o significado dos dois elementos que formam a palavra que o exprime: ‘lusó’ equivalente à lusitano ou Lusitânia, o mesmo é dizer português, Portugal. Quanto à fonia, significa o mesmo que fala, língua. Vem do verbo grego foneo, falar. O conceito de Lusofonia é, porém, em relação ao seu uso, mais amplo e denso do que o simples conceito lingüístico”. (Dicionário Temático da Lusofonia, 2006: 652).

⁶ “Mais do que objeto de curiosidade histórico-lingüística ou histórico-cultural, a idéia de lusofonia é hoje tema em que são investidos paixão e interesses que têm a ver não apenas com aquilo que os países lusófonos são como língua e cultura no passado, mas também, sobretudo, como o presente e com o destino do “continente imaterial” que estes países constituem”. (Martins, 2006: 17)

“O período de Portugal como potência hegemónica foi um autêntico processo evolutivo de aprendizagem sistémica, em que foi construído um sistema de alcance global, através da introdução de inovações de carácter comercial e de inovações técnicas, ao qual se somou, pela primeira vez na história, a inovação de um certo comprometimento científico para o desenvolvimento de uma macroestrutura” (Rodrigues e Devezas, 2007: 51).

O terreno da lusofonia é flutuante porque não delimita um território de continuidade, e demarca identidades inconscientes que se perdem no desconhecido e na própria pluralidade de sua fragmentação⁷. Portugal como pioneiro da primeira mundialização, em total conformidade com a obra de Rodrigues e Devezas (2007), criou um universo que cabe exatamente no mapa do nada. Profecia de um mundo virtual ou não, o país conseguiu alcançar, e se comunicar, através da tecnologia das navegações, com universos que ainda estavam por se apresentar ao velho mundo. E assim, os leu e interpretou a sua maneira, e influenciou definitivamente seus rumos. *“Se a entrada dos portugueses na rede comercial do Oceano Índico há 500 anos teve um grande impacto nas redes de navegação e comércio internacionais, é isso que a rede dos cibernautas está a desenvolver actualmente”*, defende o professor Teotónio de Souza em seu texto *Portugal e Vasco da Gama nas redes dos nautas e cibernautas*⁸. As missões colonizadoras pontilharam um trajeto invisível, como um vaticínio do que existe em sua nova

⁷ “Os países africanos estão ainda construindo a sua própria lusofonia. Queremos que essa agenda nacional seja respeitada, e que outros programas se articulem em harmonia com esta construção interna. Todos sabemos que este edifício da lusofonia dentro dos nossos países é um assunto extremamente sensível exactamente porque tem a ver com a construção das nossas próprias identidades nacionais. É verdade que não podemos pedir que o nosso projecto comum fique à espera que se cumpram os programas de cada um. Mas podemos cuidar que a lusofonia supranacional se desenhe sem atropelar essas agendas nacionais. Isso implica a existência de um fórum de consulta permanente para a definição e avaliação da programação das nossas estações comuns. Deve ser dito que somos todos vítimas da mesma lógica de governação que coloca a prioridade nos assuntos económicos e relega para mais tarde as questões culturais e linguísticas. Deve ser dito ainda que, muitas vezes, falta nas nossas políticas domésticas coragem para defender interesses nacionais e não apenas conveniências políticas de ocasião”. Disponível em: <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/berwsea0.simples> [Em linha]. [Consultado em 02- 2008].

⁸ Souza, Teotónio (s/d). *Portugal e Vasco da Gama nas redes dos nautas e cibernautas*. Disponível em: <http://www.ciberduvidas.pt/diversidades.php?rid=356> [Em linha]. [Consultado em 02- 2008].

roupagem, a globalização. Essa esfera persiste e, inaugurada por uma nova tecnologia de navegação, pode refazer este percurso em uma concepção inversa que privilegia o mosaico cultural dos povos de língua portuguesa, e dos povos de tantas línguas nacionais inseridas nas oficiais delimitações de língua portuguesa. Um círculo virtual que pede por ser também virtuoso.

Ao criticar a lusofonia como “*substituição da lusotropicologia enquanto ideologia imperialista portuguesa, somada à saudade e à diáspora na definição de identidade lusa no pós-colonial*” (Machaqueiro, 2003:*) emerge a valorização do ser lusófono, na plenitude de sua diversificação cultural. O termo “lusófono” é dotado de uma conotação mais forte que “lusofonia” por remeter mais ao colonizado que ao colonizador. Nele, as tensões de uma imagem ainda eurocêntrica associada ao imperialismo colonial são descentralizadas no ponto que converge para as questões humanas. Neste cenário, a Cidadania Lusófona (CL)⁹ urge como medida de legitimação de direitos e deveres para uma livre circulação de pessoas. Por isso, o campo das Relações Internacionais (RI) é o pano de fundo impulsionador de articulação capaz de dar ênfase a este novo ator social.

Mas, se o cidadão lusófono no papel ainda não existe, e nem há previsão concreta para seu real aparecimento no quadro histórico, é possível pensar na hipótese de estimular esses elos através de outras ferramentas e diferentes meios, com uso do conceito de comunidades virtuais. Como consta na Wikipédia, uma comunidade virtual¹⁰:

* Na introdução, sem página.

⁹ “A Cidadania Lusófona (CL) seria semelhante à européia. Serão cidadãos lusófonos todos os indivíduos que tenham a cidadania de primeiro grau de qualquer um dos oito Estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A CL pode reforçar a mobilidade dos indivíduos nesse espaço. No entanto, não existe ainda um estatuto jurídico do cidadão lusófono de alcance multilateral. O que existe são trabalhos preparatórios, negociações diplomáticas, mas, sobretudo, concretizações parcelares desta idéia: a cidadania luso-brasileira, o estatuto de cidadão lusófono, um conjunto de cinco acordos internacionais em matéria de vistos de entrada e controles fronteiriços, todos assinados em Brasília em 2002 para facilitar a mobilidade no âmbito da CPLP”. (Dicionário Temático da Lusofonia, 2006: 166). Ver também o *Estatuto Jurídico da Lusofonia* (2002), no qual encontram-se registrados vários artigos sobre a questão.

¹⁰ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade_virtual [Em linha]. [Consultada em 30-11-2007].

“É uma comunidade que estabelece relações num espaço virtual através de meios de comunicação à distância. Se caracteriza pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações no ambiente virtual. Um dos principais fatores que potencializam a criação de comunidades virtuais é a dispersão geográfica dos membros. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs minimizam as dificuldades relacionadas a tempo e espaço, promovendo o compartilhamento de informações e a criação de conhecimento coletivo”.

Para além de uma comunidade internacional, ocorre também, através da Internet, o reforço e a renovação de ideários sociais, com os movimentos em rede. Os povos lusófonos querem falar com o mundo e entre si. E a partir deste preceito de interação dinâmica é possível também traçar um plano de valorização do viés cultural na ajuda ao desenvolvimento econômico, nos mecanismos de cooperação. No entanto, falta uma rede organizada de dados sobre os povos, países, regiões, e uma integração de comunidade como centros irradiadores de uma informação ainda pouco difundida e decodificada. A Internet sopra um vento horizontalizante. A oferta de *softwares* livres e serviços gratuitos criou uma nova modalidade de audiência e filosofia de informação, gerida e estruturada. Na intertextualidade, abre-se uma relação em que a sociedade toma a palavra, e opina através da blogosfera, do jornalismo cidadão, e das oportunidades de interatividade nos meios oficiais de comunicação. Mas para dar corpo a uma fonte confiável de dados, entretanto, seria necessário investir em instrumentos através dos quais especialistas dos próprios países lusófonos pudessem produzir conhecimento fundamentado em suas realidades, o que seria mantido pela interação, e abastecimento, da sociedade civil em ambientes de colaboração. A idéia com isso é a de oferecer um potencial de pesquisa com dados reais do que costuma ser sempre versado pelo olhar do estrangeiro e acaba por residir no terreno do exótico.

“De quinze anos para cá, muitos analistas reconhecem o lugar essencial que a cultura desempenha na problemática do desenvolvimento. Em 1975, em África, a Conferência intergovernamental sobre políticas culturais

(AfricaCult) parecia ter dado um passo decisivo no sentido da generalização desse reconhecimento. Foi de facto nessa Conferência que se afirmou o princípio de que o desenvolvimento cultural é não somente o correctivo qualitativo do desenvolvimento económico, como também a chave para uma verdadeira melhoria de qualidade de vida. Este é um princípio fundamental que vem à cabeça da lista dos objetivos da Década Mundial do Desenvolvimento Cultural” (Mayor, 1990-1995: 38).

O programa de ação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre África, proposto por Mayor, torna evidente que os povos atingidos por ações de desenvolvimento não se sentem envolvidos nem se interessam verdadeiramente pelas causas se não tiverem motivações de natureza cultural (promoção de línguas nacionais e defesa das identidades culturais). A carência de informação e de canais de interação, mesmo com iniciativas isoladas ou episódicas¹¹, torna-se evidente pelo desconhecimento mútuo dos povos. Na criação de uma Lusofonia Digital, a idéia é estimular a produção de conhecimento e conteúdo *in loco*. De dentro para fora e não somente de fora para dentro, pois o movimento centrípeto incita cada vez mais a criação de estereótipos. A força precisa ser também centrífuga para expandir, em um processo de oxigenação das atividades internas dos povos, o que se configura em inúmeras oportunidades. Todavia, quanto mais essa questão for negligenciada, maior o abismo para os povos lusófonos, sobretudo os isolados, entrarem no ritmo do mundo atual, que daqui a alguns minutos já será arcaico. E assim, a lusofonia nunca está na ordem do dia.

Os países da África lusófona, e ainda Timor Leste, se inserem nessa realidade, pois continuam privados de entrarem no circuito da dita modernidade. E se um dia conseguirem, como isso se dará? Provavelmente pelo esquecimento ou mutilação de suas

¹¹ “A Televisão da Comunidade de Países da Língua Portuguesa, TV CPLP, cujo projeto foi apresentado em Lisboa, vai alcançar não só os oito países da comunidade, mas também outras regiões. O canal lusófono, cuja programação deverá ser dividida em três áreas temáticas, "Educação", "Desenvolvimento" e "Cultura", vai ser transmitido também em Macau, Hong Kong, Goa, Índia, África do Sul, França, Espanha, Alemanha, Suíça, Holanda, Gabão, Senegal, Estados Unidos e Canadá”. Disponível em: <http://www.brasilportugal.org.br/ce/content.php?ctg=noticias&sec=953>. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

origens. De acordo com artigo *A vida na África de Língua Portuguesa*, revista Biblioteca EntreLivros:

(...) “existem hoje em África cerca de 800 etnias e falam-se quase 1,5 mil idiomas. Em contraste com esta riqueza cultural extraordinária, o continente debate-se com um jogo de dados que lança a imensa maioria da população na área da exclusão e da miséria. Cerca de metade dos africanos vive com menos de um dólar por dia. O analfabetismo afeta 41 de cada 100 habitantes” (Cabaço, 2007: 38).

A lusofonia carece de entrar em uma fase de realizações concretas e não somente divagações. O termo ecoa nos ressentimentos dos países arrasados pela colonização, como em África. E no Brasil, o vocábulo é ignorado, sobretudo pela mídia¹². Durante a realização do *I Congresso Internacional da Lusofonia*¹³, em fevereiro de 2007, em Lisboa, o Brasil foi citado em quase todos os painéis e visto como uma espécie de salvador da lusofonia que, na verdade, ainda é um ideário português, mas que um dia pode vir a ser de todos.

“Para os países africanos recém-saídos do - e destruídos pelo - período colonial, a temática lusófona é, no mínimo, repugnante. Mas é preciso alertar ao potencial público objeto da ideologia ‘lusófona’, os falantes de português, a não jogar o jogo da lusofonia, seja por subordinação causada pela miséria (no caso de Moçambique, Angola, São Tomé, Cabo Verde e Guiné), seja por desprezo (no caso do Brasil). Entre

¹² “Em referência ao Brasil, não deixa de resultar paradoxal que o país que mais falantes aporta ao universo lusófono viva tão retraído sobre si próprio no nível informativo e comunique tão pouco sobre a atualidade – mesmo que seja sobre política e não cultural – dos seus ‘irmãos de língua’. Possivelmente para a maior parte do público brasileiro a Lusofonia não lhes diga nada porque, numericamente, eles ‘são’ a Lusofonia. Contrasta mais ainda quando vemos o importante número de notícias dedicadas aos Estados Unidos ou à Europa, enquanto nem tão sequer observamos a presença de enlaces para outras páginas web de países de língua portuguesa” (Atas do Congresso Lusofonia Bragança, outubro de 2007, indisponível na Internet no momento).

¹³ Cfr. **Anexo I** – *Brasil ainda não é lusófono*, página 155.

outras causas, é justamente por esse grande desprezo da opinião pública brasileira, que o mecanismo da CPLP pode curvar-se ao lusofonismo do governo português”¹⁴.

O Brasil, como maior país de lusofalantes, e que ainda apresenta conceito elevado em desenvolvimento do softwares, tem como potencial investir em projetos que possam criar novos canais de diálogo no espaço lusófono. Para mostrar a força desta viabilidade, toma-se como estudo de caso o projeto da organização *Oi Futuro*, em Moçambique, que será adiante analisado (Capítulo II). A proposta teve como inspiração a já referida lei sancionada pelo Governo Federal em 2003 (Lei Número 10.639¹⁵, de 9 de janeiro de 2003). A globalização enquanto instrumento de interconectividade comprova que o universo é cada vez mais relacional. Assim sendo, a pergunta latente é:

“Como ver o espaço cultural e comunicacional lusófono neste mundo cada vez mais globalizado? [...] Para o caso do nosso espaço ou área cultural e comunicacional seria uma modernidade que significa também exclusão e acirramento das questões históricas, vividas como pertencentes a dois mundos: o Mundo gigantesco de Brasil e Portugal como pólos de tecnologia e o mundo da massa carente, dos despossuídos, como o são os restantes membros da comunidade” (Conceição, 2006: 139 - 140).

A resposta para a indagação acima seria: aproveitar o potencial virtual dos mecanismos de comunicação da globalização e a necessidade do uso desta ferramenta por parte da comunidade lusófona para investir em oferta de informação e serviços, gratuitamente. Ações que podem reduzir aos poucos o hiato que se cria entre os próprios membros e

¹⁴ Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100016&script=sci_arttext [Em linha]. [Consultado em 30-11-2007].

¹⁵ “Altera a Lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências”. Disponível em: <http://www.institutoathenas.com.br/concursos/98/retiflei.htm> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

destes para com o resto do mundo, de maneira relativa. O estudo de caso que será visto adiante (capítulo II) comprova que é possível promover transferência de recursos tecnológicos, em paralelo a uma prioridade aos setores de cultura e educação.

Para manter o caráter interdisciplinar, e auto-sustentação pela sociedade, de uma Lusofonia Digital enquanto proposta que abarca cultura, educação, comunicação, relações internacionais, políticas públicas, governo eletrônico, e tecnologia da informação, entre outros campos, faz-se necessária a constante injeção de projetos. Esta meta pode ser alcançada a partir da criação de uma rede de pontos focais de comunicação em todas as regiões lusófonas e, para tal, uma infra-estrutura composta por:

- Investimento em recursos tecnológicos e instalações;
- Contratação de especialistas de comunicação nas regiões lusófonas para a implementação e manutenção de projetos (com projeção em rede);
- Contratação de equipes produtoras de conteúdo para abastecer os canais criados (bilíngües, pelo menos, levando em consideração o português como intermediário e a língua nacional);
- Estabelecimento de uma rede de assessoria de imprensa e agências de notícia interligadas virtualmente para divulgação dos projetos em larga escala;
- Organização de clipping, mailing especializado e newsletter (o que servirá para posteriormente captação de parceiros futuros);
- Produção de material promocional sobre os países, as regiões e os projetos (sobretudo para a elaboração de campanhas educativas e de conscientização);
- Elaboração de pautas comuns de trabalho na abordagem de temas mostrando a diversificação cultural de cada região dando liberdade total de sugestão, expressão;
- Criação de um fórum de discussão dos pontos focais para troca de experiências, exposição de carências e soluções para executar uma comunicação efetiva para com as comunidades;

- Estabelecer parcerias com estruturas já existentes (menos possível comprometida com os mecanismos de poder), sobretudo em áreas mais longínquas, sendo fundamental o diálogo com as rádios rurais e comunitárias;
- Criação de centros que possam disseminar a informação e democratizar o conhecimento;
- Como medida ao andamento das atividades, transformar os resultados dos projetos, bem como o registro de seus desenvolvimentos, em um banco de boas práticas para que sejam replicados com sucesso em outras localidades carentes, de acordo com suas realidades culturais;
- Promover ações de consultoria e auditoria nos processos internos de cada estrutura.

O poder da comunicação *online* e de uma comunidade virtual está na capacitação de novas perspectivas de sociabilidade. *“As identidades coletivas são sistemas de reconhecimento e diferenciação simbólicos das classes e dos grupos sociais e a comunicação emerge como espaço-chave na construção/reconstrução dessas identidades”* (Lopes, 2006: 146). A necessidade de reafirmar este tipo de estudo pode se calcar na afirmação de que *“la tendencia global dominante es que el progreso de la economia informacional global crea una fuerte resistencia basada en la experiencia de que el desarrollo amenaza las identidades culturales”* (Castells, 2002: 141). E no fato:

“La nueva economia es una economia global en la que el éxito de una nación depende de su capacidad para constituirse en un modo atractivo para las redes globales de capital y personas. [...] La nueva sociedad es basada en multiculturalismo y multiétnico. El multiculturalismo es una rica fuente de crecimiento económico y cultural” (Castells, 2002: 179 e 181).

Com base nesta premissa, a CPLP tem nas mãos a sua maior oportunidade de funcionalidade, que é fomentar o encontro de sua diversidade cultural e tê-la como princípio para fazer parte da sociedade da informação.

1.2. Recortes Culturais: o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP) e os 200 anos de chegada da Corte Portuguesa ao Brasil

*“Só a cultura europeia pretendeu que o tempo de Deus fosse o tempo dos homens.
Quando este desafio prometeico perdeu a sua razão de ser, tendo-se o homem
tornado para si mesmo um fardo mais pesado que Deus,
a nossa sede pareceu extinguir-se”.*

Eduardo Lourenço¹⁶

Em 2009 o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP) completa 20 anos de uma existência muito próxima do anonimato. No contexto histórico e das Relações Internacionais no âmbito da lusofonia, representou um marco anterior à criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em 1996. Em seu histórico e descritivo, porém, é possível afirmar que o IILP foi uma das poucas iniciativas marcadas por uma ação de cunho multilateral, cujo ato constitutivo fora assinado por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

A criação do IILP¹⁷ pavimentou o terreno para o surgimento da CPLP, tendo dado origem à primeira reunião de cúpula dos Chefes de Estado dos então sete países de língua portuguesa. Constituiu uma tentativa de preservação da língua no mundo, tendo em vista o avanço estratégico de outros idiomas, fruto de processos de políticas culturais ou de demandas economicistas, além da própria situação crítica de fragmentação interna do português e suas metamorfoses na dimensão do contato com as línguas nacionais de cada país lusófono.

¹⁶ Jornal de Letras, Ano XXVII, número 974, 30 de janeiro a 12 de fevereiro de 2008, página 9.

¹⁷ Jornal de Letras, Ano IX, número 383, de 7 a 13 de novembro de 1989, página 2. Matéria: *Língua Portuguesa já tem Instituto Internacional*. “Na cimeira de chefes de Estado dos países de língua portuguesa foi criado, na semana passada, em São Luís do Maranhão, Brasil, o Instituto Internacional de Língua Portuguesa, destinado a divulgar e a fortalecer o idioma comum dos sete países e ainda a desenvolver entre eles o intercâmbio cultural, educacional, científico e tecnológico”.

Os conceitos da década de 80 dentro das Teorias das Relações Internacionais indicam a direção da linha de pensamento à época. Nos domínios do realismo e do neorealismo, Stephen Walt propõe substituir o valor de balança de poder por balança de ameaças. Segundo este autor, “*os Estados formam alianças em resposta a ameaças*”. (Nogueira e Messari, 2005: 51). Pode-se dizer que este preceito não exclui a questão lingüística, ponto nevrálgico para a lusofonia. Evitar em última instância a ameaça de uma morte anunciada da língua portuguesa em estilhaços incitou esforços que tiveram impulso em 1987 com o aparecimento da Associação Cartográfica dos Países de Expressão Portuguesa (Acapep) resultando no Instituto, que foi:

“(...) o primeiro instrumento plurinacional para coordenação de políticas de cultura e de língua com as suas variantes e diversidades, com intuito de promover e difundir a língua portuguesa, contribuir para seu enriquecimento e estimular a pesquisa e a criação cultural”(Revista do Património Histórico Nacional, 1990: 10).

A expectativa em relação ao IILP se reflete na euforia dos depoimentos de pensadores e artistas que se manifestaram na ocasião, como o escritor José Saramago que afirmou em 1990 que “*o IILP pode ser, e certamente será, um instrumento de superior eficácia para que alcancemos o objetivo fundamental – uma grande comunidade de culturas*” (Revista do Património Histórico Nacional, 1990: 10).

Em seu ato constitutivo, está registrado no Artigo I que o IILP promoveria, por meio de projetos e programas, a cooperação, a pesquisa e os contatos de especialistas nos campos da língua e da cultura. Em artigo de José Aparecido de Oliveira ao Jornal de Letras (JL)¹⁸, intitulado *Uma idéia (e uma língua) para o futuro*, o político, que atuou como um dos incentivadores do IILP e da CPLP, faz uma correlação entre as políticas de língua portuguesa e tecnologia (objeto desta tese), que estariam sob tutela do Estado português, no ponto em que diz: “*Portugal defenderá as posições de direito que cabem à língua. Mas para isso precisa estar respaldado por todo o mundo lusófono e aparelhado para*

¹⁸ Jornal de Letras, Ano IX, número 377, 26 de Setembro a 2 de Outubro de 1989, páginas: 16 e 17.

enriquecer a língua com os novos termos surgidos do avanço tecnológico, científico, e dos demais campos do conhecimento humano”. Com esta declaração, percebe-se à época um peso maior do país luso neste contexto. No mesmo número, o filólogo Antônio Houaiss, um dos maiores nomes do Acordo Ortográfico (AO) por parte do Brasil, olha para o passado quando assinala que o francês foi reconhecido como língua de cultura internacional desde o século XVII.

Mais tarde, Fernando Cristóvão evidencia uma certa mudança de mentalidade sobre a língua portuguesa, não como hegemonia de grupo, mas de mecanismo de intermédio. Ressalta o caráter humanístico da lusofonia como mediadora do diálogo em seu artigo *Fernando Pessoa e a Lusofonia a Haver*¹⁹. “*Esta preocupação de valorizar e atualizar o patrimônio comum é uma das preocupações típicas da lusofonia*” (Cristóvão, 1995: 21). No entanto, será mesmo esta a questão que se observa? Até o momento, o pilar da língua portuguesa nos domínios da CPLP parece não primar por este papel, pois não contempla os idiomas nacionais envolvendo-os em um aprendizado do português integrado a um projeto que possa realmente abraçar a diversidade, estudar as realidades, e atuar sob perspectiva educacional neste campo.

Na definição dos principais objetivos do IILP não são mencionados os idiomas autóctones nem o papel da língua portuguesa como intermediária, sendo as cláusulas do Artigo II: (1) promover a defesa da língua portuguesa como patrimônio de todos os países e povos que a utilizam como língua oficial ou materna; (2) promover o enriquecimento e a difusão da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e de acesso ao conhecimento científico e tecnológico; (3) promover o desenvolvimento das relações culturais entre os países e povos que utilizam a língua portuguesa como língua oficial ou materna; encorajar a cooperação, a pesquisa e o intercâmbio de especialistas nos campos da língua e da cultura.

Em consulta ao Jornal de Letras (JL), um dos principais e escassos veículos de circulação de notícias da área cultural de Portugal, foi possível verificar a expectativa quanto ao

¹⁹ Em O foco – o português no mundo. Dezembro de 1995, número 14.

Instituto e à CPLP, nos anos subseqüentes de suas criações, consecutivamente 1990 e 1991 e 1997 e 1998. A pesquisa também permitiu verificar que o AO circulava muito freqüentemente entre as notícias, dada a ocasião de sua assinatura em Lisboa, em 1990, que no somatório dos tempos se tornou mais uma tentativa malograda de consolidação do documento, desembocando apenas em 2008 a concreta possibilidade de viabilização. Na edição de julho de 1989²⁰ o professor João Malaca Casteleiro, principal artífice do então novo anteprojeto do AO, acusou a Comissão Nacional para a Língua Portuguesa de ser uma “confraria de interesses”, além de apresentar *lobbies* de interesses variados, como o panorama acadêmico e universitário que tornavam, segundo ele, o diálogo difícil. O mesmo artigo classifica o AO como uma “batata quente” nas mãos do governo, sendo chamado também de “guerra de palavras”. Pouco antes da recente resolução do impasse do AO²¹, no *VI Colóquio Internacional da Lusofonia*, em 2007²² – isto é, quase 20 anos mais tarde – Malaca persiste nas críticas e desta vez se volta mais para a provocação à classe política dizendo que existe um temor por parte dos políticos portugueses quanto ao AO de que o Brasil poderia, nesse momento, ser ele a colonizar Portugal.

Em 1990²³, Mário Soares²⁴ (Presidente da República entre 1986 e 1996) – que ao longo de entrevistas analisadas mostra uma relação mais próxima do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) do que existe atualmente entre Luiz Inácio Lula da Silva (desde 2003) e Aníbal Cavaco Silva (desde 2006) – afirma ao JL²⁵ que “*o futuro para alguns países de língua portuguesa é inseguro, mas que até o fim do milênio estes estariam cientes da força e originalidade de suas culturas*”. Previsão que não se

²⁰ Jornal de Letras, Ano IX, número 365, 4 a 10 de julho de 1989, página 19.

²² Cfr. **Anexo II**, *O temor da língua brasileira*, página 156.

²³ No ano de 1990 outros destaques lusófonos, em especial luso-brasileiros, do JL foram acontecimentos como a publicação em Portugal da Obra Poética completa de Drummond, uma exposição sobre Manuel Bandeira, celebração do Dia do Autor Português, entre outros.

²⁴ Obra em dueto - Mário Soares e Fernando Henrique Cardoso: o mundo em português - um diálogo, publicado em Lisboa e em São Paulo em 1998 e traduzido em espanhol, México e em romeno, 2000. Disponível em: <http://www.planetaneews.com/produto/L/119892/mundo-em-portugues--um-dialogo--o-fernando-henrique-cardoso---mario-soares.html> [Em linha]. [Consultado em maio de 2008]. Lembra-se, em contraponto, frase de FHC citada no *I Congresso Internacional da Lusofonia*, em Lisboa (Cfr. **Anexo I – Brasil ainda não é lusófono**, página 155), de que “o Brasil não precisa de lusofonia”.

²⁵ Jornal de Letras, Ano X, número 400, 6 a 12 de março de 1990, páginas 28 e 29.

consoma. A questão de proximidade dos dois líderes se confirma com artigo publicado no mesmo JL em 2008²⁶ no qual Mário Soares comenta livro de FHC e o chama de “modernizador do Brasil”. Afirmção que representa uma vertente ideológica (ou desconhecimento da realidade do país), já que a dita modernidade ocorreu quando FHC executou o processo neoliberal de abertura de mercados através de sucateamento e venda das estatais brasileiras em comercializações sem nenhuma tradução em bem social.

Nos anos subseqüentes à criação do IILP, em 1990, o JL imprimiu pouquíssimo destaque às questões do Instituto. Em 1991, a temática não aparece nas edições. Neste último ano citado, no entanto, o número 445²⁷ registra ao AO uma nota de repúdio²⁸ que entraria em vigor em 1994 e anuncia a vinda para Portugal, em protesto, de escritores brasileiros também contra a iniciativa. A mesma edição traz ainda o lançamento do Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro, de Mauro Villar²⁹.

“O brasileiro é uma variante do português. Por mais ousada e respeitosa que seja esta concepção, esta talvez favoreça ainda demasiado os europeus. Porque a verdade que temos de preparar-nos é esta: não demora muito 150 milhões de pessoas do outro lado do oceano acharem de nós, o português europeu, é que somos a variante”. (Fernando Venâncio, JL, Ano X, número 449 de 1991, 11 a 18 de fevereiro, p. 11).

²⁶ Jornal de Letras, Ano XXVI, número 945, 20 de dezembro a 2 de janeiro de 2008, página 38.

²⁷ Jornal de Letras, Ano X, número 445, 15 a 21 de janeiro de 1991, página 3.

²⁸ “03-05-2008 - Um abaixo-assinado português contra o acordo ortográfico circula desde sexta-feira na internet, assinado personalidades ligadas à cultura, política e economia, que acusam iniciativa de ser mal concebida e desnecessária. (...) O Parlamento português debate em 15 de maio a proposta de resolução do governo que contribuirá para a ratificação do acordo ortográfico em Portugal”. Disponível em: <http://www.agencialusa.com.br/index.php?iden=15782> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

²⁹ Alguns exemplos das diferenças lexicais no Dicionário Contrastivo de Mauro Villar: rosto (BR) e cara, trombil, tromba, bitácula (PT); vale-transporte (Br) e passe social, passe (Pt) etc.

No número 409³⁰ do JL Fernando Cristóvão em seu artigo *Sugestão para uma política de língua e cultura portuguesa* cita alguns elementos para delinear o que seria um plano de ação nos domínios da lusofonia. As medidas sugeridas podem ser vistas em seis passos:

- (1) Investimento no IILP para que a lusofonia não seja um ideal abstrato (...) e garantir à língua comum um papel de comunicação internacional;
- (2) Na ordem interna, classificar competências da Instituição do Estado para se evitar paralelismos e conflitos mesquinhos (..) dar ao IILP liderança de atuação da língua no estrangeiro;
- (3) Redimensionar o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa;
- (4) Reforçar o papel da Academia de Ciências como alta prioridade para problemas de cultura e conselheira do governo nesta área;
- (5) Publicar legislação que favoreça e defenda a língua portuguesa;
- (6) Criar um Conselho coordenador de atividades culturais no estrangeiro.

Em 1991³¹ (edição 450³² do JL), Cavaco Silva convoca 30 artistas para debater a projeção da cultura portuguesa no estrangeiro e as orientações sobre política cultural. Nomes como Vergílio Ferreira, Manoel de Oliveira, e outros, estiveram presentes. “*Uma nota curiosa: quase não se falou da questão do AO*³³. *Decerto para o assunto não acabar por consumir o tempo todo...*”, cita a notícia (p.3). Sobre o tema, ainda nesta edição (pp. 6

³⁰ Jornal de Letras, Ano X, número 409, 8 a 14 de maio de 1990, página 19. Artigo de Fernando Cristóvão: *Sugestão para uma política de língua e cultura portuguesa*.

³¹ Destaques do JL no ano de 1991 marcaram ainda: crônicas de Pires Laranjeira e Nelson Saúte sobre literatura moçambicana, algumas divulgações literárias de Cabo Verde, notas sobre diversos autores brasileiros como Manuel Bandeira, Rubem Braga e Rubem Fonseca e alguns debates sobre o AO. Em entrevista, Mário Prata diz que a telenovela brasileira acabará por falta de autores. Na Bélgica, ocorreu a Europália, evento com 20 exposições mostrando o panorama da cultura portuguesa. O ano também marcou a entrega do Prêmio Camões para o escritor José Craveirinha.

³² Jornal de Letras, Ano X, número 450, 19 a 25 de fevereiro de 1991, página 3.

³³ “O Parlamento português aprovou nesta sexta-feira (16 de maio de 2008) um polêmico novo acordo ortográfico para sua língua-mãe que prevê a padronização do idioma nos países lusófonos. O documento vinha encontrando grande resistência em Portugal porque centenas de palavras teriam de passar a ser escritas como no Brasil”. Disponível em: http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid173857.0.htm [Em linha]. [Consultado em maio de 2008].

e 7), artigo de Francisco Espadinha, *(Des)acordo Ortográfico*, diz que “os escritores não podem conviver com uma escrita governamentalizada”.

Houve ainda em meados do mesmo ano uma mesa redonda no Rio de Janeiro com presença de Antônio Houaiss com o tema “Cultura portuguesa: a mais estrangeira no Brasil”³⁴. O encontro debateu a pouca repercussão sobre o AO no Brasil. Fato que apresentou recentemente certa evolução em contraponto com os anos de 2006, sobretudo 2007 e 2008, quando a temática passou a ser mais debatida nos veículos nacionais após o Protocolo Modificativo da CPLP, no qual a adesão de três signatários já oferece condições de o acordo entrar em vigor³⁵.

Em 1996 a escritora brasileira Nélida Piñon³⁶ se torna presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo a primeira mulher a ocupar o cargo, gestão de 1997³⁷. O JL deu boa cobertura ao assunto. Mas 1997 foi também o ano em que a CPLP começa a receber suas primeiras críticas por não ter apresentado resultados desde sua criação (1996). Crônica no JL com título *Comunidade dá seus primeiros passos*³⁸, de José Carlos de Vasconcelos, menciona o silêncio de seis meses e os primeiros sinais da entidade, que

³⁴ JL, Ano XI, número 464, 23 de maio a 3 junho de 1991, página 54.

³⁵ Perguntas frequentes sobre o Acordo Ortográfico. Disponível em: http://www.cplp.org/docs/outros/Acordo%20Ortográfico%20perg_frequent.pdf. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

³⁶ Para redigir o projeto de ortografia unificada, foi formada uma comissão integrada para cada país, tendo no Brasil como representantes o filólogo Antônio Houaiss e a escritora Nélida Piñon. Em entrevista à mestranda em 2003 para monografia do curso de pós-graduação em Relações Internacionais, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a escritora Nélida Piñon declarou que “o Acordo Ortográfico é um documento muito bonito”. E disse ainda que para ela fora válido na ocasião o convívio com Houaiss, assim como os demais participantes. Perguntada sobre como se deu sua escolha, ela disse que o então presidente da ABL, Austregésilo de Athayde, se encantou com sua obra e a indicou para tal missão. “Eu tomei posse na ABL em 3 de maio de 1990, era o mais recente membro, e o presidente então fascinado comigo me designou para a função”.

³⁷ Destaques do JL no ano de 1997 marcaram ainda: festa da língua e lusofonia em debate, em Sintra, artigos de Manuel Alegre sobre *Contra a língua única*, e Adriano Moreira sobre *O debate da lusofonia*, centenário da Academia Brasileira de Letras (ABL), e Carlos Reis sobre *A questão da lusofonia*, matéria sobre as conclusões da CPLP quanto à reunião de Salvador, discurso de Nélida Piñon sobre *A pátria do verbo* (“a língua é de todos”), diversas matérias sobre o futuro da CPLP e críticas sobre uma comunidade enfraquecida. Uma importante reunião acontece também no referido ano: dos ministros de Educação, em Lisboa, cujo tema principal é a necessidade de ativar o IILP.

³⁸ Jornal de Letras, Ano XVI, número 686, 29 de janeiro a 11 de fevereiro de 1997, página 2.

lançou, somente um semestre depois, seu primeiro boletim, divulgado no Centro Cultural de Belém. A publicação possuía oito páginas e tiragem de três mil exemplares. O boletim, entre outras prioridades, citava o desenvolvimento da já criada página da CPLP na Internet, o que foi chamada de “homepage interativa”. Outra idéia apresentada seria lançar um prêmio de melhor trabalho de investigação jornalística sobre a atividade da CPLP. O ano também registrou debate sobre CPLP e francofonia em uma mesa redonda ocorrida em Paris na *Expolangues/97*. E uma medida de mudança de cenários: o ensino básico e secundário no exterior, que antes era competência do Instituto Camões, passa para a responsabilidade do Ministério da Educação. Em meados do mesmo ano ocorre ainda em Buenos Aires o *IV Encontro Internacional de Línguas e Culturas Lusófonas*. No número 697³⁹ (JL) José Carlos de Vasconcelos diz que FHC assumiu em entrevista ao jornal português Expresso ter sido um erro não escolher José Aparecido de Oliveira para secretário Executivo da CPLP. No segundo semestre de 1997 a CPLP completava um ano de existência (17 de julho de 1996) e muitos foram os artigos e matérias sobre o tema. Entre os autores, Adriano Moreira escreveu *O debate da lusofonia* e Carlos Reis falou sobre *A questão da lusofonia*, entre outros especialistas que apostaram neste debate.

Através desta pesquisa foi possível observar ainda a frequência do termo “lusofonia” após a criação da CPLP. Nos anos avaliados, a palavra aparece como manchete pela primeira vez em 1997 em artigo de Fernando Santos Neves intitulado *A causa da lusofonia*, na edição de número 690⁴⁰ do JL. E depois em diversas incidências de textos variados, sobretudo em críticas ao futuro lusófono. No Brasil, em 1997, o país recebe a visita de Jorge Sampaio (1996 – 2006) em razão das comemorações pela Independência.

Em pesquisa à página do veículo de comunicação Radiobras, o anuário de 1997⁴¹ mostra que a falta de reciprocidade de direitos aos expatriados foi a pauta do encontro entre os presidentes (Jorge Sampaio e Fernando H. Cardoso). “*O Congresso português recusou-se a incluir na Constituição a equivalência de direitos políticos para os brasileiros em*

³⁹ Jornal de Letras, Ano XVII, número 697, 2 a 15 de julho de 1997, página 2.

⁴⁰ JL, Ano XIV, número 690, de 26 de março a 8 de abril de 1997, página 3.

⁴¹ Disponível em: http://www.radiobras.gov.br/anteriores/1998/sinopses_2509.htm [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

*Portugal, nos termos que o Brasil dá aos portugueses residentes*⁴². Apesar disso, o Brasil não fez nenhum tipo de retaliação. Segundo a notícia, o então presidente Jorge Sampaio, foi convidado pelo governo brasileiro para participar das comemorações do Dia da Independência. E antes de embarcar para Portugal, promulgou a nova Constituição Portuguesa com restrições à atuação política de brasileiros. Um português, por exemplo, poderia se eleger deputado ou até virar ministro no Brasil. Em Portugal, um brasileiro não poderia.

Em 1998 a lusofonia ganha nova publicação em Portugal e também o termo maior projeção internacional. *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas* era lançada no Centro Cultural de Belém. Marcou também o ano o evento *Pontes Lusófonas*, do Instituto Camões (IC). Houve ainda o 5^o Centenário da Chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. No mesmo ano, a lusofonia vira tema de colóquio em Bruxelas com título *La lusophonie – Voies/Voix*, iniciativa do IC. E o escritor José Saramago ganha Prêmio Nobel. Em outubro, acontece o *Mês da Cultura Portuguesa em Pequim* e o evento *Espaços da Lusofonia 99*, na Universidade de Pau (França). Atividades feitas pelo IC até que, em novembro, o Ministério dos Negócios Estrangeiros introduziu alterações na Lei Orgânica do Instituto Camões (Lei número 352/92) com objetivo de reforçar o investimento do ensino do português nos Países de Língua Oficial Portuguesa (Palop)⁴³ sob coordenação do Ministério da Educação⁴⁴.

⁴² Disponível em: http://www.radiobras.gov.br/antiores/1997/sinopses_0609.htm#8 [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

⁴³ “A sigla Palop resulta das abreviaturas de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, instituição que sucedeu a Concop (Conferência dos Órgãos Nacionalistas das Colônias Portuguesas), criada em 1960. Alcançada que foi a independência dessas colônias, Palop tem hoje significado diferente: o de conjunto de países africanos que têm por língua oficial ou materna a língua portuguesa. Precisamente por ter evoluído o seu significado e o alcance inicial do projeto rumo à independência, e por apenas abranger os países africanos de língua oficial portuguesa em África, a sigla Palop vem sendo cada vez menos empregada, em favor do termo Lusofonia, que não só os contempla sem fazer exclusão de países, como inclui Portugal, Brasil e Timor. Para referir os países africanos de língua portuguesa, tornou-se mais corrente a expressão países africanos lusófonos”. (Dicionário Temático da Lusofonia, 2006: 783)

⁴⁴ JL, Ano XVIII, número 735, 2 a 15 de dezembro de 1998, página 8.

A edição 724⁴⁵ o JL (1998) traz uma matéria com a seguinte manchete *AO: será desta?* A resposta para esta pergunta faz a história saltar dez exatos anos. Em 2008 o impasse que foi considerado por Casteleiro como algo comparativo à Guerra dos Cem Anos⁴⁶ pode ser resolvido. Coincidentemente, dez anos depois se dá também a visita de um chefe de Estado português ao Brasil por um motivo de ordem histórica como pano de fundo. Outrora, em 1998, Sampaio esteve presente para comemorações da Independência na relação presidencial com FHC e em 2008 Cavaco Silva e o presidente Lula por ocasião dos 200 da chegada da corte portuguesa ao Brasil.

O AO é o elemento que perpassa todos esses tempos tendo provavelmente um desfecho mais próximo do que se previa com o cenário do ano de 2007 em que Portugal decretou moratória de dez anos para entrada em vigor do documento – e em 2008 registra prazo de seis anos para transição. O JL em sua edição número 975⁴⁷ esclarece, no artigo de José Carlos de Vasconcelos, o perigo de Portugal não ratificar o AO. O especialista lembra texto do escritor Eduardo Agualusa⁴⁸ publicado em *A Capital* (semanário angolano) que diz que se Portugal não aplicar o AO Angola deve optar pela ortografia brasileira.

Em 2008 o Instituto Camões apostou mais efetivamente em projetos de Internet tendo terminado a restauração do site www.instituto-camoes.pt com o objetivo de melhorar a informação de suas atividades para promoção da língua portuguesa. Incrementou serviços como notícias e eventos e implementou newsletter mensal e RSS como novidades. O site tem versão para inglês, espanhol e francês. O Instituto também reorganizou o Centro Virtual, disponibilizando documentações e outros dados.

⁴⁵ JL, Ano XVIII, numero 724, 15 a 28 de julho de 1998, página 2.

⁴⁶ Cfr.: **Anexo II** – *O temor da língua brasileira*, página 156.

⁴⁷ JL, Ano XXVII, número 975, 13 a 26 de fevereiro de 2008, página 3.

⁴⁸ Mia Couto diz discordar de Agualusa quanto ao AO, em entrevista à Agência Lusa. "o acordo ortográfico tem tanta exceção, omissão e casos especiais que não traz qualquer mudança efetiva. Deste modo, o escritor moçambicano rebateu o angolano José Eduardo Agualusa, que defendeu a escolha em Angola pela ortografia brasileira caso o acordo não seja aplicado por "resistência" de Portugal. Pouco depois, Agualusa publicou um artigo no semanário *A Capital*, de Luanda, afirmando que Angola "tem mais a ganhar com a existência de uma ortografia única do que Portugal ou o Brasil. Em Angola, aguarda-se a ratificação do documento, que o governo de Luanda considerou ter caído no esquecimento". Disponível em: <http://www.agencialusa.com.br/index.php?iden=13845> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Apesar das iniciativas, IC e IILP não apresentam condições de funcionamento comparáveis com o Instituto Cervantes, por exemplo, que se mostra uma potência em questões de política cultural. Nota do JL de 2007 confere o contraponto. Instituto Cervantes: área: 18 mil metros quadrados, 300 funcionários, 150 mil alunos, presença em 38 países, forma 11 mil professores por ano e possui um milhão de volumes em suas bibliotecas. Visitas ao Centro Virtual do Instituto Cervantes por ano: 20 milhões⁴⁹.

A CPLP tampouco apresenta investimentos desse porte em seu pilar de promoção e defesa da língua portuguesa (sendo os demais concertação político-diplomática e cooperação). Entrevista com o embaixador brasileiro Lauro Moreira⁵⁰, que lidera a missão brasileira na entidade, ao JL em 2007⁵¹, mostra as críticas que perduram sobre o organismo, mesmo após mais de uma década. Dúvidas que não são muito diferentes das de 1997, quando todos se perguntavam qual seria o futuro da CPLP. O entrevistador Rodrigues da Silva⁵² incitou o debate na matéria em que sabatina Lauro Moreira, questionando diretamente a eficácia da entidade. O jornalista comenta que as pessoas não sabem o que é CPLP. Lauro Moreira responde que *”no Brasil não é muito diferente, embora esteja a melhorar. O fato de me telefonarem do Brasil, de tudo que é lugar, publicando matérias sobre o AO, aí já a coisa interessa, porque já se faz o link com a CPLP”*⁵³ (Jornal de Letras, Ano XXVII, número 963, páginas 18 a 20).

⁴⁹ JL, Ano XXVII, número 962, 15 a 28 de agosto de 2007.

⁵⁰ Em 30 de maio de 2008 o embaixador Lauro Moreira esteve no Porto ministrando palestra na Universidade Lusíada, na qual delimitou duas áreas de atuação para a CPLP. Com os Palop e Timor Leste, cooperação revertida em capacitação. Com Portugal, preservação da língua e restauração da presença portuguesa no Atlântico.

⁵¹ Destaque do Jornal de Letras para 2007: Cláudia Galhos: autora do primeiro romance português pensado no Second Life.

⁵² Mais adiante na entrevista, o jornalista alega que tem dificuldades de ler “brasileiro”. Isto é, em Portugal, os brasileiros falam brasileiro e não a língua portuguesa. Tendo isto sido escrito em um veículo nacional. A pergunta/comentário do jornalista foi: “Desculpe, mas para mim a dificuldade em ler brasileiro não tem a ver com as diferenças ortográficas, mas com a sintaxe” (Jornal de Letras, Ano XXVII, número 963, 2007, páginas 18 a 20).

⁵³ Outros trechos da entrevista: “Serve para quê o IILP?” Resposta do embaixador Lauro Moreira: “a meu ver, é o elemento dinamizador da defesa e promoção da língua portuguesa”. (Jornal de Letras, Ano XXVII, número 963, páginas 18 a 20)

1.2.1. Internacionalização da Língua Portuguesa

Em artigo publicado no JL datado de maio de 1991⁵⁴, José Augusto Seabra, ex-ministro da Educação português e docente universitário de renome, conta a trajetória da língua portuguesa no papel de mediadora, defendendo que a política internacional da língua deve ser prioridade da política externa portuguesa. Mas para entender esta euforia, é preciso examinar o cenário de 1991, do recém-criado IILP e da assinatura do AO, em Lisboa, que deveria ter entrado em vigor em 1994. Essas duas iniciativas seriam fruto da consciência de uma política cultural, reforçadas pela estratégia de afirmação do português na Unesco. Seabra acreditava na irradiação da língua portuguesa como língua de comunicação internacional.

“Se a vocação histórica da língua de civilização e de cultura lhe é geralmente reconhecida, a verdade é que se impõe provar, no terreno concreto das relações internacionais, que ela é também susceptível, contemporaneamente e no futuro, de incorporar as transformações económicas, sociais, científicas e tecnológicas da nossa época, sem deixar de ser uma língua de poetas”. (Seabra, 1991: 9 e 10).

O Brasil, na visão de Seabra, seria o principal espaço moderno de irradiação do idioma, contemplando a unidade na diversidade. E a língua portuguesa teria todas as características para ser internacional: (1) espaço de dispersão diáspora, (2) número de falantes em expansão. Hoje a marca é de 230 milhões), (3) idioma com espírito ecumênico, (3) afirmou-se como língua aberta, de mestiçagem cultural, (4) gerou vários crioulos, (5) teve como principal espaço de irradiação os Palop (Países de Língua Oficial Portuguesa), provando que a língua poderia sobreviver às convulsões históricas. Para essa projeção, entretanto, é preciso ultrapassar a visão nacionalista e vê-la como patrimônio universalista. Em complemento, citam-se as idéias de Fernando Pessoa sobre as premissas de como o idioma pode se tornar língua de cultura: (1) que seja pouco comum, mas falado em todos os continentes, (2) que tenha um grande país que o fale.

⁵⁴ Jornal de Letras, Ano XI, número 461, 13 de maio de 1991, páginas 9 e 10.

Foram marcos também para a escalada internacional da língua portuguesa a Carta da Organização das Nações Unidas (ONU), a *Declaração Conjunta da Reunião Intergovernamental sobre Políticas da Língua Portuguesa*, o uso do português em reuniões técnicas da FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) e a adoção de documentos em português pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Outra questão importante relatada no artigo de Seabra foi um caso especial em que o português se beneficiou de um estatuto próprio: o Acordo do Café, com custos suportados pelo Brasil. “No âmbito do Conselho Econômico e Social foi adotada em 1985 uma resolução segundo a qual o português deveria ser progressivamente utilizado como língua de trabalho da Comissão Econômica para a África” (Seabra, 1991: 9 e 10).

Em 1982 acontece a *MundiaCult*, no México – Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais. Ao diretor-geral do evento foi recomendado que fossem estudadas medidas para tornar o português língua de trabalho na Unesco. E na Conferência Geral de 1985 o português foi introduzido na lista de seus idiomas oficiais. Este estatuto era restrito, por sua vez. Foi então que em 1987, com método realista e pragmático, foi apresentado um projeto de introdução gradual do português como língua de trabalho na Unesco. E ainda também lançado um projeto à edição de livros didáticos para países africanos de língua portuguesa. Um dos resultados, que teve efeito multiplicador, foi a edição bilingue de *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Segundo ainda o artigo de Seabra, esta foi a primeira vez que um poeta de língua portuguesa foi editado em seu idioma original na coleção de obras representativas da Unesco, de circulação mundial. Em 1989 o português já estava nos comitês intergovernamentais, conselhos etc. E já havia divulgação das atividades da Unesco no referido idioma.

1.2.2. 2008: um possível cenário de renovação ou reforço de laços

O primeiro semestre de 2008 marca dois momentos importantes para o bloco lusófono, com ênfase no dueto Brasil – Portugal. Cavaco Silva visita o Brasil em razão das comemorações dos 200 anos da chegada da Corte Portuguesa ao território. Portugal ratifica o protocolo modificativo do AO de 1991 e pede um prazo de transição de seis anos para

sua entrada em vigor no país⁵⁵. É importante ainda ressaltar os 400 anos de nascimento de Padre António Vieira e o centenário de morte de Machado de Assis.

No caso do AO, dois eventos parecidos aproximam cenários. Em 1990, o JL publicou uma nota de repúdio ao Acordo feita por escritores, como já referimos. Em sua nova versão de protesto digital, circula na Internet no mês de maio de 2008 um abaixo-assinado contra o documento, como já citado em nota.

O histórico da ação do AO reflete uma sucessão de entraves e, sobretudo, a distância entre os dois países. Em 1911 Portugal decide promover uma reforma ortográfica que aboliu consoantes mútuas, entre outras medidas de simplificação da escrita (elaborada por Gonçalves Viana e um grupo de especialistas nomeado pelo então ministro do Interior, António José de Almeida⁵⁶). A atitude se deu sem concertação com o Brasil⁵⁷, única ex-colônia na ocasião. Assim foi implantada a dualidade das normas oficiais e deu-se a grande divisão de percursos. Em 1931, 20 anos depois, ocorreram algumas negociações para incluir o Brasil e foi assinado então um acordo preliminar que adotava o modelo de 1911. Em 1943, uma Comissão Ortográfica deu origem ao AO de 1945, que o Brasil não assina. Em 1971 há assinatura de um novo acordo que aproximou mais as ortografias e em 1990 chega-se ao acordo em seu modelo atual (entretanto, em 1986 encontram-se no Rio de Janeiro pela primeira vez representantes da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras - ABL, bem como representantes dos países africanos). Em 1990, a sociedade civil portuguesa reagiu à medida e, na mesma época, houve ainda uma alteração legislativa na qual regularizava a adoção do novo acordo a partir de três

⁵⁵ “O Governo português aprovou hoje a proposta do segundo protocolo modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1991, comprometendo-se a adoptar as medidas adequadas para "garantir o necessário processo de transição, no prazo de seis anos". Disponível em: <http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1321809>. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

⁵⁶ Em uma visita ao Brasil, António José de Almeida (já como presidente) proferiu a seguinte frase: “venho ao Brasil para lhe agradecer ter-se tornado independente” (citado no Jornal de Letras, 30 de Janeiro a 12 de Fevereiro de 2008, página 20).

⁵⁷ A Constituição Brasileira declara em seu artigo 3^o que a Língua Portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.

países signatários. São eles: Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Portugal⁵⁸ aceitou o termo em 2008 e Moçambique⁵⁹ avalia a possível adesão, mas não prevê nenhuma data, segundo dados do JL e informações debatidas em mesa redonda durante *XIV Semana Sociológica da Universidade Lusófona*, no Porto, em abril de 2008, que debateu o AO. Valendo-se do período de transição de seis anos solicitado por Portugal ao reconhecer o acordo de 1990 (o atual), a alteração na norma europeia corresponde a 1,6%, cerca de 2.600 palavras. No Brasil, o impacto é de 0,5%. O evento contou ainda com um anúncio importante de que a Priberam e a Aurélio se unem para a criação do Dicionário Online da Língua Portuguesa com base no novo AO. E ainda, a Priberam prepara um pacote de produtos para África. Indagações sobre estes projetos, que recaem nas mãos dos interesses privados, foram feitas à lingüista Helena Figueira (da Priberam)⁶⁰.

A Internet é um meio de convergência de todas as variantes do idioma. Assim sendo, tendo em vista a preocupação com conteúdos online em língua portuguesa, no evento, o ministro-representante da CPLP, Paulo Palm, relatou os ganhos do Acordo no trabalho no campo das Tecnologias da Informação. “*A CPLP está investindo em base de dados, e a unificação ortográfica facilita a inserção de conteúdos online, pois muitos textos precisam ser homologados em língua própria*”. Já Fernando dos Santos Neves disse que o Brasil mostra grande generosidade por não colocar em sua Constituição Língua Brasileira e manter Língua Portuguesa. Assim sendo, para Portugal trata-se de uma questão estratégica de defesa do idioma.

⁵⁸ “O governo português aprovou uma resolução sobre o segundo protocolo modificativo do acordo, comprometendo-se a adotar as medidas adequadas para garantir o necessário processo de transição, no prazo de seis anos para a sua aplicação”. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/lusa/2008/03/19/ult611u77231.jhtm> [Em linha]. [Consultado em 04- 2008].

⁵⁹ “Moçambique é parte do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa desde 1990, ano em que assinou o tratado, mas não assume nenhuma data para a ratificação do documento, como fez saber recentemente o chefe de Estado Armando Guebuza (...) Já em Novembro de 2007, o vice-ministro da Educação e Cultura de Moçambique, Luís Covane, adiantara que o país ratificará o Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa para não ficar para trás”. Disponível em: <http://www1.rtp.pt/noticias/index.php?article=337540&visual=26&rss=0> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

⁶⁰ Cfr. **Anexo X** – Entrevista com a lingüista da Priberam, Dourota Helena Figueira, página 171.

Tendo em vista as resoluções recentes sobre o AO no fervilhar de 2008 e a visita de Cavaco Silva ao Brasil reinicia-se um cenário de estreitamento de laços. Algo que pode ser temporário e voltar a cair no esquecimento se não houver incentivo e vontade de criação de mais projetos em comum, e que saiam do papel.

O processo de descolonização e a globalização dissolveram alguns conceitos como o de centro-periferia, apesar deste persistir nas entrelinhas das relações intergovernamentais.

**No artigo *O Atlântico pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso lusófono*, Miguel Vale de Almeida cita parágrafo do livro *Orpheus and Power: The “Movimento negro”*, de Michael Hanchard. O texto atenta para importantes observações em alusão ao período histórico e seus legados:

“O Brasil tornou-se independente em 1822. Como com outros países sul-americanos, a independência foi alcançada por e a favor das elites locais de origem européia. A população negra e a questão da escravatura fizeram da questão racial e cultural o ponto de focagem das análises e construções do Estado-nação e da identidade nacional. As teorias racistas, que proclamavam a degenerescência do país devido às influências africanas, seriam pouco tempo depois, substituídas por elogios de miscigenação (...) proclamado como democracia racial, mercadorizado internacionalmente como país do hibridismo, a formação racial brasileira subsiste graças à marginalização económica e a um efeito de hegemonia que consiste na reprodução da desigualdade racial” (Hanchard, 1994, In: Almeida, 2002: 31).

Para José Augusto Seabra, no entanto, em decorrência das invasões francesas, a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro abriu caminho para uma cultura brasileira mais autônoma. O regresso de D. João VI a Portugal, depois da revolução liberal de 1820, estabeleceu a condição necessária para que ocorresse a separação, o que se deu com forte apoio da opinião pública com a participação decisiva da imprensa

** Sobre a transição de modelos cfr. Wallerstein, 2000, pp. 251-267.

dirigira pelos independentistas. Todo esse conjunto de fatores preparou terreno para um amadurecimento em termos ideológicos.

O JL, em sua edição de 27 de fevereiro a 11 de março de 2008, deu amplo destaque à questão dos 200 anos da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil com cobertura de cinco páginas e entrevistas a especialistas como o africanista e ex-presidente da ABL, Alberto Costa e Silva que, entre outras questões importantes colocadas, disse que a Comissão do evento pretende “(re)incluir o 8 de março de 1808 entre as grandes datas nacionais e promover em consequência uma revisão do papel fundamental de D. João e seus conselheiros na construção do Estado Brasileiro”. Nos ensejos do AO, uma possível retomada de laços pode representar uma maior preocupação voltada para o bloco lusófono, que tem Portugal mais inserido nas realidades da União Européia (EU) e Brasil nas problemáticas mercosulistas. De acordo com matéria da Agência espanhola EFE⁶¹, Cavaco Silva⁶² e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva reforçaram, através de laços históricos, um compromisso de uma aliança estratégica para o futuro. Para além de um protocolo de cooperação entre a Universidade de Coimbra e as universidades brasileiras, Cavaco assinalou em seu discurso a importância de traduzir palavras em ações concretas e referiu-se à imigração brasileira em Portugal como caminho inverso da diáspora portuguesa, com destaque também aos investimentos lusos no país tropical⁶³. Pauta que não diverge em grande escala daquela delimitada outrora durante a visita de Jorge Sampaio em 1997 com a já citada questão dos direitos políticos. Com a globalização, o ponto crucial dos direitos dos estrangeiros, nesse contexto dos países da CPLP, se

⁶¹ Disponível em:

http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2008/03/08/lula_e_cavaco_silva_reafirmam_lacos_entre_brasil_e_portugal_1221148.html [Em linha]. [Consultado em 04.2008]

⁶² Registra do blogue de Miguel Vale de Almeida: “em Moçambique, Cavaco foi dizer umas coisas sobre a língua portuguesa. Os consultores lá lhe limparam o discurso para não soar demasiado lusocêntrico. Mas logo a seguir tratou de fazer a romagem de saudade aos seus tempos de militar do exército de ocupação colonial. “Política da língua” é isto - o resto é conversa mole”. Opinião do blog de Miguel Vale de Almeida, um dos coordenadores do livro “Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros”. Disponível em: <http://blog.miguelvaledalmeida.net/> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

⁶³ “Portugal passou de 15º maior investidor estrangeiro no Brasil em 2006 para o 14º lugar no ano passado”. Disponível em: <http://www.ccilb.net/pag/conteudo.asp?Noticia=1&CdC=714> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

transfere e se amplia para a Cidadania Lusófona (que esbarra também em xenofobismos). O falar de Cavaco, apesar de todas as ilustres referências aos episódios históricos, no pano de fundo, levou problemáticas que perpassam questões de diplomacia e propósitos econômicos. *"Todos conhecemos os laços que nos unem, a amizade fraterna entre Brasil e Portugal. Mas sabemos também os riscos que se correm quando não traduzimos as palavras em relações concretas"*.

Segundo o Jornal do Mundo Lusíada sobre o encontro, um dos resultados da conversa entre ambos os presidentes é a realização de uma Cimeira Portugal-Brasil⁶⁴ ainda em 2008, em Brasília. *"Cavaco e Lula afirmam que há muito por fazer nas relações em benefício dos dois países"*⁶⁵. Mas dos dois lados impera uma perspectiva díspare de diálogo. Enquanto Lula lembrou que *"a relação privilegiada do Brasil com Portugal pode ser estendida aos demais países de língua portuguesa"*, o que reflete uma visão mais multilateral no sentido de uma lusofonia ecumênica, Cavaco, por sua vez, manteve um discurso que ressaltou a liderança dos dois países na bilateralidade, dizendo que *"a partilha dos mesmos valores e da mesma língua, e a comunhão de um vasto conjunto de interesses justificam uma cada vez mais estreita coordenação de posições entre os nossos países, a nível bilateral e na cena internacional"* (Jornal do Mundo Lusíada).

O líder português assinalou também, de acordo com matéria da Agência Lusa⁶⁶, que o desejo de Lula de estabelecer parceria com Portugal supera expectativas⁶⁷. Destacou

⁶⁴ "De acordo com o governo brasileiro, a celebração ocorre em momento particularmente positivo do relacionamento bilateral. Hoje, existem mais de 600 empresas brasileiras com capitais portugueses, o que corresponde a 110 mil postos de trabalho. Os investimentos portugueses no País englobam as áreas de varejo, energia e telecomunicações, tecnologia da informação e turismo". Disponível em: <http://www.portugaldigital.com.br/sis/noticia.kmf?noticia=7025136&canal=159> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

⁶⁵ Disponível em: http://www.mundolusiada.com.br/ACONTECE/acon403_mar08.htm [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

⁶⁶ Disponível em: <http://www.agencialusa.com.br/index.php?iden=14517> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

⁶⁷ Além da necessidade de união pela língua portuguesa, "foi levantada ainda durante o encontro a questão dos testes de exploração do poço petrolífero de Tupi Sul, por um consórcio em que participa a companhia portuguesa Galp Energia, e cujo volume de petróleo corresponderá a um terço das

Cavaco Silva que existe “*vontade comum de trabalhar no sentido da afirmação e da projeção internacional da língua portuguesa, tirando partido dos meios audiovisuais, das tecnologias da informação e da criação conjunta de institutos culturais no exterior*”. No entanto, o já criado IILP (que poderia ser ampliado para Instituto das Línguas das Lusofonias) não fora mencionado no texto para tal meta e a CPLP também não fora colocada como foco, o que demonstra um enfraquecimento das instituições representativas do termo nos planos de ação intergovernamental.

Os recortes culturais apresentados neste capítulo servem de breve contexto para as questões que serão propostas e aprofundadas nos textos subseqüentes. Para isso, foram analisadas as repercussões da mídia, sobretudo no JL, com relação ao IILP, a CPLP, e o AO e feita uma comparação de dois momentos históricos de encontros presidenciais no Brasil em épocas distintas. Verifica-se uma relação episódica na tentativa de construção de um diálogo, na maioria dos casos em maior instância no âmbito bilateral. Para além da importância do mercado Brasileiro para Portugal e de Portugal para o Brasil como porta para a União Européia, a progressiva entrada de interesses de outros países (fora do terreno da CPLP) em Angola e Moçambique também pode ter sido um dos grandes apelos para este entendimento, no fortalecimento dos protagonistas para que Brasil e Portugal não percam o domínio da cena. Os encontros renovam as promessas e premissas, mas o desencontro parece ser contínuo na relação luso-brasileira, que talvez terá ainda de esperar pelos 300 anos da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil para mais um suspiro...

1.3. A CPLP na sociedade do conhecimento

"Nossa tecnologia passou à frente de nosso entendimento, e a nossa inteligência desenvolveu-se mais do que a nossa sabedoria".

Roger Revelle

necessidades de Portugal nos próximos 15 anos”, de acordo com o site do jornalista brasileiro Sidney Resende (www.sidneyrezende.com).

A lusofonia reside na coexistência de dois tempos: (1) no anacronismo separatista de um passado colonial que coloca todos os países e as regiões tocadas pelos Descobrimientos sob o mesmo teto da história, mas os divide em seu presente existencial; (2) na pós-modernidade da urgência de sua inserção em uma conjuntura global de informação, o que, se bem desenvolvida (ou desenvolvida para o bem), pode contribuir no âmbito da educação e democratização dos meios.

O estudo agora apresentado teve uma trajetória de execução que começou com a leitura pormenorizada de 64 documentos disponibilizados no site da CPLP (www.cplp.org), resultantes das reuniões de Chefes de Estado e seus desdobramentos, que ocorrem a cada dois anos, desde 1996 até 2006 (sendo a próxima em 2008). Na segunda etapa do processo, foi feita uma triagem segundo temas afins com a abordagem do estudo empreendido, na qual 18 documentos⁶⁸ foram considerados relevantes por remeterem a questões e problemas relacionados com os canais de comunicação entre os povos da CPLP no âmbito da sociedade do conhecimento⁶⁹. Estes documentos foram analisados mais aprofundadamente tendo em vista a elaboração de uma interpretação quantitativa e qualitativa. Por conseguinte, por meio da observação dos índices de evolução das diferentes temáticas foi possível fazer salientar a maior ou menor relevância dos assuntos tratados nos documentos. Para a execução dos gráficos foram escolhidas 20 palavras-chave para servirem de diagnóstico. A metodologia implicou a verificação da repetição destes vocábulos em cada documento e assim constatar a existência ou não de definição

⁶⁸ Cfr. **Anexo XIII**, Tabela de documentos da CPLP analisados para o Diagrama de Expressão, página 183.

⁶⁹ De acordo com a Wikipédia, “a Sociedade da Informação (ou do conhecimento) é uma nova Era, na qual as transmissões de dados são de baixo custo e as tecnologias de armazenamento são amplamente utilizadas, em que a informação flui a velocidades e em quantidades, antes inimagináveis, assumindo valores políticos, religiosos, sociais, antropológicos, econômicos etc. A sociedade da informação é a consequência da explosão informacional, caracterizada sobretudo pela aceleração dos processos de produção e de disseminação da informação e do conhecimento. Esta sociedade caracteriza-se pelo elevado número de atividades produtivas que dependem da gestão de fluxos informacionais, aliado ao uso intenso das novas tecnologias de informação e comunicação. Culturas e identidades coletivas são uma consequência dessa nova era. Surge como o um novo modo de evitar a exclusão social e para dar oportunidades aos menos favorecidos”. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_da_informa%C3%A7%C3%A3o. [Em linha]. [Consultada em 30-11-2007].

de políticas concertadas e orientadas para a consecução de determinados fins e, por outro lado, procura-se a construção de uma linha de pensamento analítica de base político-científica. Foram elaborados para este estudo 20 gráficos que têm como ponto de partida a taxa de incidência de cada palavra-chave no conjunto dos documentos seriados.

As 20 palavras-chave escolhidas para construir os gráficos foram: “comunicação”, “povos”, “países”, “cultura/cultural”, “internet”, “digital”, “educação”, “informação”, “tecnologia”, “transparência”, “cooperação”, “comunidade”, “rede”, “regional”, “diversidade”, “multilateral”, “bilateral”, “cidadania”, “transferência” e “inclusão”. Os vocábulos foram inicialmente identificados nas fontes e numa fase ulterior considerados de maneira a serem objeto de contraponto de idéias e agrupamentos semânticos de forma a relatar a importância que a CPLP confere à sua entrada na sociedade da informação mais ativamente. E assim também foi feita uma abordagem de como a comunicação tem sido tratada pelo organismo ao longo de uma década (1996–2006). O conjunto de documentos analisados mostra que existe uma sensibilização para assuntos relacionados com a Internet, que tendem a ganhar força, mostrando que há um acompanhamento do *dever* por parte da CPLP. Mas são, ao que tudo indica, identificações sem propostas concretas. Pode-se considerar um começo e uma tendência, mas ainda muito tímidos.

Começemos então por uma abordagem ao conjunto das palavras-chave seriadas⁷⁰:

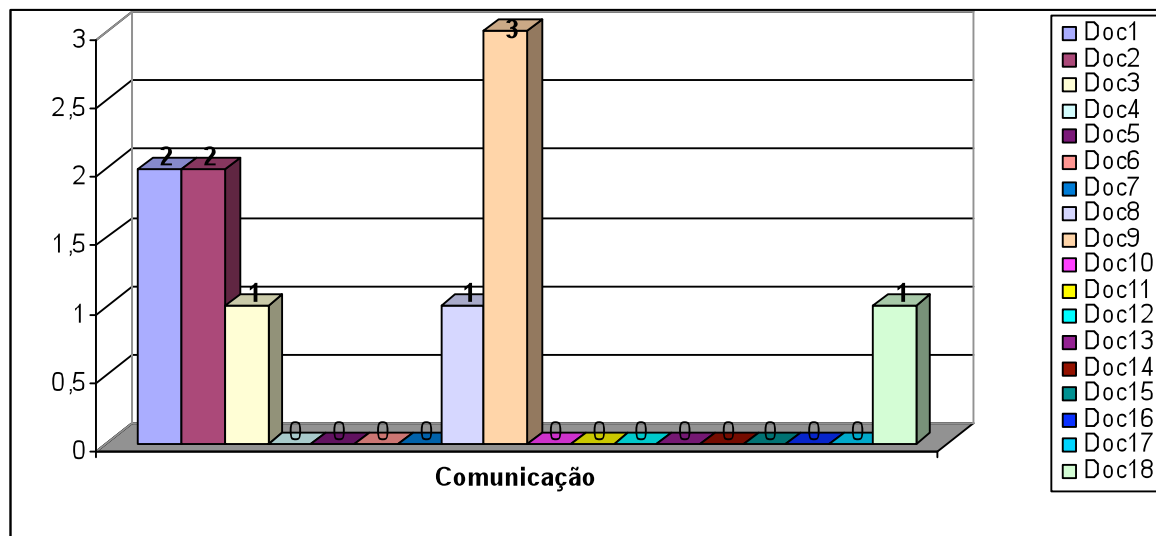
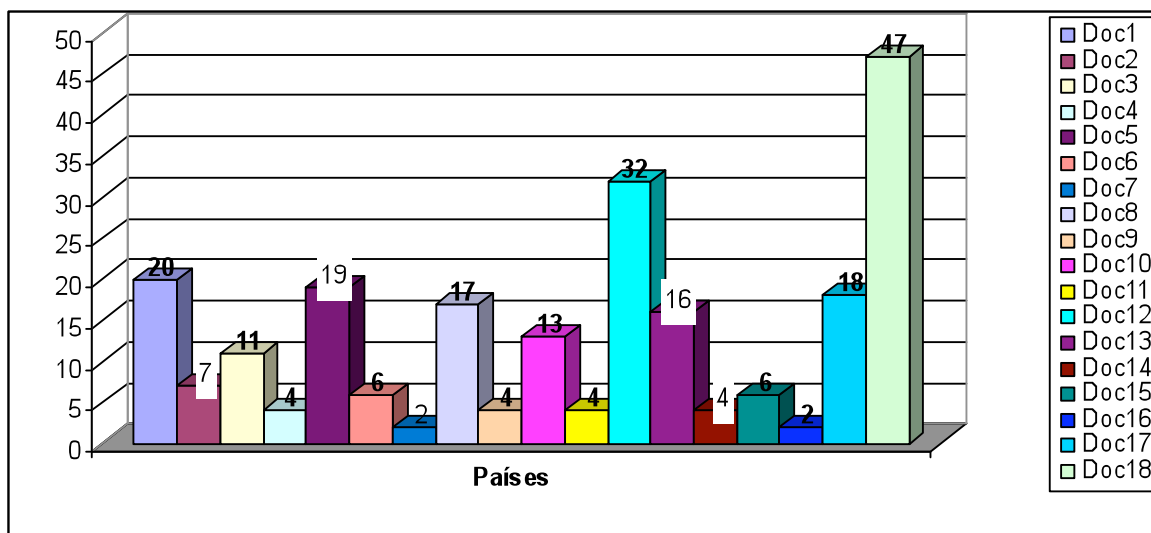
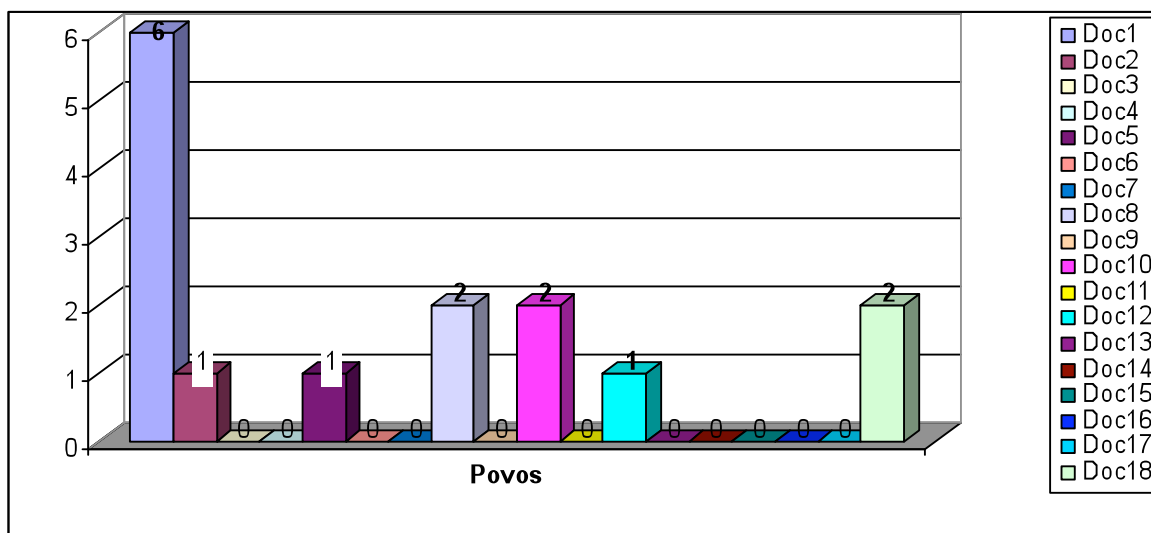


Gráfico I – Comunicação

O termo Comunicação, que deveria ser uma das preocupações centrais para êxito do diálogo, interação, autoconhecimento e entrecruzamento dos povos, aparece em seis dos 18 documentos, como aponta o gráfico. O Doc1 cita o papel da língua portuguesa como instrumento de comunicação e intérprete de interesses em comum, bem como aproveitamento dos mídia para divulgação do idioma e intercâmbio cultural. No Doc2, a comunicação surge em um dos artigos como área para incremento e também referenciando “comunicação escrita”. No Doc3, o termo consta na lista de contribuição da CPLP na mesa redonda de urgências para Guiné-Bissau, ao lado do conceito de Cultura. No Doc8 o termo aponta a necessidade de elaborar políticas de informação nos países membros para melhor aproveitamento dos meios. O Doc9 é o que apresenta maior número de vezes citado, até mesmo porque a temática tem maior afinidade: *Declaração sobre o Governo Eletrônico* (2002), sendo a utilização da comunicação um instrumento para promoção das políticas governamentais e incremento da cooperação. Por fim, saltando oito documentos de ocorrência zero do termo, aparece no último Doc18 uma vez aludindo ao papel das Tecnologias de Informação e Comunicação na erradicação da pobreza.

⁷⁰ Cfr. Legenda na página 67. A legenda é comum a todos os gráficos apresentados e remete para os documentos analisados.



Gráficos II e III – Povos e Países

Considerou-se oportuno proceder um contraponto entre os dois termos acima representados graficamente: Povos e Países. A maioria das vezes que o termo Países é mencionado é para referenciar a sigla CPLP. No contexto em que a CPLP se insere, de ser uma das responsáveis pelo encontro de culturas do bloco lusófono, deveria contemplar com mais frequência as questões dos povos, se preocupada com a diversidade. Do nosso ponto de vista e no enfoque que ressalta desta dissertação, a CPLP ressaltando as necessidades (diferenças) dos povos estaria promovendo a respectiva integração. De outro lado, ao criar projetos com esta perspectiva, ou tendo-a como

premissa básica, promoveria a aproximação entre eles. Mas ocorre o contrário, acaba se posicionando de maneira excludente neste aspecto.

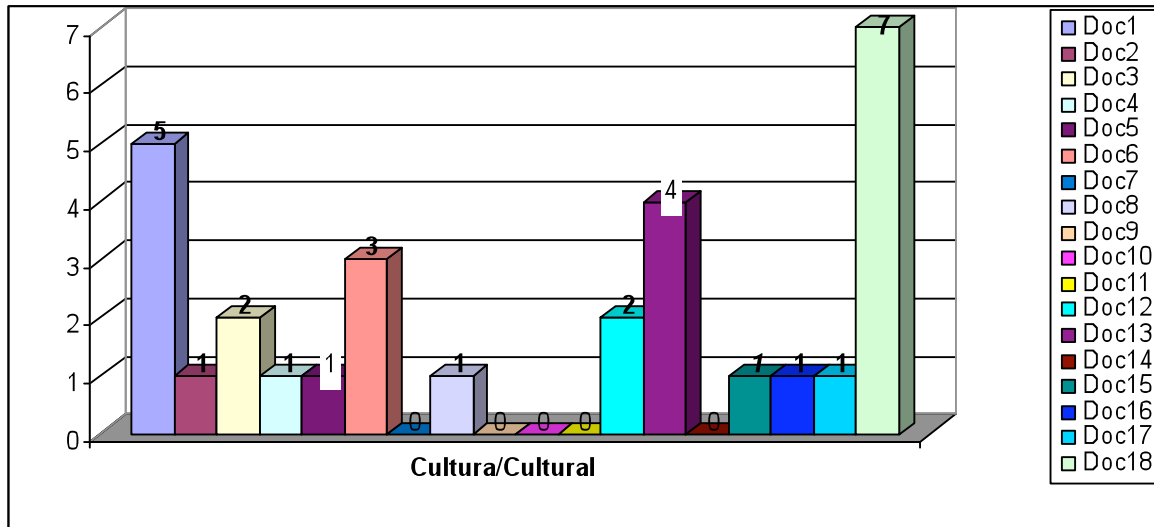


Gráfico IV – Cultura/Cultural

Tendo na sua concepção como principal pilar a Língua Portuguesa, o termo Cultura/Cultural, estranhamente, aparece escassas vezes, sendo no Doc18 (*Declaração de Bissau: Bissau, 2006*) o de maior número, aproximando-se da quantidade de vezes que aparece no Doc1, *Declaração Constitutiva da CPLP*. Assim sendo, o volume de ocorrências mostra uma certa retoma da temática, mas não propriamente um avanço. No decorrer dos anos, aparece no Doc13 (documento sobre sociedade da informação) com mais destaque, impulsionado pelas possibilidades no campo da Internet.

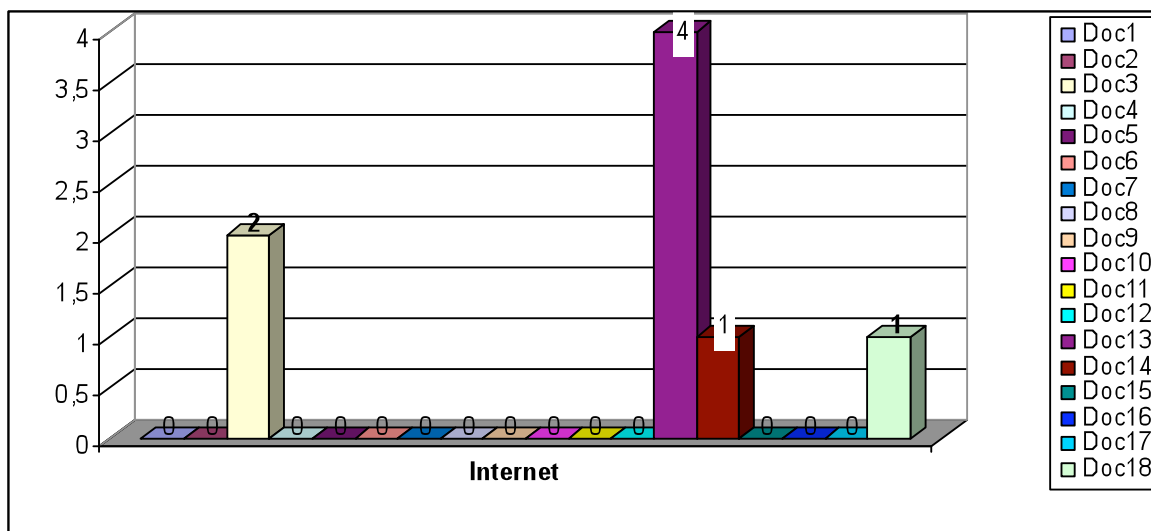


Gráfico V – Internet

A I Reunião Ordinária dos Pontos Focais de Cooperação da CPLP (Cascais, 1999) representou um pontapé inicial para esta análise, tendo sido o primeiro documento – entre aqueles aprofundados – a mencionar a palavra “Internet”, e ainda, como aparato de comunicação entre os países. A preocupação do documento com a Internet é de ordem comunicacional, mas ainda não totalmente estratégica. Menciona a necessidade de levar adiante o site da organização. Algumas palavras-chave identificadas são: pontos focais, página da CPLP na Internet, troca de informação, acesso à rede, acordos e formação profissional. Percebe-se um avanço na temática da comunicação, mas ainda muito incipiente como proposta multilateral.

“Foi aconselhado o uso da página da CPLP na Internet como meio de troca de informações entre os Pontos Focais. Nesta matéria, foi referida por alguns Pontos Focais, nomeadamente a Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, a ausência de acesso à rede de ligação à Internet, bem como do equipamento necessário⁷¹”.

⁷¹ Disponível em:

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/RPFC/1a%20reunião%20dos%20PFC%20relatorio%20final.pdf> [Em linha]. [Consultado em 12-2007]

No contexto geral, o ano de 1999 foi também um período de *boom* da Internet de maneira mais amadurecida como ferramenta de negócios e de comunicação. Após este registro, dentro do escopo dos documentos analisados, dá-se um salto para 2004, no Doc13 (sobre sociedade da informação), referenciado o meio como contribuição para a transparência dos governos. Neste texto o termo Internet é usado para tratar: da necessidade de redução do hiato digital, governação transparente e democrática da Internet (menciona o emprego do *software* livre), acompanhamento da presença da língua portuguesa na Internet, solidariedade digital e financiamento de projetos. No Doc14 de 2004, aparece pela primeira vez a preocupação da criação de conteúdos em língua portuguesa para páginas de algumas instituições afins e no Doc18 de 2006 o termo volta a ser citado apenas uma vez como mecanismo de difusão do idioma e instrumento de políticas públicas. Verifica-se que a CPLP tem identificado necessidades em torno do meio digital, mas não apresenta uma visão estratégica da ferramenta Internet, apenas pontual, mais uma vez. Não sugere nada em concreto, não se refere à tomada de medidas, à criação de iniciativas comuns, apenas dá indicações de que está interessada e ciente de que “é preciso” aproveitar as potencialidades do meio.

A página da CPLP, tal como se apresenta hoje, atingiu uma boa evolução depois de ter sido reformulada, mas está longe de ser uma ferramenta de interação. Uma base de dados em rede, alimentada por uma produção de conteúdos descentralizada, seria uma fonte mais rica e realista. Segundo o assessor da entidade Paulo Palm, em declarações durante evento no Porto, na *XIV Semana Sociológica*⁷², o site da CPLP está sendo novamente reformulado.

⁷² Disponível em: <http://www.gloriainacselsis.com.pt/sociology.htm> [Em linha]. [Consultado em 05-2008]

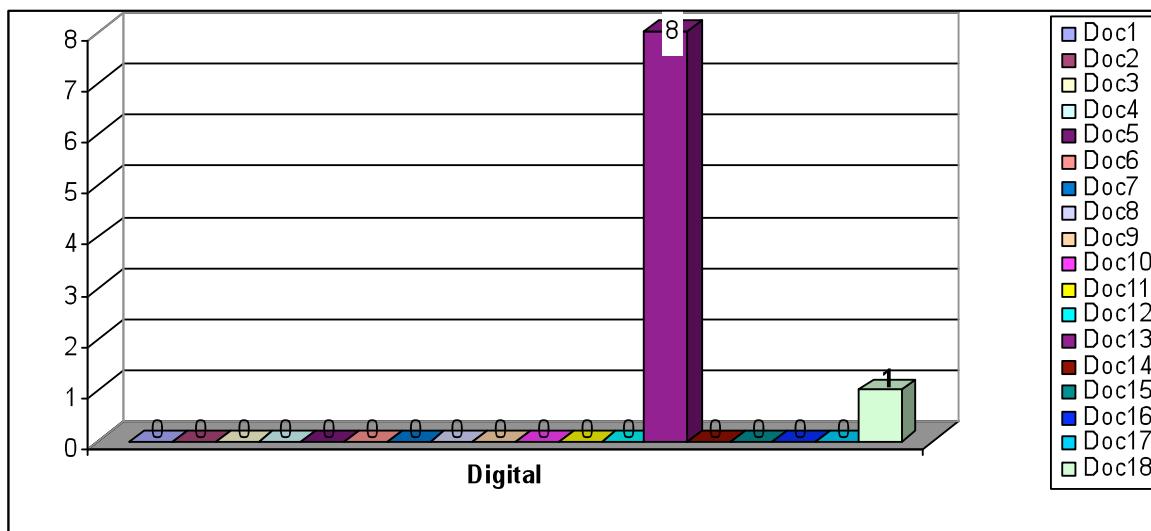


Gráfico VI - Digital

O termo Digital surge, entre os documentos analisados, pela primeira vez no Doc13 (2004), que fala especificamente sobre sociedade da informação, citado em referência aos aspectos “inclusão”, “hiato”, “solidariedade”, “capacitação” e “fosso digital”. Depois, o termo só é retomado no Doc18 (2006), no qual aborda a adoção de políticas públicas para redução do hiato digital.

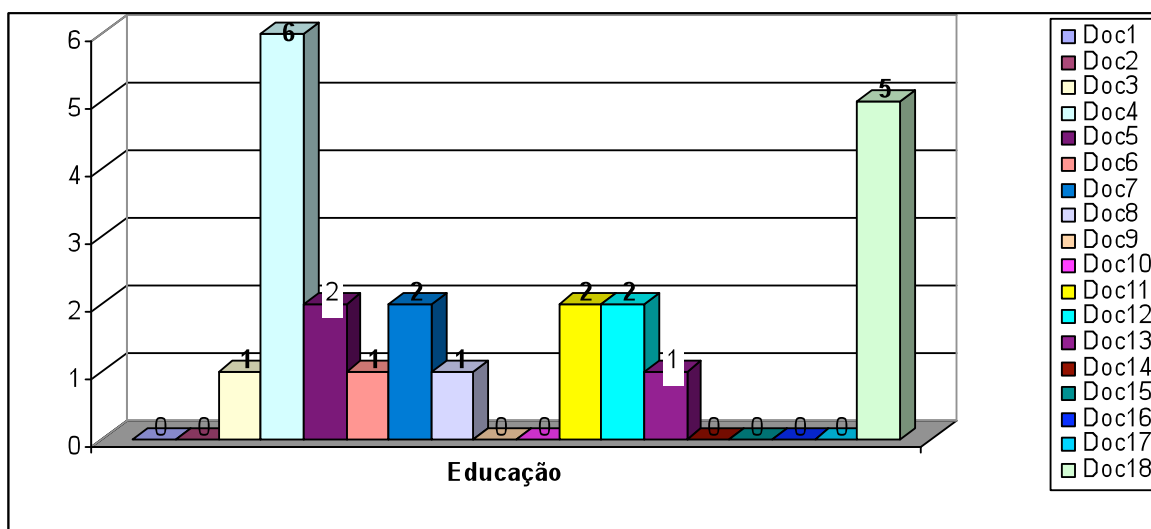


Gráfico VII – Educação

O termo Educação é aquele que surpreendentemente está ausente na *Declaração Constitutiva da CPLP*. Aparece de maneira mais marcante no Doc4, citado em questões de Educação e língua portuguesa, reunião de ministros (da educação), cursos técnicos e necessidade de estatísticas no âmbito da educação. Depois, nos demais documentos surge esporadicamente, sendo retomado apenas no Doc18 associado a cursos técnicos e técnico-profissionais, conferência de ministros (da educação), necessidade de investimento no setor e educação no combate ao HIV (Sida).

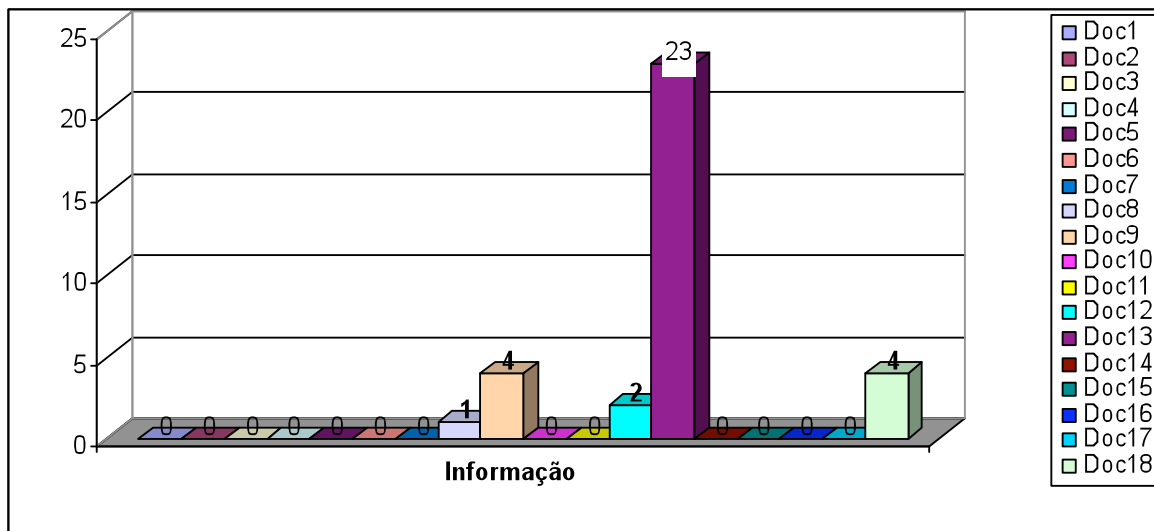


Gráfico VIII – Informação

Informação é um termo que aparece 23 vezes no Doc13 (sobre sociedade da informação⁷³). No documento, o termo apresenta índices distribuídos por Sociedade da Informação (15 vezes) e Tecnologias da Informação (8 vezes). No Doc18, no entanto, aparece a expressão *partilha da informação* (1 vez apenas), que é um dos pontos centrais para a cultura digital da lusofonia.

⁷³ Cfr. Anexo XIII, Tabela de documentos analisados da CPLP, página 183.

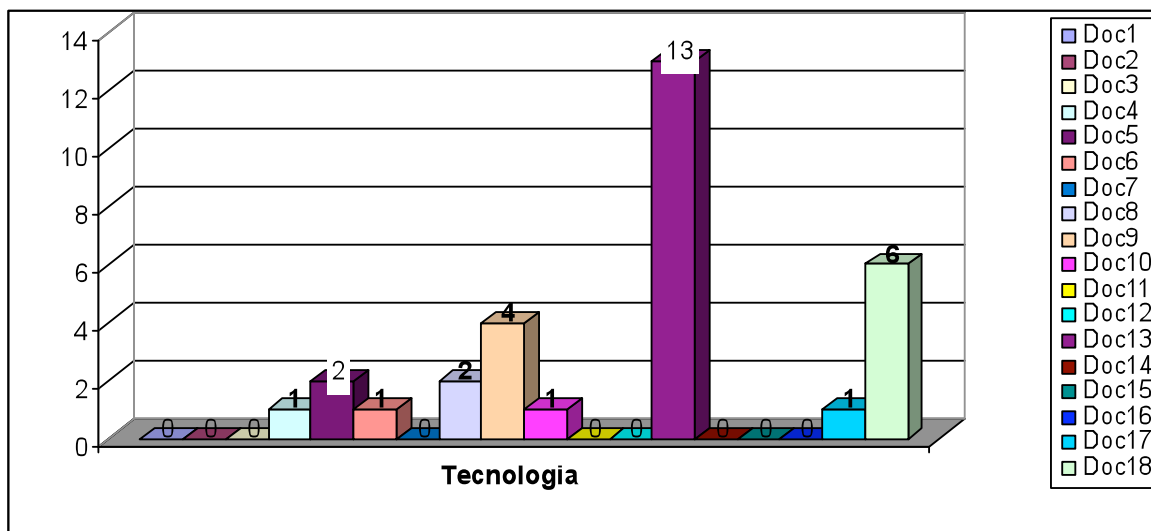


Gráfico IX – Tecnologia

A Tecnologia na maioria dos termos citada aparece para referenciar tecnologias da informação, com maior incidência no Doc13, que remete inclusivamente para Sociedade da Informação.

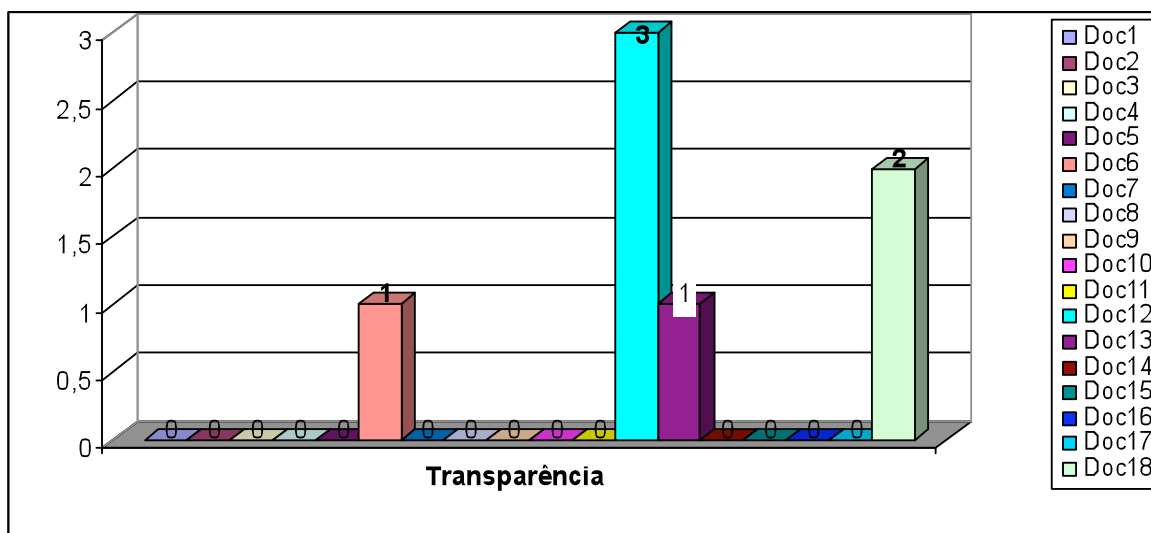


Gráfico X - Transparência

O termo Transferência aparece no Doc12 associado ao de boa governação em todas as ocorrências, e no Doc18 o termo ganha nova roupagem com boa gestão (de governação passa a gestão, uma evolução qualitativa!).

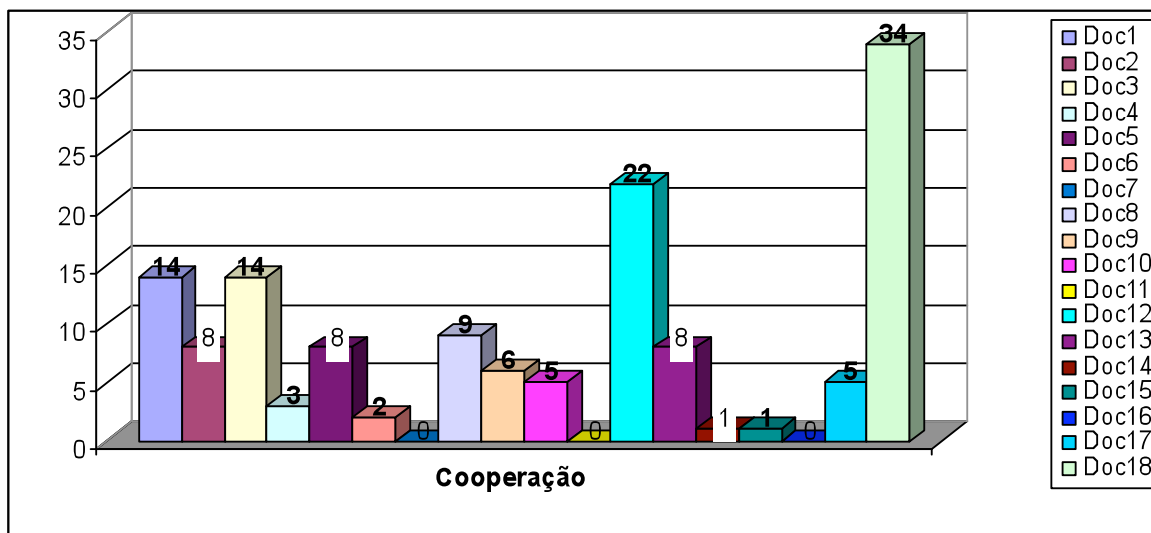


Gráfico XI – Cooperação

O vocábulo Cooperação é o que aparece com mais frequência, sendo mais incidente nos documentos 1, 3, 12 e 18, tendo como referências Doc1 (coop.e concertação, coop. internacional, cooperação entre língua portuguesa e outras línguas nacionais, interparlamentar, econômica e empresarial, bilateral e multilateral, para as políticas de imigração etc.) e Doc18 (coop. regional, em telecomunicações, juvenil, defesa etc.).

No âmbito da Cooperação envolvendo comunicação e transparência, pode-se ressaltar a importância das questões referentes ao governo eletrônico. Na Declaração sobre o Governo Eletrônico (Brasília, 2002) aparecem expressões como tecnologias da informação e comunicação na administração pública, transparência, fortalecimento da democracia e cidadania, sociedade da informação, governo eletrônico e transferência tecnológica. No âmbito das relações internacionais e da política (doméstica e externa), sugere cooperação tecnológica e descreve o governo eletrônico para o aprofundamento da reforma do Estado, além da criação das bases para uma sociedade da informação nos seus países, incremento à cooperação na área das tecnologias de informação e comunicação entre os governos dos Estados membros. O documento atende à manifestação de compartilhar experiências e conhecimento sobre os programas nacionais e as melhores práticas internacionais, o que pode ser feito através da criação de um banco de dados de boas práticas e uma central de documentação, como veremos adiante. É importante

lembrar que em 2002, em Brasília, foram assinados cinco acordos internacionais em matéria de vistos de entrada e controles fronteiriços, para facilitar a mobilidade no âmbito da CPLP, no que diz respeito à cidadania lusófona.

O governo eletrônico é, antes de seu potencial de usabilidade, um indicador de responsabilidade social e pode ser uma ferramenta para combater a corrupção, mais ainda se for participativo em atender aos apelos dos movimentos sociais em rede. É possível classificá-lo como uma mudança cultural de gestão na qual o Estado se vale das tecnologias de informação para se estruturar melhor em termos de comunicação, disponibilização de documentos, interface de interação, mobilidade de recursos enquanto canais etc. Ou seja, uma evolução na maneira de organizar seus processos internos, o que leva a um caminho maior de transparência. Por outro lado, pode ainda ser instrumento de manipulação se utilizado para plantar dados inverossímeis e, por conta disso, precisa ser sempre questionado pelo indivíduo e pela imprensa, dito quarto poder.

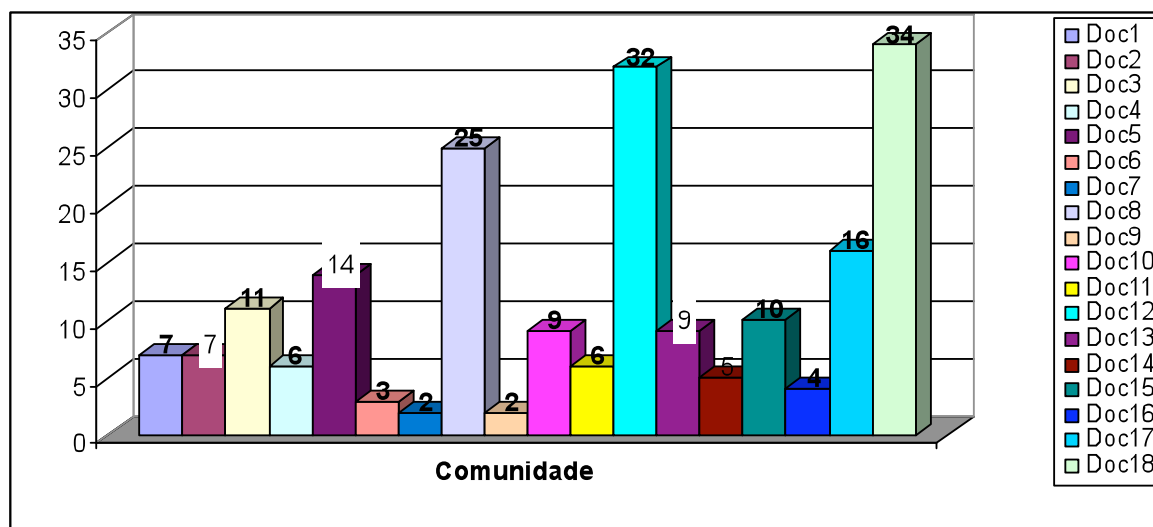


Gráfico XII – Comunidade

O termo Comunidade é exibido em grande número de fontes, perpassando todos os documentos, mas na quase totalidade para referenciar a sigla CPLP. Não no sentido de criação de laços de uma comunidade lusófona propriamente dita. Justamente por isso não tem uma taxa de incidência de zero.

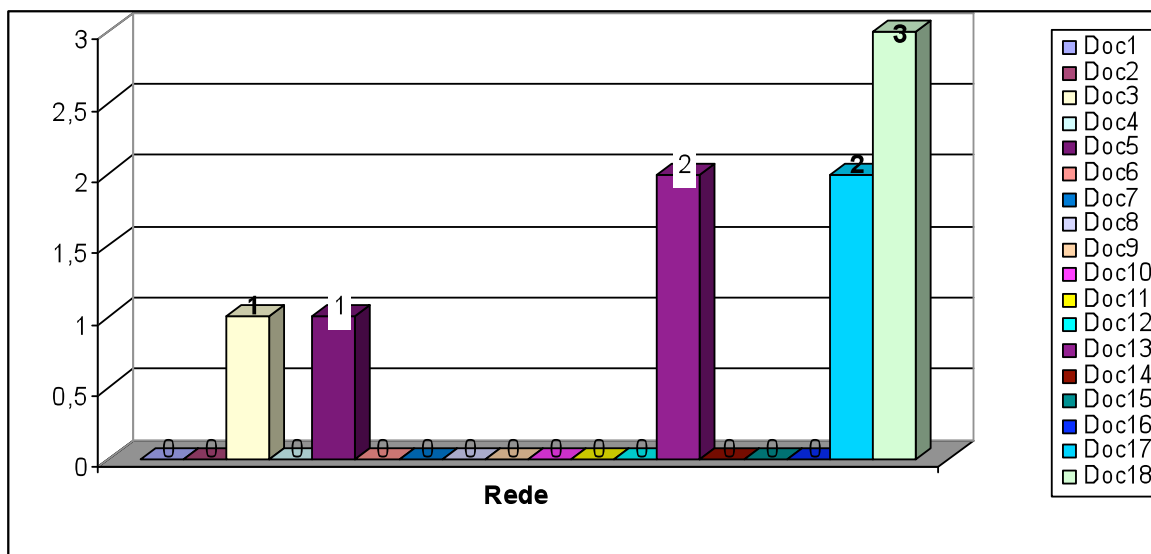


Gráfico XIII – Rede

No Doc3, o vocábulo Rede surge para mencionar a falta de acesso à rede na Guiné-Bissau e em São Tomé e Príncipe (STP), e no Doc5 referenciando rede de ensino à distância. No Doc13 fala-se de infra-estrutura e alcance de redes. No Doc17 o termo é empregue como necessidade de criação de uma rede de ensino e intercâmbio universitário e, no Doc18, enquanto rede lusófona, finalmente.

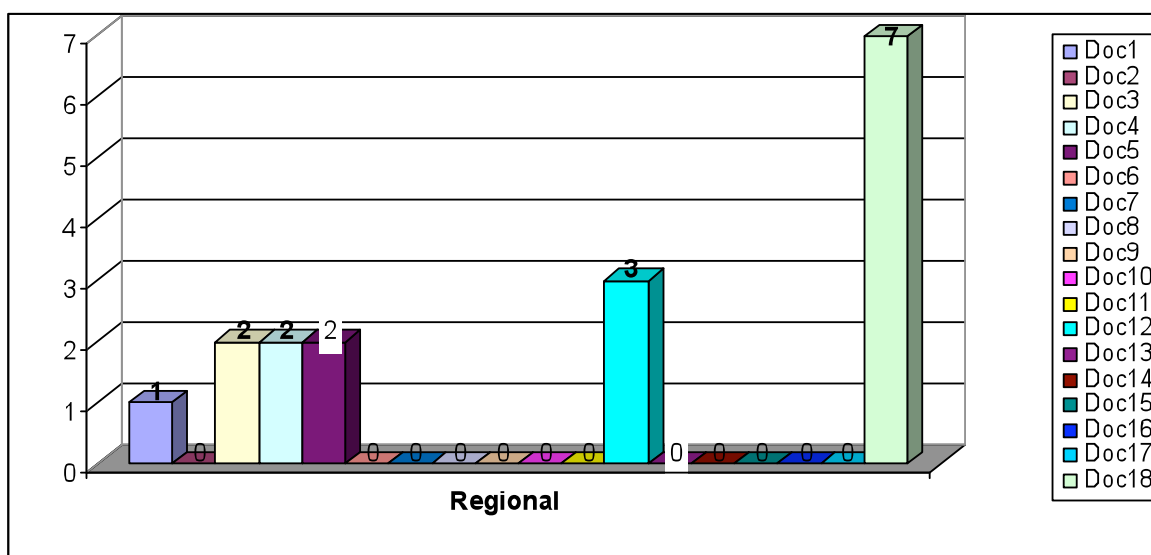


Gráfico XIV – Regional

O termo Regional aparece com mais incidência no Doc18 (2006), talvez pela necessidade que tem surgido como requisito para inserção na sociedade da informação, que atenta mais para a valorização de políticas locais. Nos demais, não tem grande destaque.

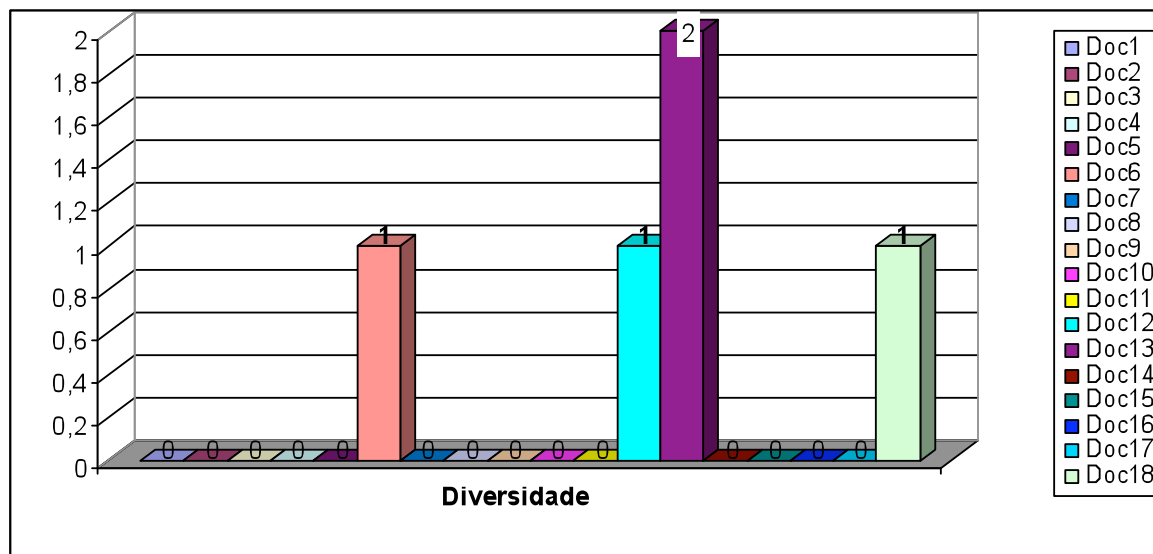


Gráfico XV – Diversidade

A Diversidade é ainda pouco contemplada enquanto uma das maiores riquezas da CPLP, que parece não ter sido ainda descoberta enquanto potencial de atuação e oportunidade de facultar a afirmação da lusofonia tornando-a funcional, ter o seu lugar no mundo. Nos 18 documentos analisados aparece apenas cinco vezes, o que é preocupante e pode indiciar um caráter eurocêntrico no organismo.

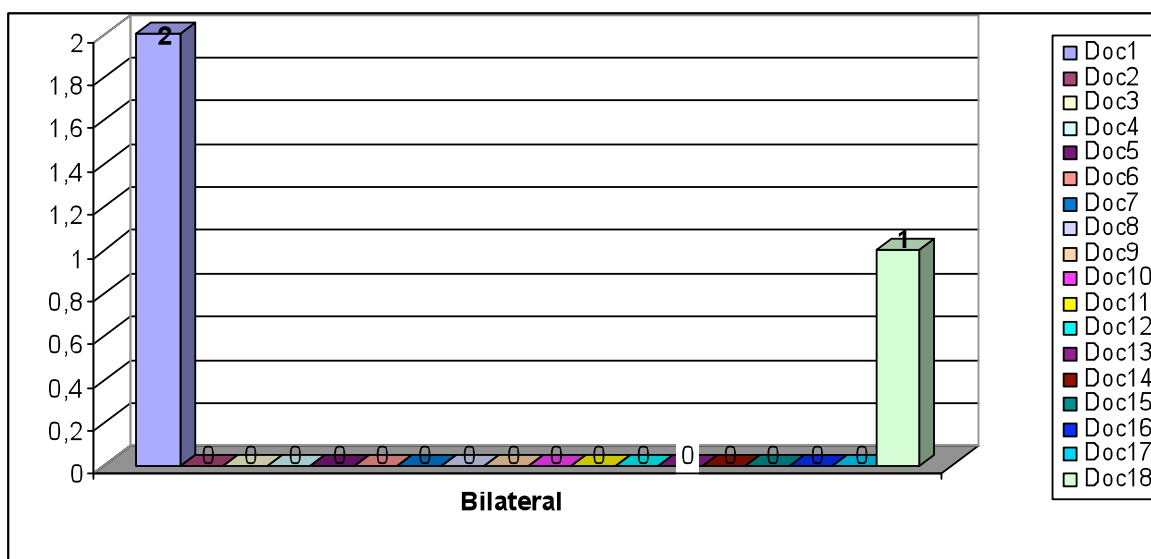
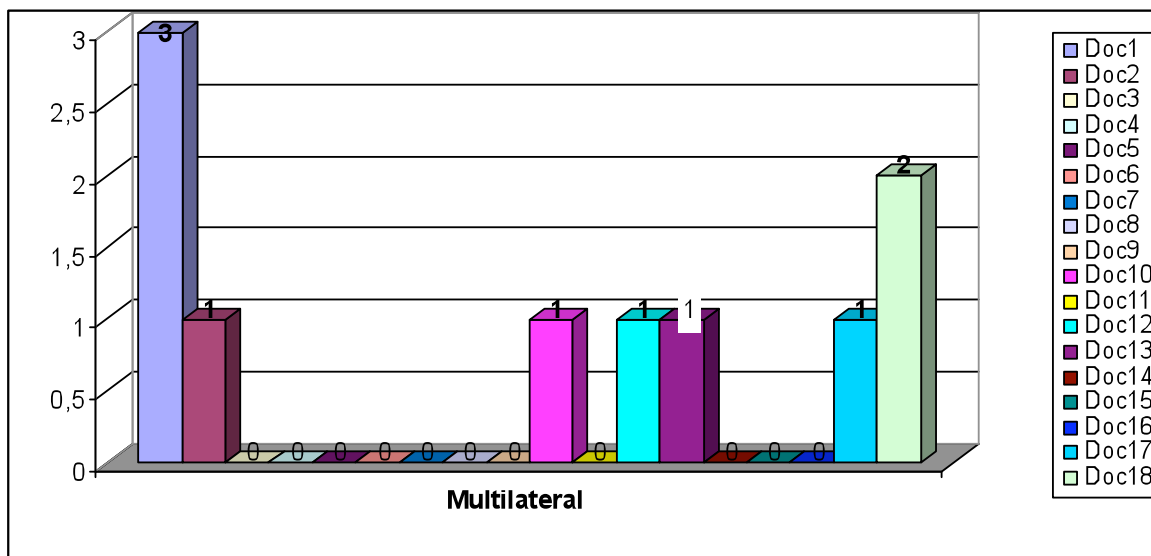
A CPLP afirma boa parte de suas intenções de atuação na questão do idioma comum para zelar por uma comunicação eficaz entre países de língua oficialmente portuguesa. Enquanto persiste somente no seu idioma materno, não aposta efetivamente na promoção da diversidade. O fato de já em sua sigla restringir esta dimensão a Estados, e não sobressair as regiões que falam o português, também reduz seu alcance. Isto porque a idéia de comunidade vai além dos países, pois foca nos povos unidos por um sentimento que não encontra ecos, ainda que todos estejam sob o mesmo teto da história. Do passado comum para cá sobram díspares realidades e um futuro incerto que parece acenar para o desmantelamento dos poucos laços que ainda restam.

A *Resolução sobre o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP)* (Maputo, 2000), mostra uma necessidade de desenvolvimento e reforço de uma política cultural em torno da língua portuguesa. Mas o documento não classifica da mesma maneira a necessidade de promover línguas autóctones. O ano de 2008 foi declarado "Ano Internacional das Línguas" pela Assembleia Geral das Nações Unidas. O 21 de fevereiro de 2008 é o dia do nono Ano Internacional da Língua Materna⁷⁴. Uma boa oportunidade para a CPLP discutir, em 2008, ano de reunião bianual de chefes de Estado, seu papel como organismo interlocutor de outras línguas, e oxigenar as temáticas culturais, muitas vezes sufocadas pelo peso que a língua portuguesa carrega enquanto pátria. Mãe para uns, madrasta para outros. Mais tarde, a Declaração de Brasília (Brasília, 2002) continua a tratar da temática da língua portuguesa, com uma evolução de tom mais estratégico, elevando o idioma ao status internacional em organizações representativas e como mecanismo de comunicação. A diversidade, no entanto, fica mais uma vez para trás.

O pilar da CPLP de “promoção e difusão da língua portuguesa” aparece novamente na *Declaração de São Tomé* (São Tomé, 2004), mas desta vez como coadjuvante. O documento tem um foco mais economicista e prima por outro pilar (concertação político-diplomática), mais voltado para a esfera das RI, no que diz respeito à relação/cooperação entre o bloco do Mercosul e o dos países lusófonos. O texto ressalta a participação da CPLP na Cimeira Mundial sobre a Sociedade de Informação (Genebra, dezembro de 2003). Assinala o início de entendimentos entre o Mercosul e os países em desenvolvimento da CPLP com vista a entabular negociações comerciais. Mesmo sendo mercosulista e não lusófono, há quem atribua o futuro da lusofonia ao Brasil, como nas palavras da escritora santomense Inocência Mata: “se o Brasil não entrar na guerra da lusofonia, a guerra está perdida⁷⁵”.

⁷⁴ Disponível em: <http://esperanto.org.br/p/content/view/231/1> [Em linha]. [Consultado em 04-2008]

⁷⁵ Disponível em: <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=553&catogory=CPLP> [Em linha]. [Consultado em 04-2008]



Gráficos XVI e XVII – Multilateral e Bilateral

Apesar de a incidência do termo Bilateral ser menor nos documentos do que a do vocábulo Multilateral, a CPLP não tem uma atuação múltipla ainda, de acordo com o conjunto de suas ações ao longo dos anos. A multilateralidade, assim sendo, acaba se tornando um valor ainda teórico, mas que se almeja alcançar. O maior exemplo disso é a duração do “drama” da viabilização do Acordo Ortográfico, entre outras expressões episódicas, ou as ações que foram sempre pensadas e executadas sem o escopo da totalidade. Isso também acontece pela falta de conhecimento mútuo dos países, o que gera um distanciamento e conseqüente isolamento.

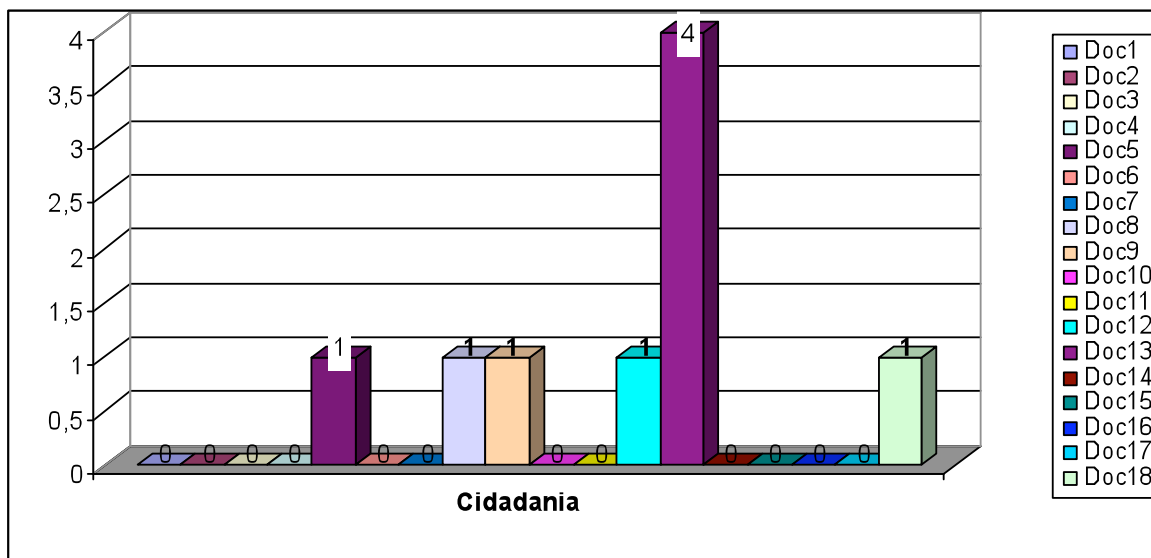


Gráfico XVIII – Cidadania

O termo Cidadania aparece com mais incidência no Doc13, que contempla a sociedade da informação. Caráter qualitativo, mas que se perde nos demais documentos e é retomado com apenas uma incidência no Doc18, o mais recente, de 2006. A cidadania lusófona é um conceito de extrema importância que também se faz muito pouco presente em tais documentos analisados.

Na *Resolução Sobre a Sociedade Civil* (São Tomé, 2004), ao passar por temas como comunicação, tecnologia, transparência, entre outros, a CPLP chega finalmente à preocupação com a adesão da sociedade civil no sentido de construir uma “via de mão dupla”, agora mais ciente dos mecanismos de interatividade. O documento não debate essa relação com vista ao reforço de construção da cidadania, mas no sentido de conhecer as suas respectivas bases através de registros de organizações que congreguem a sociedade civil.

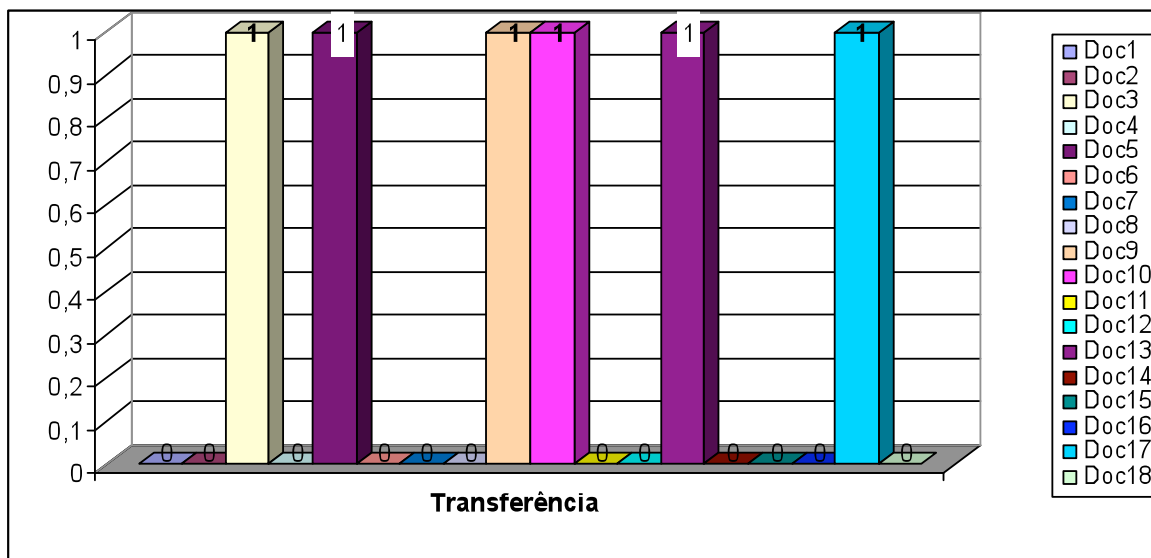


Gráfico XIX – Transferência

O termo Transferência, no que diz respeito à transferência tecnológica, tem muito pouca incidência no histórico das documentações vistas, tendo aparecido episodicamente.

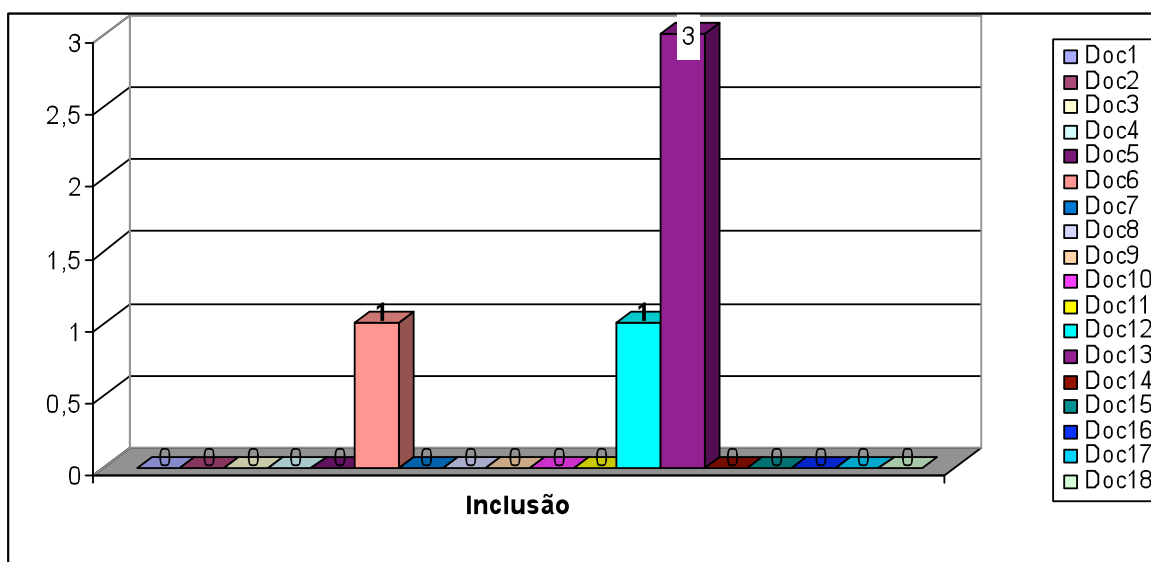


Gráfico XX – Inclusão

O mesmo acontece com o termo Inclusão, que surge com mais relevância no Doc13, sobre sociedade da informação, obviamente, no que diz respeito à inclusão digital, que também é social se acompanhada de processos educacionais. O vocábulo não é retomado, no entanto.

Com objetivo de conclusão da análise elaborada, devemos adiantar o seguinte:

Os documentos analisados, no seu conjunto, demonstram maior nível de incidência dos termos que têm afinidade com o tema desta pesquisa a partir de 2000, como consequência de seu tempo e do contexto de investimento em ambientes digitais. Sem anular a importância dos demais, o documento de maior relevância para esta investigação é o Doc13, que contempla a Sociedade da Informação. De um modo geral, no entanto, os documentos não registram ações concretas, focando mais no sentido de identificação de necessidades. Também não existe um plano para a inserção efetiva da CPLP em ambientes *online* e nem há um aproveitamento das potencialidades do tema na criação de uma comunidade virtual e tudo o que a cerca. Existe um processo de conscientização que, no nosso entender, já deveria estar em uma fase mais concreta.

A Declaração Sobre a Sociedade da Informação como Contributo para a Boa Governança e Transparência (São Tomé, 2004) retoma, entre outros temas, as questões do governo eletrônico ampliando o uso da Internet para a esfera das políticas públicas. É um documento que se realiza em 2004, ano que o cenário de uma economia digital se torna mais significativo. E assim, se verifica um salto de mentalidade neste aspecto por parte da CPLP, com maior abertura de pensamento e amadurecimento sobre o tema e sua utilidade, pois foca também a diferença e o caminho a seguir. A declaração traz grande número de palavras-chave e expressões em total conformidade com esta pesquisa, entre elas diversidade cultural como princípio da sociedade da informação, inclusão digital e social, erradicação da pobreza, acesso à Internet, participação política, solidariedade digital, criação e disseminação de conteúdos em língua portuguesa, pluralismo, novos canais de diálogo, serviços públicos por via eletrônica, difusão boas práticas em administração pública, infra-estrutura de redes, regiões rurais, local e global, telecentros, capacitação digital, cidadão agente de desenvolvimento e produtor de conteúdos, software livre, partilha de conhecimento, governança multilateral, respeito às diferenças geográficas, culturais e lingüísticas. O documento dá relevo a importantes pontos, que servem como apoio a esta pesquisa. No **Anexo XII**, página 179, encontram-se os dez

trechos principais que certificam que existe demanda para este estudo unindo de maneira multidisciplinar Comunicação, Relações Internacionais e Tecnologia.

A evolução das temáticas que envolvem a necessidade de diálogo entre os povos de língua portuguesa é evidente também na *Declaração de Bissau* (Bissau, 2006). O documento traz palavras/expressões importantes como: integração e cooperação regional, parcerias com organizações regionais e sub-regionais, rede lusófona, educação contra a Aids (Sida), Fórum da Juventude da CPLP, aproximação cultural das novas gerações, cooperação juvenil, necessidade de propostas para destacar o universo de falantes de língua portuguesa, feira do livro de países CPLP, jornalistas de língua portuguesa, proteção e promoção das diversidades, compromisso de desenvolver projetos em TI, conversão da dívida externa em projetos de educação, turismo lusófono, formação de um banco de dados dos oito países, língua portuguesa como suporte econômico e tecnológico no âmbito da sociedade da informação (propriedade industrial), portal da lusofonia, superação do hiato digital com políticas públicas, poder da Internet para divulgar língua portuguesa, acordo comercial entre Mercosul e Países da CPLP, Dia da Língua Portuguesa, ProAfrica, projetos comuns entre pesquisadores lusófonos, Fundo do Petróleo.

Espera-se que em 2008, e nos próximos anos, esse conjunto de necessidades, propostas e debates teóricos identificados (analisados em 18 dos 64 documentos em verificação) possa se converter em ações mais práticas e de efetiva funcionalidade para as comunidades. E que a Internet sirva de espaço não somente para a língua portuguesa (como intermediária de um sistema bilingue), mas sobretudo uma oportunidade de registro da diversidade, o que pode gerar um amplo caminho para novas ações concretas de incitação do conhecimento, novas visões de mundo, novos encantamentos. A Unesco declarou 2008⁷⁶ o ano das Línguas Nacionais, o que seria um momento oportuno para debater o assunto e sugerir projetos.

⁷⁶ O ano de 2008 foi declarado “Ano Internacional das Línguas” pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Disponível em: <http://eurolingua.blogs.sapo.pt/> [Em linha]. [Consultado em 02-2008].

Algumas das conclusões deste capítulo estão fragmentadas por vocábulo (palavra-chave), pois cada um apresenta sua particularidade e o todo deles comprova, de algum modo, a falta de ações concretas para a CPLP (e seus povos) entrar na sociedade do conhecimento, o que pode ser feito através de investimento em cultura digital. Estamos diante de transformações operadas no mundo globalizado que, de modo nenhum, devem ser negligenciadas. Sob o ponto de vista comunicacional, o retardar do processo de adaptação à mudança por parte da CPLP pode conduzir ao aumento da distância de seus membros entre si, e com relação ao sistema internacional. A falta de investimento em uma linguagem mais atual e de integração da diversidade enfraquece o desenvolvimento de estratégias para a consolidação real de uma comunidade lusófona.

Tabela I: Identificação dos documentos da CPLP analisados.

Legenda dos Documentos dos Gráficos
Doc1 – Declaração Constitutiva da CPLP: Lisboa 1996.
Doc2 – Protocolo de Cooperação entre o Secretariado Executivo da CPLP e o Fórum da Lusofonia: Lisboa, 1998.
Doc3 – I Reunião Ordinária dos Pontos Focais de Cooperação da CPLP: Cascais, 1999.
Doc4 – I Reunião Extraordinária dos Pontos Focais de Cooperação da CPLP: Maputo, 2000.
Doc5 – Declaração de Maputo: Moçambique, 2000.
Doc6 – Declaração sobre Cooperação, Desenvolvimento e Democracia na Era da Globalização: Maputo, 2000.
Doc7 – Resolução sobre o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP): Maputo, 2000.
Doc8 – Declaração de Brasília, 2002.
Doc9 – Declaração sobre Governo Eletrônico: Brasília, 2002.
Doc10 – Declaração sobre Paz e Desenvolvimento e o Futuro da CPLP: Brasília, 2002.
Doc11 – Acordo do Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: São Tomé, 2004.

Doc12 – Declaração de São Tomé: São Tomé, 2004.

Doc13 – Declaração sobre a Sociedade da Informação como Contributo para a Boa Governação e Transparência: São Tomé, 2004.

Doc14 – Resolução sobre a Promoção e Difusão da Língua Portuguesa: São Tomé, 2004.

Doc15 – Resolução sobre a Sociedade Civil: São Tomé, 2004.

Doc16 – Resolução sobre os Embaixadores de Boa Vontade da CPLP: São Tomé, 2004.

Doc17 – Declaração sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – Desafios e Contribuição da CPLP: Bissau, 2006.

Doc18 – Declaração de Bissau: Bissau, 2006.

1.4. A variante brasileira: idioma tecnológico no processo de “babelização”

“O falante deve ser poliglota em sua própria língua”.

Evanildo Bechara

(Colóquio Internacional da Lusofonia, outubro de 2007, Bragança)

As movimentações na mídia sobre o AO fizeram de 2007 e 2008 anos importantes na história do documento. Depois de um tempo esquecida, a temática voltou a circular na imprensa. Mas a polêmica teve nova indumentária até desembocar na aceitação do AO por parte de Portugal no primeiro semestre deste ano. A ação foi seguida da dúvida que questionou se o português em sua variante brasileira teria um caminho autônomo. O assunto foi a discussão central do *VI Colóquio Internacional da Lusofonia*, realizado em outubro de 2007, em Bragança.

O Brasil é o maior país de lusofalantes (183,9 milhões de habitantes, Censo 2007 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), frente à estimativa de o número total dos que falam português no mundo alcançar 240 milhões de pessoas. O cenário alguns meses antes da assinatura do AO por parte de Portugal aponta que, tendo em voga a lei que considera a assinatura de três países viável à entrada em vigor do AO (sendo

signatários Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe)⁷⁷ existe, segundo o professor e especialista da Academia de Ciências de Lisboa João Malaca Casteleiro, um verdadeiro temor⁷⁸ de o Brasil seguir de maneira independente com a sua variante. O especialista comparou, durante citado colóquio, o AO à Guerra dos Cem Anos. E o filólogo Evanildo Bechara classificou uma separação das variantes como futurologia.

Os especialistas da língua são céticos quanto a um divisor definitivo de águas. Enquanto isso, o terreno das políticas culturais aponta uma outra interpretação. A brasilianista do Centro de Estudos Lusófonos da Sorbonne, Jacqueline Penjon, no artigo intitulado *Ser professor de português em Paris*, publicado no site do IILP, menciona dados que podem ser aproveitados na geração de oportunidades de emprego e renda em torno da língua no diz respeito a suas variantes. A reforma do ensino na França tornou obrigatório o uso de uma segunda língua para os universitários. Nesta perspectiva, tem crescido o interesse pelo português em sua vertente brasileira, como disciplina optativa, por dois motivos:

“(...) à imagem de simpatia do Brasil. Somos vistos pelos franceses, garantem as pesquisas imagológicas, como um país que, longínquo, é mais exótico e onírico. (...) E ao próprio idioma. O português do Brasil é bem mais vocálico, o que é mais fácil e agradável aos ouvidos do francês, enquanto o de Portugal não, pois as vogais quase não são pronunciadas. Diferentemente das universidades brasileiras, a francesa contextualiza e separa os estudos lusófonos em português europeu, do Brasil e da África. Atraiam-se a eles as especificidades da língua e das culturas”⁷⁹.

⁷⁷ A assinatura do 2º Protocolo Modificativo estabelece que o Acordo Ortográfico entrava em vigor com a ratificação por três dos Estados signatários. Disponível em: http://www.cplp.org/docs/outros/Acordo%20Ortogr%C3%A1fico%20perg_frequent.pdf [Em linha]. [Consultado em 13-12-2007].

⁷⁸ Cfr. **Anexo II**, *O temor da língua brasileira*, página 156.

⁷⁹ Disponível em: http://www.iilp-cplp.cv/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=30 [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

A especialista explicou ainda que o incentivo aumentou com o Ano do Brasil na França, em 2005. Segundo a Federação Internacional dos Professores de Francês (FDLM), a procura pelo português aumentou 20% depois do Ano do Brasil, o que veio acompanhado por um progresso do turismo de 27% e pela escolha do Brasil como o primeiro alvo dos investimentos franceses na América Latina.

“No século XX, a distância entre as variantes portuguesa e brasileira do português aumentou em razão dos avanços tecnológicos: não existindo um procedimento unificado para a incorporação de novos termos, certas palavras passaram a ter formas diferentes”⁸⁰. Em contrapartida, o já citado *VI Colóquio Internacional da Lusofonia*, através de trabalhos reunidos por especialistas, constatou que a discrepância se faz mais presente na oralidade, pois na escrita a língua portuguesa ensinada no Brasil tem ainda uma gramática conservadora⁸¹.

Com a herança de vocabulário de origem tupi (tupinambá⁸², língua que vigorava no litoral brasileiro, família tupi-guarani), extinto por uma Provisão Real em meados do século XVIII, as imigrações que o Brasil recebeu ao longo dos séculos, o fluxo de escravos trazidos da África (sobretudo vocabulário voltado para culinária e religião), foi-se construindo um jeito muito peculiar de praticar a língua de Camões⁸³, que hoje é

⁸⁰ Disponível em: http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/pt_3.3.a.php. [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

⁸¹ Fato que foi questionado no evento por quem vive o “cotidiano do giz”, pois esta é exatamente a dificuldade dos professores nos meios rurais, por exemplo, no qual o aluno vai para a sala de aula aprender um universo que exclui o dele próprio. A variante rural não é incorporada à didática do ensino, neste caso, e isso dificulta o aprendizado da norma culta, oriunda do português europeu. Por isso, faz-se necessário também, para além da questão das variantes, debater a temática do ensino da língua portuguesa em ambientes multiculturais.

⁸² “Nos primeiros anos da colonização, cerca de 6 000 000 de índios falavam, ao todo, mais de mil línguas indígenas. A língua dos Tupinambá (tupi antigo), falada numa extensa área da costa atlântica, passou a ser usada pelos portugueses e seus descendentes, já no século XVI. Foi também adotada pelos Jesuítas para catequização dos índios de diversas culturas”. (Pereira, 2006: 64)

⁸³ Amuêlê sá ua Fôgô cu cá lêdê sê pá abe (amor é fogo que arde sem se ver);
ê sá flida cu cá dá dôlô, magi ê Sá mó fingui- lóló (é ferida que dói e não se sente);
ê sua contentamento sê contente (é um contentamento descontente),
ê sá dôlô cu cá fé - a tlapaiá sê pá a sebe (é dor que desatina sem doer).
(tradução, para Forro de São Tomé de Guslário de Almeida). (Pereira, 2006: 39)

também a de Machado de Assis, Mia Couto, Eduardo Agualusa, Paulina Chiziane, e muitos outros. Assim sendo, a literatura é o terreno em que são registradas e refletidas as identidades nacionais e por isso também tem importante papel na construção do imaginário coletivo, além de constituir um forte instrumento político, como no caso da literatura produzida em África nos períodos revolucionários, que vivia poesia no front⁸⁴. Já dizia Eduardo Lourenço que a resposta das elites africanas do espaço lusófono foi o processo de conscientização literária.

Ao fomentar as línguas da terra não se está desestimulando a língua portuguesa, ao contrário, é uma proposta de aliança e não sobreposição de culturas. Prova disso foi a intervenção de Mia Couto em encontro internacional promovido pelo canal televisivo RTP, na qual o escritor declara que *“toda a grande nação moçambicana encontra no português a sua língua de construção, o idioma que a projeta num corpo unitário e que a torna capaz de viver na modernidade”*⁸⁵. Ainda que em tempos distintos, a problemática do idioma persiste, e a frase de Couto poderia complementar a de outrora dita por Amílcar Cabral sob a perspectiva da modernidade:

“Há muita coisa que não podemos dizer na nossa língua, mas há pessoas que querem que ponhamos de lado a língua portuguesa, porque nós somos africanos e não queremos a língua de estrangeiros. Esses querem é avançar a sua cabeça, não é o seu povo que querem fazer avançar. Nós, Partido, se queremos levar para frente nosso povo, para escrevermos, para avançarmos na ciência, a nossa língua tem que ser a portuguesa. É a única coisa que podemos agradecer ao tuga, ao

⁸⁴ “Durante bastante tempo (pelo menos desde a II Guerra) Moçambique foi considerada uma colônia de poetas. Na década de 70, com a guerra pela libertação nacional, a Frelimo - Frente de Libertação de Moçambique, fez uma recolha de textos poéticos produzidos para consumo interno da guerrilha (elaborados por militares), conquanto passíveis de serem divulgados, com impacto político imediato nos meios internacionais. Poesia de Combate ou de Guerrilha eram os nomes e incluía texto de Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, entre outros. Com poemas de nítida intenção militante, com sentido estrito ou de luta anti-colonial, atinge uma expressão didática e informativa” (Laranjeira, 1995: 292).

⁸⁵ Disponível em: <http://ciberduvidas.sapo.pt/lusofonias.php?rid=1279> [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

facto de ele nos ter deixado a sua língua depois de ter roubado tanto da nossa terra” (Cit. in Laranjeira, 1995: 102).

Do mesmo modo, o alerta vem de outros autores:

“Il colonialismo non è stato anché e soprattutto negazione del processo storico del popolo dominato, usurpazione produttive nazionali. Si pensa comumente che il colonialismo ha fatto entrare l’Africa nella storia; non, ha detto Amílcar Cabral, ci ha fatto uscire della storia, della nostra storia, per metterci al seguito, all’ultimo posto, della sua storia” (Ledda, 1970: 51)

As frases de Couto (s/d) e Cabral (Cit. in Laranjeira, 1995) colocam a língua portuguesa no patamar de um veículo de modernidade. Mais ainda, como uma oportunidade de comunicação, dentro de um projeto cultural e educacional que respeite as identidades autóctones. A Internet, se houvesse mínima transferência tecnológica, poderia ser um espaço para produção de conteúdo nas línguas que hoje permanecem isoladas e, desta forma, o português seria ferramenta para o bilinguismo. É preciso criar representatividade no espaço virtual com produção de conteúdo em idiomas nacionais, e nas variantes do português (por exemplo, português angolano⁸⁶, entre outros que dão origem à norma africana⁸⁷ - Cfr. **Anexo X**, página 171, entrevista à lingüista Helena Figueira) para que o acesso e a oferta de informação sejam realmente democráticos.

⁸⁶ Línguas angolanas, fator de resistência. “As autoridades coloniais tiveram-na como algo a abater para destruir o sentimento nacionalista (...) Censo feito após a independência (Anos 80) constatou: (a) 97,6% dos angolanos falam pelo menos uma das línguas nacionais, (b) 2% têm o português como língua materna, 70% falam exclusivamente uma língua angolana, (c) 28,7% podem falar tanto uma língua angolana como a língua portuguesa (...)Português usado como meio oficial de comunicação, língua de Estado, instrumento de internacionalização (...)Ao longo dos anos o português foi incorporando termos das línguas nacionais, criação de um português angolano (...)Existe uma linguagem aportuguesada e característica dos angolanos que tende a consolidar-se como um ramo da lusofonia” (Conceição, 2007: 134 e 135).

⁸⁷ Diz Esperança Cardeira no livro *História do Português* (Caminho, 2006) sobre as línguas autóctones que se unem ao idioma oficial, do surgimento de novas gramáticas, como a norma africana que tem sido consolidada. A escritora compara o futuro deste fenômeno ao que ocorreu com o latim, diferenciado em variadas línguas românicas, e afirma que daqui a um tempo não muito distante o português pode se transformar em Angolano ou Moçambicano, por exemplo, em tais localidades. "Apesar da pressão da norma europeia, as influências vão levando à construção de novas normas, como aconteceu no Brasil".

Nesta questão, um outro dado que se coloca é o de que a própria Internet pode interferir no idioma. Um fenômeno que vem sendo alvo de questionamentos no Brasil é o “internetês”. A lógica é cada vez mais a do *fast-language*. Por ser uma linguagem que compete com o tempo, ou está inteiramente inserida nele, a avidez pela transmissão da informação suprime a mensagem a verdadeiros códigos. Então, o “você” deu lugar ao “vc”, definitivamente, nos meios eletrônicos de mensagem (SMS, e-mails etc), entre os brasileiros, o que se tornou um vício de escrita. Após muita polêmica, a discussão que se chega entre os especialistas é a de que é preciso incorporar também este novo formato de disposição da língua, mas saber aplicá-lo nos devidos espaços, veículos e públicos.

“À chaque révolution, la question que se pose est de la culture nouvelle, apportée par la classe révolutionnaire (...) Une culture se développe en se transfusant les acquisitions nouvelles de l’expérience nouvelle. Elle se féconde au souffle de la science et de la technique.”
(Diop, 1958: 176 - 178).

A citação mostra que a preocupação com cultura e tecnologia é um assunto que tem atravessado décadas, considerando a declaração de Diop já em 1958. Hoje, nas amostras de relacionamento entre o idioma e a tecnologia, é possível verificar uma intensa produção de *sites* e conteúdos em língua portuguesa. A Wikipédia em português registrou em 2007 a marca de mais de 300 mil artigos, de acordo com nota publicada no *Jornal Público*.

Pode-se dizer que a variante brasileira domina o ambiente em língua portuguesa na Internet. Os números comprovam a afirmação ao constatarem o volume de páginas de origem no Brasil, nos *sites* oficiais de registro, nos dois países da Comunidade em que a Internet se encontra mais difundida. *“O uso da língua portuguesa no ciberespaço,*

"Língua oficial, por opção política, de Angola e Moçambique, o português convive com as línguas nacionais: língua veicular, operacional, língua da escola e do governo, o português funciona também como língua de intercâmbio entre falantes de diferentes línguas maternas. A norma é ainda a do português europeu, mas o léxico, a morfologia, a sintaxe, a fonética vão sofrendo modificações resultantes do contato com as línguas nacionais. Assim, o português vai ganhando novos contornos que poderão vir a configurar novas gramáticas africanas". (p.90)

povoado massivamente por conteúdos de língua inglesa, poderá ser encarado de dois modos: como forma de resistência e como modo de aumentar o prestígio internacional” (Mourão, 2000:95).



Gráfico XXI – Registros de sites no Brasil e em Portugal.

O gráfico foi elaborado a partir das tabelas de dados consultadas para esta pesquisa nos sites de registro brasileiro e português: <http://registro.br/estatisticas.html> e https://online.dns.pt/dns/start_dns, respectivamente.

Assim sendo, pela discrepância dos números apontados no Gráfico XXI é possível perceber o volume da presença do português na variante brasileira na Internet e concluir que a língua portuguesa que se fala no Brasil, classificada em Portugal como “brasileiro”, pode se tornar um idioma tecnológico no que diz respeito à produção de conteúdo na rede. Fato que não confere ao Brasil nesta vertente que se propõe em premissa de integração o papel de novo colonizador em doses de etnocentrismo invertido (neste caso, enxergar com os olhos do colonizador). Mas sim o de conciliador entre culturas, fomentador de cooperação, e políticas culturais que possam ser convertidas em benefício social, na sobrevivência da língua portuguesa no mundo através dos tempos, e

direcionamento de seu papel como ponte para sobressaltar os idiomas autóctones enquanto veículo de “babelização”⁸⁸.

“La culture nationale d’un peuple s’exprime dans la langue de ce peuple (...) les grandes masses populaires ne peuvent arriver, en effet, sourtuout en un temps très court à assimiler une langue étrangere même si cette langue est porteuse d’une culture nouvelle supérieure et est considerée acev sympatie. Aussi, toute culture nouvelle expremée dans une autre langue que celle du peuple consideré, reste en grande mesure inaccessible” (Diop : 1958, p. 180). (...) “Les masses populaires de millions d’hommes, ne peuvent venir à bout de cette tâche de développement culturel, politique et économique que dans la langue” (Staine cit. in Diop, 1958 : 180)

O entrecruzamento das línguas, que pode ser feito através da Internet faz pensar na teoria de August Schleicher, que em 1863 publicou a obra *A teoria darwinista e a lingüística*, na qual a análise comparada das línguas abriu caminho para uma relação genealógica entre elas. *“(...) o entendimento da língua como um organismo vivo que nasce, cresce e morre aproximou seu estudo das hipóteses de Darwin de evolução e seleção natural”* (Mateus, 2002: 29).

Muitas línguas se perderam ou foram suplantadas ao longo da história. Por isso, a criação na Internet de campos de representatividade dos idiomas ainda existentes pode ser um

⁸⁸ “Desde Babel – maldição convertida em exaltação – qual o povo que não é, antes de mais, a língua em que a si mesmo se fala e tenta falar com os outros (...) podemos supor que a babelização contém, em potência, outras tantas pátrias futuras” (Lourenço, 2004: 126).

“A torre de Babel: a terra inteira utilizava a mesma língua e as mesmas palavras (...) O senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão construíam. Ah, disse o Senhor, todos eles são um povo só e uma língua só, e é esta a sua primeira obra. Agora, nada do que projetarem fazer lhes será inacessível. Vamos, desçamos e confundamos a língua deles, que não se entendam mais entre si. Dalí o Senhor os dispersou sobre toda a superfície da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Por isso, foi dado a ela o nome de Babel, pois foi ali que o Senhor confundiu a língua de toda a terra. (Gênesis, capítulo 11, versículos 1 a 9).

registro para futuras gerações, em diferentes partes do mundo, terem acesso a línguas que correm o risco de morrer justamente por muitas vezes permanecerem delimitadas à dimensão da oralidade, sem registro escrito. E, exatamente nessas nuances de oralidade que estão pedaços de identidades soltas, realidades locais sobrepujadas pela carência de oportunidade de comunicação e, mais ainda, pela falta de espaços de legitimação.

“Aproximadamente 2.500 línguas indígenas estão em perigo de extinção imediata, alerta o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, PNUMA. Das quase 7.000 línguas existentes no planeta, entre 4.000 e 5.000 estão classificadas como indígenas. O maior número de idiomas é falado em Papua Nova Guiné, onde se distinguem 847 línguas diferentes. A seguir vêm Indonésia, com 655, Nigéria, 376, Índia, 309, Austrália, 261, México, 230, Camarões, 201, Brasil, 185, e Zaire, com 158. Os idiomas mais ameaçados são os falados por menos de mil habitantes. Mais de mil línguas são faladas por entre 101 e mil pessoas. Outras 553 são faladas por apenas cem pessoas ou menos. De acordo com o estudo, 231 línguas já morreram. Alguns observadores calculam que nos próximos cem anos 90% dos idiomas do mundo terão se extinguido ou estarão por se extinguir. A perda de uma língua e de seu contexto cultural representa a queima de um livro de consulta único do mundo natural⁸⁹”.

É importante considerar que a língua portuguesa, que também é mãe, em algumas realidades passa a ser madrasta enquanto mecanismo elitizado. Assim ganha também conotação de repúdio ao sufocar os idiomas nacionais e ser naturalmente excludente na forma em que é utilizada. O povo fica às margens de um processo educacional de ensino do idioma em conformidade com suas realidades locais.

⁸⁹Disponível em:

http://www.eja.org.br/cadernosdeaja/globalizacaoetrabalho/gt_txt5.php?acao3_cod0=0256922cde1c6115c32bf37c4f04d846 [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

“Uma Lusofonia em construção não pode deixar de cuidar da sua identidade. A reflexão, por outro lado, não pode deixar de ter em conta os dados apresentados pelos estudos sociológicos que têm apontado o Português como um dos fatores da exclusão social em alguns países lusófonos (...) Não tenho dúvidas em reconhecer que a Internet é um meio poderoso da estratégia de afirmação de uma Lusofonia multilingue e multicultural (...) o espaço do Português na Internet será o espaço da Lusofonia”⁹⁰.

No âmbito das comemorações dos 10 anos da CPLP foi realizado em Lisboa um encontro ministerial para discutir questões de propriedade industrial e adotar uma estratégia comum de cooperação. A ideia foi definir uma ação concertada na afirmação e valorização da língua portuguesa enquanto língua tecnológica. Organizado pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial em colaboração com a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), o encontro teve como tema "A língua portuguesa enquanto língua de suporte econômico e tecnológico, no âmbito da Sociedade do Conhecimento e da Informação"⁹¹. O referido evento anunciou a criação do Portal da Lusofonia (<http://www.portal-lusofonia.org/>), site que está no ar, mas não faz justiça ao nome, pois não corresponde à complexa dimensão do termo, não traz serviços atualizados, nem acesso claro ao que se pretende, o fórum – que deveria ser a parte interativa – não tem adesão, e desta forma, a página é totalmente inferior ao que deveria e poderia ser.

1.5. Impressões digitais: a extrema-unção pela vertente cultural

“Só o que é inteiramente diferente pode inspirar o amor mais profundo e o mais profundo desejo de aprender”.
Jopseph Needham

⁹⁰ Carlos Castilho Pais. *Pela Lusofonia Multilingüe e multicultural*. Disponível em: http://www.univ-ab.pt/~castilho/pela_lusofonia.htm [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

⁹¹ Disponível em: <http://tek.sapo.pt/4M0/663203.html> [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

Boaventura de Sousa Santos (2006) anuncia uma nova partilha no século XXI na qual cada pedaço do mundo quer um pedaço de África. Parâmetro que não exclui a questão lingüística. Mas, para além das partilhas visíveis, existe ainda um aparato de influências nas entrelinhas, tendo em vista as novas formas de colonialismo que se instauram. Com todo o aglomerado de interesses, assumidos e camuflados, torna-se cada vez mais difícil acompanhar (e evitar) os processos de aculturação, que prosseguem como uma força avassaladora, sobretudo na implantação de projetos económicos que não prevêem impactos culturais. Manuel Castells e Pekka Himanen em 2002 escreveram que se teme que a sociedade da informação seja uma exportação dos valores ocidentais. “A colonização cultural acompanhou a neocolonização técnica e económica” (Lauwe, 1983: 344). A informação é cada vez mais valor de uso e de troca, estratégia de negócio e instrumento de manipulação de idéias. Mas existe um outro lado da prática que precisa ser instigado: o do bom uso do meio. Valendo-se de novas tecnologias, é possível criar mecanismos para os povos de regiões e países menos favorecidos pensarem e produzirem por si próprios, mesmo com toda carga conceitual de padronização que carrega a Internet e do fato de que a integração gera cada vez mais processos de conflito.

“Tudo leva a crer que estejamos perante uma nova partilha de África. A do final do século XIX foi protagonizada pelos países europeus em busca de matérias-primas. A do início do século XXI tem um conjunto de protagonistas mais amplo e ocorre através de relações bilaterais entre países independentes. Para além dos ‘velhos’ países europeus, a partilha inclui agora os EUA, a China, outros países emergentes (Índia, Brasil, Israel, etc.) e mesmo um país africano, a África do Sul. Mas a luta continua a ser por recursos naturais (desta vez, sobretudo petróleo) e continua a ser musculada, com componentes económicos, diplomáticos e militares. Tragicamente, tal como antes, é bem possível que a grande maioria dos povos africanos pouco beneficie da

*exploração escandalosamente lucrativa dos seus recursos*⁹²” (Santos, 2006).

“Mucha gente teme que la sociedad informacional global signifique la exportación de los valores occidentales a todo el mundo. [...] La grande pregunta es como es posible relacionar la sociedad informacional con las diversas idetidades culturales y crear una interacción positiva, y non un conflicto”. (Castells, 2002: 141).

A lusofonia converge (e diverge) para (e de) vários pontos. Neste tópico, entretanto, toma-se como foco o processo que ainda decorre progressivamente em África⁹³ como o mais complexo, pelo próprio universo de identidades culturais que abrange os cinco países de expressão oficialmente portuguesa e pela convergência de interesses mundiais que confluem para um mesmo ponto sem preocupação com os valores intrínsecos dos povos. Pode-se observar claramente esta transformação, que pulsa, nas palavras da escritora Paulina Chiziane sobre a ocidentalização em África: *“andamos para frente e para trás. Eu tenho prazer em ser mulher africana, não podemos nos autocolonizar”*. (Monteiro, 2007: 25).

“Nós já nascemos globalizados. Os povos africanos falam línguas dos ex-colonizadores, acreditam num Deus que não tem nada a ver com as crenças da região e implementaram sistemas políticos criados muito longe deles”. (Fernando Alvim, Diretor da Trienal de Luanda, depoimento em *Revista Visão*, Ed. especial *África, 30 anos depois*, 2005: 44).

⁹² *A partilha da África*, Boaventura de Sousa Santos, 22 de junho de 2007. Disponível em: http://www.lpp-uerj.net/outrobrasil/Artigos_Destaque.asp?Id_Sub_Artigo=245 [Em linha]. [Consultado em 8-11-2008].

⁹³ “Nós, os africanos, devemos abandonar uma atitude apelativa, ficando à espera que outras nos recompensem de injustiças passadas. A energia que costumamos colocar nessa apelação deve ser investida na criação de alternativas e na produção da nossa própria riqueza. Reclamamos que a língua não tem dono e que a lusofonia é de todos nós, mas ficamos à espera sejam Portugal ou o Brasil a tomar a iniciativa. Escusamo-nos na falta de recursos mas nem sempre usamos os primeiros grandes recursos que são a originalidade e a imaginação”. Mia Couto. Disponível em: <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/berwsea0.simples> [Em linha]. [Consultado em 02-2008].

“De acordo com a teoria marxiana, sobre a gênese e os desenvolvimentos do capitalismo, este modo de produção e processo civilizatório nasce transnacional. Desde os seus primórdios, as relações, os processos e as estruturas que o constituem desenvolvem-se no âmbito mundial. A acumulação originária, compreendendo as grandes navegações, os descobrimentos, as conquistas, o mercantilismo, a pirataria, o tráfico de escravos, as diversas formas de trabalho forçado, é um processo que se lança em escala mundial, ainda que polarizado em algumas metrópoles e colônias” (Ianni, 2004: 207).

Os mecanismos de informação sempre foram um dos responsáveis pela propagação de estereótipos. Um dos exemplos do medo do desconhecido e da difusão de estigmas foi o mito do canibalismo, retratado na obra *África: Mãe Negra – Os anos da provação*, de Basil Davidson. De acordo com o autor, *“na relação Europa – África desenvolveu-se uma Comunidade de Lendas”* (Davidson, 1987: 29). Segundo a obra, os rituais de canibalismo não eram uma prática exclusiva dos povos africanos, mas foi Cavazzi quem difundiu idéia contrária em 1687 quando divulgou uma gravura de vários angolanos esquartejando membros humanos e cozinhando-os em uma grelha de ferro. O curioso é que o mesmo Cavazzi, mais tarde, descreveu também o pavor dos escravos de Angola que achavam que os europeus iriam transformá-los em óleo e carvão ou então iriam comê-los.

A perspectiva do mito está intimamente relacionada à informação, seja em suas construções ou nos movimentos inversos. E nos processos que envolvem massificação da transmissão desses dados, a fonte tem papel imprescindível para a veracidade do discurso. *“O mito é o resultado da convergência entre o lugar geométrico da sua limitação recíproca e da confrontação de suas forças; devido a uma necessidade interna, ele é feito de informação, das exigências e dos dados exteriores”* (Caillois, 1980: 20). Assim sendo, a falta de um conhecimento estruturado sobre as comunidades que envolvem a Lusofonia, sem a interferência do dito olhar estrangeiro, implica a propagação de estereótipos. Mitos estagnados no tempo e que estão em construção

constante no processo de desconhecimento das realidades. A cegueira produzida cria um universo fantasioso e impregnado de “achismos”. Por isso, faz-se necessária a busca por novos meios que possam fazer as vidas reais – e não imaginadas ou versadas – saltarem dos universos isolados. “*Significar significa a possibilidade de qualquer tipo de informação ser traduzida numa linguagem diferente*” (Strauss, 1989: 24).

Na obra *O ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995), é possível vislumbrar a cegueira produzida que atinge a todos sem diagnóstico de proveniência e previsão de cura. Ela está dentro de cada um e se manifesta no ato de ignorar, de se fechar para o outro. Na história, de repente, a cegueira se torna real, física, e endêmica. O que Saramago chamou de “cegueira branca”, que faz o homem agir por instintos, seria um termo que poderia ser usado em alusão aos processos de castração ocorridos em África, transferidos às próprias elites africanas que o praticam em mesma perspectiva? A contracapa do livro traz a mensagem “*Se puderes olhar, vê. Se podes ver, repara*”.

⁹⁴ **Cumsada ku fim di es texto, i n’lado di cegura ku kiriadu.** Es texto i skribidu na sec. Crioulo (Guiné-Bissau), i tcholonadu suma ki i s’ta la, sin pui sin tira. Scritus misti

⁹⁴ **Os limites desta escrita são uma zona de cegueira produzida.** Este texto está escrito em Crioulo da Guiné-Bissau, e a tradução nesta nota de pé de página. Seria impossível imaginar compreender a língua de todos os homens, mas eis um exemplo da diversidade deste contexto cultural. Vidas que não têm oportunidade de interagir com o mundo por estarem isoladas e esquecidas. Assim, a cegueira produzida lentamente toma conta de todos.

Mia Couto em *Pensatempos* faz uma desmitificação de África enquanto morada do exótico. Passagem curiosa do livro ilustra claramente esta relação com o continente. Mia conta que em uma conferência foi perguntado sobre o que é ser africano. E devolveu a pergunta: “Então o que é ser europeu?”. E eis que o curioso não soube responder (Couto, 2005: 18). No artigo *O que é africanidade*, publicado na edição especial da revista *EntreLivros*, Kabengele Munanga exemplifica a interpretação simplória e reducionista sobre a África.

“Estamos todos acostumados a ler, até nos textos eruditos, os conceitos relacionados à África no singular. Cultura africana, civilização africana, africanidade no seu emprego singular remetem, sem dúvida, a uma certa unidade, a uma África única. Mas, diante da extraordinária diversidade e complexidade cultural africana, como é possível conceber uma certa unidade?” (Munanga, 2007: 8).

A produção literária feita por autores africanos (cujo papel político sempre foi preponderante, sobretudo em épocas de movimentos de libertação⁹⁴) parece crescer nas amarras de uma visão antropológica do estigma de ser o retrato fiel de uma sociedade, de um sentimento, de um resgate histórico. A amplitude da africanidade está na essência do homem plural, em sua complexa diversidade de existências.

fala, nó ka pudi pensa kuma nó ta n'tindi lingu de tudo djintis, pa bia nó ka djuntu, ma i li també ki ta odjadu exemplo di tudo kussas ku ka djunto, na pensamento di es cultura. Bida di kilis ku ka pudi sinta ku utrus na es mundo, pa e n'tindi kumpanher, pa bia e diskissidu i e fika elis son. Di es manera li, cegura ku kiriadu ta djopoti i toma konta de djintis.

Mia Couto na **Pensatempos** i djuda n'tindi kê ki África, kuma ki i ta n'tindidu suma kasa lundju di djintis ku ka djuntu ku n'utru. M'parti di es libro tcholona limpo pus, es n'tindimentu ku si continente.

Mia fala kuma, otcha ki i puntadu na conferência kê ki el Mia n'tindi di sedu africano. Mia torna elis pergunta: “Kê ku ba nhu n'tindi també di sedu europeu?”. Ma Mia també propi parci i ka sibi rispundi es pergunta (Couto, 2005: 18). Na artigo kê ki i africanundadi, ku publicadu na edição especial di revista **Entrelivros**, Kabengele Munanga tcholona di manera simples kê ki África ku puku kombersa.

Té na librus di djintis ku sibi tchiu, nó kustuma lei pensamentus di África ku ta papia só di n'tchon. Ma pa papia di africanundadi só na n'tchon, i ta bim labanta utru problema di unidade de África. Kuma ku África tudo, ku tené manga di tchon, kada tchon ku si cultura, ta bim pudi djunta i cedu n'son só? (Munanga, 2007: 8).

Tarbadju di lingu ku autores africanos fasi (ku tchiga di cedu kusa garandi dédi tempo di luta, té gossi na politica) pa s'tuda raças di África ku ka djuntu, kuma ki e fitu, kuma ki e bim, é riba trás na storia pa sibi kuma ku raças africanos cedu ba, e djuntal ku kê ki i cedu gossi, pa pudi n'tindi diritu bida di africano na si tchon, si cultura, ku si sintimentus.

Cumsada ku fim di africanundadi, i s'ta na djorson di homi ku djakassi, homi ku gassidja na tudu si bida, manga di culturas ku bim di manga di tchons di África.

(Versão em Crioulo da Guiné-Bissau feita voluntariamente por Amílcar Domingos Rodrigues Santy Fernandes, estudante da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto - Feup).

Entretanto, o mesmo processo de comunicação que veicula estereótipos e elege representações sociais pode ser ainda mecanismo para a criação de representatividades, na composição natural de sua atividade, de registrar e partilhar a informação. A construção das representações é um processo complexo⁹⁵, e comporta como conjunto elementos “*informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, na transmissão de crenças, valores, opiniões, atitudes, imagens etc*” (Jodelet, 1993: 35). Além de legitimadora, “*a representação comporta a marca dos sujeitos que a fabricam (...) daí o seu caráter construtivo, criativo e autônomo*” (Jodelet, 1993: 37).

Boaventura de Sousa Santos nos fala de globalização contra-hegemônica⁹⁶. Para tal, o estímulo a ambientes colaborativos de informação é imprescindível. Valendo-se das idéias de Santos, pode-se dizer que o universo lusófono é um caso ímpar a ser estudado,

⁹⁵ “Os lusófonos são pensados e falados do seguinte modo: Portugal, Brasil e os PALOP. Surgimos como um triângulo com vértices um no Brasil, um em Portugal e um terceiro em África. Ora, os países africanos não são um bloco homogêneo que se possa tratar de modo tão redutor e simplificado. Não se pode conceber como uma única entidade os 5 países africanos que mantêm, entre si, diferenças culturais sensíveis. As nações lusófonas não são um triângulo mas uma constelação em que cada um tem a sua própria individualidade. O respeito pela individualidade, contudo, não nasce de apelos nem de acusações. O respeito conquista-se. Em lugar da retórica política fácil espera-se que sejamos capazes de produzir obra que os outros reconheçam e admirem”. Mia Couto. Disponível em: <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/berwsea0.simples> [Em linha]. [Consultado em 02-2008].

⁹⁶ “Para alguns há uma só globalização, a neoliberal. Para mim, é importante distinguir entre globalização hegemônica, ou de cima para baixo, e globalização contra-hegemônica, ou de baixo para cima. Distinção crucial para entender a resistência cidadã contra a Organização Mundial do Comercio em sua reunião em Seattle, poucos anos atrás. Não vamos dizer que tudo o que ocorreu ali é globalização contra-hegemônica, mas temos que fazer um esforço para ver que estamos presenciando o surgimento de um novíssimo movimento social criado através da Internet, sem líderes carismáticos nem grandes organizações. Esses agrupamentos mobilizaram milhares de cidadãos contra uma reunião da organização mais antidemocrática que temos no mundo hoje: a Organização Mundial do Comercio (OMC). Depois de Seattle, podemos ver que a globalização hegemônica não tem a mesma hegemonia. A idéia é ver se podemos criar uma alternativa contra-hegemônica para a qual eu proponho a produção de novos manifestos. A contra-hegemonia deve ser globalizada, essa é uma globalização um pouco mais difícil.” Disponível em: <http://www.midiaepolitica.unb.br/visualizar.php?id=23&autor=> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

condizente a esta proposta de investigação, pois traz uma complexidade desafiadora ao lutar pelo direito de voz dos povos. *“O respeito pela diferença não pode impedir a comunicação e a cumplicidade que torna possível a luta contra a indiferença (...) As trocas desiguais entre culturas têm sempre acarretado a morte do conhecimento próprio da cultura subordinada”*. (Santos, 2006: 78 e 80).

Mas os processos de interculturalidade demandam um momento certo de realização, ainda de acordo com Boaventura de Sousa Santos, quando diz que *“o tempo do diálogo intercultural não pode ser estabelecido unilateralmente. Pertence a cada comunidade cultural decidir quando está pronta para o diálogo cultural”* (Santos, 2006: 426).

Outro fator importante no sentido da interculturalidade, além do tempo, é o espaço. Ou seja, o não-espaço, da desterritorialidade.

“Uma das características da deslocalização é a nossa inserção em cenários culturais e de informação globalizados (...) O reverso da deslocalização é a recontextualização. Os mecanismos de descontextualização retiram as relações sociais e a troca de informação de contextos espacio-temporais específicos, mas ao mesmo tempo proporcionam novas oportunidades para suas reinserções” (Giddens, 1995: 116 e 117).

A interpretação da Lusofonia como império lingüístico-cultural não cabe nesta proposta. Na Lusofonia Digital, a língua portuguesa faria assim, pela vertente cultural, um caminho inverso ao da aculturação. Seria uma interlíngua, uma intercultura, de caráter didático e fomentador de modernidade aos países que dela necessitam. A extrema-unção pela via da cultura é justamente a nova oportunidade que se apresenta de traçar este percurso, sem ser neocolonialista, com absolvição de um passado que ainda bate à porta e converge para feridas comuns. Estimular a produção cultural nos países e regiões de língua portuguesa, bem como a produção de conhecimento, a reboque, é oxigenar um sistema que não apresenta alternativas. É preciso parar de sangrar.

1.6. Língua portuguesa e tecnologia em perspectiva poética

“*Dae vós favor ao novo atrevimento*” (Camões, 1980: 35). Enquanto no período dos Descobrimientos, iniciado em 1415 com a conquista de Ceuta, a travessia dos mares foi movida pelo ímpeto do comércio e das conquistas territoriais, a transposição do mar real ao tecnológico pode ser feita pela via da cultura com uso da Internet. O novo atrevimento escrito por Camões exorta à constante inovação de pensamento e de ousadia. Na literatura, o movimento se repete. Um exemplo deste encontro dos mares é o Ciberpoema⁹⁷, cujo nome foi dado em Portugal pelo escritor e professor Pedro Barbosa. Do argonauta⁹⁸ ao internauta, navegar ainda é preciso.

O capítulo terminado abriu espaço para pensar em vertente poética os temas tratados sob o ponto de vista da Língua Portuguesa e Tecnologia. Na seqüência que decorre, cinco poemas (elaborados para esta tese) versam os textos expostos, sobre os fundamentos para uma Lusofonia Digital, e sugerem algumas reflexões. O primeiro, Impressões Digitais, aborda diretamente a necessidade de estímulo à produção de conteúdos e preservação da Língua Portuguesa em ambiente digital. O segundo, ID da Língua Portuguesa, fala dos vocabulários digitais que sobrecarregam a língua, e defende uma certa atenção em torno disso. O terceiro, Pedido Tecnocultural, exemplifica um aspecto da cultura dos países e regiões lusófonas, a culinária, para mostrar a riqueza e os encontros que podem ser promovidos na rede. O quarto, Lusofonia Digital, fala da mistura de sentimentos que existe em torno do tema Lusofonia e da necessidade do perdão de mágoas do passado para seguir adiante, e transmite a possibilidade de realizar o entrecruzamento e a criação de uma comunidade virtual, tendo a cultura como resgate e alternativa de inserção social. O quinto, Transposição dos Mares, fala da relação literária entre Portugal e Brasil e como isso pode ser fomentado com a tecnologia que transformou o mar real em digital. A montagem dos poemas foi pensada de maneira lúdica, com uso de rimas, jogos de palavras e contextualizações.

⁹⁷ Cfr. **Anexo VI** – *Ciberpoema une língua portuguesa e tecnologia*, página 160.

⁹⁸ Os argonautas foram, na Mitologia, os tripulantes da nau Argos (Camões, 1980: 142)

Impressões digitais

Coloquei minha língua no scanner
Para criar meu verbo digital
Zipei num e-mail
Comprimi a memória visual
Transmiti feito vírus
Meu pensamento sem palavras

Ninguém entendeu
A língua morta
Desarticulada
Músculo imóvel
Sem dor

Do sistema nervoso central
Ao computador
Tecnologia sem letra
É escrita em papel e caneta

Da minha língua
Vejo o mar tecnológico
Desdobrada em fios
Eletrodos e sílabas navegantes

ID da língua portuguesa

Do átomo ao átomo
A diferença é quase uma letra
Entre a verborragia e a hemorragia
Meu verso é sangue
Já dizia Bandeira
Glória à metáfora perfeita

Silenciaram minha verbosidade
Num sepulcro de expressões
Deletaram minha fala
Deu pane no sistema da escrita

É banda larga, backbone
Fibra ótica, microfone
Internet, Intranet
Cookie, servidor,
Frame, transmissor

Memorize a palavra-passe
Limpe o cache
Pague em cash
Salve o código
Lingüístico

Pedido tecnocultural

Num site de gastronomia
Encontrei o cardápio do dia:
Cultura de massa
Antes, porém, um sopa de letrinhas

Na seção Lusofonia
Abriu-se a navegação
De Angola a Timor
O cheiro, o odor
De rica opção

Caruru, pululu
Muzongué, feijoada
Xerém, bacalhoadada
Chamuça, xarrete
Bagique, omelete
Cuscuz, Lacassá,
Matapá, vatapá
Pataniscas, pão de mel
Melado, sarapatel
Sooa, abacate
Cocido, Sassate

De metáfora sobremesa
Uma baba de camelo
Por gentileza

Lusofonia Digital

Lá está a lusofonia
No ponto da encruzilhada
Amor, repulsa e desconhecido
No hiperlink esquizofrênico
Que liga todos os caminhos
Até lugar nenhum

Em seu traço descontínuo
Vocação para o virtual
Nem ecos ou fronteiras
Tato para o intangível
Pós-moderna, mítica, neocolonial

Está no batuque do fado
No acorde do samba
No polirritmo africano
No tebe de Timor
No Goa Trance indiano

Autóctone
Aborígene
Indígena
Silvícola

Quem sabe assim a língua portuguesa
Refaça este percurso
Devolva as almas
O valor, a leveza
As vozes do intrínseco

Transposição dos mares

Viva a humildade da oração subordinada
A destreza da sentença coordenada

Do oceano real ao digital
A sintaxe eletrônica se apropria de nós

O futuro gramatical no pretérito-defunto
Nos escombros do ditado enferrujado

Da cibersucata ao lixo eletrônico
Respira um verbo resignado

O mar de Vergílio
A pátria de Pessoa
A epopéia de Camões

Fizeram a travessia e encontraram

As memórias de Machado
As sete faces de Drummond
Os sonetos de Moraes

Viva a língua portuguesa
Ora mãe e madrasta

O sal fecha a ferida
As águas lavam as mágoas

Poemas de autoria de Patrisia Ciancio

Porto, Janeiro 2008

II Capítulo – O terceiro setor e as políticas públicas nas oportunidades de inserção em projetos online

2.1 Uma visão dos projetos de Internet de utilidade para a Lusofonia Digital

“Os movimentos sociais têm sido uma base importante de resistência ao neoliberalismo, mas não têm gerado alternativas políticas. Não pode subestimar o Estado, governo, até porque o neoliberalismo é uma política basicamente de exclusão de direitos. E o que a gente quer é a afirmação universal de direitos. Isso se dá em função da universalização do Estado, que dá direito à saúde, à educação, democracia nos meios de comunicação”.
Emir Sader⁹⁹

Este tópico visa a ser uma visão prévia ao estudo de caso a ser analisado no item seguinte. Cita alternativas de projetos (terceiro setor, governos, entre outros) que podem ser aproveitadas nos países e regiões lusófonas. Tais ações são experiências feitas nos próprios países membros mais desenvolvidos na questão tecnológica, e que podem ser replicadas em zonas de maior carência. O apanhado de projetos foi feito com base em pesquisas nos portais www.rits.org.br, <http://www.cgi.br/>, www.oppi.org.br, respectivamente: Rede de Informações para o Terceiro Setor (Rits), Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) e Observatório de Políticas Públicas de Infoinclusão (Oppi), além de buscas por notícias afins veiculadas em jornais, revistas e meios online. De acordo com os quesitos viabilidade, impacto econômico e social, e adaptabilidade, foram escolhidos dez projetos para exemplificar formas de inserção neste espaço. Com vista à Lusofonia Digital, as iniciativas de transferência tecnológica urgem pelo fomento à educação com a possibilidade de formação de quadros via ensino à distância¹⁰⁰ (a I Universidade Virtual Lusófona¹⁰¹ poderia ser criada a exemplo da Universidade Virtual

⁹⁹ Disponível em: <http://www.fazendomedia.com/fm0024/entrevista0024.htm> [Em linha]. [Consultada em 02-2008].

¹⁰⁰ “Dirigentes de instituições de ensino e pesquisa de países de língua portuguesa se tornaram parceiros para criar uma rede de educação a distância. A parceria foi fechada entre 3 e 6 de setembro, durante a 22ª Conferência Mundial de Educação a Distância, realizada no Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18969.shtml> [Em linha]. [Consultada em 02-2008].

¹⁰¹ “Um dos objectivos consignados no documento de orientação estratégica para a AULP (Associação das Universidades em Língua Portuguesa), denominado Repensar a AULP, consiste na dinamização de uma

Ibero-Americana¹⁰²), além da criação de canais de comunicação, comunidades virtuais, movimentos em rede de combate à corrupção, transparência de governos (e-governo¹⁰³), prestação de serviços online etc.

Computadores a energia solar - “Computadores movidos a energia solar é um sonho antigo da equipa de Júlio Santos, responsável pelo Gabinete de Estudos para a Educação e o Desenvolvimento (GEED), da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. (...) Em Angola a parceria fez-se com um centro de formação, na província de Malange, gerido pela organização Acção, Desenvolvimento Rural e Ambiente. Em Cabo Verde, na Ilha de Santiago, foi com uma delegação governamental de educação do conselho de Santa Catarina. Na Guiné-Bissau, a ponte é com o Instituto da Juventude. Agora criou-se um protótipo de um centro de Internet, cujo funcionamento é assegurado por painéis solares. É um sistema que permitirá levar Internet à África, e de forma sustentável”. (*Revista Visão, A nova África*, edição especial, Dezembro 2007, página 31).

Novo cabo submarino unirá Brasil e África - “O governo da África do Sul planeja construir um novo cabo submarino de US\$ 700 milhões no oeste da África. O objetivo é melhorar a capacidade de transmissão rápida de dados e reduzir as tarifas de Internet no continente”. (<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/072007/31072007-21.shl>).

Plurall - “O Plurall, desenvolvido pela Movimentos em rede e a Coordenação Central de Projetos de Desenvolvimento da PUC-Rio, com o apoio de IBM e Cisco, é uma solução

"Universidade Virtual", conceito abrangente, utilizável em todo o espaço lusófono”. Disponível em: http://www.aulp.org/proj_uvlp.html [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

¹⁰³ “Funções do e-governo: prestação eletrônica de informações e serviços; regulamentação das redes de informação; prestação de contas públicas, transparência e monitoramento da execução orçamentária; ensino à distância, alfabetização digital e manutenção de bibliotecas virtuais; difusão cultural com ênfase nas identidades locais, fomento e preservação das culturas locais; e-procurement, isto é, aquisição de bens e serviços por meio da Internet, como licitações públicas eletrônicas, pregões eletrônicos, cartões de compras governamentais, bolsas de compras públicas virtuais e outros tipos de mercados digitais para bens adquiridos pelo governo; estímulo aos e-negócios, através da criação de ambientes de transações seguras, especialmente para pequenas e médias empresas”. (*Revista BNDES*, RJ, V. 8, n. 15, pp. 21-64, Jun. 2001)

terminais-servidor (*thin client*), desenvolvida em código aberto, que possibilita a montagem de redes locais de informática a partir de um servidor e de computadores antigos, sem disco rígido, reutilizados como terminais. Na prática, viabiliza uma infraestrutura de informática produtiva, que pode ser criada e mantida por pessoas com um conhecimento básico de redes e informática em geral”. (www.plurall.net)

Telecentros Comunitários – “A experiência em São Paulo beneficiou cerca de 1,3 milhão de usuários e criou 79 novas unidades em 2007. Capacitação profissional, redução no índice de analfabetismo digital, diminuição nas diferenças sociais e incentivo ao processo educacional. Esses são alguns dos objetivos que os Telecentros, através da inclusão digital, oferecem e disponibilizam aos munícipes da cidade de São Paulo, para viabilizar o acesso das comunidades carentes à cultura, esporte, lazer e novas tecnologias”. Dentro desta filosofia, vale ressaltar a atuação do Sampa.org, que articulou uma Rede Pública de Comunicação e Informação.

(<http://www.telecentros.sp.gov.br/institucional/imprensa/releases/index.php?p=4772>)

Internet em aldeias indígenas - “Projeto entre a provedora de acesso à Internet via satélite, Star One, e o Comitê para Democratização da Informática (CDI) implantou PCs e notebooks em ocas indígenas”.

(<http://idgnow.uol.com.br/internet/2003/09/16/idgnoticia.2006-05-07.0280638212>)

GESAC - “O programa GESAC – Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão, do Governo Federal, tem como meta disponibilizar acesso à Internet e mais um conjunto de outros serviços de inclusão digital à comunidades excluídas do acesso e dos serviços vinculados à rede mundial de computadores”.

(www.idbrasil.gov.br/menu_interno/docs_prog_gesac/institucional/oqueegesac.html)

Movimentos em rede – portal de combate à corrupção - “Criada com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentado e integrado da cidade de Ribeirão Bonito, a Amarribo deparou-se com um mal crônico que inviabilizava a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos: a corrupção. As denúncias de que o Prefeito e vereadores estavam

envolvidos em esquema de fraudes e superfaturamento foram comprovadas. A mobilização popular uniu 1,2 mil cidadãos e culminou com a cassação do prefeito”. (<http://www.emrede.org/drupal-50/portal-de-combate-corrup-o>)

Fundação Pensamento Digital - “Mobilização de voluntários, empresas e universidades para promoção de projetos educacionais através do uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Mobiliza uma rede de parceiros para promover a utilização de computadores e Internet em comunidades de baixa renda, potencializando as ações de desenvolvimento das organizações comunitárias e estimulando a aprendizagem continuada de suas equipes e beneficiados”. Projetos: Rede de Cooperação Digital, Projeto Cidadão Digital, Telecentro de Formação, Sinergia Digital, Projeto UCA - Um Computador por Aluno. (<http://www.pensamentodigital.org.br/>)

ProInfo - “Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo), da Secretaria de Educação a Distância (Seed/MEC). Com ele, o Ministério da Educação levou cerca de 16 mil laboratórios de informática a escolas de todo o País. A meta do ProInfo é informatizar todas as escolas da quinta à oitava série e de ensino médio até 2010”. (<http://www.proinfo.mec.gov.br/>)

Metareciclagem - “O processo de MetaReciclagem assenta em dois eixos: criação de centros de MetaReciclagem, esporos descentralizados de logística distribuída; pesquisa e desenvolvimento de alternativas tecnológicas livres; e criação de ConecTAZes, laboratórios temporários ou permanentes de tecnologia metareciclada. (http://philipe.files.wordpress.com/2007/09/metareciclagem_pt.pdf)

A já proposta rede de pontos focais de comunicação poderia ser iniciada com as Casas da Lusofonia¹⁰⁴. Um trabalho a ser feito seria um banco de dados de boas práticas com projetos e experiências que podem ser replicados no espaço lusófono. O banco seria formatado por cadastro de fichas técnicas das propostas, com descritivo das iniciativas e outros dados, que podem ser entrecruzados, conforme exemplo abaixo. Uma base de acesso comum aberta para trocar esclarecimento de dúvidas, que pode prever ainda um *workflow* para acompanhamento de atividades em comum.

Proposta de ficha técnica para cadastro na criação do banco de dados:

BANCO DE DADOS

Projeto: Lusofonia Digital

Contatos dos realizadores: X (Brasil), Y (Angola), Z (STP)

Status: conceitual

Descritivo: tese de mestrado que sugere a criação de comunidades virtuais no espaço lusófono bem como uma rede de serviços para interação dos povos.

Investimento e recursos (documentação comprovativa anexada)

Detalhamento (link para a tese propriamente dita ou resumos)

Parceiros: W, K

Fórum

Projetos relacionados: M, N e aderido por S, C, A.

Workflow

Fotos, vídeos e podcasts

Resultados (parciais e previstos)

Figura II: Acervo de boas práticas.

¹⁰⁴ “As Casas da Lusofonia são centros de cidadania intercultural para formação de uma rede de circulação de manifestações dos povos do espaço lusófono”. (Cfr. **Anexo III** – *Rio terá sua Casa da Lusofonia*, página 157).

2.2. *Oi Futuro*: um estudo de caso em Moçambique

Estudo de Caso: *Oi Futuro* – Projeto Moçambique Entrevista não-estruturada - Método Qualitativo

Objeto de estudo: Projeto Tonomundo, empresa *Oi Futuro* (Brasil) – Página institucional: <http://www.oifuturo.org.br/>.

Objetivos:

Geral - avaliar as possibilidades reais no contexto virtual mostrando uma experiência prática de transferência de tecnologia e estímulo ao saber, no espaço lusófono, tendo como intermediária a língua portuguesa. **Específico** - falar da ação da *Oi Futuro*, especificamente o projeto Tonomundo, transformado em políticas públicas no Brasil e tem em Moçambique seu projeto-piloto para África. Mostrar uma iniciativa prática nos domínios da Internet, Educação, Tecnologia verificando as dificuldades e os desafios de um projeto deste porte. O projeto em questão tem total afinidade com a proposta desta tese que se apresenta, por constituir uma iniciativa que pode exemplificar o potencial de realizações no caminho para uma Lusofonia Digital.

Descritivo da empresa: a *Oi Futuro* é o braço social da empresa brasileira de telefonia Oi Telecom (www.oi.com.br). O instituto tem como missão desenvolver, apoiar e reconhecer ações educacionais e culturais que promovam o desenvolvimento humano, utilizando tecnologia de comunicação e informação. A visão da organização é ser percebida como importante agente de transformação social com parcerias interessantes, atitudes inovadoras e efetivas. Valores: solidariedade, ética e inovação. (Cfr. release institucional no **Anexo XI**, página 175).

Antecedentes e justificativas: a *Oi Futuro* lançou na mídia o projeto e, tendo conhecimento da ação, foi feito contato com a assessoria de imprensa da entidade, que forneceu release e possibilitou a entrevista a ser analisada para estudo de caso. O projeto Tonomundo em Moçambique tem inteira afinidade com a criação de uma Lusofonia

Digital, sendo uma iniciativa que evidencia os canais no âmbito da Comunicação, Internet, Relações Internacionais, Políticas Públicas e Espaço Lusófono.

Metodologia: entrevista feita por e-mail, análise das respostas. Questionário de perguntas abertas, estudo qualitativo.

Crítérios estabelecidos: foram elaboradas perguntas que pudessem se enquadrar com os propósitos desta tese, de mostrar a viabilidade de iniciativas dentro do escopo da lusofonia e Internet. As questões foram pensadas a fim de avaliar a parte prática da ação, entraves e desafios de implementação, além de situar o contexto do país em questão, Moçambique. Carrega em si uma tentativa também de investigar o aspecto teórico da ação, além das capacidades e potencialidades reais.

Validade do estudo: o estudo encontra-se validado pela existência do projeto Tonomundo em Moçambique e seu enquadramento total na proposta em questão, sobretudo após as experiências consolidadas no Brasil. Trata-se de uma ação real, realizada por uma organização que tem desenvolvido trabalhos no âmbito da responsabilidade social e tem como premissa a transformação social em projetos de tecnologia da informação.

Necessidade do estudo: a proposta de uma Lusofonia Digital encontra-se no modelo teórico desta tese. Assim sendo, o referido projeto da *Oi Futuro* constitui uma iniciativa atual, real, que comprova a eficácia do debate aqui levantado com este estudo de mestrado. E abre caminho para novas investigações, pois vislumbra uma nova área nos meandros da comunicação online, políticas públicas, educação, de maneira multidisciplinar.

Observações: entrevista feita por correio eletrônico. **Questionário de perguntas e respostas, na íntegra, no Anexo VIII**, página 164. Perguntas enviadas por e-mail ao coordenador do Projeto Tonomundo – *Oi Futuro*, André Luiz Jesus do Couto, em novembro de 2007 e respostas recebidas em março de 2008.

Análise da ação

A experiência do Tonomundo demarca um plano prático de medidas tomado como exemplo para estudo de caso nesta tese em que se propõe a construção de um caminho digital para a lusofonia. O trabalho aqui descrito constitui uma das oportunidades para que a lusofonia possa se tornar funcional no âmbito da Educação, da cooperação na transferência de recursos, da Cultura, da criação de espaços de sociabilidade, do intercâmbio de povos e da geração de perspectivas. Também constata as potencialidades do Brasil como parceiro/fomentador de ações que comprovadamente evidenciaram resultados concretos em território nacional, e podem ser empregadas nos países da CPLP e em regiões onde a comunidade lusófona tenha penetração, com a adequada inserção nos domínios culturais de cada povo.

Através da experiência relatada pelo especialista da *Oi Futuro* entrevistado para esta pesquisa, André Couto, pode-se entender as dificuldades de implementação de um projeto deste porte, no sentido mais prático. Mas também é possível averiguar que há viabilidade na construção de um caminho digital para as inúmeras lusofonias existentes, e ainda perceber o quanto o Brasil pode ser importante nesta fase de cooperação no sentido de transferência tecnológica, bem como na criação de novos canais de comunicação para com esses povos irmãos. Em países e regiões onde a fome e a miséria estão na ordem do dia, projetos desta natureza podem contribuir para o desenvolvimento humano com aproveitamento de riqueza cultural, espelho de nós mesmos.

O maior desafio enfrentado nesta ação, que ainda se encontra em seus passos iniciais em Moçambique, tem sido a criação de uma infra-estrutura tecnológica. Processo definido na análise de Couto como uma intervenção externa para pavimentar as iniciativas no segmento da Educação. Assim, faz-se imprescindível uma alimentação constante de projetos que possam fomentar o desenvolvimento de bases nessas áreas de extrema carência. Iniciativa que deve ser sempre acompanhada do fator educativo como premissa básica, o que fará com que os cidadãos possam aos poucos sair, de maneira relativa, do isolamento ao qual a história os remeteu.

“Uma das premissas do Tonomundo, quando foi implementado no Brasil em 2000, foi lidar justamente com a ausência de estrutura tecnológica”. O Brasil, por ser um país de múltiplas realidades e abrigar diversos cenários, também engloba áreas remotas, de populações desprovidas de quaisquer recursos. Locais onde a tecnologia levaria muito tempo para se fazer útil não fossem os projetos de socialização e democratização dos meios que têm sido realizados, sobretudo por entidades alternativas, leia-se não-oficiais. Couto relata ainda que com a intervenção em injeção de infra-estrutura para levar a tecnologia a tais localidades, há um salto de oito anos no processo, que estaria praticamente estagnado se pensarmos na transferência espontânea de recursos centro-periferia. Espera que amplia cada vez mais o fosso digital e exclui as populações do ritmo em que o mundo global se encontra.

A diversificação de áreas e realidades nos diversos Brasis fez com que o projeto se tornasse menos experimental nesta fase de internacionalização, e ganhasse um modelo de atuação e uma filosofia que, em termos de implementação, tem sido a mesma para o projeto-piloto em Moçambique. *“É um processo de intervenção para com isso forçar um processo de desenvolvimento”.* A parte conceitual demanda toda uma contextualização cultural e um estudo da comunidade a ser trabalhada, principalmente no que diz respeito às línguas nacionais. Na perspectiva de Couto, o fator idioma não tem sido um entrave até o momento, mas um ganho em qualidade em favor do multiculturalismo. No entanto, leva-se em consideração que o projeto está sendo implementado em Maputo, área que apresenta alguma base de tecnologia e onde o português tem uso mais difundido, comparativamente a outras regiões mais longínquas do país. *“Não estamos vendo a profusão de línguas nacionais como obstáculo, mas como uma possibilidade incrível de compreendermos (nós e eles) a riqueza que advém dessas línguas e as histórias embutidas em cada uma delas (...) Tudo indica que caminhamos no sentido de um amálgama de línguas e expressões”.*

O projeto da *Oi Futuro* apresenta uma filosofia que prima pelo discurso da multiculturalidade, fazendo-se atual na valorização da diversidade. Essa dimensão não coloca a língua portuguesa como questão de soberania de um bloco de falantes (tendo em vista o caráter elitista em que o português se insere fora de Brasil e Portugal), mas de um

veículo de aproximação entre os povos que dela podem necessitar para entrarem em um processo de integração ao universo globalizado sem mutilação das origens. Ou o contrário, ressaltando as culturas autóctones, caminho contrário dos Descobrimentos. Couto descreveu o exemplo do trabalho no Brasil com as populações indígenas, que pode ser também um parâmetro de como irá funcionar a ação em Moçambique, ou em outros países e áreas lusófonas. *“No Brasil, em São Gabriel da Cachoeira (AM), existe uma escola localizada no alto Rio Negro que participa do Tonomundo. Lá também existem 23 etnias indígenas e isso sempre foi utilizado a favor da integração e não como um processo de exclusão. Vamos tentar fazer isso também em MZ. A multiculturalidade deve ser vista como riqueza, antes de mais nada”*.

André Couto enxerga no Brasil uma posição estratégica no âmbito da lusofonia, ainda que não exista uma política cultural consolidada nesse sentido. *“Se não existe uma política cultural oficial, temos visto uma melhora qualitativa da relação entre os países de língua portuguesa. E o Brasil tem, sim, uma liderança numérica significativa”*. O especialista menciona a exportação cultural em massa que o Brasil tem promovido (novelas, música etc) ao longo dos anos. Mas é preciso refletir ainda quanto ao fato deste “diálogo” se fazer basicamente por vias de empresas privadas e lidar com a imagem do país. Assim sendo, incita o questionamento de como o Brasil se apodera dessa liderança no aspecto cultural, ainda sem consciência ou interesse.

Uma característica da proposta que se faz em Moçambique é o incentivo ao conhecimento das relações afro-brasileiras e o investimento na formação de professores. Desta forma, é criado um mecanismo de capacitação de pessoas para que se transformem em pólos irradiadores de cultura. Isso torna o projeto também auto-sustentável no sentido de que a transmissão do conhecimento é dinâmica e contínua. Neste caso, por conta de ser um projeto-piloto, ainda se encontra no escopo de bilateralidade. Mas pode alcançar os demais Estados membros e regiões e vir a ser multilateral, ao que tudo indica. Para aportar nesta transnacionalidade ou transculturalidade, a CPLP seria o órgão mais adequado para alargamento da ação.

No espaço lusófono o projeto realizado pela *Oi Futuro*, interface social da empresa Oi de telefonia, gera também boa visibilidade para a organização (e, por conseguinte, uma associação com o Brasil) em seu intuito de internacionalização unindo o conceito à prática da responsabilidade social. E também pode render à companhia o início de uma penetração estratégica em África, para aonde os olhos do mundo se movimentam na nova partilha já citada, descrita por Boaventura Santos, desta vez praticada por multinacionais e outros atores como os próprios países emergentes (e isso inclui o Brasil¹⁰⁵). O contexto lembra frase proferida pelo professor da Universidade de Coimbra Pedro Dias durante o *I Congresso Internacional da Lusofonia*, ocorrido em Lisboa em fevereiro de 2007: “*o Brasil tem empresas para entrar em África, não precisa do português de Camões*¹⁰⁶”. A sentença pode assumir um bom contraponto para refletir a ação das empresas (sobretudo lusófonas) em África e servir de base para questionar a instrumentalização do discurso da lusofonia. Por isso é importante ter como premissa nesta relação a análise dos ganhos que podem ser promovidos para as populações que deste tipo de investimento podem se beneficiar, mesmo tendo a ciência dos interesses empresariais. E já que a interferência se faz diretamente nas sociedades civis, uma maneira de administrar a condução da atividade seria promover também um acompanhamento evolutivo para medir os impactos da ação no cotidiano das pessoas.

Sob o prisma da teoria das Relações Internacionais (RI), este estudo de caso mostra que os atores se confundem e a cooperação entre os países não se faz nos domínios formais entre governos, ainda que o Tonomundo tenha se tornado políticas públicas no Brasil e seja abraçado como tal no país africano. No plano da teoria das Relações Internacionais, pode-se situar a prática em questão no âmbito transnacionalista, que engloba em seu conceito a multiplicação ou pluralização dos atores e, por conseguinte, dissolução do papel do Estado como poder central. Ambiente em que as relações entre as sociedades assumem mais importância que aquelas entre os países, em contraponto à corrente do

¹⁰⁵ No entanto, em fevereiro de 2007 o presidente Lula afirmou que o Brasil não é um país imperialista, segundo matéria da Agência Brasil com título *Ao lado de Evo Morales, Lula diz que Brasil não é imperialista*. (15 de fevereiro de 2007).

¹⁰⁶ Cfr. **Anexo I**, *Brasil ainda não é lusófono*, página 154.

Realismo¹⁰⁷. Neste caso, se constrói uma relação entre países feita por um lado (brasileiro) por uma ONG derivada de uma empresa de telefonia, que tem como parceiro o Ministério da Educação de Moçambique.

Pode-se projetar ainda o referido estudo de caso para a corrente do Construtivismo, recente nas RI, datada de 1989, quando Nicholas Onuf publica o livro *World of Our Making – Rules and Rule in Social Theory and International Relations*. Na entrevista Couto menciona o instituto *Oi Futuro* como um agente de mudança. O termo é o mesmo usado por Nogueira e Messari no livro *Teoria das Relações Internacionais – correntes e debates* ao destacarem a premissa básica do Construtivismo: “vivemos em um mundo que construímos, no qual somos os principais protagonistas, e que é produto de nossas escolhas. Este mundo em permanente construção é construído pelo que os construtivistas chamam de agentes”. (Nogueira e Messari, 2005: 162)

No terreno da África lusófona, Moçambique constitui um mercado em potencial no segmento de telefonia, sobretudo após a medida do governo de criar o Programa de Acesso Universal, com intuito de promover o acesso a todos os cidadãos moçambicanos aos Serviços de Telecomunicações incluindo Internet. Dados de apresentação feita em 2006 pelo Instituto Nacional das Comunicações de Moçambique (INCM) indicam que¹⁰⁸:

- (1) 69% da População Moçambicana vive nas zonas rurais, sendo algumas delas remotas e de difícil acesso.
- (2) O acesso à Internet é insignificante e constitui um elemento fundamental para o crescimento e participação do país na economia baseada na sociedade de informação.
- (3) Para responder a estas necessidades e cumprindo com sua responsabilidade, o Governo de Moçambique decidiu desenvolver e implementar o Acesso Universal para os serviços de telecomunicações.

¹⁰⁷ “Na visão dos realistas, o Estado é o ator central das relações internacionais. O que se estuda na disciplina são as relações entre um tipo específico de ator: o Estado. Ele teria duas funções práticas: manter a paz dentro de suas fronteiras e a segurança de seus cidadãos em relação a agressões externas”. (Nogueira e Messari, 2005: 24)

¹⁰⁸ Rego, Luís. *Sociedade em Rede, regulação – Experiência de Moçambique na Abordagem sobre o Acesso Universal*. Disponível em: <http://www.aicep.pt/media/pdf/LUIS%20REGO.ppt> [Em linha]. [Consultado em 04.2008]

Outras informações relevantes presentes neste estudo no contexto de expansão dos serviços no setor são o avanço no número de telefones públicos e cabines de 2001 para 2003, que saltou de 888 para 4.903, segundo dados de 2004 da TDM (Telecomunicações de Moçambique: www.tdm.mz). No mesmo ano, a Unidade Técnica de Implementação da Política de Informática (UTICT) em Moçambique registrou presença de 18 provedores de Internet no país e 350 mil utilizadores. A seguir, penetração dos serviços de telefonia em Moçambique até 2005:

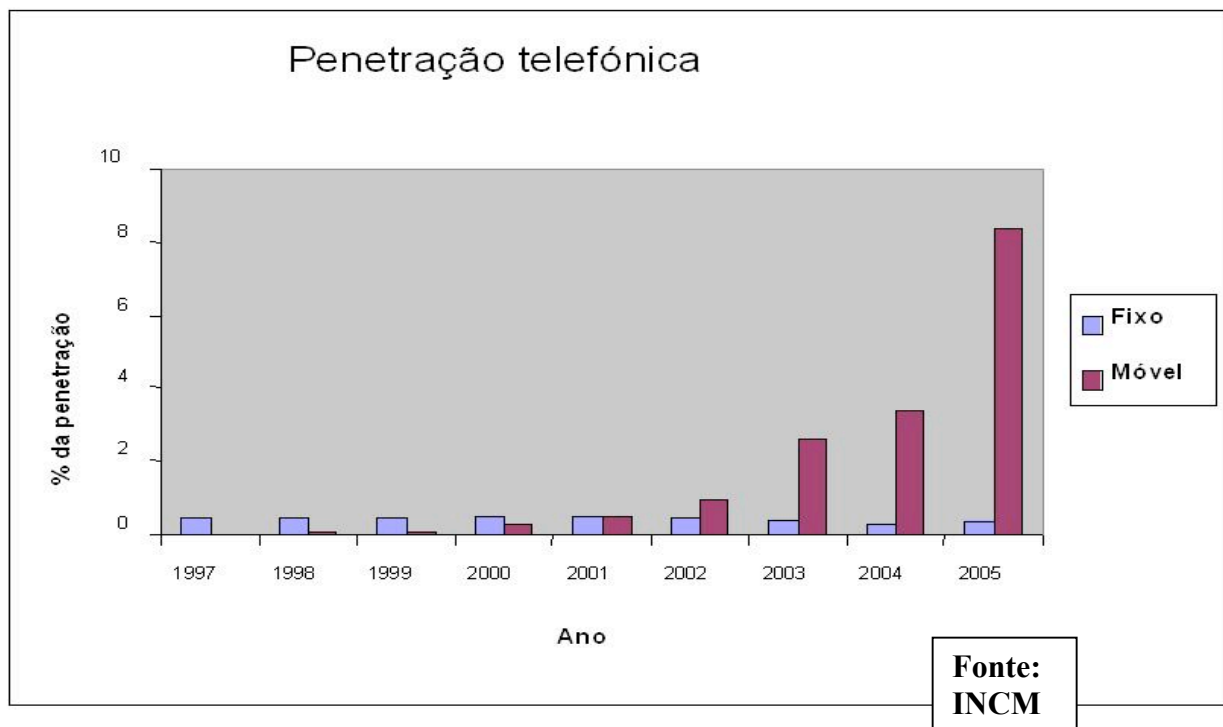


Figura III – Gráfico retirado de estudo da INCM sobre penetração telefônica em Moçambique (Rego, 2005).

De acordo com a assessoria de imprensa da Oi, a empresa ainda não tem atuação comercial efetiva em Moçambique. Nota enviada pela comunicação corporativa para este estudo relata que “a empresa está tentando primeiramente formar uma plataforma brasileira de telecomunicações com atuação em todo o país, com a negociação da compra da Brasil Telecom que atua nas regiões Centro-Oeste e Sul. Hoje a Oi está em 16 estados no Sudeste e no Nordeste do Brasil. A formação de uma plataforma internacional, com

atuação em outros países, seria um segundo passo se essa consolidação interna realmente se concretizar”¹⁰⁹.

Confirma o intuito a declaração do presidente da Oi, Luiz Eduardo Falco, divulgada no já registrado release: “o convênio com Moçambique é importante neste momento histórico em que estamos tentando fazer uma plataforma brasileira e, depois, uma plataforma internacional”. Segundo o empresário, *"no mundo, há 300 milhões (sic 230 milhões) de pessoas que falam a língua portuguesa e este é um mercado para produtores e distribuidores de conteúdo nas suas diversas formas. Se pudermos trabalhar na cadeia de acessos e distribuição em vários países, para nós, faz todo o sentido do mundo"*.

A atuação em Moçambique também se faz estratégica pela diversificação do país em arranjos internacionais. Para além de membro da União Africana (UA) e da Commonwealth, Moçambique participa da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral - SADC - e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Isto é, além de mercado consumidor em potencial, Moçambique é um país no qual uma atuação bem-sucedida também pode multiplicar a visibilidade da empresa com a penetração do país africano em entidades internacionais. Somente a Commonwealth relaciona 53 Estados membros, por exemplo, entre as outras organizações que compõem um vasto “não-território” a ser trabalhado.

Em retomada às declarações de Couto, o coordenador do Tonomundo diz que: “quanto ao *Oi Futuro*, nosso interesse é o de criar canais e investimentos em pesquisas que possam beneficiar a educação em ambos os países”. O projeto ressalta a importância das comunidades virtuais, posto que desta forma se torna imprescindível para este trabalho que igualmente crê nas potencialidades deste elo. O especialista toca exatamente nesta questão em termos de viabilidade de meios relacionada aos custos, grande problemática do bloco lusófono, que em seu contexto apresenta uma gama de países desfavorecidos. *“O Tonomundo só está chegando a Moçambique porque é estruturado a partir de uma comunidade virtual de aprendizagem. De outra forma, os custos inviabilizariam o desenvolvimento do programa”*.

¹⁰⁹ Cfr. **Anexo XI** – Release divulgado pela empresa Oi Futuro, página 175.

O projeto ainda não apresenta dados reais, até o momento da entrevista. Mas os antecedentes indicam que tem o potencial de beneficiar populações em África, bem como nos demais domínios lusófonos, se pautado no conhecimento e respeito às realidades locais. Existe também uma preocupação com o planejamento caso siga adiante em demais Estados. Ao vigorar a premissa do aspecto cultural, do respeito às origens, o projeto evidenciará também em Moçambique, e nas regiões que alcançar, que responsabilidade social não constitui filantropia¹¹⁰, mas sim uma maneira de atuar com consciência na transformação da sociedade, com transparência, sendo agente de promoção do bem-estar, em sua instância mais essencial. E ainda, constitui um investimento na relação com as comunidades, base para um olhar mais apurado sobre as necessidades do outro.

“Empresas que doam recursos financeiros, humanos, técnicos, gerenciais ou em espécie – e fazem isso de maneira planejada e monitorada – estão investindo não apenas na comunidade, mas no próprio negócio. Suas ações agregam valor à sua marca, seus produtos e serviços. Há evidências de que as empresas socialmente responsáveis possuem um grau mais elevado de maturidade, refletindo em sua lucratividade, imagem, custos, relacionamento com clientes, entre outros aspectos”. (Duprat, 2005: 27).

¹¹⁰ “O que é responsabilidade social empresarial? É a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais.

Qual a diferença entre responsabilidade social e filantropia? A filantropia é basicamente uma ação social externa da empresa, que tem como beneficiária principal a comunidade em suas diversas formas (conselhos comunitários, organizações não-governamentais, associações comunitárias etc) e organizações. A responsabilidade social é focada na cadeia de negócios da empresa e engloba preocupações com um público maior (acionistas, funcionários, prestadores de serviço, fornecedores, consumidores, comunidade, governo e meio ambiente), cuja demanda e necessidade a empresa deve buscar entender e incorporar aos negócios. Assim, a responsabilidade social trata diretamente dos negócios da empresa e de como ela os conduz”.

Disponível em: <http://www.ethos.org.br/> Instituto Ethos de Responsabilidade Social. [Em linha]. [Consultado em 03-2008].

Sobre o andamento da implementação do projeto, o grande desafio que Couto relata é basicamente o problema da infra-estrutura. “*Pelo menos, até agora, é o desafio que conhecemos. Acredito que assim que o Tonomundo estiver implementado, outros desafios aparecerão – inevitavelmente*”. O discurso também mostra uma posição realista, sem ufanismos ou supervalorização da ação e o projeto é visto pelo executor como uma cooperação que promoverá ganhos para as duas partes. O pensamento que sustenta o edifício é aquele com base na diversidade cultural e na capacitação técnica de pessoas para que o saber seja estimulado e replicado conforme as subjetividades e vivências reais de cada um. Este direcionamento constitui um estímulo, com oferta de recursos, a um pensar próprio, mais autônomo do olhar do estrangeiro. Sobretudo neste contexto em que o ensino brasileiro dá ênfase à importância da história africana (mesmo que tardiamente), um projeto de interatividade e criação de redes lusófonas por parte do Brasil é investimento em autoconhecimento. No entanto, ainda é incipiente dizer que será uma iniciativa bem-sucedida, justamente pela falta de canais de diálogo e por conta dos estigmas lançados e perpetuados nos livros didáticos, que não passaram por uma atualização. E quanto mais isoladas as realidades, mais julgadas (e subjugadas) elas são. Com a difusão de Internet como meio de pesquisa, interatividade e recurso didático entre os povos lusófonos, o entrecruzamento das informações reais, e diretas da fonte, promoverá uma gradual libertação da imagem desencontrada que se remonta mutuamente.

As conclusões deste estudo de caso, ao analisar a ação isoladamente, apontam para um projeto de grande valia que tem bases concretas no Brasil e pode ser replicado com sucesso em Moçambique, posto que se apresenta pautado na consciência das questões culturais e autóctones, valendo-se da transferência tecnológica e da língua portuguesa como elo de interação entre seus membros (no plano da CPLP) e com o mundo. Em um contexto mais amplo, o projeto não deixa de estar associado a interesses no setor de telefonia em aspectos de internacionalização, tendo como base ações de responsabilidade social para cooperação e também possível abertura de caminhos, assim como a penetração direta nas comunidades. Assim como no Brasil, o Tonomundo pode se tornar

também políticas públicas para o governo moçambicano como um caso de boas práticas no investimento em capacitação, na montagem de estruturas que podem demarcar uma revolução nos processos educacionais, por conseguinte, nas percepções de mundo, e na produção e partilha de conhecimento.

Com esta partida para Moçambique o Tonomundo se lança no sistema internacional lusófono com garantia de vivências nacionais positivas. Projeta olhares para África por meio da língua portuguesa e das novas tecnologias, mas esbarra em realidades locais que também podem ser geridas de acordo com experiências similares ocorridas no Brasil. Espera-se que o Tonomundo possa replicar os benefícios adquiridos até hoje e ser representativo na melhoria dos espaços lusófonos e, principalmente, no aprimoramento da vida dos povos, nesta aposta em redes de sociabilidade. É um exemplo das potencialidades da construção de uma Lusofonia Digital no sentido de criação de uma verdadeira comunidade virtual, munida de capacidades para interagir constantemente e caminhar sozinha a partir de impulsos de criação de bases e geração de oportunidades.

III Capítulo – A wiki e a rede social dos povos de Língua Portuguesa: um passo para a comunidade virtual

3.1. O retrato atual da infoexclusão nos países lusófonos

Com base no site americano *Internet World Statistic*, endereço [<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>], de registro e estatísticas de acesso à Internet, foi possível elaborar três gráficos e um mapa ilustrativo na aquisição de um panorama do volume de pessoas que utilizam a ferramenta e, como espelho dessas estimativas, revelar o retrato atual da info-exclusão nos países lusófonos.

Gráficos e mapa montados a partir do site *Internet World Statistics (População, Penetração, Utilizadores)*:

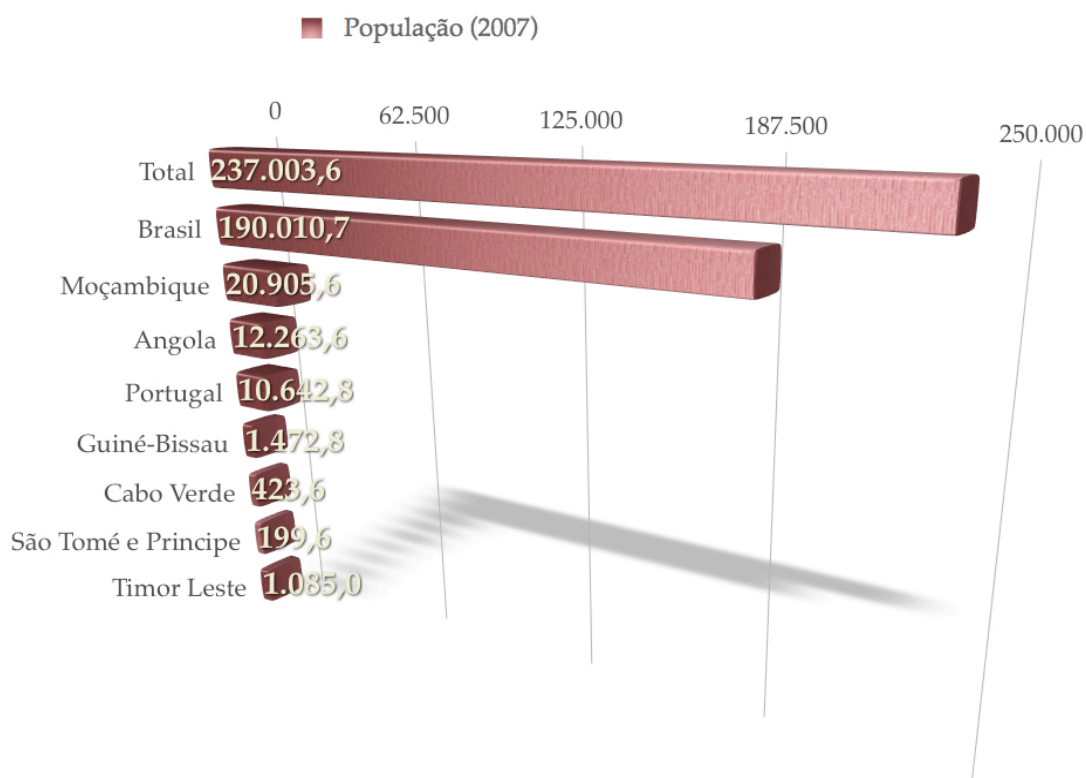


Gráfico XXII – População dos países de língua portuguesa (2007).

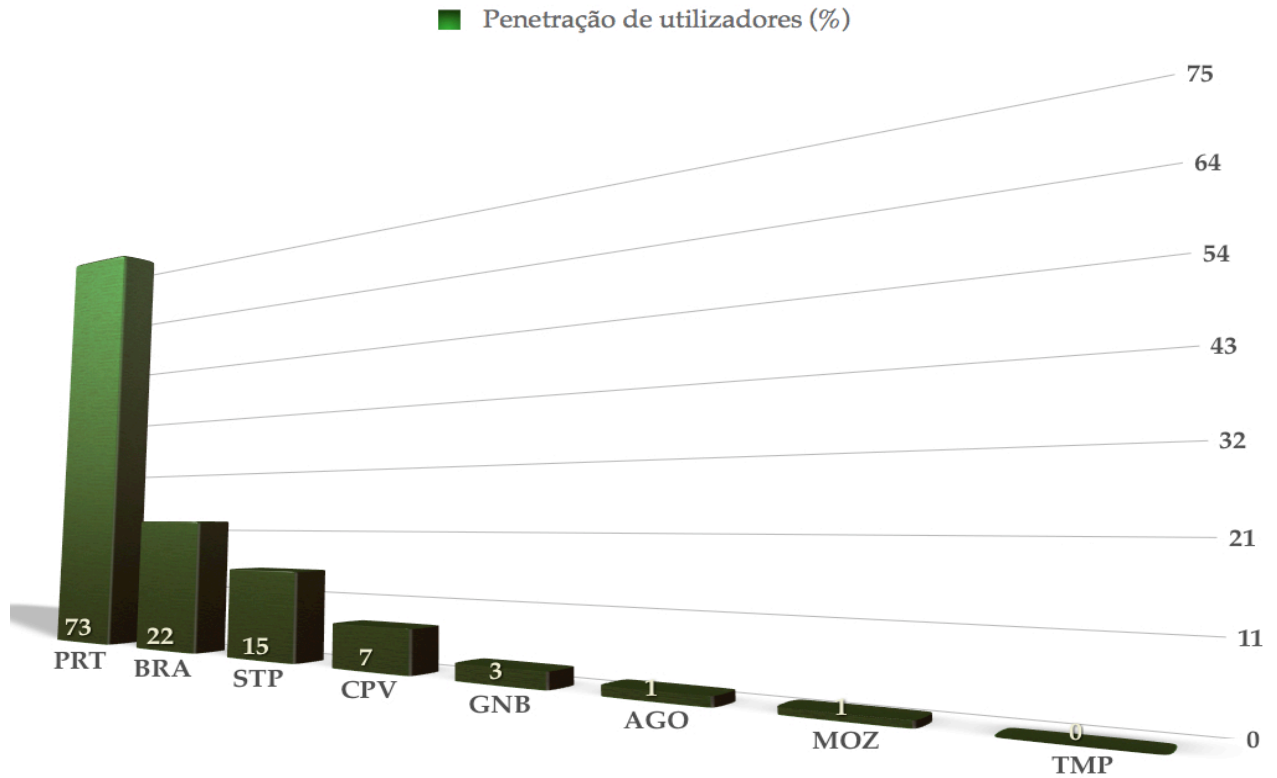
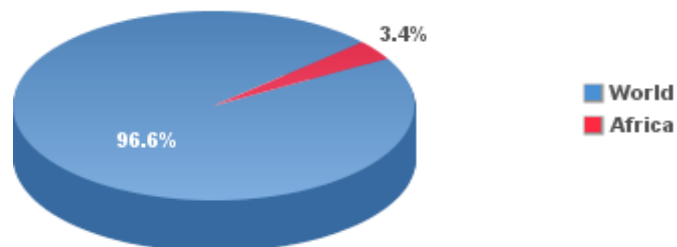


Gráfico XXIII – Penetração de Utilizadores de Internet nos países de língua portuguesa em percentual (2008).

Neste cenário, Portugal oferece maior índice de acessos e menor população, e Brasil o contrário.

Internet Users in Africa December 2007



Source: www.internetworldstats.com
Copyright © 2008, Miniwatts Marketing Group

Figura VIII – Percentual de utilizadores de Internet em África - 2007

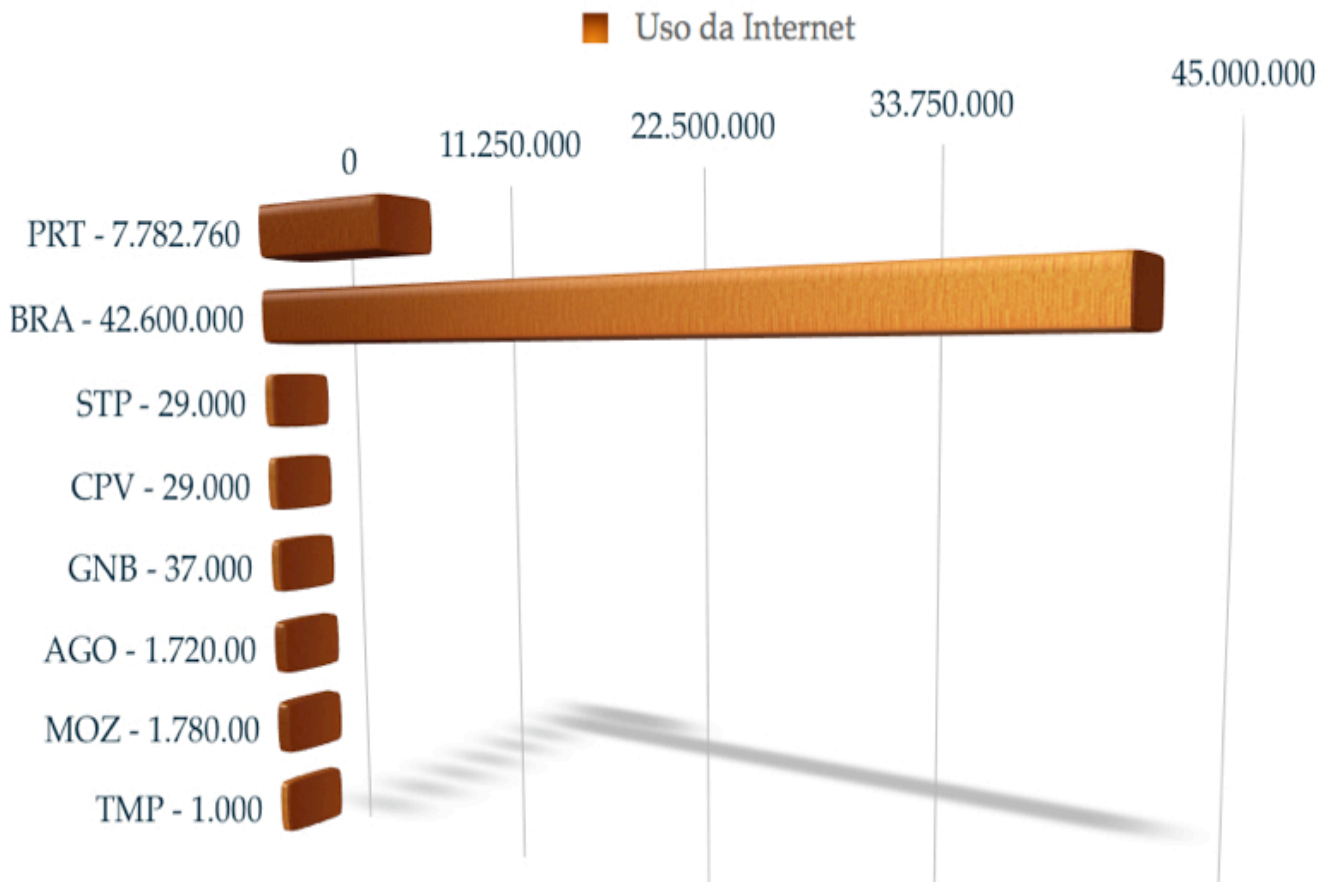
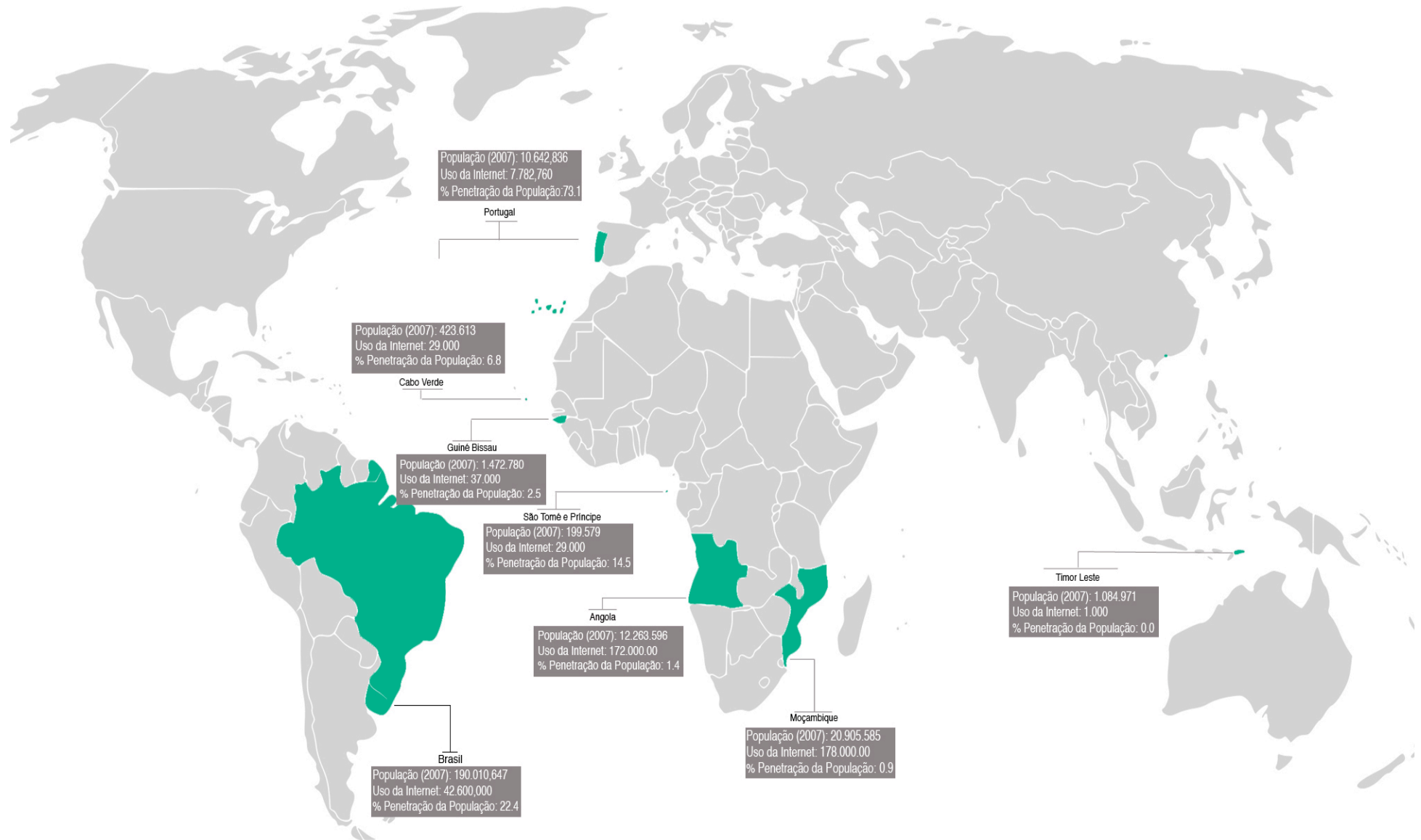


Gráfico XXIV – Número de utilizadores (2008).

Em termos comparáveis ao quantitativo populacional, Portugal apresenta um alto nível de acesso, enquanto no Brasil, apesar de mais numeroso e apresentar maior número de utilizadores, cerca de 80% da população não têm acesso à Internet. É lamentável a situação de Timor Leste neste cenário, com baixíssimo registro de acesso, quase nulo. Além disso, nenhum país de África Lusófona se encontra em quantidade representativa de número de acessos, o que comprova a reprodução da desigualdade de condições na infoexclusão. Estão entre os dez principais no ranking no continente: Nigéria, Marrocos, Egito, África do Sul, Sudão, Quênia, Argélia, Tunísia, Zimbábue e Uganda.

Mapa da Infoexclusão nos países lusófonos: uma reprodução das desigualdades



Dissertação efetuada ao abrigo do **Programa Alban**, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina, bolsa E06M103824BR.

3.2. A filosofia da Web 2.0 a serviço da democratização da informação e transparência: o novo caso americano dos governos eletrônicos e a relação com Portugal

Apesar dos “percalços” nas eleições presidenciais que elegeram George Bush em conformidade com o desastre mundial¹¹¹, e o fato de a economia americana se manter há muito de maneira forjada¹¹², os projetos de e-governo promovidos pelos Estados Unidos geram uma exportação de modelo de transparência assentado no conceito de democracia americano¹¹³. O que esta afirmação teria a ver com a lusofonia? O professor da Universidade do Texas em Austin, Gary Chapman, que desenvolve um trabalho chamado Século 21, cuja visualização está disponibilizada no endereço <http://www.21stcenturyproject.org/>, esteve em Lisboa¹¹⁴ e no Porto este ano e realizará algumas ações em parceria com a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (Feup) no sentido de aplicação de idéias com base em experiências similares do programa para Portugal¹¹⁵. A CPLP tomou conhecimento do projeto através desta tese¹¹⁶.

¹¹¹ “Desde a campanha eleitoral de 2000, quando o presidente George Bush enfrentou o candidato democrata Al Gore, os EUA já propunham uma agenda diferenciada para as suas Relações Internacionais. (...) Em primeiro lugar, a eleição foi muito conturbada e constrangedora, senão ridícula.”. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20060427175259.pdf?PHPSESSID=8ae83f39cff63d111081b61e29dec6db [Em linha]. [Consultada em 04-2008].

¹¹² “Desde o último ano do governo Clinton a economia americana vem sendo mantida e estimulada por medidas excepcionais e não tem um crescimento harmônico nem é auto-sustentado”. Disponível em: <http://www.oxfordusa.com/pt/?q=node/174> [Em linha]. [Consultada em 04-2008].

¹¹³ “Uma das características da globalização liberal – aquela realmente existente – é que ela se faz sob o patrocínio da democracia – a liberal.”. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/textos/Capitalismo.shtml> [Em linha]. [Consultada em 04-2008].

¹¹⁴ “Porque não utilizar wikis, blogues, mapas, imagens e galerias fotográficas para governar? Esta é a sugestão de Gary Chapman, director do “Projecto Século 21” e membro da Escola de Assuntos Públicos de Lyndon Baines, da Universidade do Texas, em Austin. O especialista estará hoje na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, para debater esta forma inovadora de gestão. Chapman defende que as novas ferramentas disponibilizadas pela chamada “Web 2.0” são uma interessante e potencial oportunidade histórica para transformar os governos”. Disponível em: http://www.peabirus.com.br/redes/form/post?topico_id=9298 [Em linha]. [Consultada em 04-2008].

¹¹⁵ Cfr. **Anexo IX** – Entrevista a Gary Chapman, criador do Projeto Século XXI, página 168.

¹¹⁶ O assessor da CPLP Paulo Palm, em evento no Porto sobre lusofonia, tomou conhecimento do projeto do professor Gary Chapman através da entrevista da mestrandia com o pesquisador.

Brasil, Índia, China e outros países emergentes solicitam desde 2003 que a forma de governar a internet seja democratizada e que não fique apenas nas mãos do governo americano. A proposta tem sido constantemente negada pela ONU, mas em 2007 o Brasil lançou uma proposta de Internacionalização da gestão do meio que foi aceita na Cúpula Mundial da Sociedade da Informação, em Tunis¹¹⁷. Isso prova que existe um potencial de aliança estratégica entre Brasil, maior país de língua portuguesa, Índia e China, com Goa e Macau, se CPLP puder aproveitar o que cada membro destes representa em termos de desenvolvimento e aplicação de softwares.

As idéias de Chapman correspondem, em termos de utilização de recursos tecnológicos e filosofias de interação, produção de conteúdos e novos meios de diálogo, ao que esta tese propõe na criação de uma Lusofonia Digital. Para a referida correlação, foi feita uma entrevista¹¹⁸ direcionada a este estudo com o especialista, que relatou as hipóteses de novos canais para os países de Língua Portuguesa. Os modelos online de ferramentas colaborativas, e suas explicações, descritos no projeto Século XXI podem ser acessados pela página http://21stcenturyproject.org/collaboration_tools.htm, registrados na tabela abaixo. Este é um mapeamento de recursos feito por Chapman que pode ser aproveitado para analisar as hipóteses de criação de novos canais no campo desta proposta de Internet e Lusofonia:

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.governoeletronico.gov.br/noticias-e-eventos/noticias/serprogenoticia.2007-04-15.5294926550/?searchterm=internacionaliza%20o%20meio>. [Em linha]. [Consultada em 05-2008].

¹¹⁸ Cfr. **Anexo IX**, entrevista com o professor Gary Chapman, página 168.

Models of Online Collaborative Tools

Type of information	Online Tools	Method of Distribution
News	Blogs Podcasts Moblogging	RSS Automated e-mail newsletter User checking Web site
Events	Calendars	Open standard event formats (.ics, iCal, vCal, etc.) RSS E-mail alerts User checking Web site
Participatory Dialog/Interactivity	Forums Blog entry comments Polls Real-time text chat Video chat Webinars	RSS E-mail subscriptions to comments or forums Online polls/surveys User interacting with Web site Chat programs Webinar services
Knowledge Development	Wikis FAQs Searchable knowledge base	RSS Search and filter on Web site
Documents/Images	File manager Searchable image gallery	FTP RSS E-mail notification Dashboard
Contacts/Members/Groups	Membership database	Searchable database, links in forums/blogs
Shared applications/documents	Google Docs Zimbra.com Basecamp.com	Online access to shared application
Summary, quick glance, monitoring change	Digital dashboard	Web page Desktop application (e.g., Visio) Mobile phone application

Figura IV – Tabela retirada do site Projeto Século XXI com mapeamento de ferramentas.

No que diz respeito às questões de transparência e e-governo, Chapman está trabalhando em uma nova versão para este uso, que será lançada na gestão do novo presidente dos EUA, em 2009. Tais ações serão descritas em Portugal ainda este ano. Se a CPLP pudesse se associar a este programa, as ferramentas também poderiam se estender para a criação de uma proposta a ser aplicada nos governos dos países de língua portuguesa como início de combate à corrupção (não somente nos Palop e Timor, mas também no Brasil e em Portugal).

“This is an area we've been working in for many years. The work that I described in Lisbon and Porto, about making the U.S. federal budget an online, interactive data source, is not yet launched. We hope that it will get started within the next couple of months. It is aimed at a policy innovation for the next Presidential administration, the one that takes over in January of 2009”¹¹⁹.

Mas quando perguntado sobre se esse sistema que está para entrar nos EUA poderia, se usado em Portugal, se estender aos países de língua portuguesa através da CPLP sob mecanismo de cooperação, o especialista diz que tudo isso é muito relativo e não responde com grande entusiasmo e arrisca inclusive uma autocrítica:

“The answer is complicated, because it depends on a lot of things. The answer in the U.S. is also dependent on a lot of things. In our case, we need a receptive government, which we are hoping will be true after our election in November. In Portuguese-speaking countries, it would be necessary for the government to be cooperative, at the least, in order to provide the necessary information on the Internet”¹²⁰.

Chapman mostra-se muito otimista em relação aos custos de projetos dessa natureza e sua experiência explícita que é uma alternativa mais barata do que os canais mais tradicionais. O entrave se dá nas questões de acesso, com base nas quais o professor

¹¹⁹ Cfr. **Anexo IX**, entrevista com o professor Gary Chapman, página 168.

¹²⁰ Cfr. **Anexo IX**, entrevista com o professor Gary Chapman, página 168.

defende que é também muito complexa a resolução do problema da exclusão digital e enumera as dependências desse processo.

“Solving the "digital divide" problem is complex. It takes many different things to happen. Energy is one problem. Internet access is another problem. Literacy is a big problem. But one of the biggest problems is demand -- getting enough people in very low-income areas to actually want access to the Internet. There are lots of people trying to figure out why low-income people should want to use the Internet, especially when they have much more important needs. The widespread use of mobile phones could point us toward an answer. We have to learn the difference between the information needs that are met by mobile phones and those that are met by the Internet. And in a few years time, the Internet will be part of mobile networks, as it is starting to become in several countries now”¹²¹.

3.3. A Wiki das Lusofonias e a Rede Social Lusófona, uma proposta prática

A filosofia da Wiki¹²² incutiu no uso da Internet um sentido de solidariedade nas relações homem-homem através da máquina e elevou o *status* da informação a conhecimento através da necessidade de gestão de conteúdo, estruturado e enredado no caráter científico, mas que, ao mesmo tempo, valoriza a experiência empírica e a subjetividade do interlocutor. Com o *software* livre e os movimentos de inclusão digital, e tantos recursos para levar a Internet às áreas mais remotas imaginadas, com custos mais baixos

¹²¹ Cfr. **Anexo IX**, entrevista com o professor Gary Chapman, página 168.

* Cfr. **Anexo IX** – Entrevista a Gary Chapman, página 168.

¹²² “Os termos wiki (pronunciado /uíqui/ ou /víqui/) e WikiWiki são utilizados para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo. O termo "Wiki wiki" significa "super-rápido" no idioma havaiano. Já em maori Wiki significa "fim-de-semana". É também a forma diminutiva de Wikitoria, versão Maori do popular nome cristão Victoria. Chamado "wiki" por consenso, o software colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo tenha que ser revisto antes da sua publicação. Wiki (com um 'W' maiúsculo) e WikiWikiWeb são por vezes usados para se referir ao Portland Pattern Repository, primeiro wiki; os proponentes desta utilização sugerem a utilização de um 'w' minúsculo para distinguir o conceito. Porém, a utilização de diferenciação através de tipos maiúsculos e minúsculos é problemática em função deste tipo de uso não ser aceite nas linguagens humanas”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>. [Em linha]. [Consultado em abril de 2008].

que outros canais de comunicação, abre-se um campo inteiramente novo para se pensar nos processos de interconectividades e entrecruzamentos no plano da lusofonia.

Apesar de inúmeras possibilidades de ferramentas criadas com o campo virtual, a tese em questão se foca em três propostas práticas. Uma delas foi o banco de boas práticas, já referenciado, que pode auxiliar nas atividades reais de governação e no âmbito da troca de idéias, registro de ações e transparência para o e-governo. Nos domínios da criação de uma Lusofonia Digital, ou das lusofonias no campo virtual, no fomento aos processos de encontros de culturas, esta tese sugere a criação de dois novos canais para estimular o surgimento de uma comunidade lusófona. Uma delas seria, através das já referidas Casas da Lusofonia¹²³, inicialmente, formar uma rede de colaboradores em todos os países e regiões que falam o português para a criação de uma Wiki das Lusofonias. A ferramenta funcionaria como um acervo¹²⁴ de pesquisa dinâmico que seria abastecido e compartilhado pela sociedade civil de maneira auto-sustentável. A idéia é realizar uma Wiki temática, sobre a cultura dos povos, os ritos, as crenças etc., que abarque idiomas autóctones versados para Português (e mais tarde: inglês, espanhol e chinês). A proposta é totalmente diferenciada da Wikipédia em Língua Portuguesa¹²⁵. O *Dicionário Temático da Lusofonia* fez uma experiência similar a que aqui se propõe, só que em papel, o que não apresenta dinamismo nem auto-sustentação. Reuniu mais de 300 autores dos próprios

¹²³ Cfr. **Anexo III** – *Rio terá Casa da Lusofonia*, página 157.

¹²⁴ “A criação de acervos de informação em português, no ciberespaço, será um contributo para nivelar o acesso ao conhecimento pelas diversas comunidades de língua portuguesa, bem como pelas comunidades de emigrantes. Assim, se poderá, em parte colmatar o deficit de meios existente em alguns países, promovendo uma educação e formação mais sólidas e aprofundadas e criando condições intelectuais e de intercomunicação entre pares, de modo a desenvolver/promover a formação de equipas de investigação transnacionais. Assim, se contribuirá para criar condições para que o intercâmbio científico entre os países lusofalantes seja incrementado”. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewFile/1194/1010>. [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

¹²⁵ “Ainda em 2001 foram criadas as primeiras cinco versões linguísticas das cerca de 250 em que a Wikipedia hoje se divide. Entre elas estão a francesa, a alemã, a catalã, a sueca — e a portuguesa, a quinta, lançada em Junho. Hoje, a wikipedia de língua portuguesa é a oitava em termos de quantidade de fichas. Agora, o que poucos saberão... é que em 2005 foi proposta a separação da Wikipedia Portuguesa e a criação de uma versão de Português Brasileiro, mas foi votada desfavoravelmente pela comunidade da Wikimedia — o colectivo de editores que toma este tipo de decisões”. Disponível em: <http://pauloquerido.net/media/wikipedia-10-milhoes-de-artigos/#more-268> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

países e regiões lusófonas para elaboração de verbetes. A obra é vendida por 50 Euros em Portugal, sem falar nos custos logísticos se enviado para demais localidades lusófonas, e no fato de que é estática por ser em papel. Assim, constitui uma fonte de pesquisa de acesso mais restrito. No caso em questão que se propõe, a Wiki das Lusofonias seria uma oferta de conteúdo gratuito para os povos com intuito de registro, preservação e disseminação de conhecimento, tendo assim possivelmente uma vida mais longa se constantemente alimentada. Podendo ser versada em diversos idiomas, seria também uma rica fonte para os interessados em conhecer melhor o universo dos povos de língua portuguesa no mundo.

Experiência feita para esta tese evidencia que há carência desse tipo de informação disponível na rede e esta afirmação foi testada na criação do blog WWW.directoluso.blogspot.com. Há um ano e seis meses no ar, o blog foi criado no intuito de ser um laboratório para esta tese e de colher uma amostra de pesquisas reais para verificar e servir como prova de que existe interesse e necessidade de dados nessa área, que ainda tem muito a ser (re)conhecida. Um relatório de buscas feitas por usuários do Google e outros veículos foi gerado pela ferramenta Google Analytics (www.google.com/analytics), como aponta tabela abaixo elaborada a partir do documento. No período de julho de 2007 (quando foi ativado o contador e controlador de acessos) até abril de 2008, o *ranking* das expressões mais procuradas na Internet relacionadas aos temas explicitados e que encontraram o DirectoLuso como fonte foi:

Visão geral de acessos ao blogue DirectoLuso no período analisado:

(Período: 01 de julho de 2007 até 25 de abril de 2008 – com inserção de 206 posts)

4,232 Visitas e 7,323 Pageviews, conforme o visor abaixo da página da ferramenta.

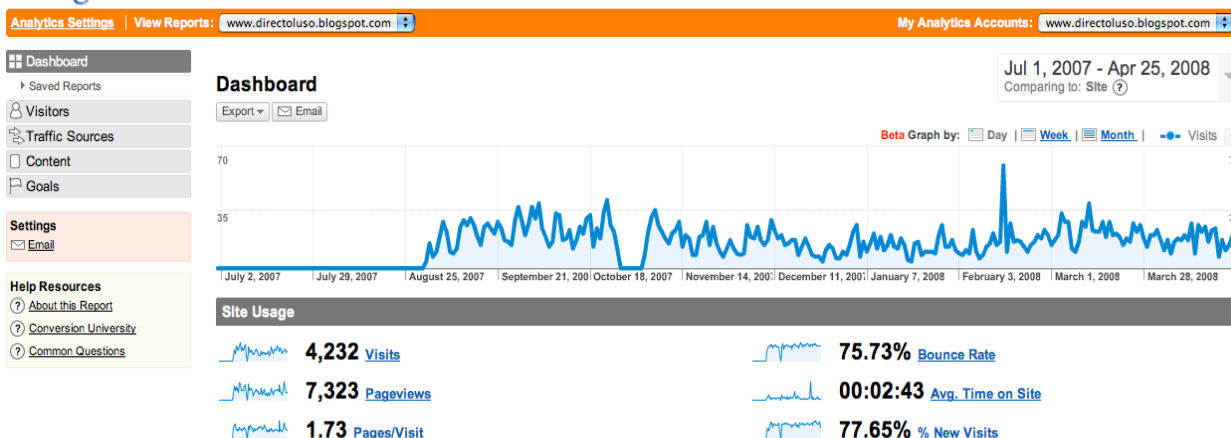


Figura V – Visão geral de acessos ao blogue DirectoLuso. Tabela de acessos gerada do relatório Google Analytics

Palavras-chave de buscas feitas pelo Google e outros mecanismos de buscas que encontraram o blog WWW.directouloso.blogspot como alternativa de pesquisa na oferta gratuita do conteúdo procurado	Número de incidências no período entre julho de 2007 e abril de 2008
Historia do circo no Brasil (e variações)	387
Revista Entrelivros África Número 6	32
Revista Claridade	24
Música Já fui ao Brasil	39
Atas congresso lusofonia Bragança, outubro de 2007	12
Palavras de lusofonia e seus significados, temas da lusofonia	16
Quem tem medo de política cultural	11
Roberto Leal histórico	16
Economia angolana	10
Commonwealth Moçambique	16
Falamos português ou brasileiro?	24
Sebos em Portugal	15
África Lusófona	9
Agualusa	6
Corrupção em Angola, Economia Angolana	10
Dados da África	6
Marcelo da Veiga	8
Pierre Verger	12
Significado da sigla Palop	9
Comida timorense	11

Colônias portuguesas em África	16
Craveirinha poemas, poema Futuro Cidadão	12

Outros temas pesquisados: Mia Couto, Pensatempos, Música Portugal na CEE, Avô Cantigas, fases da ortografia portuguesa, Lauro Moreira, Juca Rosa, Portugal e a CEE, Regionalismos de Portugal, Notícias Lusófonas, A face exposta da língua portuguesa, A imprensa em 1900 na África, Inocência Mata, africanos com fome, africanos em Portugal, africanidade, Associação Lusofonia Cultura e Cidadania, bolsas de estudos para estudantes africanos, Cesário Verde, Cidadania Lusófona etc.

Tabela II – Buscas realizadas no Google que levaram ao blogue DirectoLuso.

Regiões de onde procederam as pesquisas:

4,238 visits came from 66 countries/territories

Detail Level: [City](#) | [Country/Territory](#) | [Sub Continent Region](#) | [Continent](#) Segment: [Choose...](#) ▾

Site Usage		Goal Conversion	
Visits	4,238	Pages/Visit	1.73
% of Site Total:	100.00%	Site Avg:	1.73 (0.00%)
Avg. Time on Site	00:02:43	Site Avg:	00:02:43 (0.00%)
Country/Territory	Visits ↓		
1. Brazil	1,934		
2. Portugal	1,716		
3. United States	108		
4. Mozambique	83		
5. France	55		
6. Angola	44		
7. Cape Verde	28		
8. Spain	26		
9. Germany	22		
10. United Kingdom	19		
Find Country/Territory: <input type="text" value="containing"/> <input type="button" value="Go"/>			

Figura VI – Áreas de procedência das pesquisas ao blogue DirectoLuso.

Entre os países dos quais as pesquisas foram provenientes, quatro são de língua portuguesa, sendo a liderança de Brasil e Portugal, por conta do potencial de acesso, já evidenciado neste trabalho.

As pesquisas reais realizadas encontraram posts no blogue criado com fins de ser um laboratório desta hipótese e comprovam a demanda por informações referentes às diversas lusofonias existentes no complexo mundo dos países e regiões de língua portuguesa. O conceito de informação livre, compartilhada e integrada encontra no conceito da Wiki um ambiente colaborativo que pode dar origem a um rico acervo de dados oriundos dos próprios povos lusófonos. Se criada uma rede de colaboração inicial para esta finalidade, com o tempo e aumento dos usuários do sistema, a própria sociedade civil alimentará a ferramenta.

3.3.1 Dez oportunidades com a criação de uma Wiki das Lusofonias

1. Criação de um acervo de pesquisa dos povos de língua portuguesa;
2. Surgimento de uma comunidade lusófona virtual através de um novo canal;
3. Fomento à produção do conhecimento pelos próprios povos;
4. Maior autonomia dos povos quanto ao olhar estrangeiro;
5. Oferta de conteúdo gratuito que pode ser versado em diversos idiomas, favorecendo a internacionalização de informações sobre os países e regiões lusófonas;
6. Abertura para produção de conteúdo em idiomas nacionais, dialetos;
7. Produção de informação diretamente da fonte propicia um registro de idiomas autóctones, funcionando também como um repositório de línguas vivas. Nesse caso, a Wiki, bem como a blogosfera funciona como uma legitimação dos idiomas e dialetos que permanecem isolados e correm o risco de serem extintos ao longo dos tempos com a penetração de idiomas e necessidades advindas das aglutinações econômicas;
8. Oferta de conteúdo gratuita que tem um percurso de auto-sustentabilidade que pode ser desdobrado em dados para pesquisas para novos projetos multimídias. Um direito essencial e respaldado por lei à informação;
9. Possibilidade de atualização constante de materiais, compartilhamento, preservação, gestão da informação que constitui o conhecimento;

10. Criação de um banco de memória dos povos que têm a língua portuguesa como mãe ou intermediária. Investimento em cultura digital para a posteridade.

Entre os dez pontos citados, a questão do idioma, sobretudo das línguas autóctones¹²⁶, nos processos de Internet e, fundamentalmente, na contextualização da criação de uma wiki envolvendo os povos da lusofonia, passa também pela afirmação colocada por Raul Junqueiro no livro *A idade do conhecimento – a nova era digital* (2002). O autor explica que o fenómeno da globalização não pode negligenciar dois importantes fatores socioculturais: o lugar e a língua. É natural que as pessoas prefiram consultar conteúdos em seus idiomas de origem e isso abre um campo imensurável para o mosaico de códigos de linguagens inseridos no contexto de uma Lusofonia Digital, que em vez de minar ou padronizar e determinar uma língua, abre espaços para que todas venham à tona, tendo a possibilidade de uso do português como intermediária.

“Até a década de 90 do século passado os conteúdos web produzidos não tinham grande relevância, uma vez que imperavam os internacionais, sobretudo pela qualidade superior. Depois dessa data, e à medida que a Internet passou a ser encarada de forma estratégica pelos Estados, começou a ser feito um grande esforço no sentido de produção de conteúdos nos idiomas de origem dos utilizadores”. (Junqueiro, 2002: 161)

Para Junqueiro, a educação hoje vai além de aprender a ler e a escrever, demanda um suporte digital. E caberia aos Estados criar esse ambiente, com produção de conteúdos nos idiomas nacionais. Assim sendo, a criação de uma Wiki das Lusofonias seria uma rica fonte de pesquisa e autoconhecimento às localidades que dela dizem respeito, e aos

¹²⁶ “Uma especialista da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, defendeu a criação de bases de dados que facilitem o estudo das variedades não-nativas (VNN) de línguas coloniais, como o Português de Moçambique (PM)”. Disponível em <http://ww1.rtp.pt/noticias/index.php?article=256279&visual=26> [Em linha]. [Consultado em maio de 2008]

demais povos do sistema internacional. Teria um cunho de políticas públicas¹²⁷ no sentido de ampliar o acesso à ferramenta como apoio educacional e fomentar o suporte ao entrecruzamento das realidades e da oportunidade de adquirir conhecimento diretamente das fontes com tais canais de pesquisa e busca. O Linux e a Wikipédia são exemplos que os autores do livro *O conhecimento em rede* chamam de inteligência coletiva (Cavalcanti e Nepomuceno, 2007: prefácio).

O especialista Gary Chapman concorda com a viabilidade para a criação de uma wiki como se propõe nesta tese. No entanto, alerta que há veículos mais interativos no quesito de criação de uma comunidade lusófona. Entende-se, em uma visão particular, que uma ferramenta leva à outra. Uma Wiki das Lusofonias funcionaria como um acervo e uma oportunidade de conhecimento mais aprofundado das particularidades de cada membro do universo lusófono. Por conta disso, sugere-se que esta wiki esteja mais voltada para o aspecto cultural, como uma funcionalidade temática e referencial de pesquisa.

A criação de uma comunidade virtual lusófona (ou das lusofonias) exige maior investimento em interatividade que a criação de uma wiki. E por isso, uma outra ferramenta que se propõe é a criação de uma Rede Social das Lusofonias.

“The social web is the online place where people with a common interest can gather to share thoughts, comments, and opinions. It includes social networks such as MySpace, Gather, Friendster, Face-book, BlackPlanet, Eons, LinkedIn, and hundreds more. It includes branded web destinations like Amazon, Netflix, and eBay. It includes enterprise sites such as IBM, Circuit City, Cisco, and Oracle. The social web is a new world of unpaid media created by individuals or enterprises on the Web”. (Weber, 2007: 16)

A ferramenta funciona através da própria interação da sociedade civil em seu universo relacional, dentro das redes de sociabilidades individuais que passam a ser coletivas com

¹²⁷ “Na Coréia do Sul o Estado subsidia 100% o acesso de banda larga nas escolas, sendo o maior país com penetração de banda larga” (Junqueiro, 2002: 294).

base no conceito de interconectividade. O funcionamento é simples: um usuário se cadastra e convida o outro a participar, e assim por diante acontece a formação da rede – como já acontece em comunidades temáticas. Neste caso, a ação ocorreria no escopo lusófono. De acordo com o professor José Augusto Mourão em seu artigo *Retórica do Hipertexto*, sobre o conexionismo, o autor diz que “*a comunicação não é mais vista somente como fática ou cognitiva, mas como transmissão*” (Mourão, 2005: 97). É neste valor, da transmissão, do aproveitamento desse ato de comunicar de maneira remodelada, que se pautam as propostas deste estudo.

“A interatividade é o mecanismo através do qual as atividades de vários processos influem umas sobre as outras. Para falar de interatividade é preciso haver independência das atividades. É necessário que cada parte em interação tenha um comportamento não previsível para as outras partes”
(Mourão, 2005: 94)

A lusofonia aos poucos se dissolve neste novo patamar de conceitos ao se manter fora da sociedade do conhecimento, mesmo com todo o seu potencial para a experimentação de uma vivência virtual bem-sucedida. Segundo leituras em textos de Cavalcanti e Nepomuceno, as comunidades em rede assumem atualmente um valor imprescindível para a criação de projetos inovadores do futuro. E ressaltam também o efeito viral do meio com relação à multiplicação de idéias. Os autores explicam que antes do ambiente de rede a comunicação era vertical e o conhecimento tradicional; e depois, comunicação multidirecional e inteligência coletiva. Na esfera da infoexclusão que se sucede nos países de língua portuguesa, em sua maioria, nega-se automaticamente mais um direito fundamental do ser humano, que é o acesso à informação, tendo impactos densos na produção de conhecimento projetada para o mundo.

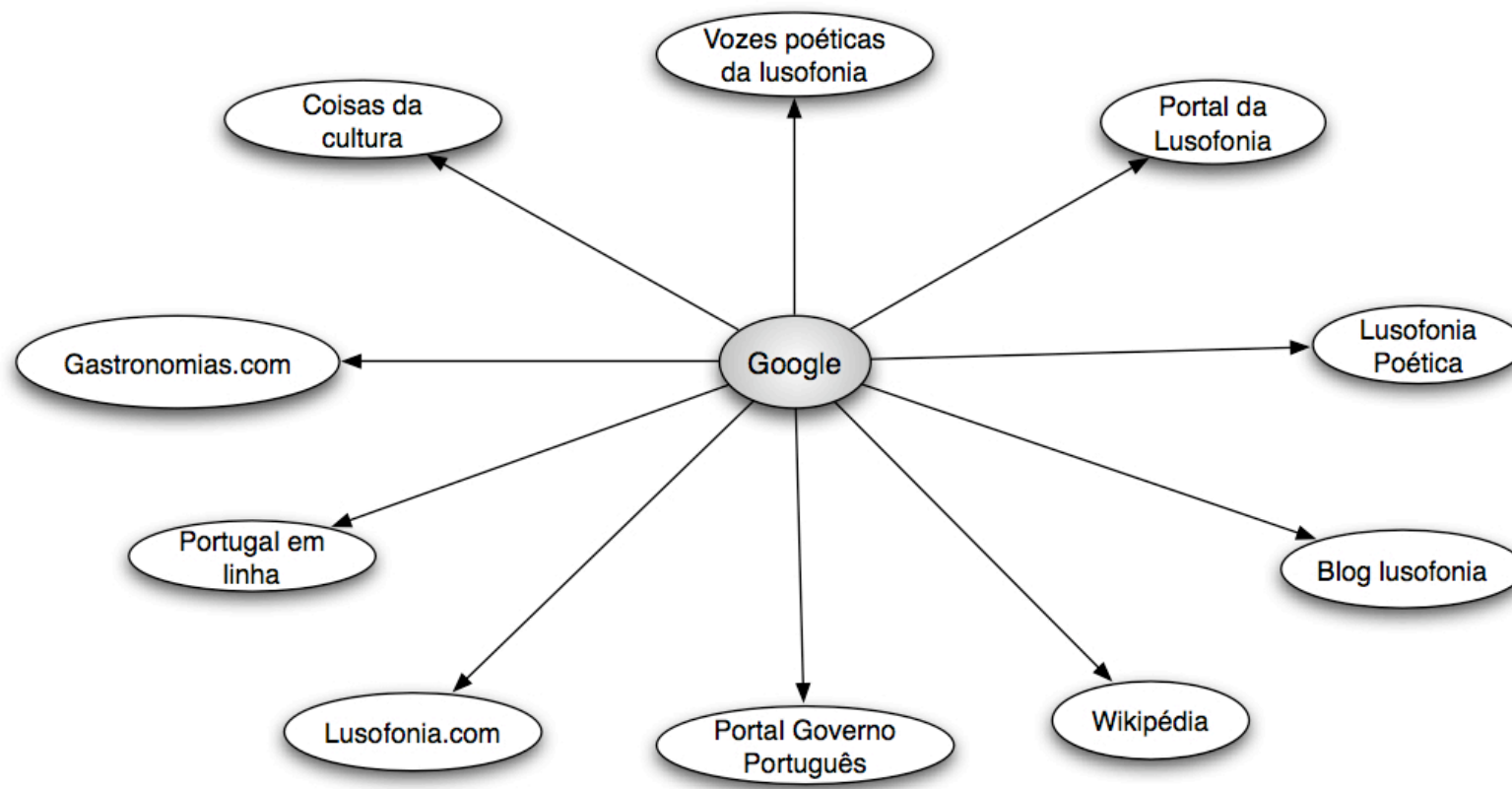
IV Capítulo – Os portais e a blogosfera lusófona

4.1. Um panorama da Lusofonia na rede

A montagem de um retrato fiel sobre a disposição da lusofonia na web seria uma tarefa inviável de quantificação dada a sua vasta gama de conteúdo relacionado e à falta de estruturação de idéias ao redor de um caminho para a cooperação cultural e tecnológica nos países de língua portuguesa, o que comporia bases para a criação de uma lusofonia digital. Mas através dos mecanismos de busca e sites de referências que trabalham com registros na rede é possível visualizar um breve panorama através do mapeamento do termo propriamente dito, e de seus derivados (“lusófono”, “lusófonos”, “lusófona”), e obter informações neste sentido no que diz respeito aos países/regiões que abrangem a CPLP. A metodologia encontra semelhança com a empregue para composição dos gráficos ao diagrama de expressão (Capítulo I), pois avalia o número de incidências/ocorrências dos vocábulos em buscas *online* funcionando como rastreamento de palavras e posterior elaboração de esquemas para melhor visualização do contexto. Todas as páginas foram consultadas em fevereiro de 2008. Foram considerados o site Google, portais oficiais de governo, jornais e sistema de registro de blogs para realizar o mapeamento a seguir em esquematização.

Em seguida, apresentamos sete esquemas elaborados a partir das pesquisas que efetuamos e quantificamos no sentido de oferecer uma visão geral sobre o atual impacto digital da lusofonia.

Primeiros dez links do resultado de busca
"lusofonia" em <http://www.google.pt>

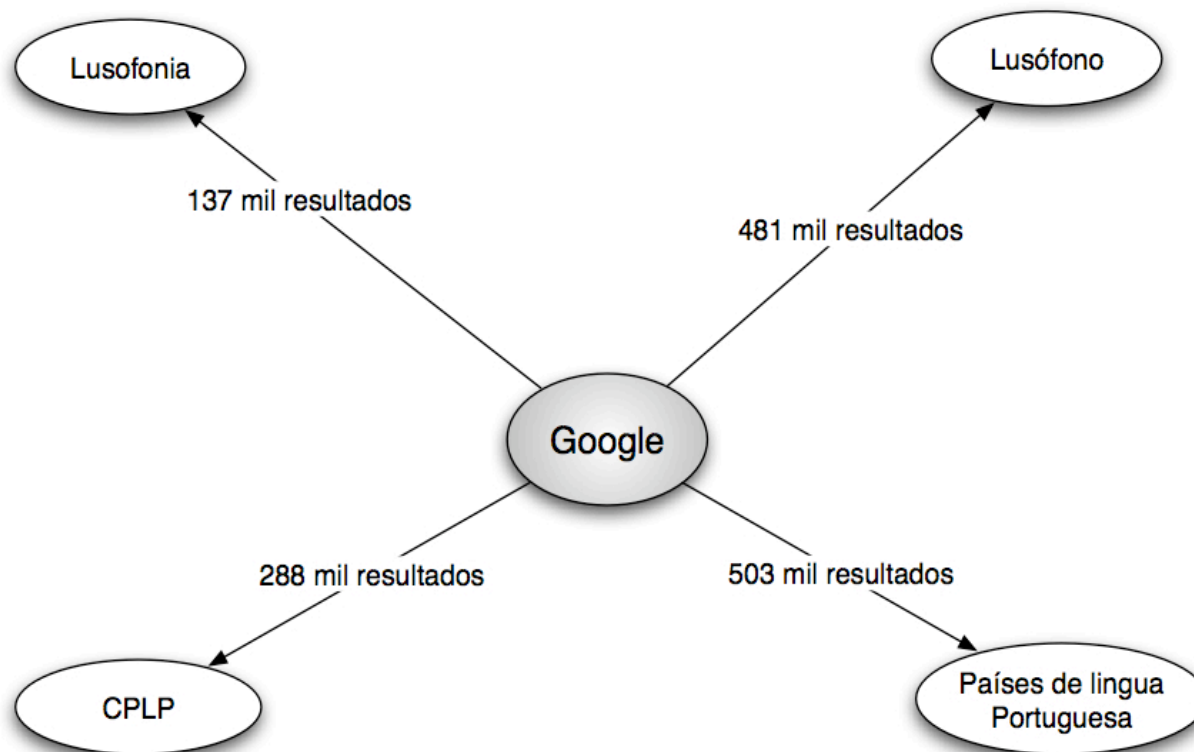


1

Consulta:
Fevereiro de 2008

Fonte: <http://www.google.pt>

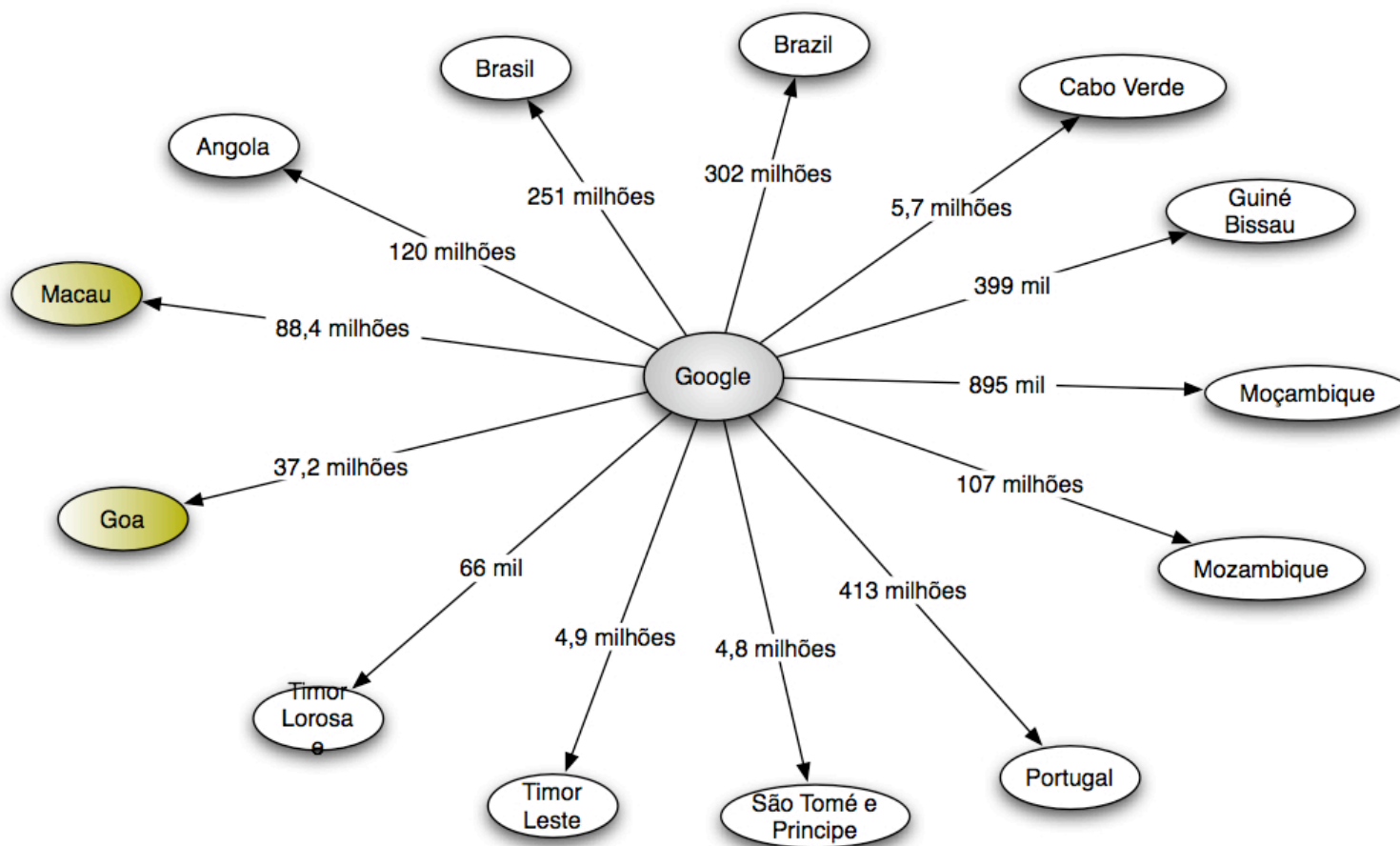
Resultado de busca dos vocábulos “lusofonia”, “lusófono”, “CPLP” e “países de língua portuguesa” em www.google.pt



2

Consulta: Fevereiro de 2008

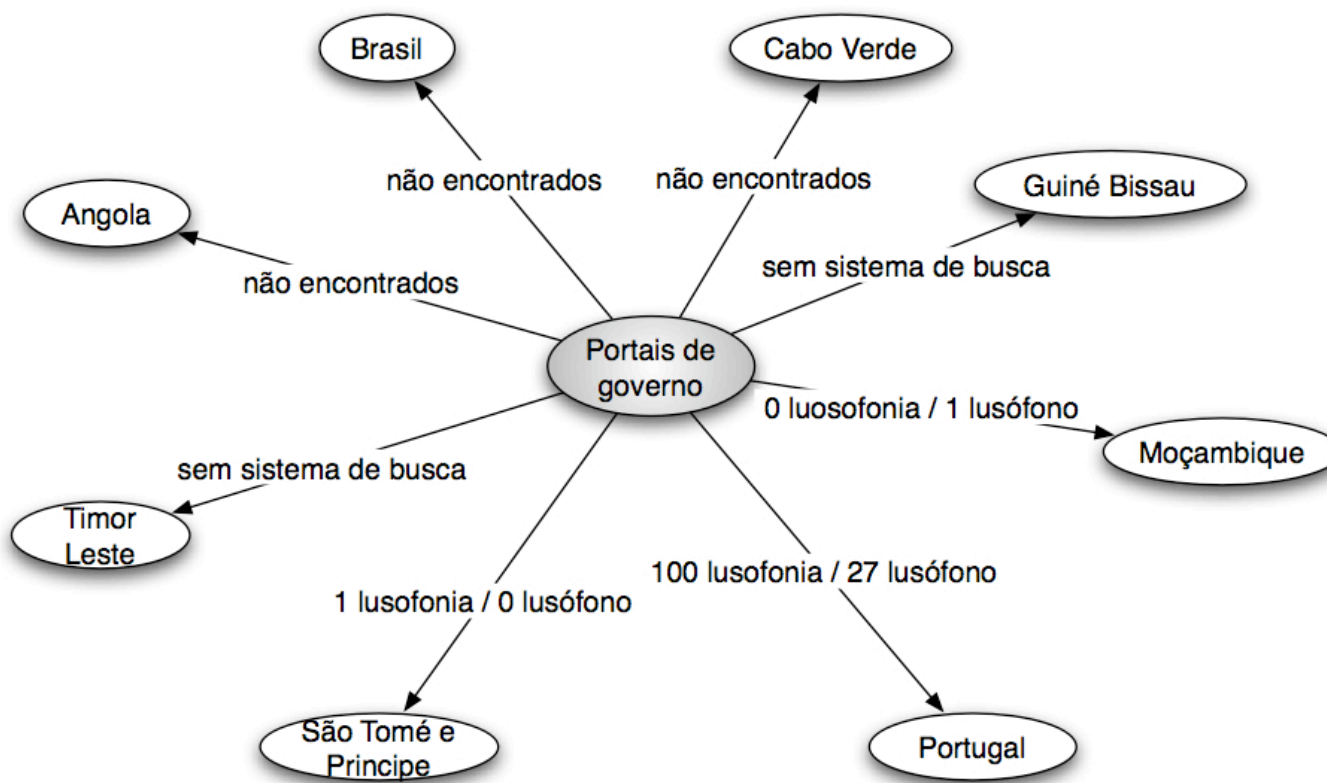
Pesquisa Google quantificada por ocorrências das palavras abaixo.



3

Consulta:
Fevereiro de 2008

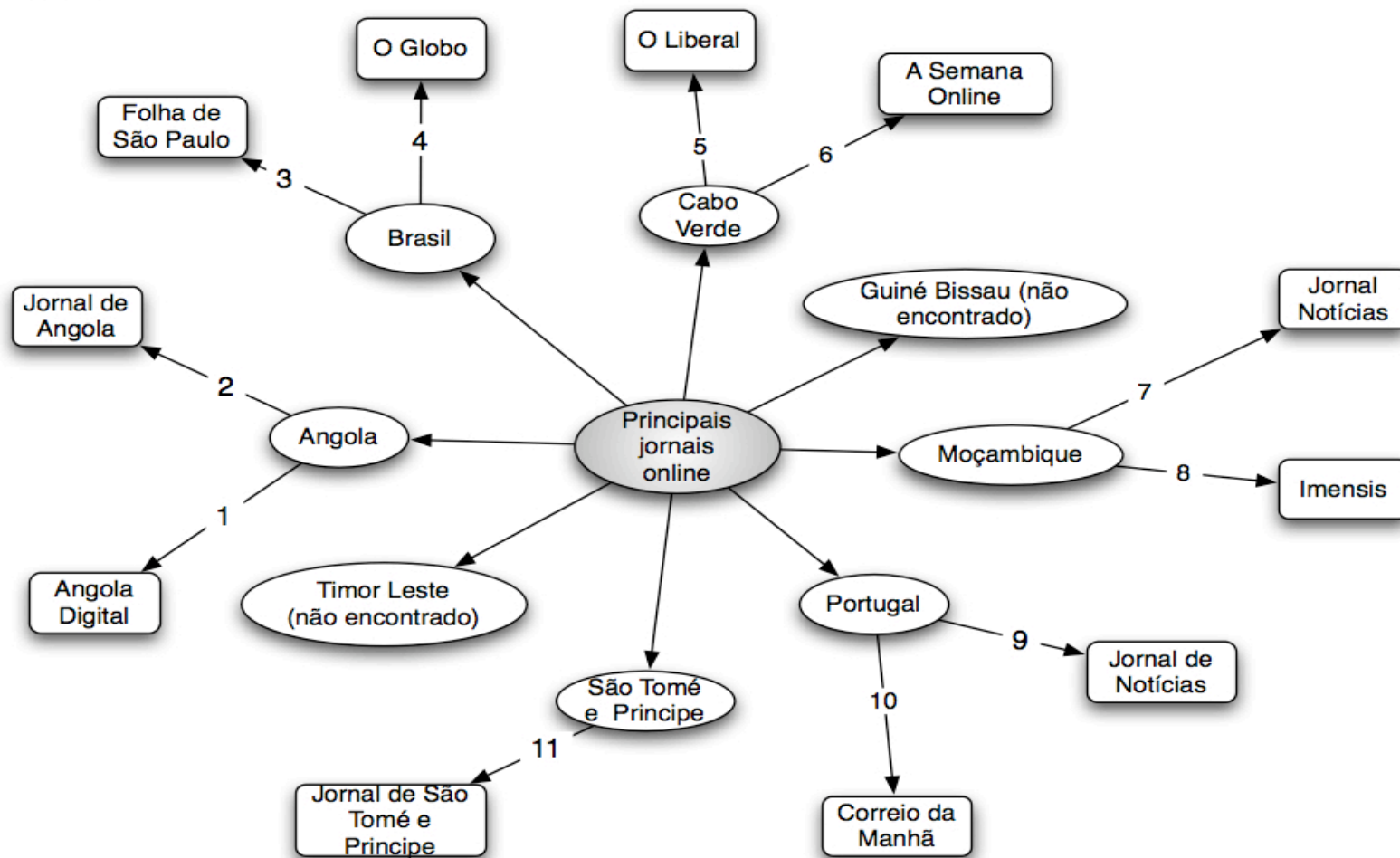
Buscas realizadas nos portais oficiais dos governos dos países membros da CPLP. Palavras buscadas: lusofonia e lusófono.



4

Consulta:
Fevereiro de 2008

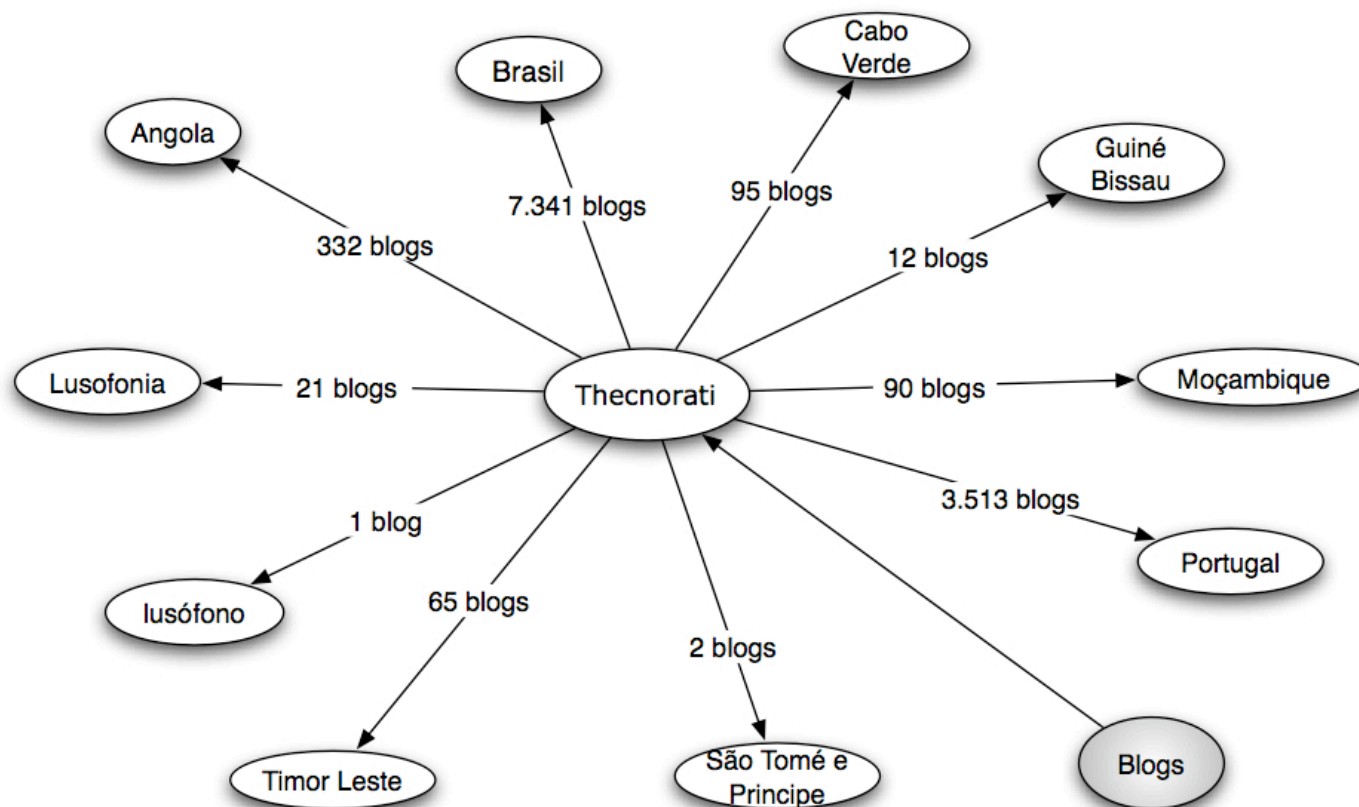
Pesquisa por
Jornais online.



5

Consulta:
Fevereiro de 2008

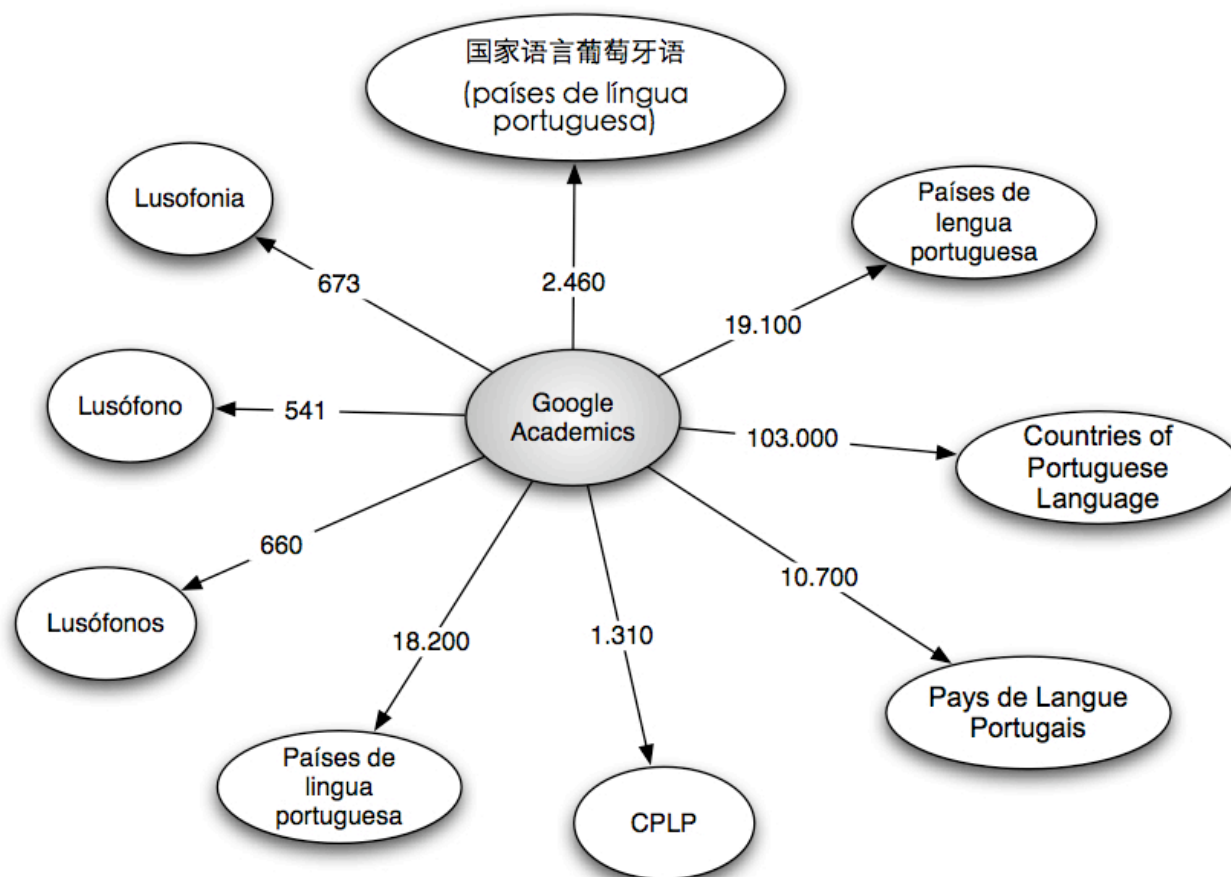
Quantitativo de blogs por país lusófono e palavras "lusofonia" e "lusófono". Fonte: <http://technorati.com/>



6

Consulta: Fevereiro de 2008

Pesquisa Google Academics por vocábulos



7

Consulta: Fevereiro de 2008

Esquema 1: ilustra as dez primeiras fontes do resultado de busca da palavra “lusofonia” no www.google.pt, a saber:

Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lusofonia>

Gastronomias.com: <http://www.gastronomias.com/lusofonia/>

Portal do Governo Português: <http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Geral/Lusofonia>

Vozes poéticas da lusofonia: <http://www.revista.agulha.nom.br/lusofonia.html>

Blog Lusofonia: <http://www.lusofonia.blogger.com.br/>

Portal da Lusofonia: <http://www.portal-lusofonia.org/>

Portugal em linha: <http://www.portugal-linha.pt/>

Coisas da Cultura: <http://acultura.no.sapo.pt/page4.html>

Lusofonia.com: <http://lusofonia.com.sapo.pt/>

Lusofonia Poética: <http://www.lusofoniapoetica.com/>

Os dez primeiros resultados de busca do Google apontam, por ordem de aparecimento, os resultados acima. A *Wikipédia* dá uma introdução ao tema, que é bem mais complexo do que se apresenta. Em segundo lugar, o site de Gastronomia oferece receitas dos países lusófonos, um conteúdo não muito comum de se encontrar e que presta um bom serviço. O *Portal do Governo Português* não deixa de mencionar o termo, mas apresenta um serviço que poderia ser potencializado com uma estrutura de informação muito mais ampla se pensada em tratar das diversas lusofonias existentes e de como decorrem seus encontros, as propostas atuais, os mecanismos de cooperação, relatórios, projetos etc. Uma infinidade de abordagens e serviços que poderiam compor a explicação do tema de maneira mais rica. E isso traria maior visitação ao portal do governo, no qual esperar-se-ia encontrar o caminho mais detalhado para saber o que de fato é a lusofonia. O *Vozes Poéticas da Lusofonia* é também uma amostra de produção literária que não constitui uma fonte ideal que dê idéia da totalidade da questão sem escapar da diversidade. O blog *Lusofonia*, na seqüência, encontra-se desatualizado (última postagem data 2006), e os demais sites que seguem não exibem igualmente potencial para prestar uma informação mais completa, munida de debates e visões críticas. O *Portal da Lusofonia*, citado inclusive em documentos da CPLP, se reduz à questão da propriedade industrial e o conteúdo que possui não oferece minimamente conceitos que possam formular algum horizonte de compreensão do tema.

Esquema 2: ilustra, também através de buscas em www.google.pt, os resultados por ocorrência de palavras (lusofonia, lusófonos, CPLP e “países de língua portuguesa”).

137 mil para lusofonia
481 mil para lusófono
503 mil para países de língua portuguesa
74.900 (lusófonos), 118 mil (lusófona) e 56 mil (lusófonas)
288 mil para CPLP

Tabela III- Buscas sobre Lusofonia, lusófonos e países de língua portuguesa.

Para a composição deste esquema, foram disponibilizados de maneira gráfica os resultados de buscas encontrados acima. Verifica-se, em ordem de importância, pela incidência de termos a colocação: (1) países de língua portuguesa, (2) lusófono, (3) CPLP e, em último lugar, (4) lusofonia. Fato que comprova a pouca, ou inferior, visibilidade e emprego do termo na produção de conteúdos na Internet. Pode-se comparar também a outros termos (outras fonias) como a francofonia, cuja pesquisa mostrou 127.000 resultados. Já com relação à CPLP (288 mil resultados), em contraposição, mostrou 43.500.000 resultados para Commonwealth. E, curiosamente, o termo anglofonia aparece em menor proporção que lusofonia (137 mil), com 2.520 resultados.

Esquema 3: ilustra a incidência de termos através de buscas por países de língua portuguesa, por nome, mais as regiões de Goa e Macau. Fonte: www.google.pt.

O esquema constitui o resultado das pesquisas por palavra. Trata-se de um apanhado geral do volume de vezes que aparecem, sem relacionar conteúdos. A ideia é verificar entre os termos consultados os que têm maior presença no âmbito digital.

Angola: 120.000.000 resultados
Brasil: 251.000.000 resultados e 302.000.000 (Brazil)
Cabo Verde: 5.750.000 resultados (e 44.900.000 para Cape Verde)
Guiné-Bissau: 399.000 resultados
Moçambique: 895 mil resultados e 107.000.000 (Mozambique)
Portugal: 413.000.000 resultados
São Tomé e Príncipe: 4.820.000 resultados
Timor Leste: 4.990.000 e 66.100 resultados (Timor Lorosae)
Goa: 37.100.00 resultados
Macau: 88.400.000 resultados

Tabela IV – Buscas por países de língua portuguesa, mais Goa e Macau.

Os dados foram disponibilizados na tabela em ordem alfabética. O somatório de incidência das buscas com Brasil e Brazil coloca o país em primeiro lugar no ranking, seguido de Portugal. Assim como acontece com o Brasil, Mozambique (em inglês) é mais procurado que o nome em português, o que reflete as grandes proporções dos países também na esfera do sistema internacional de informação, assim como Cape Verde. Angola aparece em terceiro lugar. Já a procura por Macau é surpreendente, região que a procura supera até mesmo aquela por países do bloco, como Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Este último ainda pouco procurado sob o nome de Timor Lorosae, o que comprova o desconhecimento do termo por falta de difusão até mesmo da mídia, que adotou mais a forma aporuguesada.

Esquema 4: ilustra a ocorrência de palavras nos portais dos governos dos Estados que compõem a CPLP.

Portal do Governo de Angola: http://www.angola-portal.ao/portaldogoverno/
Lusofonia e Lusófono: termos não encontrados
Portal do Governo do Brasil: http://www.brasil.gov.br/
Lusofonia e Lusófono: termos não encontrados
Portal do Governo de Cabo Verde: http://www.governo.cv/
Lusofonia e Lusófono: termos não encontrados

Portal do Governo da Guiné-Bissau: http://www.republica-da-guine-bissau.org/
O portal tem como língua o inglês e não oferece mecanismo de busca. O site tem extensão .org e não .gov
Portal do Governo de Moçambique: https://www.portaldogoverno.gov.mz/
Lusofonia (nenhum resultado) e lusófono (um resultado)
Portal do Governo de Portugal: http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT
100 registros para lusofonia e 27 registros para lusófonos
Portal do Governo de São Tomé e Príncipe: http://www.gov.st/
Lusofonia (um resultado) e lusófono (nenhum resultado)
Portal do Governo de Timor Leste: http://www.timor-leste.gov.tl/
A página não oferece mecanismo de busca.

Tabela V – Buscas nos portais de governos da CPLP.

Também nos domínios oficiais, a maioria dos países sequer menciona a lusofonia, como no caso de Angola, Brasil (sendo este o maior país de lusofalantes), Cabo Verde, para além dos sites que não dispõem de mecanismos de busca, impossibilitando a pesquisa. Portugal, obviamente, lidera o quesito. Exceto o país luso, o único que menciona lusofonia é o de São Tomé e Príncipe. Há de se considerar, no entanto, as falhas dos sistemas de busca dos sites, que muitas vezes são rudimentares, o que pode gerar margem de erro.

Esquema 5: ilustra a ocorrência de palavras nos principais jornais de cada país da CPLP, refletindo o volume de materiais produzidos na mídia online (ou de papel para online) nos registros de Internet.

ANGOLA

Angola Digital: <http://www.angoladigital.net/index.php>

Lusofonia (4) lusófono (7)

Jornal de Angola: <http://www.jornaldeangola.com/>

Lusofonia (30) lusófono (30)

BRASIL

Folha de São Paulo: <http://www.folha.uol.com.br/>

Lusofonia Folha Online (16) Folha de SP (52)

Lusófono Folha Online (17) Folha de SP (44)

O Globo: <http://oglobo.globo.com/> (Rio de Janeiro)

Lusofonia (13) lusófono (nenhum)

CABO VERDE

O Liberal: <http://www.liberal-caboverde.com/>

Lusofonia (182) lusófono (264)

A Semana Online: <http://www.asemana.cv/>

Lusofonia (51) lusófono (81)

GUINÉ-BISSAU (não encontrado)

2007 - encerramento dos dois únicos jornais privados do país

Ver coluna Orlando Press <http://www.orlandopressroom.com/content/view/108/27/>

MOÇAMBIQUE

Jornal Notícias: <http://www.jornalnoticias.co.mz/>

Lusofonia (107) lusófono (22)

Imensis: <http://www.imensis.co.mz/>

Lusofonia (6) lusófono (27)

PORTUGAL

Jornal de Notícias: <http://jn.sapo.pt/>

Lusofonia (437) lusófono (202)

Correio da Manhã: WWW.correiomanha.pt

Lusofonia (120) lusófono (80)

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Jornal de São Tomé e Príncipe: <http://www.jornal.st/>

Lusofonia (22) lusófono (68)

TIMOR LESTE

Não encontrado (função cumprida por alguns blogs – jornalismo cidadão)

Tabela VI – Buscas em jornais online.

Esquema 6: ilustra o número de ocorrências de palavras para verificar o registro de blogues dos países de língua portuguesa. Fonte: www.thecnorati.com.

Angola: 332 blogs
Brasil: 7.341 blogs
Cabo Verde: 95 blogs
Guiné-Bissau: 12 blogs
Moçambique: 90 blogs
Portugal: 3.513 blogs
São Tomé e Príncipe: 2 blogs
Timor Leste: 65 e Timor Lorosae (6) -71

Tabela VII – Buscas no site Thecnorati.

O site Thecnorati possui registro de blogues e, através deste recurso, foi feita para este estudo também uma busca por países da CPLP para medir a dimensão deste território virtual opinativo, que será avaliado mais adiante. Na mesma página foi verificada a incidência de sites e *posts* com os termos “lusofonia” e “lusófonos”. O resultado de posts foi: Lusofonia (682) lusófono (405). E de blogues: lusofonia (21) lusófono (1). Em algumas localidades como Guiné- Bissau e Timor Leste os blogues podem ser vistos como uma “substituição” de veículos inexistentes, o que reflete grande carência nesta área. Essas estatísticas deram base para a construção de um outro site com ranking dos 100 e 500 blogs lusófonos e 100 de África mais acessados (**Obvious**: <http://blog.uncovering.org/pages/rank.html>), que serão vistos no tópico seguinte. Há ainda outros mecanismos de busca que podem servir de medição, como o site *Delicious* (<http://del.icio.us/>), local na rede em que as pessoas criam sua conta e armazenam seus endereços favoritos. A busca por “lusofonia” rendeu um resultado de 117 ocorrências. Isso quer dizer que existem 117 links com a palavra-chave “lusofonia” que foram “favoritados” (colocados no item favoritos).

Todo esse volume de dados que existe hoje na rede, e ainda está por vir, pode ser traduzido por um cruzamento de mídias e oferta de serviços onlie, como TVs nos portais de interação, rádios, chats, comunidades virtuais, bancos de dados de emprego e oportunidade de estudos, oferta de intercâmbio entre universidades e pesquisadores,

sugestões para turismo, lazer e cultura, e a criação de uma universidade aberta com cursos livres sobre os respectivos países, nas iniciativas do ensino a distância. A Internet pode abraçar todas as outras mídias sem anular a existência das demais no mundo real.

Esquema 7: ilustra a incidência de palavras no Google Acadêmico, espaço da Google dedicado a artigos e referências bibliográficas. Fonte: <http://scholar.google.com.br/>.

673 resultados para lusofonia
541 para lusófono / 660 para lusófonos
18.200 para países de língua portuguesa
1.310 para CPLP
10.700 para Pays de Langue Portugais
103.000 para Countries of Portuguese Language
19.100 para países de lengua portuguesa
2.460 para 国家语言葡萄牙语 (países de língua portuguesa)

Tabela VIII – Buscas no Google Acadêmico.

O número de artigos em inglês da expressão “países de língua portuguesa” supera todos os demais, em diversos outros idiomas (francês, espanhol e chinês). Vale ressaltar que na maioria dos casos os resultados de busca apresenta somente uma referência bibliográfica e nem sempre link para acesso ao material. O termo lusofonia ainda é inferior, por exemplo, à incidência de francofonia, que aparece com 933 resultados, ou ainda, se comparar CPLP com Commonwealth também há uma grande discrepância, tendo esta última 829.000 resultados. No entanto, anglofonia resultou em apenas 46 ocorrências.

4.2. Os lusófonos querem falar – análise da blogosfera africana (e timorense) como espaço de representatividade e registro de línguas autóctones

Com o intuito de compreender de maneira mais aprofundada a iniciativa de debate da blogosfera em língua portuguesa, com ênfase em África lusófona e Timor, foi feita uma análise de 33 blogues¹²⁸ oriundos de (ou que adotam a temática sobre) Angola, Moçambique¹²⁹, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. As páginas dos ditos blogueiros foram observadas sob as variáveis seguintes: Nome, URL, Enfoque, Atualização, Idade, Amostra de vocábulos, Autor e região, Presença de línguas autóctones, Discurso e estilo. A maioria dos endereços foi retirada do *ranking* dos mais acessados do site de registros www.thecnorati.com, pelo que pode ser visto em http://blog.uncovering.org/pages/ranking_af_cv_tl.html, no qual oferece a lista:

top blogs	Posição	Nome	Technorati Rank	País
top 100 lusófono	1	ma-schamba	62034	
top África, Cabo Verde, Timor	2	Marginal Zambí	162356	
Adicionar blog	3	Pululu	162356	
secções	4	Alto Hama	170597	
arquitectura	5	A Minha Sanzala	217579	
artes e Letras	6	chuinga.5	217579	
bd / hq	7	Atelier dos Manqueirinhas	377609	
cinema	8	Companhia de Moçambique	415686	
design	9	Ideias de Mocambique. De Egidio Vaz	550426	
fotografia	10	albatrozberdiano	696488	
humor	11	Nullius in Verba	696488	
motores	12	Angola Minha Terra	731678	
musica	13	Angola Xyami	731678	
posta restante	14	Às vezes (des)organizo-me em palavras...	731678	
tecnologia	15	O QUOTIDIANO DE MOCAMBIQUE	731678	
televisão	16	Ucrânia em África	746817	
leituras	17	Angola Sempre	871446	
	18	Rádio MuximAngola	871446	
	19	SERRA DA CHELA	872909	
	20	Akoka em Cabo Verde - Ilha do Sal	953167	
	21	Racionalidade Económica	962510	
	22	ANGOLA SAUDADES	1049188	
	23	cenakritika	1312183	
	24	Konkomitantemente, Mankakas!	1312183	
	25	ONDAKA USONGO!	1391575	
	26	chuinga.io	1500987	
	27	Curto & Grosso	1500987	
	28	Um blog sem nome	1644723	
	29	Interrogações sobre Angola	2124856	
	30	Espaco Cabo Verde	2256766	
	31	artistascaboverdeanos	3053157	
	32	Fotos dizem tudo	3053157	
	33	Rádio MuximAngola	3053157	
	34	TIMOR LOROSAE NACÃO	4446976	
	35	Cabo Verde Nós Terra	4601744	
	36	OTCHIMBUNDU	4601744	

Figura VII – Imagem retirada do site Obvious, que apresenta o ranking de blogues registrados no Thecnorati.

¹²⁸ Cfr. **Anexo XIV** – Tabela de Análise de 33 blogues, página 183.

¹²⁹ “Ma-blog: novo portal do bloguismo relacionado com Moçambique. Endereço: <http://www.ma-blog.net>”. (Fonte: Blogue Alto Hama)

No **Anexo XIV**, página 183, é possível localizar tabela elaborada segundo o estudo que formatou toda a base dos comentários e das observações a seguir, que serão feitas sobre o ambiente de informação e tecnologia, no parâmetro conteúdo e meios. A idéia principal desta análise parte do ponto de vista sociológico, mais do que comunicacional, na identificação de discursos e, neles, as demandas e as visões de mundo da sociedade civil, sobretudo destes povos ainda tão isolados. Rica fonte de informação, esses blogues formam uma rede de referência que tem se criado de 2004 em diante e que aos poucos ganha novos adeptos ampliando e enriquecendo as visões, e principalmente o debate sobre África por parte de quem realmente vive a realidade dessas regiões.

Conclusões observadas através da análise dos 33 blogues:

- A maioria dos autores de blogues é composta por homens. De 33 páginas analisadas, apenas três autoras de blogues são mulheres.
- A temática que prevalece é a de País, com enfoque em críticas aos governos, aos serviços públicos e às condições do povo. Por outro lado, há alguns que criticam, mas ao mesmo tempo conclamam o amor à pátria e demonstram posicionamento ideológico. São 12 blogues sobre Nacional mais incisivamente. Mas quase todos envolvem este aspecto, mesmo indiretamente.
- As temáticas ligadas à política superam as culturais, apenas cinco dedicadas à abordagem.
- Na maioria dos casos, o estilo adotado é o opinativo, crítico, na mistura de fatos e interpretações, na compilação de uma série de visões de mundo de acordo com a subjetividade de cada um, suas vivências reais. São relatos e depoimentos de quem vive a realidade dos países.
- O debate promovido é mais voltado para um universo próprio, sobre África, em geral, do que assuntos externos. Apenas em um dos blogues foi identificado questões como realidade política da Venezuela ou atuação do FMI, entre outros.

- Assim sendo, os assuntos abordados estão mais situados na área de País do que de Mundo e alguns trazem materiais inéditos, produzidos de maneira independente.
- A maioria dos blogues traz links para outros blogues de temáticas semelhantes. Links que se repetem, o que nos permite verificar uma rede de contatos já estabelecida nesse sentido, uma troca de visões e uma convergência entre elas.
- A maioria dos blogues analisada traz referências e registros de vocábulos em idiomas nacionais, se não inteiramente, eventualmente emprega palavras com explicação de seus termos. A maioria usa a língua portuguesa como intermediária para se expressar, mas não deixa de lado suas origens nos mais íntimos reflexos de pensamento. Dos 33 blogues, 12 usam eventualmente línguas autóctones (em meio ao idioma oficial), dez usam mais incisivamente e apenas um (o blogue Kinkomitantemente) adota o idioma nacional inteiramente. Neste último ocorre o contrário que os demais, verifica-se apenas algumas frases em português.
- Os blogues culturais, de relatos e de cotidiano, que não têm a intenção de ser um retrato dos veículos de comunicação tradicionais, com posts mais informativos, são os que fazem maior uso dos idiomas nacionais. Enquanto os blogues que pretendem oferecer informação nos moldes mais tradicionais refletem o discurso mais elitizado dos formadores de opinião e, por conseguinte, utilizam puramente o português – idioma das autoridades e da mídia em tais países, com algumas exceções das capitais de Angola e Moçambique.
- A maioria dos blogues traz mensagens reflexivas sobre os fatos do país, da cidade, e do mundo (referenciando seus países e regiões). Verifica-se um compromisso com a informação e uma vontade de falar, de exprimir indignação, ou de analisar com base empírica os acontecimentos. O blogue com aspecto de diário online não é muito o caso desses analisados. Os depoimentos

de vida são misturados ao cotidiano político, económico, histórico e social como uma consciência coletiva.

- Também verificou-se que esses blogues não trazem muitas referências aos demais países da CPLP ou à própria entidade.

- Verifica-se ainda um rancor do colonialismo em alguns casos ao se referirem a Portugal, como será visto nos trechos de mensagens selecionadas, mais adiante.

- Em alguns casos como o de Timor, os blogues são resumos de notas de outros jornais online, nos idiomas português e inglês. Fato que reflete uma inversão de poderes, e uma iniciativa de que a produção de informação não é algo de domínio do Estado exclusivamente. E que, para além do jornalismo cidadão, a comunicação social deve dar voz ao povo. Um papel fundamental, esquecido pelas questões de poder paralelo que se pratica internamente nos órgãos de mídia.

Trechos de mensagens dos blogues analisados que exemplificam algumas das conclusões acima evidenciadas:

O blogue do jornalista angolano Orlando Castro, Alto Hama, título homônimo de sua coluna no jornal online Notícias Lusófonas, é um dos que dão voz a uma interpretação íntegra dos fatos.

*“Presidente da UNITA continua a não ter quem, em Angola, lhe dê voz. Em Portugal, na sua recente viagem, teve essa oportunidade que, contudo e **na minha opinião**, não aproveitou. Isaías Samakuva revelou-se um excelente diplomata mas não, como se esperava, um líder a caminho da chefia do Governo ou da Presidência da República”.* (Alto Hama, 29 de abril de 2008)

Do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Carlos Serra, de Moçambique, criador do blogue Diário de Um Sociólogo, produz material independente na análise do cotidiano com enfoque nas realidades sociais.

“Parece haver uma revolta popular em certos bairros periféricos da cidade de Maputo devido ao aumento dos preços do pão e das viagens em chapas. Cidadãos por mim ouvidos disseram-me que em certas zonas os chapistas não circulam com receio dos habitantes, havendo mesmo zonas com barreiras erguidas”. (Diário de um Sociólogo, 5 de fevereiro de 2008)

O blogue Marginal Zambí, da professora Laurentina (sem sobrenome), traz um exemplo das questões coloniais que ainda coexistem em crítica e sentimentos de revolta. Mostra indignação e põe em causa a problemática racial.

“A MORAL DOS LÍDERES AFRICANOS...

*Os actuais líderes africanos são como todo o mundo sabe e constata uns ladrões descarados...Os actuais líderes africanos são como todo o mundo sabe e constata uns déspotas salafrários...Os actuais líderes africanos são como todo o mundo sabe e constata uns transgressores arbitrarios dos direitos humanos...Os actuais líderes africanos são tudo o que se sabe e é noticia, mas quem foram os seus professores??? Quem são os seus Ídolos??? Quem são as fontes da sua conduta??? Por quem foram colonizados?? PELOS EUROPEUS, PELOS AMERICANOS E OUTROS CORRELEGIÓNÁRIOS... e que me conste todos são **brancos sem escrúpulos...**”*
(Marginal Zambí, 26 de abril de 2008)

O blogue Konkomitadamente, de Angola, traz um texto bem-humorado inteiramente em idioma nacional, com fotos, montagens e abriga ainda um banner que aponta para um site de gramática em Kimbundo. Tem uma linguagem mais descompromissada com o aspecto formal, não poupa vocabulário coloquial, e tem uma marca bem pessoal de estilo do autor, Mankakoso, que em seu perfil de atividade se classifica como empresário de sucesso (Emprezáriu de sucéssu). Muito interessante como oportunidade para verificar as características do idioma, que para quem fala português é compreensível.

*“Veijem lá éssa makas das kartas de condução ke **xtamos** ku éla. O Mantorras anda kom karta mwangolé, pruke não pode! E o gajo sabia, **sakana!** Anssim na banda*

também os tuga ke conduzem kom as kartas da mutrulha, também é kangado. Lhis trouxeram lá bwé deles em koluna eskoltados. Isso anssim também é humilhante!!!! Não dá!!! Os mwadiês muintu bem na praia e anssim sem mais nem menos, mudam a lei e um gajo nem tem tempo de lhe assimilar, já xtão kangare os outros!” (Konkomitantemente, 16 de março de 2007)

O blogue Angola Interrogada, escrito por um conjunto de seis colaboradores, explicita um forte caráter ideológico, um orgulho patriótico, e traz textos longos e de análises aprofundadas das questões do país, mensagens aos dirigentes, como uma necessidade de manifestação ao poder público nas funções de veículo de comunicação opinativo.

*“A palavra Democracia é, de longe, um dos vocábulos mais usados e mais procurados por todos os que amam Angola e se interessam pela actual conjuntura do **nosso promissor País**. Assim, não constitui surpresa o facto dos nossos dirigentes e alguns «clarividentes» que sustentam o regime vigente não se cansarem de anunciar aos quatro ventos que «a instauração da democracia em Angola tornou-se num processo irreversível e o nosso país afirma-se cada vez mais como um Estado de direito”* (Angola Interrogada, 25 de março de 2008 - José Maria Huambo).

*“**Caros Dirigentes**, tornou-se um hábito, longamente repetido, tratarem os vossos compatriotas como se fossem um aglomerado amorfo de pessoas cegas e ignorantes. Do vosso ponto de vista, o Povo não percebe dos problemas do País, não sabe o que se passa no mundo e é incapaz de avaliar a vossa gestão governativa. **Não somos um Povo especialmente cego e ignorante**. Partilhamos das mesmas aspirações, das mesmas necessidades e dos mesmos problemas de todos os povos do mundo. É que todo o ser humano deseja ardentemente: **sair da miséria e ter boa vida**; viver neste mundo o mais tempo possível; **aumentar os seus conhecimentos**; participar activamente na vida da sua comunidade; usufruir da segurança da sua pessoa e dos seus bens. Os tempos mudaram. **A velha táctica de desinformação e de ocultação de factos para manter os angolanos na ignorância e no obscurantismo já não funciona em pleno”**. (Angola Interrogada, 12 de março de 2008 - José Maria Huambo).*

Através das páginas analisadas e dos aspectos explicitados nos tópicos já vistos, conclui-se que o jornalismo cidadão que tem sido feito em África já tem em média quatro anos, pois a maioria dos blogues foi criada de 2004 para cá. Reflete uma prática já amadurecida e rica em qualidade de informação. Uma fonte que se faz mais forte no caso da construção de um olhar verdadeiramente social, mas que ainda não se pode classificar como popular. A produção e transmissão de conteúdo é feita por uma parcela da sociedade que detém condições e tem oportunidade de estudo, além do acesso à Internet como um meio de expressão. São juristas, jornalistas, economistas que estão na liderança deste movimento. Mas a presença da blogosfera africana e timorense no espaço lusófono, e no mundo, é importantíssima, pois cria-se um ambiente mais autônomo em relação ao olhar estrangeiro, ao qual sempre foram submetidos na produção e reprodução de estigmas que se perpetuam ao longo dos tempos. Identificar esta peculiaridade da blogosfera lusófona em África e Timor foi o objetivo de estudo deste capítulo de encerramento, no intuito de evidenciar o valor deste meio na democratização da informação para si próprios e sobretudo para os demais países do sistema internacional. A opinião da sociedade tem o valor de nos permitir saber o que realmente acontece em tais regiões. Promove um debate que pode gerar interesse para a criação de projetos e fomentar novas idéias com base nas reais necessidades das populações, se bem observadas nas entrelinhas dos discursos. É uma oportunidade de conhecimento mais próxima da realidade e mais despida de interesses. A comunidade precisa ser incentivada na popularização do meio, na produção de conteúdo em idiomas nacionais com versão para português e outros idiomas. Os lusófonos querem falar. E não só: querem também ser ouvidos.

CONCLUSÃO

Espera-se que os argumentos expostos nesta tese tenham cumprido o objetivo de fundamentação da hipótese que norteou a execução deste estudo, que indaga se a Lusofonia Digital enquanto expressão de densa complexidade teórica é viável enquanto projeto prático. Este trabalho mostrou no I Capítulo que, no âmbito da relação dos países e regiões de língua portuguesa não há uma proposta eficaz de comunicação com aproveitamento das novas tecnologias e das redes de sociabilidade nos meandros da interculturalidade. Identificou uma lacuna neste universo, que pode retardar o processo de inserção dos lusófonos, enquanto comunidade, na linha do tempo da sociedade do conhecimento. Deste ponto de vista, a entrada de cada país separadamente neste universo distancia ainda mais a identidade comum nos processos de adaptação e experimentação às novas linguagens. Esta transformação já está em curso, de maneira silenciosa, e não sopra à favor das lusofonias.

A Lusofonia Digital pode ser um novo caminho de integração e cooperação, pois é neste conceito que se propõe abarcar a gama de projetos que está sendo atualmente criada com base em ações de Internet em seu espaço, ou não-espaço. Idéia que reside na valorização do multiculturalismo em apostas de interatividade para a geração de novos saberes. Esta proposta é dependente de uma infra-estrutura que pode ser garantida por duas vias: pela ação dos Estados em concertação com a CPLP no que diz respeito às políticas públicas para levar equipamentos e acesso à Internet aos membros desfavorecidos; ou pela “boa vontade” (como ações de responsabilidade social) de diferentes grupos que têm mostrado alternativas em seu terreno. Nada impede, entretanto, que seja feita uma parceria entre as duas possibilidades de atuação. Aspectos para que chamamos a devida atenção no II Capítulo a partir, nomeadamente, do estudo de caso.

Alguns países lusófonos podem se tornar um celeiro de boas práticas no intercâmbio de projetos que promovam minimamente transferência tecnológica e levar algum benefício para populações tão sacrificadas, sobretudo em colaboração com o setor de educação. O conceito de parceria instaura no universo moderno a possibilidade de permutas de serviço e a criação de alternativas, de baixo impacto em termos de custos, que podem ser auto-sustentadas pela própria sociedade civil. E assim, neste

plano, abre-se um leque maior de soluções com base na ajuda mútua, na crença de que é preciso fazer as pessoas sonharem. Neste trabalho tivemos algumas comprovações da necessidade de expressão lusófona e pudemos observar que a circulação de informação e a manifestação livre de idéias são bens há muito negados a tais povos. Vozes que foram silenciadas ao longo da história.

A Lusofonia apresenta-se como um labirinto da cultura, enquanto não aproveita sua natureza virtual para produzir ações concretas. A figura do labirinto serve de metáfora para seu complexo contexto cultural. Supera a do mosaico, muito empregada para composição de análises neste campo. O mosaico configura um elemento estático que gera a ilusão de movimento, ao passo que o labirinto¹³⁰ como peça dinâmica e mutável, cria inúmeras possibilidades de combinação, sendo a expressão metafórica mais adequada no que diz respeito a uma simbologia própria para a criação de uma Lusofonia Digital. As culturas se encontram em proporção labiríntica e, nos seus sucessivos desencontros, se fragmentam dentro do prisma mitológico da não-realização, da eterna abstração. “*Em cada cultura o labirinto se compõe de um espaço perfeitamente definido, de geometria calculada, porém ilusório, tanto por sua miríade de possibilidades quanto pela aparência de cada um de seus constituintes*”¹³¹.

Impulsionar a mola da informação em prol da geração de investimentos em projetos educacionais e criar mercado para novas possibilidades de inserção, bem como produção, preservação e transmissão do conhecimento são alguns dos resultados vistos através de relatos, somados à ciência de que em diversas partes do mundo explodem novos projetos, novas idéias, e uma delas pode um dia ser a solução nunca antes encontrada, que certamente dará origem a novos problemas. O quadro é constantemente de substituição. Por conta disso, a preservação dos valores culturais dos povos, sobretudo os idiomas, foi um dos pontos incessantemente defendidos na necessidade de legado às gerações futuras. Conforme explicitamos no III Capítulo, há novas formas de registro que podem ser aproveitadas com este intuito e a comunicação e as Tecnologias da Informação hoje são um reservatório dinâmico que

¹³⁰ No site <http://www.xefer.com/maze-generator> é possível criar vários tipos de labirintos através de um sistema que combina as configurações desejadas e cria as mais diversas formas.

¹³¹ Disponível em: http://www1.uol.com.br/americancourtyard/manuela1_port.html [Em linha]. [Consultado em 02- 2008].

têm trazido uma filosofia de compartilhamento de experiências e ofertas gratuitas de aquisição de conhecimento, seja ele de natureza científica ou empírica. Isto quer dizer que, à medida que a infoexclusão reduz, aumenta a visibilidade do meio, que passa a ser cada vez mais aberto e relacional.

Por fim, há de se salientar que a Internet é um dos caminhos de grande potencial estratégico muito pouco utilizado no plano da lusofonia; cuja necessidade pode ser constatada com o surgimento e a expansão da blogosfera lusófona, como comprovado no Capítulo final. É preciso dar aos povos que permanecem isolados o direito de serem vistos e de se manifestarem em uma fonte de intercâmbio cultural e de diálogo. Por outro lado, dar aos demais povos do mundo a oportunidade de enxergarem aqueles isolados, compreender suas necessidades e riquezas, fazendo-nos assim sair desta cegueira produzida. A maior proposta deste estudo consistiu em identificar nos novos movimentos comunicacionais condições de desenvolvimento humano, além de tentar inspirar outros desejos de investigação que aprofundem esta temática.

Existe algo de mítico em todas as problemáticas da lusofonia e assim ela constitui um enigma: talvez esteja naquilo que parece ser o seu maior problema a sua grande solução. Há muito o que se estudar e sugerir se olhada de perto e mais ainda por se indignar se vista de longe, com o devido distanciamento crítico. Mas quem irá nos ouvir? Esta roda viva não pode parar, é preciso novos encantamentos, questionamentos e constantes denúncias. Idéias que resultem em ações, pois atua em seu contexto o mais cruel dos esquecimentos: a falta de oportunidade. Assim sendo, a Lusofonia Digital surge como um grão de proposta, que pode colaborar na condução dos lusófonos a um salto para o comum e à inauguração de uma nova relação de nossos povos com seu passado histórico. E por mais virtual que pareça, pode ser neste momento o caminho real de transformação do conceito da lusofonia, na materialização da diversidade enquanto valor coletivo e individual.

5. BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES

1. Estudos¹³²

Afonso M. M. (1995). *Cooperação para o Desenvolvimento: Características, evolução e perspectivas futuras*, Lisboa.

Alexandre, Valentim (2000). *Velho Brasil. Novas Africas. Portugal e o Império (1808-1975)*. Porto, Edições Afrontamento.

Almeida, Eugénio Costa (2006). *CPLP permanece falida, decrépita e inoperativa*.

Disponível em:

<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=15184&category=Manchete>. [Em linha]. [Consultado em 22-05-08]

Almeida, V. Miguel (2002). *O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso lusófono*. In: *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Imprensa de Ciências Sociais (ICS), Lisboa.

Azevedo, Esmeraldo (1998). “Cooperação e Desenvolvimento no âmbito da CPLP”. In: *Lusofonia. Uma história, um projecto, uma questão*, nº 15, Abril, pp. 89-94.

Brito, Wladimir (2004). “A Cidadania Lusófona: condição necessária da afirmação política da multiculturalidade lusófona”. In VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra: CESFE. <disponível em <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel1/WladimirBrito.pdf>>

Cabaço, José Luís (2007). *A vida na África de língua portuguesa*. In: Revista EntreLivros, Vozes da África - a riqueza artística e cultural do continente. Edição especial número 6, Lisboa, Dueto Editorial.

Camões, Luís (1980). *Os Lusíadas. Grandes Obras da Cultura Universal*. Vol. 2, Belo Horizonte, Editora Itatiaia - Editora da Universidade de São Paulo.

Caillois, Roger (1980). *O mito e o homem*. Lisboa, Edições 70.

Cardeira, Esperança (2006). *O essencial sobre a História do Português*. Lisboa, Caminho.

Cardoso, Fernando Henrique e Soares, Mário (1998). *O Mundo em Português. Um diálogo*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Cardoso, Fernando Jorge (2003). *Entre expectativas e realidades*, in: *O Mundo em Português*, nºs 45/47, IEEI.

¹³² Incluímos todos os artigos de Autor publicados e assinados online.

Carmo, Hermano (1998). “Cooperação, uma ferramenta com dois gumes. O caso do projecto EAD-Angola”. In: *Lusofonia. Uma história, um projecto, uma questão*, nº 15, Abril, pp. 95-103.

Castells, Manuel e Himanen, Pekka (2002). *El estado Del bienestar y a la sociedad de la información - el modelo Finlandês*. Sintra, Alianza Editorial.

Castelo, Cláudia (1998). *O Modo Português de estar no Mundo*. Porto, Edições Afrontamento.

Castilho, Carlos (s/d). *Pela Lusofonia Multilíngüe e multicultural*. Disponível em: http://www.univ-ab.pt/~castilho/pela_lusofonia.htm [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

Castro, Henriques Mendo (2000). *Os três segredos da lusofonia*. Disponível em: <http://www.portugal-linha.pt/20080317711/Os-tres-segredos-da-lusofonia/menu-id-73.html> [Em linha]. [Consultado em 22-05-08]

Castro, Orlando (2006). *Lusofonia, África, Portugal e a Europa*. Disponível em: <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=15599&catogory=CPLP> [Em linha]. [Consultado em 22-05-08]

Comitê Gestor de Internet no Brasil, <http://www.cgi.br>

Cavalcanti, Marcos e Nepomuceno, Carlos (2007). *O conhecimento em rede: como implantar projetos de inteligência*. Rio de Janeiro, Elsevier.

Ciancio, Patrisia (2005). *Após sonho europeu, Portugal verá o pesadelo – entrevista a Orlando Castro*. Notícias Lusófonas. Disponível em: <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=11186&catogory=Entrevista> [Em linha]

Ciancio, Patrisia (2006). “Exportação eletrônica – novelas influenciam falares de outros países com identidade lusófona”. In: *Revista Língua Portuguesa*, Ano I, nº 4, São Paulo, Editora Segmento, pp. 29-31.

Ciancio, Patrisia (2007). “Brasil ainda não é lusófono”. In: *Revista Língua Portuguesa*, Ano II, nº 17, São Paulo, Editora Segmento, pp. 18-19.

Ciancio, Patrisia (2007). “O temor da língua brasileira”. In: *Revista Língua Portuguesa*, Ano III, nº 26, São Paulo, Editora Segmento, pp. 22-24.

Ciancio, Patrisia (2007). *Seminário discute futuro de São Tomé e Príncipe*. Projeto Lusofonia¹³³.

Ciancio, Patrisia (2007). *O tecnoportuguês no país dos Descobrimento*. Projeto Lusofonia¹³⁴.

¹³³ Cfr. o **Anexo V** – Conferência debate futuro de S. Tomé e Príncipe, 159.

¹³⁴ Cfr. o **Anexo VII** – O “Tecnoportuguês” no país dos descobrimentos, 163.

- Ciancio, Patrisia (2008). “*Rio terá sua Casa da Lusofonia*”. In: Revista Língua Portuguesa, Ano III, nº 30, São Paulo, Editora Segmento, p.10.
- Ciancio, Patrisia (2008). “A CPLP na sociedade do conhecimento”. No prelo, a publicar nas *Atas do II Seminário Internacional de Memória e Cultura Visual da Associação para a Investigação e Desenvolvimento sócio-cultural (AGIR)*, 17 pp.
- Ciancio, Patrisia (2008). *Ciberpoema une língua portuguesa e tecnologia*. No prelo, a ser publicado no Caderno de Cultura do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro.
- Ciancio, Patrisia (2008) (co-autora). *O contributo das Relações de Manuel Severim de Faria e da Gazeta da Restauração do periodismo em Portugal*. III Jornadas Internacionais de Jornalismo da Universidade Fernando Pessoa.
- Communication & Strategies – The economic journal on Telecom, IT and Media*, number 58, 2nd quarter 2005.
- Conceição, Joaquim Paulo (2006). “*O português como veículo de inserção cultural e comunicacional no mundo globalizado*”. In: Martins, Moisés de Lemos et al. *Comunicação e Lusofonia – para uma abordagem crítica da cultura e dos media*, Lisboa, Campo das Letras.
- Condesso, dos Reis Fernando (2007). *Direito da Comunicação Social: Lições*. Coimbra, Almedina.
- CPLP define plano de ação para promover português como língua tecnológica*. Disponível em: <http://tek.sapo.pt/4M0/663203.html> [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].
- Couto, Mia (2005). *Pensatempos*. Lisboa, Caminho.
- Couto, Mia (s/d). *Desmistificando a ideia de lusofonia*. Disponível em: <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/berwsea0.simples> [Em linha]. [Consultado em 02- 2008].
- Couto, Mia (2007). *Língua portuguesa cartão de identidade dos moçambicanos*. Disponível em: <http://ciberduvidas.sapo.pt/lusofonias.php?rid=1279> [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].
- Cristóvão, Fernando (1994). *Diálogos da casa e do Sobrado*. Lisboa, Cosmos.
- Cristóvão, Fernando (1995). *Fernando Pessoa e a Lusofonia a Haver*. O foco - o português no mundo. Número 14.
- Cristóvão, Fernando et al. (2006). *Dicionário Temático da Lusofonia*. ACLUS, Lisboa, Texto Editores.
- Diop, Majhemout (1958). *Problèmes politiques en Afrique Noire. Présence Africaine*, Paris.

Domingues, João (2004). *Lusofonia, anglofonia, francofonia*. Disponível em: http://www.janusonline.pt/sociedade_cultura/sociedade_1998_3_2_a.html [Em linha]. [Consultado em 22-05-08]

Duprat, Carla Cordery (2005). *A empresa na comunidade: um passo a passo para estimular sua participação social*. São Paulo, Instituto para o Desenvolvimento Social Global Editora.

Estatuto Jurídico da Lusofonia (2002). *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra – STVDIA IVRIDICA*, 68, Colloquia – 10, Coimbra, Coimbra Editora.

Freire, Maria Raquel (coord.) (2004). *Desafios da Democratização no Mundo Global*. Porto, CEPES.

Freitas, Judite A. Gonçalves de (1998/1999). *Recensão crítica a propósito do livro de Luís Adão da Fonseca, Vasco da Gama: o Homem, a Viagem, a Época, Lisboa, Ed. C.E.M.L., 1997*. In: Taíra. *Revue du Centre de recherche et d'études lusophones et intertropicales*, nº spécial commémoration du Vème centenaire du Voyage de Vasco da Gama, Université de Stendhal-Grenoble, nº 10, pp. 193-197.

Giddens, Anthony (1995). *As conseqüências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.

Junqueiro, Raul (2002). *A idade do conhecimento: a nova era digital*. Lisboa, Editorial Notícias.

Ianni, Octavio (2004). *A era do globalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) (2006). *Uma visão estratégica para a cooperação portuguesa*. Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Laranjeira, Pires (1995). *As literaturas africanas de língua portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta.

Ledda, Romano (1970). *Una Rivoluzione Africana*. Donato Editores, Atti.

Leonard, Yves (1999). “As ligações a África e ao Brasil, in: Francisco, Bethencourt e Kirty Chaudhui, *História da Expansão Portuguesa*, Vol. V, Círculo de Leitores, pp. 421-441.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo (2006). *Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-maria-para-uma-revisao-das-identidades-coletivas-em-tempo-de%20globalizacao.pdf> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

Lourenço, Eduardo (1994). *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, 4ª ed., Lisboa, INCM.

Lourenço, Eduardo (2004). *A língua como pátria*. In: *A Nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa, Gradiva.

Lowe, Paul Henry Chombart de (1983). *La Culture e Le Pouvoir: Transformations Sociales et Expressions novatrices*. Paris, Changements.

Machado, Igor José de Renó (2002). Resenha sobre A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100016&script=sci_arttext [Em linha]. [Consultado em 30-11-2007].

Machaqueiro, Raquel Sofia Rodrigues Rosa (2003). *Tropicalidade e Lusofonia: Imagens e Representações Identitárias num Contexto Pós-Colonial*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Magalhães, José Calvet (1997). *Relance Histórico das relações diplomáticas Luso-brasileiras*. Lisboa, Quetzal.

Marchueta, M^a Regina e Fontes, José (2002). *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Fundamentos Político-diplomáticos*, Lisboa, IPCE/CEOFO.

Margarido, Alfredo (2000). *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*. Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa.

Marques, A. H. de Oliveira e Serrão, Joel (1986). *Nova História da Expansão portuguesa*, vol. I – *A Expansão Quatrocentista*. Lisboa, Editorial Estampa.

Marques, Manuela B. Mena (s/d). *Pátio das Américas*. Disponível em: http://www1.uol.com.br/americascourtyard/manuela1_port.html [Em linha]. [Consultado em 02- 2008].

Martins, Moisés de Lemos et al (2006). *Comunicação e Lusofonia – para uma abordagem crítica da cultura e dos media*, Lisboa, Campo das Letras.

Mateus, Maria Helena Mira Mateus (2002). *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa, INCM.

Mayor, Federico (1990 – 1995). *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. África – Uma prioridade*. Unesco.

Milando, João (2005). *Cooperação sem desenvolvimento*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Monteiro, Ramiro Ladeiro (1997). *A África na política de cooperação europeia*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.

Mourão, Fernando A. A. (2000). *A Comunidade de Países de Língua Portuguesa: a base linguística e a base material*, in: Neves, F.S. (org.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

- Moreira, Adriano (2001). *A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*. Cooperação. Coimbra, Almedina.
- Mourão, José Augusto (2005). “Retórica do hipertexto”. In: *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 36, pp. 87 –101.
- Munanga, Kabengele (2005). *O que é africanidade*. In: Revista EntreLivros, Vozes da África - a riqueza artística e cultural do continente. Edição especial número 6, Dueto Editorial, São Paulo.
- Neves, Fernando Santos (2005). *A Lusofonia tem de passar de potência ao acto*. Disponível em: <http://respublica.ulusofona.pt/aLusofonia.pdf> [Em linha].[Consultado em 22-05-08]
- Neteo, Leonel Leal (2003). “Portugal e Brasil: mais que um passado colonial”, In: *Bahia. Análise e Dados*, vol. 13, nº 1, pp. 31-41.
- Nogueira, João Pontes e Messari, Nizar (2005). *Teoria das Relações Internacionais – correntes e debates*. Rio de Janeiro, Editora Campus.
- Onuf, Nicholas Greenwood (1989). *World of our making – Rules and Rule in Social Theory and International Realitions*, Columbia: University of South Carolina Press.
- Page, Martin (2002). *The first global lillage. How Portugal changed the world*. Lisboa, Casa das Letras / Editorial Notícias.
- Pecequilo, Cristina Soreanu (2003). *Paradigmas da Inserção Internacional do Brasil: A Política Externa dos EUA*. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20060427175259.pdf?PHPSESSID=8ae83f39cff63d111081b61e29dec6db [Em linha]. [Consultada em 04-2008].
- Pereira, Dulce (2006). *O essencial sobre a Língua Portuguesa - Crioulos de base portuguesa*. Caminho. Lisboa.
- Primo, Alex (2007). *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].
- Ramalho, Vitor e Antunes, Carlos (1997). Portugal e o Espaço da Lusofonia. Disponível em: http://www.janusonline.pt/portugal_mundo/port_1997_3_6_g.html [Em linha].[Consultado em 22-05-08]
- Rego, Luís (2006). *Sociedade em Rede, regulação – Experiência de Moçambique na Abordagem sobre o Acesso Universal*. Instituto Nacional das Comunicações de Moçambique. Disponível em: <http://www.aicep.pt/media/pdf/LUIS%20REGO.ppt> [Em linha]. [Consultado em 04- 2008].
- Reis, Carlos (1997). “A questão da lusofonia”: In: *Jornal de Letras*, 30 de julho.

Rodrigues, António Augusto Simões *et al.* (1997). *História Comparada – Portugal, Europa e o Mundo. Uma visão cronológica*, vol. I, Lisboa, Temas & Debates.

Rodrigues, Carlos (2008). *Gary Chapman defende que governos devem utilizar as ferramentas da Web 2.0*. Disponível em: http://www.peabirus.com.br/redes/form/post?topico_id=9298 [Em linha]. [Consultada em 04-2008].

Rodrigues, Nascimento Jorge e Devezas Tessaleno (2007). *Portugal. O pioneiro da Globalização*. Lisboa, Centro Atlântico.

Rosas, Fernando e Rollo, M^a Fernanda (1998). *Os Portugueses e os desafios do milénio*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Rosas, Fernando e Rollo, M^a Fernanda (1998). *Língua Portuguesa: a herança comum*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Sanches, Manuela Ribeiro (org.) (2005). *Descolonizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-colonialidade*. Lisboa, Cotovia.

Saramago, José (1995). *Ensaio sobre a cegueira*, Lisboa, Editorial Caminho.

Santilli, M^a Aparecida (1998). “O papel do Brasil na Lusofonia”. In: *Lusofonia Lusofonia. Uma história, uma projecto, uma questão*, nº 15, Abril, pp. 25-36.

Santos, António de Almeida (2001). *Paixão Lusófona*, Lisboa, INCM.

Santos, Boaventura de Sousa (2006). *A gramática do tempo – para uma nova cultura política*. Volume 4, Porto, Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (2006). *A partilha da África*. Disponível em: http://www.lpp-uerj.net/outrobrasil/Artigos_Destaque.asp?Id_Sub_Artigo=245 [Em linha]. [Consultado em 8-11-2008].

Santos, Vitor (2005). *Portugal, a CPLP e a Lusofonia*, in *Negócios Estrangeiros*, numero 8, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Silva, Lidia J. Oliveira Loureiro (2005). *Qual o papel da Internet na promoção da (in)existência de laços entre os investigadores da comunidade lusófona?* Anuário Internacional da Comunicação Lusófona. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewFile/1194/1010> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

Sousa, Boaventura de Sousa (s/d). UNB. Disponível em: <http://www.midiaepolitica.unb.br/visualizar.php?id=23&autor=> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

Sousa, Fernando (dir.) (2005). *Dicionário de Relações Internacionais*. Porto, CEPESE / Edições Afrontamento.

Souza, Teotónio (s/d). *Portugal e Vasco da Gama nas redes dos nautas e cibernautas*. Disponível em: <http://www.ciberduvidas.com/diversidades.php?rid=356> [Em linha]. [Consultado em 12-2007].

Strauss, Claude Lévi (1989). *Mito e significado – Perspectivas do Homem*. Lisboa, Edições 70.

Torres, Adelino (1996). *Horizontes do desenvolvimento africano no limiar do século XXI*, Lisboa, Vega.

Wallerstein, Immanuel (2000). "Globalization on the age of transition? A long term view of the trajectory of the world system". In: *International Sociology*, vol. 15 (2), pp. 251-267.

Weber, Larry (2007). *Marketing to the Social Web - How Digital Customer Communities Build Your Business*. New Jersey, John Wiley & Sons, Inc.

Venâncio, José Carlos (1996). *Colonialismo, Antropologia e Lusofonias*. Lisboa, Vega.

2. Documentos da CPLP: www.cplp.org [Em linha]. [Consultados em Agosto de 2007]

Acordo do segundo protocolo modificativo ao Acordo Ortográfico da língua portuguesa: São Tomé, 2004
<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Acordo%20o%20Protocolo%20Modificatv%20Acordo%20ortogr%20LP.pdf>

Declaração Constitutiva CPLP: Lisboa 1996
<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20Constitutiva%20da.pdf>
Declaração de Maputo: Moçambique, 2000
<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20DE%20MAPUTO.pdf>

Declaração sobre "cooperação, desenvolvimento e democracia na era da globalização": Maputo, 2000
<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20SOBRE%20COOP%20Maputo%202000.pdf>

Declaração de Brasília: Brasília, 2002
<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20DE%20BRASÍLIA.pdf>

Declaração sobre o Governo Eletrônico: Brasília, 2002
<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20SOBRE%20O%20GOVERNO%20ELECTRÔNICO.pdf>

Declaração sobre paz e desenvolvimento e o futuro da CPLP: Brasília, 2002

*Dissertação efetuada ao abrigo do **Programa Alban**, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina, bolsa F06M10387ARR*

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20SOBRE%20PAZ%20E%20DESENVOLVIMENTO%20E%20O%20FUTURO%20DA%20CPLP.pdf>

Declaração de São Tomé: São Tomé, 2004

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20final%20Aprovada.pdf>

Declaração sobre a sociedade da informação como contributo para a boa governação e transparência: São Tomé, 2004

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20sobre%20a%20sociedade%20de%20informação%20como%20contributo.pdf>

Declaração sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Desafios e Contribuição da CPLP: Bissau, 2006

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20ODM-Desafios%20e%20contribuições%20da%20CPLP.pdf>

Declaração de Bissau: Bissau, 2006

http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração_Bissau.pdf

Protocolo de cooperação entre o Secretariado Executivo da CPLP e o Fórum da Lusofonia: Lisboa, 1998

<http://www.cplp.org/docs/documentacao/PROTOCOLO%20DE%20COOPERA%C3%87%C3%83O%20Forum%20da%20Lusofonia.pdf>

Resolução sobre o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP): Maputo, 2000

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/RESOLUÇÃO%20SOBRE%20O%20IILP%20Maputo%202000.pdf>

Resolução sobre a promoção e difusão da língua portuguesa: São Tomé, 2004

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Res%20sobre%20a%20prom%20e%20dif%20da%20LP.pdf>

I Reunião Extraordinária dos pontos focais de cooperação da CPLP: Maputo, 2000

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/RPFC/1a%20R%20Extraord%20PFC.pdf>

I Reunião Ordinária dos pontos focais de cooperação da CPLP: Cascais, 1999

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/1a%20reunião%20dos%20PFC%20relatorio%20final.pdf>

Resolução sobre a sociedade civil: São Tomé, 2004

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Res%20sobre%20a%20soc%20civil.pdf>

Resolução sobre os embaixadores de boa vontade da CPLP: São Tomé, 2004

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Res%20sobre%20os%20emb%20de%20boa%20vontade.pdf>

3. Periódicos

Jornal de Letras, Ano IX, número 383, de 7 a 13 de novembro de 1989.

Jornal de Letras, Ano IX, número 377, 26 de Setembro a 2 de Outubro de 1989

Jornal de Letras, Ano IX, número 365, 4 a 10 de julho de 1989.

Jornal de Letras, Ano X, número 400, 6 a 12 de março de 1990.

Jornal de Letras, Ano X, número 409, 8 a 14 de maio de 1990.

Jornal de Letras, Ano X, número 449 de 1991, 11 a 18 de fevereiro.

Jornal de Letras, Ano X, número 445, 15 a 21 de janeiro de 1991.

Jornal de Letras, Ano X, número 450, 19 a 25 de fevereiro de 1991.

Jornal de Letras, Ano XI, número 464, 23 de maio a 3 junho de 1991.

Jornal de Letras, Ano XVI, número 686, 29 de janeiro a 11 de fevereiro de 1997.

Jornal de Letras, Ano XVII, número 697, 2 a 15 de julho de 1997.

Jornal de Letras, Ano XIV, número 690, de 26 de março a 8 de abril de 1997.

Jornal de Letras, Ano XVIII, número 735, 2 a 15 de dezembro de 1998.

Jornal de Letras, Ano XVIII, número 724, 15 a 28 de julho de 1998.

Jornal de Letras, Ano XXVII, número 962, 15 a 28 de agosto de 2007.

Jornal de Letras, Ano XXVII, número 963, 2007.

Jornal de Letras, Ano XXVII, número 974, 30 de janeiro a 12 de fevereiro de 2008.

Jornal de Letras, Ano XXVII, número 975, 13 a 26 de fevereiro de 2008.

Jornal de Letras, Ano XXVI, número 945, 20 de dezembro a 2 de janeiro de 2008.

Revista Lusofonia, Ano IV, nº 15, março de 2000. Eurobrape Editores, p.21.

Revista Visão (2005). *África – 30 anos depois*. Edição Histórica. Lisboa.

Revista Visão (2008). *A nova África – o que está a mudar no continente que amamos*. Edição Histórica. Lisboa.

"Criado o Instituto Internacional da Língua Portuguesa". In: *Revista do Património Histórico e Artístico Nacional*, nº especial, [Brasília], 1990, pp. 10-19.

3.1. Publicações online

Fazendo Mídia, entrevista a Emir Sader. Disponível em: <http://www.fazendomedia.com/fm0024/entrevista0024.htm> [Em linha]. [Consultada em 02-2008].

Jornal Angola Digital [<http://www.angoladigital.net/index.php>]

Jornal de Angola [<http://www.jornaldeangola.com/>]

Jornal Folha de São Paulo [<http://www.folha.uol.com.br/>]

Jornal O Globo [<http://oglobo.globo.com/>]

Jornal O Liberal [<http://www.liberal-caboverde.com/>]

Jornal A Semana Online [<http://www.asemana.cv/>]

Jornal Notícias Moçambique [<http://www.jornalnoticias.co.mz/>]

Jornal Imensis [<http://www.imensis.co.mz/>]

Jornal de Notícias [<http://jn.sapo.pt/>]

Jornal Correio da Manhã [WWW.correioManha.pt]

Jornal de São Tomé e Príncipe [<http://www.jornal.st/>]

Jornal Mundo Lusíada (2008). Visita oficial: Cavaco Silva defende investimentos e parceria estratégica com Brasil. Disponível em: http://www.mundolusiada.com.br/ACONTECE/acon403_mar08.htm [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

4. Artigos em sites e links de referência

Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP (2003). *A Universidade Virtual de Língua Portuguesa*. Disponível em: http://www.aulp.org/proj_uvlp.html [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

Agência Lusa. *Acordo Ortográfico não é necessário, afirma Mia Couto*. Disponível em: <http://www.agencialusa.com.br/index.php?iden=13845> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Agência Lusa (2008). *Desejo de Lula em parceria supera expectativa, diz Cavaco*. Disponível em: <http://www.agencialusa.com.br/index.php?iden=14517>. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Agência Lusa (2008). *Portugueses assinam petição contra acordo ortográfico*. Disponível em: <http://www.agencialusa.com.br/index.php?iden=15782> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

Anuário Radiobras de 1997. Disponível em: http://www.radiobras.gov.br/anteriores/1998/sinopses_2509.htm. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Blogue Miguel Vale de Almeida. Disponível em: <http://blog.miguelvaledalmeida.net/> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Cadernos da EJA. *A globalização da língua*. Disponível em: http://www.eja.org.br/cadernosdeeja/globalizacaoetrabalho/gt_txt5.php?acao3_cod0=0256922cde1c6115c32bf37c4f04d846 [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

Câmara Brasil Portugal (2007). *Canal de TV lusófono também vai alcançar outras regiões*. Disponível em: <http://www.brasilportugal.org.br/ce/content.php?ctg=noticias&sec=953>. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Câmara de Comércio e Indústria Luso-Brasileira. Disponível em: <http://www.ccilb.net/pag/conteudo.asp?Noticia=1&CdC=714> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Delicious [<http://del.icio.us/>]

DirectoLuso Blogue [WWW.directoluso.blogspot.com]

Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://www.institutoathenas.com.br/concursos/98/retiflei.htm> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Estado de São Paulo (2008). *Parlamento Português aprova novo acordo ortográfico*. Disponível em: http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid173857.0.htm [Em linha]. [Consultado em maio de 2008].

Estatuto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.cplp.org/docs/documentacao/Estatutos%20da%20Comunidade%20dos%20Países%20de%20Língua%20Portuguesa.pdf> [Em linha]. [Consultado em 22-05-08]

Folha de SP Online (2006). *Países de Língua Portuguesa formam rede de educação a distância*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18969.shtml> [Em linha]. [Consultada em 02-2008].

Fórum Yahoo Comunidade Lusófona. Disponível em: http://br.groups.yahoo.com/group/comunidade_lusofona/messages/3401?viscount=100 [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

IG/EFE (2008). *Lula e Cavaco Silva reafirmam laços entre Brasil e Portugal*.

Disponível em:

http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2008/03/08/lula_e_cavaco_silva_reafirmam_laços_entre_brasil_e_portugal_1221148.html [Em linha]. [Consultado em 04.2008]

IILP. *Ser professor de português em Paris*. Disponível em: [http://www.iilp-](http://www.iilp-cplp.cv/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=30)

[cplp.cv/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=30](http://www.iilp-cplp.cv/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=30) [Em linha]. [Consultado em 15-12-2007].

InfoAbril (2007). *Novo cabo submarino unirá Brasil e África*.

<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/072007/31072007-21.shl> [Em linha].

[Consultado em 05-2008]

5. Sites de referência

Instituto Camões [www.instituto-camoes.pt]

Instituto Ethos [<http://www.ethos.org.br/>]

Internet World Statistic [<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>]

Liga Brasileira de Esperanto (2008). *UNESCO declara: 2008, Ano Internacional das Línguas*. Disponível em: <http://esperanto.org.br/p/content/view/231/1> [Em linha].

[Consultado em 04-2008]

Ministério das Comunicações do Brasil (2008). O que é o programa Gesac?

Disponível em:

http://www.idbrasil.gov.br/menu_interno/docs_prog_gesac/institucional/oqueegesac.html [Em linha]. [Consultado em 05-2008]

Ministério da Educação do Brasil (2008) [<http://www.proinfo.mec.gov.br/>]

Movimentos em rede, portal de combate à corrupção, <http://www.emrede.org/drupal-50/portal-de-combate-corrup-o>

Mundo (O) em português. Disponível em:

<http://www.planetanews.com/produto/L/119892/mundo-em-portugues--um-dialogo--o-fernando-henrique-cardoso---mario-soares.html> [Em linha]. [Consultado em maio de 2008].

Notícias Lusófonas. *Professora são-tomense defende livre circulação de bens culturais na CPLP*. Disponível em:

<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=553&category=CPLP> [Em linha]. [Consultado em 04-2008]

Observatório das Políticas Públicas da Infoinclusão [www.oppi.org.br]

Obvious [<http://blog.uncovering.org/pages/rank.html>]

Oi Futuro [<http://www.oifuturo.org.br/>]

Perguntas frequentes sobre o Acordo Ortográfico. Disponível em: http://www.cplp.org/docs/outros/Acordo%20Ortografico%20perg_frequent.pdf. [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Plurall [www.plurall.net]

O Público. Governo ratifica Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1321809> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Portal da Lusofonia [<http://www.portal-lusofonia.org/>]

Portal do Governo de Angola [<http://www.angola-portal.ao/portaldogoverno/>]

Portal do Governo do Brasil [<http://www.brasil.gov.br/>]

Portal do Governo de Cabo Verde [<http://www.governo.cv/>]

Portal do Governo da Guiné-Bissau [<http://www.republica-da-guine-bissau.org/>]

Portal do Governo de Moçambique [<https://www.portaldogoverno.gov.mz/>]

Portal do Governo de Portugal [<http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT>]

Portal do Governo de São Tomé e Príncipe [<http://www.gov.st/>]

Portal do Governo de Timor Leste [<http://www.timor-leste.gov.tl/>]

Portugal Digital (2008). *Cavaco Silva vai condecorar Lula com a Ordem da Torre e Espada*. Disponível em: <http://www.portugaldigital.com.br/sis/noticia.kmf?noticia=7025136&canal=159> [Em linha]. [Consultado em 04-2008].

Prefeitura da Cidade de São Paulo (2008). *Cerca de 1,3 milhão de usuários beneficiados e 79 novas unidades em 2007* <http://www.telecentros.sp.gov.br/institucional/imprensa/releases/index.php?p=4772> [Em linha]. [Consultado em 05-2008]

Projeto Metareciclagem,
http://philipe.files.wordpress.com/2007/09/metareciclagem_pt.pdf

Projeto Século XXI [<http://www.21stcenturyproject.org/>]

Rede de Informações para o Terceiro Setor [www.rits.org.br]

Registro de sites: [<http://registro.br/estatisticas.html>] e [https://online.dns.pt/dns/start_dns]

Revista Banco Hoje, Oxford Group (2008). *A economia americana e o tapete*. Disponível em: <http://www.oxfordusa.com/pt/?q=node/174> [Em linha]. [Consultada em 04-2008].

RTP (2008). *Acordo Ortográfico: Moçambique, ratificação ainda sem data*. Disponível em: <http://ww1.rtp.pt/noticias/index.php?article=337540&visual=26&rss=0> [Em linha]. [Consultado em 04- 2008].

RTP Notícias (2008). *Especialista moçambicana quer bases de dados para variedades não-nativas de línguas coloniais*. Disponível em <http://ww1.rtp.pt/noticias/index.php?article=256279&visual=26> [Em linha]. [Consultado em maio de 2008]

Thecnorati [www.thecnorati.com]

UOL (2008). *Acordo ortográfico ajudaria a difundir idioma, diz ministro*. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/lusa/2008/03/19/ult611u77231.jhtm>. [Em linha]. [Consultado em 04- 2008].

Wikipédia. Comunidade Virtual. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade_virtual [Em linha]. [Consultada em 30-11-2007].

Wikipédia. Wiki. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>. [Em linha]. [Consultado em abril de 2008].

Wikipedia: 10 milhões de artigos. Disponível em: <http://pauloquerido.net/media/wikipedia-10-milhoes-de-artigos/#more-268> [Em linha]. [Consultado em 05-2008].

XIV Semana Sociológica. Disponível em: <http://www.gloriainacselsis.com.pt/sociology.htm> [Em linha]. [Consultado em 05-2008]

6. Blogues analisados [Em linha] [Consultado em abril de 2008]

Causa Africana [<http://causa-africana.blogspot.com/>]

Diário de um sociólogo [<http://www.oficinasociologia.blogspot.com/>]

Ma-Schama [<http://ma-schamba.com/> (endereço anterior: <http://www.ma-schamba.blogspot.com/>)]

Kabamwine [<http://kabamwine.blogspot.com/>]

Moçambique para Todos [http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/]

Marginal Zambí [<http://marginalzambi.blogspot.com/>]

Pululu [<http://pululu.blogspot.com/>]

Alto Hama [<http://www.altohama.blogspot.com/>]

Sanzalando [<http://sanzalando.blogspot.com/>]

Attelier dos Mangueirinhas [<http://salucombojr.blogspot.com/>]

Companhia de Moçambique [<http://www.companhiademocambique.blogspot.com/>]

Idéias de Moçambique [<http://ideiasdemocambique.blogspot.com/>]

Albatrozberdiano [<http://www.albatrozberdiano.blogspot.com/>]

Nullius in verba [<http://nulliusinverba-bv.blogspot.com/>]

Angola minha terra [<http://www.angolaxyami.blogspot.com/>]

O quotidiano de Moçambique [<http://ilidiomacia.blogspot.com/>]

Angola Sempre [<http://angolasempre.blog.com/>]

Rádio Muximangola [<http://muximangola.blogspot.com/>]

Serra da Chela [<http://www.serradachela.blogspot.com/>]

Akoka em Cabo Verde – Ilha do Sal [<http://cverdes.blogspot.com/>]

São Tomé Patrimônio [<http://stomepatrimonio.blogspot.com/>]

São Tomé e Príncipe [<http://1001quilometrosquadrados.blogspot.com/>]

Racionalidade Econômica [<http://proeconomia.blogspot.com/>]

Angola Saudades [<http://anteropaiva.blog.simplesnet.pt/>]

Africanidades [<http://africanidades.blogspot.com/>]

CenaKritika [<http://cenakritika.blogspot.com/>]

Mankakoso [<http://mankakoso.blogspot.com/>]

Ondaka Usongo [<http://upindi.blogspot.com/>]

ANEXOS

“Brasil ainda não é lusófono”

DECLARAÇÃO DE REITOR DE UNIVERSIDADE PORTUGUESA DEFINE IMAGEM DO PAÍS EM CONGRESSO INTERNACIONAL REALIZADO EM LISBOA

POR PATRISIA CIANCIO, DE PORTUGAL

A frase deu o tom do Brasil entre países irmãos de língua no que parecia um inofensivo debate sobre a situação do português no mundo.

— A lusofonia não é brasileira e o Brasil ainda não é lusófono. Mas sem o Brasil não haverá lusofonia — diz Fernando dos Santos Neves, reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), promotora do congresso.

O Brasil ganhou a responsabilidade pela afirmação da língua portuguesa no mundo, ao menos na série de debates do I Congresso Internacional da Lusofonia, entre 8 e 10 de fevereiro, na Sociedade de Geografia de Lisboa. Nenhum brasileiro compunha a bancada de doutores e autoridades nas mesas de debate do evento.

O encontro tratou da integração dos países que têm o português como idioma (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste). A proposta é que a lusofonia seja um projeto de cooperação e não de dominação, tônica promovida por Portugal ao longo da história.

O reitor Fernando Neves acrescentou, no entanto, que “a era Lula anunciava passos importantes na valorização estratégica do idioma”, ao contrário do que, segundo ele, teria ocorrido na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Para ilustrar, lembra uma frase que teria sido dita por FHC, que “o Brasil não precisa de lusofonia, mas de desenvolvimento”.

Defesa lusófona

No evento, Neves fez ainda críticas ao funcionamento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), na presença do secretário-geral da entidade, Luís Fonseca, que defendeu a necessidade de fazer do bloco lusófono uma comunidade de cidadãos.

— O conceito de lusofonia precisa ser aprofundado, pois é a forma mais eficaz de comunicação entre 220 milhões de pessoas que falam a língua portuguesa. E essa é a ideia para consolidar a comunidade — diz Fonseca.

Fernando Cristóvão, professor da



Universidade de Letras de Lisboa, afirmou que a lusofonia não é neocolonialista. Segundo ele, a língua deixou de ser portuguesa, mas de todos, quando as ex-colônias foram se reapropriando dela e fazendo alterações de acordo com seus universos nacionais.

A professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Isabel Tomás, por sua vez, cita o sincretismo cultural na polinização lingüística.

— Defende-se o português como a língua de Camões, mas essa é também a língua de Machado de Assis, Jorge Amado, Mia Couto, etc. Se Portugal é um país de identidade única na Europa, deve-se aos africanos e asiáticos que encontraram ao longo dos séculos.

Mais voraz é a posição de Pedro Dias, professor da Universidade de Coimbra, com forte repercussão nos debates.

— Haverá diferenças histórico-culturais na lusofonia que obriguem

* Anexo I – *O Brasil ainda não é lusófono (Fev07)*. Por Patrícia Ciancio, revista *Língua Portuguesa*.

Dissertação efetuada ao abrigo do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina, bolsa E06M103824BR.



Macau, ex-colônia portuguesa incrustada na China: relações internacionais ainda são desafio

à existência de processos educativos diferentes dos que imperam na comunidade educativa global.

Comunidade educativa

Dias foi contra a idéia de que existe uma comunidade educativa global, já que esse conceito implicaria em partilha de meios, esforços e resultados, e a globalização não alcança esses preceitos. Em seguida, atacou o eurocentrismo e dispensou a necessidade da comunidade lusófona com efeito provocador.

– Existirá lusofonia para além das fronteiras de Portugal? Não. Qual é a vantagem do português frente ao inglês? Qual é a vantagem da comunidade lusófona? Não vemos tal existência.

O professor da Universidade de Coimbra defende que a comunidade de língua portuguesa é na verdade uma ilusão.

– Para Portugal, a CPLP é uma fantasia, uma tentativa de cópia da

INICIATIVAS BRASILEIRAS

No Brasil, movimentos em favor da lusofonia começam a surgir, como a criação do portal www.projetolusofonia.org. Idealizador do projeto, o produtor cultural Wagner Moreira acredita que o Brasil “acordou para a realidade lusófona, mas ainda está com sono”.

– Não é possível falar do samba “patrimônio cultural brasileiro” sem falarmos do samba ritmo angolano. Não podemos falar da morna (ritmo caboverdeano) e esquecermos os tambores bantos. Estamos muito mais

envolvidos que somente na questão da língua.

Para Moreira, é preciso que as iniciativas do gênero estimulem a idéia de que “somos espelhos de nós mesmos sem perdermos nossas identidades”.

– E isso é fundamental para conhecermos a fundo as culturas de nossos países, a ponto de olharmos um moçambicano e enxergarmos um português, olharmos um angolano e enxergarmos um brasileiro.

Commonwealth. Um sistema educativo comum à comunidade lusófona não é viável, nem desejável. Acho que essa comunidade é incipiente e reflete a própria gênese da expansão portuguesa. No Brasil, a língua coloquial afasta-se cada vez mais do idioma europeu. O Brasil tem empresas para entrar em África, não precisa do português de Camões – disparou Dias.

Do outro lado da mesa, respondeu o presidente da Biblioteca Nacional, Jorge Couto, que Portugal e Espanha criaram representatividade na América, mas que no caso do espanhol teria havido uma concentração maior e sua projeção não dependeu da Espanha, tendo sido fruto do processo de imigração para os Estados Unidos. E que o português traça uma comunidade em que as diferenças são abissais.

– Nos últimos anos o Brasil teve maior empenho junto à CPLP. Em África, o português é de fato a única língua em que moçambicanos e angolanos se entendem. Os angolanos são os maiores defensores da lusofonia, da língua e do turismo. Creio que Angola pode nos dar uma lição nisso. Em duas décadas aparecerá o Brasil com maioria, em segundo lugar o português em África, com suas particularidades, e em terceiro aparece o português europeu – argumentou.

Brasil e Ásia

O Brasil também aparece como aposta nas palavras do Alto Comissário do governo de Goa Eduardo Faleiro, que, apesar de falar português, preferiu em inglês durante o encontro.

– O Brasil é um dos grandes países da nova ordem internacional, ao lado de Índia, África do Sul e China. Temos um diálogo regular. A Índia não é um país de expressão portuguesa, mas tem Goa, assim como a China tem Macau. É um elo com alguns países da Ásia – assinalou Faleiro.

A visita à Índia em janeiro pelo presidente português Aníbal Cavaco Silva, resultou em diversos acordos entre as universidades dos dois países. Faleiro disse que a grande questão agora é implementar essas ações. Como complemento, a embaixadora da Índia, Nilima Mitra, diz que é crescente a importância da Ásia no século 21, sendo um bom momento para que Índia e Portugal aprimorem relações, o que torna um tema de impacto a lusofonia e tudo o que esses países tenham em comum.

Material produzido com apoio do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina.

O temor da língua brasileira



Fachada de igreja portuguesa: resistência a reforma ortográfica é considerada intensa em Portugal

PORTUGUESES RECEIAM QUE ACORDO ORTOGRÁFICO SEJA USADO PELO BRASIL PARA CONQUISTAR A ÁFRICA LUSÓFONA

POR PATRISIA CIANCIO DE BRAGANÇA, PORTUGAL

Quem pedia a informação a estudantes portugueses era o professor, gramático e filólogo Evanildo Bechara.

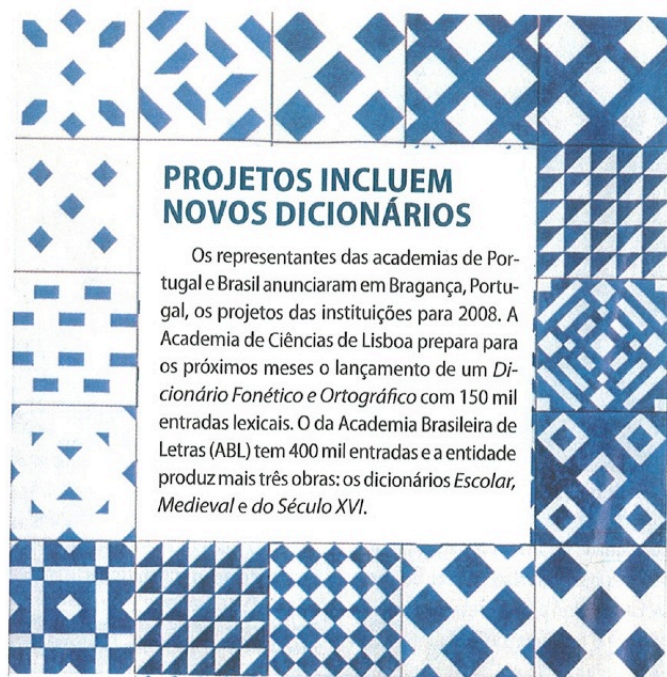
— No caminho, perguntei a três estudantes onde era a entrada do colóquio de lusofonia. E eles me responderam: “O que é lusofonia?”.

Ironia do empirismo. Enquanto a lusofonia repousa no desconhecido, especialistas de Brasil, Portugal, Galiza e África, reunidos em Bragança, complementaram suas visões sobre “a língua portuguesa no século 21 e o papel da variante brasileira — o perigo de se tornar uma língua própria”. O acordo ortográfico foi o alvo das críticas.

Com a moratória de dez anos decretada por Portugal para a entrada em vigor do acordo, ratificado por Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, fica clara a política do país de Saramago em torno da língua. E assim, no mar português, pode naufragar novamente mais uma tentativa de materializar o documento, apesar da declaração, em novembro, do ministro

* Anexo II – *O temor da língua brasileira*. IV Colóquio Internacional da Lusofonia (Out 07). Por Patrísia Ciancio, revista *Língua Portuguesa*.

Dissertação efetuada ao abrigo do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina, bolsa E06M103824BR. 156



PROJETOS INCLUEM NOVOS DICIONÁRIOS

Os representantes das academias de Portugal e Brasil anunciaram em Bragança, Portugal, os projetos das instituições para 2008. A Academia de Ciências de Lisboa prepara para os próximos meses o lançamento de um *Dicionário Fonético e Ortográfico* com 150 mil entradas lexicais. O da Academia Brasileira de Letras (ABL) tem 400 mil entradas e a entidade produz mais três obras: os dicionários *Escolar*, *Medieval* e *do Século XVI*.

português das Relações Exteriores, Luís Amado, que garantiu a ratificação até o fim do ano. Deus quer, o homem sonha, Portugal ainda pode embargar.

— O acordo está num mar profundo e de vez em quando vem à bóia. Não há vontade política por parte de Portugal e agora estão todos preocupados se o Brasil vai adotá-lo. Receio que alguns portugueses pensem que o Brasil vai conquistar a África com a língua portuguesa. Este acordo é quase como a Guerra dos Cem Anos —, afirmou o lingüista João Malaca Casteleiro, da Academia de Ciências de Lisboa.

Sintaxe conservadora

Casteleiro participou, ao lado de Bechara, do VI Colóquio Internacional da Lusofonia, ocorrido em Portugal, em setembro. Se Monteiro Lobato levasse ao colóquio sua proposta para uma língua independente chamada “brasilina”, certamente seria contrariado. Oralidades e léxicos à parte, os estudos e discussões do

evento apontaram que a língua é uma só, e o Brasil mantém o cultivo da tradição portuguesa na escrita, um conservadorismo na sintaxe. Se ninguém levantou a bandeira da separação do idioma, houve muito questionamento quanto à liberdade de ensino do português. Bechara explicou que a língua é uma e a literatura brasileira é nacional, confirmando o espírito libertador da escrita literária.

— Não estou dizendo que o acordo ortográfico seja ideal, mas a unificação é uma abertura de portas, um passo para a permanência da língua portuguesa no mundo. Na realidade, o acordo não faz com que a pessoa pronuncie corretamente as palavras, mas facilita o ensino, tendo um efeito didático e pedagógico. E o Brasil não tomou consciência de sua importância nesse destino — disse Bechara.

A norma tripartida abriga as variantes portuguesa, brasileira e galega. Muito pouco foi debatido sobre a norma africana e de seu mosaico cultural. No Brasil, a conservação de um sistema

vocálico átono torna o português mais compreensível (enquanto o português europeu fortalece a consoante e obscurece as vogais átonas).

Considerada mais dinâmica, e ainda aliada às novas tecnologias de informação, a proposta de uma variante autônoma brasileira volta à cena nos debates portugueses em razão da discussão em torno da reforma ortográfica. Mas, para Bechara, “não há razão para temer um fracionamento na hipótese prevista no mergulho da futurologia para o século 21”, criticou, completando que o falante deve ser poliglota em sua própria língua.

China

Portugal amava a língua portuguesa, que amava o Brasil, que amava a África de língua portuguesa, que amava Timor Leste. Macau, que não tinha entrado na história, tem despertado para o potencial estratégico do idioma. Segundo Casteleiro, há na China cinco universidades que ensinam português. Este ano, 600 alunos concorreram para licenciatura em língua portuguesa em Macau, mas somente 60 ingressaram. Muito se fala dos países de língua portuguesa, e não

Bechara, da ABL, presente no Colóquio Internacional de Lusofonia: constatação do temor português



Rio terá sua Casa da Lusofonia

Depois de Bahia, Ceará, Minas Gerais e Rio Grande do Norte, o Rio de Janeiro vai receber em junho sua primeira Casa da Lusofonia, em



Ineida de Oliveira, da Casa Brasil-Portugal: nova Casa virá em junho

Campos dos Goytacazes. O projeto, iniciativa da ONG Etnia, tem como parceira a Casa Brasil-Portugal e chancela da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Fora de Portugal há organizações do gênero em Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique. São centros de cidadania intercultural para formação de uma rede de circulação de manifestações dos povos do espaço lusófono.

A escolha de Campos como sede no Rio deve-se ao trabalho da Casa Brasil-Portugal, que investe em projetos culturais e de geração de renda no município (cafés literários, círculos de leitura, exibição de vídeos, peças teatrais e exposições), de acordo com Ineida de Oliveira, chefe do departamento de

assuntos internacionais e de divulgação da Casa Brasil-Portugal.

– As perspectivas são de engajamento cada vez maior na comunidade lusófona para que possamos trocar informações e crescer com as diferenças – diz.

A Etnia, que implanta as Casas, realiza em Lisboa atividades com imigrantes dos países lusófonos. São aulas de música, dança e língua, acompanhamento psicológico e jurídico, acesso à internet e bibliotecas, além de oficinas de livros, confecção de roupas e instrumentos musicais.

(Por Patrícia Ciancio, com apoio do Programa Alban, Programa de bolsa de alto nível da União Européia para América Latina)

Exposição reúne cordéis e gravuras de artista pernambucano

O Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba (PR), apresenta até 4 de maio uma seleção de mais de 40 cordéis e cerca de 100 xilogravuras e matrizes originais na exposição *A Arte de J. Borges do Cordel à Xilogravura*. Considerado o maior gravador popular em atividade no Brasil, J. Borges é homenageado com mostra ambientada na sua trajetória em Bezerros, cidade do agreste de Pernambuco.

Foi pelo resultado obtido com a publicação de seu primeiro cordel *O Encontro de Dois Vaqueiros no Sertão de Petrolina*, em 1964, que ele começou a produzir xilogravuras. Ele conta que, se os dez meses de escola que freqüentou não lhe ensinaram "a conta de dividir", os folhetos de cordel fortaleceram o "gosto pela palavra escrita".

Após passar por Curitiba, o artista se prepara para levar a exposição aos Estados Unidos. Esta será a sexta vez que os trabalhos dele serão exibidos aos americanos.

SERVIÇO

A Arte de J. Borges do Cordel à Xilogravura
15 de fevereiro a 4 de maio, terça a domingo, das 10h às 18h
Museu Oscar Niemeyer
Rua Marechal Hermes, 999, Curitiba (PR), (41) 3350-4400
R\$ 4 (adultos) e R\$ 2 (estudantes)
Grátis; menor de 12 anos, maior de 60 e grupos agendados



Gravura Cobra-cor, de J. Borges: verbo e imagem numa obra

* Anexo III – Rio terá sua Casa da Lusofonia (Abr 07). Por Patrícia Ciancio, revista *Língua Portuguesa*.

Dissertação efetuada ao abrigo do **Programa Alban**, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Européia para América Latina, bolsa E06M103824BR. 157



O mercado Roque Santeiro, em Angola: uma das maiores feiras de Luanda homenageia o sucesso de Dias Gomes e Aguinaldo Silva

Exportação eletrônica

NOVELAS BRASILEIRAS INFLUENCIAM FALARES DE OUTROS PAÍSES COM IDENTIDADE LUSÓFONA

POR PATRÍCIA CANCIO

O português falado no Brasil conquistou outros países que adotaram a língua de Camões. Regionalismos, gírias, ritmos e até o nosso jeito de usar o gerúndio brotam em outras bocas que não as brasileiras. Graças ao poder da oralidade do idioma comum, grande parte dessa fusão cultural está na exportação de novelas brasileiras.

Exibidas desde a década de 70 sem legendas e com forte audiência, funcionam como um eco além-mar de

expressões que se instalam no cotidiano dos dialetos mais longínquos no espaço da lusofonia.

Muitas expressões surgiram em falas de personagens que caíram no gosto popular e depois no esquecimento. O bordão “tô certo ou tô errado?” de Sinhozinho Malta em *Roque Santeiro* (1985) e o “Uh, uh” de Cândido Alegria em *Pedra sobre Pedra* (1992) são alguns dos casos que viraram moda em Portugal, mesmo passageira. Outras expressões, mais usuais, ficaram. “Tudo

bem?” é hoje tão utilizado, ou até mais, quanto o “estás bom/boa?”, e o termo “jagunço”, típico de produções regionais brasileiras, é usado como sinônimo de malandro em Portugal.

Durante um tempo, o “me dá” em vez de “dá-me” foi também empregado. Até mesmo a utilização do gerúndio – condenada pelos portugueses – tornou-se frequente com a influência das novelas.

Da linguagem ao comportamento, a interferência é tão significativa que em An-

REVISTA LINGUA

29

* **Anexo IV – Exportação Eletrônica, novelas brasileiras influenciam falares de outros países com identidade lusófona (2006).** Por Patrícia Cancio, rev. *Lingua Portuguesa*. Dissertação efetuada ao abrigo do **Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina, bolsa E06M103824BR.** 158

gola, *Roque Santeiro* e *Asa Branca* tornaram-se duas das maiores feiras de Luanda.

— O Roque Santeiro é um mercado verdadeiramente democrático, onde se pode comprar tudo. Pense no que quiser e se tiver dólares encontrará uma verdadeira cidade à margem de todas as regras — descreve o jornalista angolano radicado em Portugal Orlando Castro.

O mercado de Asa Branca fica no bairro Petrangol. Antes era conhecido por Bonga-Bonga e a maior parte das pessoas que lá vende é de origem quimbunda e bacongá, lembra Jorge Eurico, que viveu 30 anos em Luanda. Antes da novela, o mercado de Roque Santeiro não passava de um pequeno aglomerado de senhoras que vendiam guloseimas e pastéis. Hoje é o maior mercado a céu aberto de Angola, com o que isso implica a higiene local. Há de tudo, de pão a armas de fogo, medicamentos e serviços de capangas, que por US\$ 20 a US\$ 50 podem desde dar um susto até matar uma pessoa.

Fenômeno

Para o homem angolano, Sinhozinho Malta provocou na década de 80 o delírio pelas pulseiras. Antes disso, fizera furor Odorico Paraguaçu com sua linguagem desconcertante, à base de “finalmentes e entretantos”. Em 2000, foi a vez de *O Clone* contagiar o cotidiano dos angolanos. Mulheres

passaram a vestir-se como as protagonistas da novela. A televisão brasileira entrava definitivamente pelas casas da classe média de Angola, detentora das parabólicas.

Em 1977, deu-se o primeiro grande fenômeno de popularidade das telenovelas brasileiras em Portugal, com *Gabriela*, *O Casarão* e *O Astro*. É o que conta o pesquisador em lusofonia Helder Sanches, português criador de

um fórum lusófono na internet.

— Em Portugal, a televisão tem sido a grande responsável pela diminuição dos diversos regionalismos, como o algarvio, o alentejano e o minhoto.

Depois de *O Clone*, as academias portuguesas de ginástica ofereceram aulas de dança do ventre, as revistas femininas divulgaram a maquiagem das mulheres da trama e aumentou a procura de viagens para Marrocos.



Gabriela foi a primeira produção exportada pela Globo para Portugal. Hoje, são 3.700 horas de programação por ano em televisores portugueses

Durante a exibição de *O Clone*, e igualmente de *Roque Santeiro*, várias crianças foram batizadas com os nomes de Jade (Giovanna Antonelli) e Porcina (Regina Duarte), de acordo com a assessoria da Rede Globo, emissora que exibe cerca de 3.700 horas de programação exportadas para Portugal por ano. Das mais recentes produções, *Senhora do Destino* (2004/2005) ficou entre os programas mais vistos no país.

— Muitos termos foram tão vulgarizados que já ninguém repara serem de origem brasileira. “Estar numa boa”, “estar nessa”, “estar numa naice”, “transar”, “show de bola”, “oi”, “tirar do sério” são exemplos — explica Castro.

Por via alimentar, ficam muitos termos brasileiros em países lusófonos, como “vatapá”, “moqueca”, “picanha”. Os dicionários portugueses já incorporaram muitas dessas palavras.

Estratégia

Sexta língua materna mais popular no mundo, e a segunda língua latina, só ultrapassada pelo espanhol, o português é idioma oficial de oito países independentes. É a língua românica falada em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, tendo 220 milhões de falantes nativos. Desse universo, são 183 milhões de brasileiros e pouco mais de 10 milhões de portugueses.

Números como esses renderam a análise de que, pela quantidade de falantes, no longo prazo haveria uma tendência de que o português falado no mundo seja o do Brasil. A novela e a internet seriam fortes veículos para isso.

— Cada vez mais os jornalistas portugueses recorrem a

agências de informação, jornais e outras informações via internet. E quem lidera a internet? O português do Brasil. Isso se aplica tanto a Portugal como a todos, sem exceção, os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa — analisa Castro.

As telenovelas estariam estimulando, assim, uma espécie de “ocupação” progressiva da variante brasileira do português por via eletrônica. É um mercado mais amplo do que se imagina. Além dos países que usam o português como idioma oficial, há ainda cerca de 20 línguas crioulas portuguesas. É um importante falar minoritário em Andorra, Luxemburgo, Namíbia, Suíça e África do Sul. Imensas comunidades imigrantes falantes de português existem em muitas cidades pelo mundo, como Paris, na França; Boston, New Jersey e Miami, nos EUA; e Nagoya e Hamamatsu, no Japão.

Política cultural

Apesar de todo esse potente mercado, o português não é tratado como idioma estratégico, e as novelas brasileiras, como

resultado disso, não fazem parte de uma política cultural, avalia Mônica Leite Lessa, coordenadora do mestrado de História das Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

— Com a exportação das novelas, o Brasil se beneficia de um lucro auferido pela obra do interesse privado, que por sua vez parece totalmente desinteressado em estabelecer uma parceria sólida e duradoura com o governo, o que seria interessante para ambas as partes.

Uma parceria público-privada pode olhar um produto de influência como as novelas com um potencial estratégico maior para o idioma. E, com isso, levar a um procedimento mais rigoroso não só sobre a distribuição como sobre a produção de novelas como usinas de difusão para o idioma.

A falta de valorização da cultura lusófona promove também uma escassez de material de pesquisa sobre o tema, não só no Brasil. Mônica comenta que, comparativamente, a francofonia é alvo de uma propagação antiga e sólida, uma política de Estado e não de governo, que gera bolsas de estudo, traduções de livros, intercâmbio e várias outras ações. Já a lusofonia ainda não estaria consolidada nessas bases.

Tratadas como política de Estado, as novelas brasileiras podem passar a ser mais que um sinal da influência do falar e da cultura brasileiros sobre outros que se expressam em português. Podem ser um real instrumento

e um efetivo espaço para a propagação da língua, sua diversidade e sua riqueza. ♦

Repertório brasileiro

O IMPACTO DAS TELENÓVELAS NA LINGUAGEM DE PORTUGAL E ANGOLA

Estar numa boa
Estar nessa
Estar numa naice
Transar

Show de bola
Oi

Tirar do sério

“Estou indo” em vez de “estou a ir”

“Estou comendo” em vez de “estou a comer”

Legal

“Israelenses” em vez de “israelitas”

“Palestinos” em vez de “palestínianos”



Conferência debate futuro de São Tomé e Príncipe
No centro do planeta, África Central, STP completa 32 anos de independência

Por Patrícia Ciancio, de Portugal

A pergunta veio da platéia durante a conferência "São Tomé e Príncipe - Perspectivas para o futuro", realizada em Lisboa, no último dia 12 de julho, data em que o país completa 32 anos: "será que o petróleo vai trazer felicidade para São Tomé se os exemplos de exploração no mundo provam o contrário?". Enquanto a questão faz o território das duas linhas saltar do mapa, um cenário de incertezas se expande passando pela construção do Estado-nação e o próprio desenho de uma administração pública. Pertencente à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), o país "necessita institucionalizar sobretudo um quadro de diálogo social", como avaliou o palestrante do evento, o governador do Banco Central de STP, Arlindo Afonso Carvalho.



- Temos que ter a consciência de que precisamos de um novo modelo de desenvolvimento, aliado à posição geoestratégica como fornecedores de serviços num mundo entre África - América - Ásia. E por que não entre África e Europa? -, afirmou Carvalho. Sobre a exploração petrolífera, o especialista atentou para a proteção do mar, e as necessidades de avaliar os impactos do processo e de acumular recursos em função da atividade.



A conferência foi promovida pela Associação da Comunidade Santomense (Acosp), na Universidade Lusófona, e teve ainda apresentação de obras do escritor Padre Sacramento Neto, além da presença da embaixadora são-tomense em Portugal, Aida Melo. Em debate, o público levantou outras questões cruciais: a necessidade de apoio aos agricultores, investimento em educação com a formação de professores primários, integração entre os programas dos partidos políticos, dar dimensão social ao

volume de investimento, criar oportunidades de inserção, afirmar o país no espaço lusófono e, entre outras, resolver o mal crônico da corrupção.

Um novo modelo de produção agrícola em STP, segundo Carvalho, vai da luta contra a dependência tecnológica que coloca o território em desvantagem no duelo competitividade agroalimentar versus importação. E introduzir uma nova geografia com a gestão de reservas alimentares envolveria acentuada reorganização.

- Muitos se convencem de que a África está à parte do mundo. São Tomé tem uma sociedade solidária a partir da instituição família. E o Estado estrutura-se a partir de uma nação. Temos ainda que estruturar um canal de comunicação em um diálogo interdisciplinar da sociedade. Fazer política é negar os outros. Esse é a crítica mais séria que eu posso fazer, quando deveria ser o contrário, devemos entender que precisamos uns dos outros -, disparou Carvalho.

A harmonia de interesses entre setores faz parte dos requisitos para o desenvolvimento de STP. Na perspectiva cultural a diversidade é componente do suporte de racionalidade do sistema de decisão. O êxito também tem dimensão jurídica na harmonização da produção, aplicação e fiscalização de normas e regulamentos, e requer tecnologia para a redução da dependência externa, competências humanas para a partilha de conhecimento, reorganização de um sistema de estatística e de informação e, entre outros, maximização do valor social.

A embaixadora fechou o evento dando ênfase às relações luso-africanas, em agradecimento à cooperação de Portugal. "Acho que no futuro estaremos mais juntos porque em um mundo globalizado os desafios são ainda maiores", disse acrescentando que o 12 de julho é sempre uma oportunidade para STP avaliar os erros, fazer uma reflexão crítica, e propôs um pacto pessoal e coletivo rumo ao progresso.

O professor Esmeraldo de Azevedo, de Cabo Verde, do Departamento de Estudos Africanos da Universidade Lusófona, complementou o encerramento com uma proposta de criação de uma Organização de Apoio ao Desenvolvimento dos Países Lusófonos (OADPL), que seria gerida pela CPLP.

Materiais produzidos com apoio do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina.

* **Ciberliteratura une língua portuguesa e tecnologia**

Da colagem em jornal ao Second Life, projetos revivem experimentalismo português

Por Patrisia Ciancio, de Portugal

Os Estados Unidos a chamaram nos anos 90 de *Digital Writing, New Media, E-poetry*, mas foi em Portugal que surgiu o conceito de Literatura Cibernética, já na década de 70, adaptado posteriormente para o nome de Ciberliteratura pelo escritor e professor Pedro Barbosa. Antes, porém, houve um longo percurso pela Europa, com experiências na utilização de texto e poesia gerados por computador, nomeadamente na Alemanha, Itália e Espanha. O gênero é uma possibilidade de dar novas indumentárias à poesia experimental (PO-EX) portuguesa da década de 60, tendo como referências o Concretismo e as interconexões sensoriais dos poemas visuais, sonoros, e os intentos de projetar a palavra para além dos limites do papel. “Dae vós favor ao novo atrevimento”, perpassa o tempo a exortação Camoniana. Do argonauta ao internauta, o mar encontra o oceano tecnológico.

Discípulo de Barbosa, o professor da Universidade Fernando Pessoa (UFP), Rui Torres, tem desenvolvido um trabalho de valiosa contribuição para o campo. Em recente parceria com o Núcleo de Pesquisas em Hipermídia da PUC-SP, depois de anos de investigação, será estabelecida uma metodologia de base para a Ciberliteratura na produção e avaliação de conhecimento em ambiente digital. No entanto, mesmo cercada de novas tecnologias, a Ciberliteratura não é entendida pelo especialista como um movimento inovador, mas um ato de reinterpretar a forma de experimentar com os meios. “A poesia, como função, permanece no mesmo lugar, o de fazer as pessoas refletirem criticamente a sua realidade”, afirma o estudioso.

* **Anexo VI – Ciberpoema une língua portuguesa e tecnologia. Por Patrisia Ciancio. No prelo, a ser publicado no caderno de cultura do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro.**

Dissertação efetuada ao abrigo do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina, bolsa E06M103824BR. 160

A Ciberliteratura pode ser dividida em poesia animada por computador, que trabalha apenas com o fragmento textual em movimento, como um sistema de automação do verso, e a hiperficção ou narrativa em rede, que é multimidiática e promove o entrecruzamento dos meios e considera a desautomatização da sociedade.

Mas existem muitas preocupações com o futuro da Poesia Digital, que já está consolidada como linha de pesquisa no Brasil. Recuperar e preservar arquivos é uma delas. Para isso, Torres criou o projeto Arqueologia da Ciberliteratura (ver <http://po-ex.net/ciberliteratura>), que restaura obras em fitas danificadas ou em linguagens de informática em desuso. A dificuldade de tradução nos poemas multimídia é outro aspecto a se pensar, já que muitas vezes não é possível decodificar um som ou uma imagem. O resultado das investigações visa a criação de um Museu de Literatura Viva e, em estudo, existe uma proposta de levar a Ciberliteratura para o *Second Life*, jogo de computador que simula a vida real em um universo virtual. De caráter gratuito, a Ciberliteratura pode ser também um estímulo ou recurso para o ensino didático em escolas. As oportunidades existem e Torres ressalta a necessidade de doutorandos para os projetos desta natureza.

Além de criar poemas digitais, pensados e articulados como uma ópera que converge som, imagem, teatro, programação visual e de sistemas (ver <http://telepoesis.net>), Torres e uma equipe que engloba músicos, atores, cineastas etc. elaboram versões de obras feitas no período do experimentalismo português. Revivem o que já foi chamado por Haroldo de Campos e reapropriado por Maria dos Prazeres como relações plagiotrópicas (sendo plagiotropia do gr. *plágios*, oblíquo; que não é em linha reta; transversal; de lado). As obras podem ser conferidas em www.po-ex.net.

Uma das versões feitas por Torres deu novo fôlego a *Poemas Encontrados*, de Antônio Aragão, elaborado na década de 60 com uso de recortes de jornal. Dentro do conceito de Ciberliteratura, foi então criada uma colagem dinâmica através de jornais eletrônicos. O sistema conduz às notícias, em uma alimentação automática do poema, como os *feeds* que oferecem resumos dos assuntos do dia com links para seus conteúdos na íntegra. Assim, a cada atualização de tela é remontado um poema diferente, que se faz e desfaz,

se cria e recria. O ponto de partida pode estar em qualquer palavra e, desta maneira, vão se metamorfoseando o conteúdo e a forma. Isso é feito através do emprego de algoritmos aleatórios e combinatórios em sistema, que tornam infinitas as possibilidades de permuta dos vocábulos. Ou seja, ao navegar no poema o leitor interage em sua montagem, tornando-se “escrileitor”, como explica Torres, a partir do conceito proposto por Barbosa. O professor, que tem levado seu trabalho para China, Índia, entre outros países, conta ainda que a reação dos poetas de 60 e 70 ao verem suas obras vivas é espantosa, e a resposta deles é: “isso é o que queríamos fazer, mas não tínhamos meios”.

Material produzido com apoio do Programa Alban , Programa de Bolsa de Alto Nível da União Européia para América Latina.



NOTÍCIAS

Entrevista - Por Patrícia Clancio, de Portugal

O "tecnoportuguês" no país dos Descobrimentos

Se o mar português espelhou o céu nos versos de Pessoa, o Museu do Mar da Língua Portuguesa – previsto para ser inaugurado em meados de 2008, em Lisboa – é mais uma oportunidade para refletir sobre a diáspora do idioma no mundo, no sussurrar da lusofonia. Reproduzidos por alta tecnologia, os ecos dos Descobrimentos estarão em toda parte no espaço que oferecerá aos esperados 200 mil visitantes/ano, entre outros atrativos, a "Aventura da Navegação", com biblioteca virtual, pontos interativos para ouvir poesia e ainda o "Laboratório dos Sentidos", onde se terá a noção de como o contato com as regiões colonizadas trouxe aos europeus novos sabores, sons, sensações e cheiros.

O custo previsto é de 3,5 milhões de euros, valor contestado pela imprensa, que também questionou a morte do Museu de Arte Popular, a ser substituído pelo novo espaço. A comparação com o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo é feita apenas pela relação com o uso dos recursos tecnológicos, já que os idealizadores do novo museu dizem que os públicos são diferentes.



Em entrevista ao Projeto Lusofonia a historiadora Judite de Freitas (foto), professora da Universidade Fernando Pessoa (UFP), no Porto, fala da iniciativa no debate da lusofonia.

Projeto Lusofonia : O Museu do Mar da Língua Portuguesa terá simulação das viagens dos Descobrimentos. Com essa amarra histórica Portugal estaria dizendo a língua portuguesa ainda é nossa?

Judite : O português é uma língua de cultura e como tal exerce um papel aglutinador entre todos os povos que a falam em diferentes latitudes do globo no respeito pelos costumes, usos e leis nacionais de todos os falantes. Não me parece que o sentido político no atual mundo globalizado, do projeto de criação de um Museu do Mar tenha em vista uma perspectiva da língua enquanto patrimônio exclusivo de Portugal. É mais uma língua de muitas culturas e alguns Estados.

Projeto Lusofonia : Esse apego aos Descobrimentos é um orgulho dos processos de aculturação que Portugal promoveu ao longo da história? E, do ponto de vista da lusofonia, não demonstra um sintoma neocolonialista?

Judite : Esta questão do neocolonialismo colocar-se-ia qualquer que fosse a opção política do governo. A promoção e difusão da língua portuguesa têm, do meu ponto de vista, que passar por uma política coordenada e convergente dos vários agentes culturais nacionais. Medidas avulsas, regra geral, pouco representam e não exercem o devido impacto. O marketing da língua e cultura nacionais deve constituir uma das prioridades culturais do governo. A Inglaterra e a França, com outros meios e recursos, fazem-no há muito mais tempo. A Espanha, muito embora mais tardiamente, leva a cabo através do Instituto Cervantes uma política que tem dado significativos frutos.

Projeto Lusofonia : A ministra da Cultura portuguesa, Isabel Pires, declarou que o museu é uma "opção política". O que a senhora pensa disso?

Judite : O projeto de criação do Museu do Mar da Língua Portuguesa tem em vista a promoção do plano nacional de leitura pública e a requalificação da zona de Belém, onde se encontram implantados alguns dos símbolos patrimoniais da expansão e Descobrimentos portugueses (v.g. o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, entre outros).

Projeto Lusofonia : Segundo a ministra, "a construção do museu seria uma opção política que tem como finalidade divulgar a importância da língua portuguesa no mundo e essa importância revela-se nos 200 milhões de falantes em quatro continentes". O que Portugal faz e deba de fazer hoje pela língua portuguesa?

Judite : O Instituto Camões tem sido uma dos instrumentos privilegiados de difusão da língua e cultura nacionais através do leitorado. A CPLP, por seu turno, considera como um dos seus pilares fundamentais a promoção e difusão da língua, mas a falta de recursos (humanos e económicos) aliada a uma certa inércia institucional parecem diluir parte das operações no terreno. Dadas as áreas geo-estratégicas de influência dos países lusófonos especialmente africanos (Moçambique a Commonwealth, a Guiné e a Francofonia, por exemplo) temos que incrementar rapidamente políticas mais eficazes de promoção cultural aliadas a ajudas e incentivos económicos.

Projeto Lusofonia : Se a língua é de fato portuguesa por que Portugal não construiu um museu deste porte antes de São Paulo?

Judite : Esta pergunta teria que ser feita à Senhora Ministra.

Projeto Lusofonia : O apelo futurista do Museu da Língua Portuguesa de São Paulo e o que terá o do Mar Português em Lisboa faz acreditar que o Português é uma língua tecnológica?

Judite : No atual mundo da Sociedade da Informação e do Conhecimento o uso das novas tecnologias transformou-se num recurso muito mais apetitivo de obtenção do conhecimento. Temos que ajustar as nossas opções de transmissão de conhecimento ao mundo hodierno. Os jovens de hoje estão cada vez mais familiarizados com a Internet e os meios de informação multimídia. O livro não constitui hoje o monopólio da cultura. De algum modo, a adoção de novos meios de transmissão da informação é uma imposição cultural dos nossos dias.

* Anexo VII – O "tecnoportuguês" no país dos Descobrimentos. Patrícia C., Proj. Lusofonia.
Dissertação efetuada ao abrigo do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina, bolsa E06M103824BR. 163

ANEXO VIII - ENTREVISTA I

Entrevistado: André Luiz Jesus do Couto

Coordenador do Projeto Tonomundo – *Oi Futuro*

Questionário de perguntas e respostas, na íntegra.

Perguntas enviadas por e-mail em novembro de 2007 e respostas recebidas em março de 2008.

1. Moçambique tem 23 línguas nacionais, sendo que 95% da população fala uma delas. Menos de 10% dos moçambicanos com mais de 5 anos falam português. Como é desenvolver um projeto educacional em África diante deste mosaico de culturas e variações de língua, e ainda usar a Internet com instrumento em um país de pouca infra-estrutura tecnológica? (dados do livro *Comunicação e Lusofonia*)

Uma das premissas do Tonomundo, quando foi implementado no Brasil em 2000, foi lidar justamente com a ausência de estrutura tecnológica. A aposta foi a de realizar uma intervenção em lugares onde a tecnologia não chegava e não chegaria facilmente. Caso esperássemos o ciclo normal do desenvolvimento - que sai do centro em direção à periferia - as primeiras escolas beneficiadas pelo programa, provavelmente ainda estariam em situação muito parecida com a de oito anos atrás. O pensamento para Moçambique não é diferente. É um processo de intervenção para com isso forçar um processo de desenvolvimento. Claro que começaremos com um piloto na periferia de Maputo, cidade que oferece um mínimo de infra-estrutura para começarmos, mas boa parte da infra tecnológica será implementada como intervenção. Quanto ao idioma, Maputo também é um lugar mais convidativo, porque nas escolas fala-se o português com fluência. No entanto, não estamos vendo a profusão de línguas nacionais como obstáculo, mas como uma possibilidade incrível de compreendermos (nós e eles) a riqueza que advém dessas línguas e as histórias embutidas em cada uma delas. No Brasil, em São Gabriel da Cachoeira (AM), existe uma escola localizada no alto Rio Negro que participa do Tonomundo. Lá também existem 23 etnias indígenas e isso sempre foi utilizado a favor da integração e não como um processo de exclusão. Vamos tentar fazer

isso também em MZ. A multiculturalidade deve ser vista como riqueza, antes de mais nada.

2. Nos debates da lusofonia, o Brasil tem sido visto como um gigante salvador da língua portuguesa. Essa vocação se dá pelo número de falantes no país, mas também pelo fato de a variante brasileira ser mais compreensível que o português europeu, além de que o Brasil não tem o peso da figura do colonizador. Tendo em vista que não existe ainda uma política cultural brasileira nesse sentido, este é um grande espaço para ONGs e iniciativa privada?

Existe um papel que é eminentemente institucional e que cabe ao Governo brasileiro, sobretudo via Itamaraty, realizar. Se não existe uma política cultural oficial, temos visto uma melhora qualitativa da relação entre os países de língua portuguesa e o Brasil tem, sim, uma liderança numérica significativa. Além disso, o Brasil vem se destacando como um grande exportador da cultura de massa produzida aqui, especialmente música, novelas e numa escala menor cinema. Quanto à ação das ONGs em geral não sei te dizer. Quanto ao *Oi Futuro*, nosso interesse é o de criar canais e investimentos em pesquisas que possam beneficiar a educação em ambos os países. É importante que seja bom pra eles e que seja bom também para o Brasil. No caso do Tonomundo, a formação que será realizada com os professores e os projetos que serão desenvolvidos em conjunto concorrem em direção a um aprofundamento do conhecimento da cultura Afro-brasileira.

3. Os países de língua portuguesa constituem o chamado continente imaterial. Seria esta uma vocação natural para expandir projetos de internet?

Sem dúvida. O Tonomundo só está chegando a Moçambique porque é estruturado a partir de uma comunidade virtual de aprendizagem. De outra forma, os custos inviabilizariam o desenvolvimento do programa.

4. O senhor acredita que o português em sua variante brasileira, com o gradativo processo de democratização da internet no Brasil, possa se tornar uma língua de perfil tecnológico?

Acho que a língua eminentemente tecnológica é o inglês e suas variáveis dentro do "internetês". No entanto, são visíveis os neologismos decorrentes do uso da língua portuguesa em ambientes tecnológicos (MSN, ORKUT, etc) e acho que esse é um processo sem volta. Tudo indica que caminhamos no sentido de um amálgama de línguas e expressões.

5. Quais os resultados dos projetos educacionais com uso da Internet em Moçambique neste curto prazo? E futuramente, o que existe no cenário de perspectivas?

Ainda não temos esses dados. Estamos aguardando os dados do MEC-MZ.

6. Esse projeto-piloto será levado aos demais países lusófonos?

Temos o desejo de fazê-lo. Mas no início ficamos apenas com MZ. É preciso antes avaliar o que ainda vamos fazer.

7. Na prática, quais os desafios enfrentados para implementar um projeto deste porte?

Basicamente infra-estrutura. Pelo menos, até agora, é o desafio que conhecemos. Acredito que assim que o Tonomundo estiver implementado, outros desafios aparecerão - inevitavelmente.

8. Houve interferências da Frelimo, se possível mencionar?

Não como interferência, mas parceria. O Ministério da Educação será nosso parceiro.

9. Moçambique é um país que tem apostado na diversificação da inserção internacional com presença em comunidades não somente lusófonas, mas é o único país de língua portuguesa na Commonwealth, por exemplo. Esse fato dá maior visibilidade aos projetos em outras interfaces de governo, e isso pode atrair novos parceiros?

Sem dúvida. Moçambique, apesar de uma democracia recentíssima é uma Economia.

10. O senhor acredita que possa ser criada uma comunidade virtual lusófona?

Acredito que sim. E acho que a educação terá um papel fundamental nesse processo.

11. A implementação de projetos educacionais com uso de Internet tem menor custo que os demais? Como essa experiência poderia ser aproveitada para a área de políticas públicas e, num plano internacional, pela CPLP?

12. O senhor acredita que um projeto como este contribua não somente para a transferência de saber, mas também de tecnologia?

Perguntas 11 e 12 sem resposta.

ANEXO IX - ENTREVISTA II

Entrevistado: Gary Chapman
Professor da Universidade do Texas, Austin
Mentor do [21stcenturyproject](http://www.21stcenturyproject.org)
Área de atuação: Tecnologia da Informação
Data: entrevista feita por e-mail em março de 2008.

Questionário de perguntas e respostas, na íntegra.

1. What is the 21 Century Project?

A research and education project on science and technology policy, with a special emphasis on telecommunications, the Internet and digital media. The Project has been going since 1991, and it is focused on how non-experts can become involved in policymaking that involves science and technology.

2. Which programs do you develop in this context?

You can see some of that here:

<http://www.21stcenturyproject.org/index.php/site/projects/>

3. My research is to suggest the creation of Digital Lusophony, which involves wikis and social web, besides other tools to make born a practice community too. Your purpose is also about an integration of systems. What kind of project of these could help Portuguese-speaking countries?

I have suggested a new community Web site engaging people in Portuguese-speaking countries that could feature news and opinion about technology, society, and a vision for the future. I was told by people in Lisbon and Porto that they are not aware of anything like this on the Web that they consult with regularity that is in the Portuguese language. There is also the possibility that this site may be translated into English, so that people who are interested in what's happening on the site, but who don't speak Portuguese, can

follow developments and news.

There is also the possibility of people in Portuguese-speaking countries following the U.S. lead on transparency in government, the project that we are about to start here in Austin. I hope this will be underway by the time I return to Porto in July.

4. What are the results of your work involving e-government?

This is a question whose answer is too broad and complicated for me to answer easily, since this is an area we've been working in for many years. The work that I described in Lisbon and Porto, about making the U.S. federal budget an online, interactive data source, is not yet launched. We hope that it will get started within the next couple of months. It is aimed at a policy innovation for the next Presidential administration, the one that takes over in January of 2009.

5. Do you think these projects could help countries in Africa Lusófona to fight against corruption? And also even in the bigests of CPLP, as Brazil and Portugal.

The answer is complicated, because it depends on a lot of things. The answer in the U.S. is also dependent on a lot of things. In our case, we need a receptive government, which we are hoping will be true after our election in November. In Portuguese-speaking countries, it would be necessary for the government to be cooperative, at the least, in order to provide the necessary information on the Internet.

6. If positive, how to deal with point of crisis?

I'm not sure what you mean by this question, question number 6.

7. How to work using this concepts: internet and social responsibility?

Again, this is a very broad topic that is hard to answer in a short message. It would require a long conversation.

8. Do you think is it possible to create a Wiki to develop an approach among countries of CPLP? (considering the problem of access to Technology)

It is certainly possible to create a wiki or some other tool in Portuguese. This is separate from the problem of access to technology in places like Africa or Brazil. Lessening the "digital divide" is a complicated problem, but one part of the solution is to provide online information that people want, so that they will be attracted to using the Internet. Figuring out what that information is could certainly be part of the Portuguese-language Web site I mentioned before.

9. How could it work (the implementation, costs, results etc)?

Putting up an interactive Web site is not expensive, so I'm sure this could be worked out.

10. There is a project of a portuguese researcher to spread Internet to Africa by solar energy. Do you think this could be the basis to think about estimating these isolated people to produce their own vision of the world?

As I said, solving the "digital divide" problem is complex -- it takes many different things to happen. Energy is one problem. Internet access is another problem. Literacy is a big problem. But one of the biggest problems is demand -- getting enough people in very low-income areas to actually want access to the Internet. There are lots of people trying to figure out why low-income people should want to use the Internet, especially when they have much more important needs. The widespread use of mobile phones could point us toward an answer. We have to learn the difference between the information needs that are met by mobile phones and those that are met by the Internet. And in a few years time, the Internet will be part of mobile networks, as it is starting to become in several countries now.

11. Do you have projetets involving e-learning too? How could it be used by Lusofonia?

We don't work on e-learning projects, except to the extent that people "learn" by participating in the kinds of things we do.

ANEXO X - ENTREVISTA III

Entrevistada: Helena Figueira
Lingüista que atua na Priberam (<http://www.priberam.pt>)

Data: entrevista feita por e-mail em maio de 2008.

1. O representante da CPLP, ministro Paulo Palm, disse durante a Semana Sociológica que a entidade está investindo em base de dados. E que o Acordo Ortográfico (AO) facilitaria esta inserção de conteúdos que precisam ser homologados em seus idiomas. Você acha que com a difusão da língua portuguesa nos meios online (sobretudo o português em sua variante brasileira) o Acordo pode se tornar um instrumento futurista do idioma?

As consequências do novo Acordo Ortográfico são ainda um pouco imprevisíveis, pois não é possível prever a evolução da língua. No entanto, é possível dizer que o novo Acordo Ortográfico é apenas um instrumento de aproximação de duas ortografias oficiais, e não corresponderá nunca a uma total uniformização ortográfica e muito menos linguística, atendendo a que a ortografia é apenas uma parte da língua.

2. Você acredita no apelo tecnológico da língua portuguesa?

Actualmente, a língua portuguesa tem já ferramentas linguísticas robustas e uma investigação científica a produzir resultados muito satisfatórios.

3. Poderia relatar os projetos da Priberam nesse sentido com ênfase no novo corretor ortográfico feito de acordo com o novo documento?

Comercializado desde 1995, o FLiP – Ferramentas para a Língua Portuguesa – tem vindo a afirmar se nos mercados português e internacional como uma ajuda indispensável à escrita em computador ou à revisão de texto electrónico de diversas origens, como o texto resultante de digitalização por reconhecimento óptico de caracteres. A gama FLiP é hoje constituída por um conjunto diversificado de produtos, disponíveis para várias

*Dissertação efetuada ao abrigo do **Programa Alban**, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Européia para América Latina, bolsa E06M103824BR.*

plataformas (Windows, Mac) e aplicações (Office, InDesign, Milenium, etc.), tanto para o português europeu como para o português do Brasil e alguns dos componentes do FLiP foram licenciados pela Microsoft para serem incluídos na versão portuguesa do Microsoft Office desde a versão XP.

Na presente versão do pacote de ferramentas linguísticas FLiP 6 , estão incluídos, para o português europeu, um corrector sintáctico e estilístico, um corrector ortográfico, oito dicionários temáticos, um hifenizador, um dicionário de sinónimos, um conjugador de verbos, quatro auxiliares de tradução e um editor de texto. No FLiP 6 incluem-se também um corrector sintáctico e estilístico, um corrector ortográfico, oito dicionários temáticos, um hifenizador, um dicionário de sinónimos e antónimos e um conjugador verbal para o português do Brasil, bem como correctores ortográficos para alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.

Actualmente, o corrector ortográfico da Priberam está integrado nos blogues do Sapo, o maior portal português.

Além da correcção ortográfica e sintáctica, a tecnologia FLiP e os seus componentes têm sido usados em diversas áreas do PLN a que a Priberam se dedica, como seja na indexação do LegiX , na área de motores de pesquisa (através da participação nos projectos TRUST e MCAST), na área da recolha de informação em respostas a perguntas (através da participação no CLEF) ou na área do processamento de fala (através da participação no projecto TECNOVOZ). O desempenho nestas áreas tem assim sido testado e avaliado internacionalmente e em aplicações práticas, com vista à consequente melhoria das suas capacidades.

No final dos anos 90 do séc. XX, a Priberam adquiriu um léxico que seria o ponto de partida para as ferramentas do português do Brasil. As primeiras versões do corrector ortográfico e do hifenizador para português do Brasil foram integradas no sistema Unisys' Hermes e são usadas desde 2001 por O Estado de São Paulo, um dos maiores jornais do Brasil.

O primeiro produto específico apenas para o português do Brasil foi o FLiP:mac Brasil (2003), seguindo-se o FLiP Brasil (2004) e o Novo Corretor Aurélio (2007). Presentemente, as ferramentas linguísticas da Priberam para o português do Brasil incluem um corrector sintáctico e estilístico, um corrector ortográfico e um hifenizador. Ainda que os recursos linguísticos sejam diferentes, estas ferramentas baseiam-se no software que a Priberam vem desenvolvendo há mais de 10 anos.

Relativamente ao novo Acordo Ortográfico, a Priberam acompanha atentamente todo o processo e começou há largos meses a analisar as consequências da nova ortografia nos seus produtos e serviços e está a preparar soluções tecnológicas para resolver os problemas que a sua previsível entrada em vigor vai colocar. No entanto, é de recordar que a Assembleia da República só discutirá o assunto amanhã, dia 15.

4. Em sua explanação, você mencionou um conjunto de pacotes de serviços para África, considerando os mercados de Angola e Moçambique. Poderia me detalhar esse projeto?

Aos recursos de que a Priberam dispõe actualmente poderão juntar-se futuramente e a médio prazo léxicos pertencentes às subortografias do português das variedades africanas, nomeadamente de Moçambique e de Angola, países onde a Priberam já estabeleceu parcerias que pretende desenvolver. As variedades africanas como objecto de projectos futuros colocam questões adicionais: as que dizem respeito às práticas ortográficas nacionais (originadas por influência anglo-saxónica ou por motivos políticos), cujas soluções não estão previstas no texto legal, nomeadamente a utilização das consoantes k, w e y em nomes comuns e não exclusivamente em nomes próprios ou derivados de nomes próprios estrangeiros (antropónimos, sociónimos ou topónimos, normalmente; ver Base I, 2º) ou o uso do apóstrofo em casos não previstos nas bases. Isto coloca problemas acrescidos devido às práticas ortográficas, mas sobretudo porque sempre foram as academias portuguesa e brasileira os motores das alterações ortográficas, pelo peso tradicional das duas normas.

5. Enquanto linguista e, sobre o AO, munida das reflexões de perda de referencial do que é um erro gramatical e da falta de obras de referência, como avalia o futuro da língua portuguesa em todo o seu contexto de fragmentação.

Como referi anteriormente, as consequências do novo Acordo Ortográfico são imprevisíveis, mas a diversidade (em vez de fragmentação) é uma garantia de vitalidade da língua e não é um acordo ortográfico que a vai destruir. É um facto que será necessária uma grande reflexão no ensino da língua relativamente ao erro ortográfico (não em relação ao erro gramatical em geral, pois trata-se apenas de uma alteração ortográfica), uma vez que a ortografia será regulada por um texto legal que tem alguns problemas, mas não será com certeza nenhuma catástrofe. Além disso, não é a primeira vez (nem será a última com certeza) que há alterações ortográficas à língua portuguesa. O aparecimento de obras de referência autorizadas é uma necessidade e, até ser uma realidade, o eventual período de transição (ainda não está definido, mas deverá ser em Portugal de aproximadamente 6 anos, segundo dados officiosos) será um pouco confuso e dado a alguns equívocos (veja-se a este propósito, os dicionário e guias práticos editados por duas editoras portuguesas já segundo o Acordo de 1990).

10. Poderia me falar sobre a norma africana, que está sendo consolidada?

O português das variedades africanas (são várias) já tem estudos publicados, mas ainda pouco divulgados nos meios académicos. São muito interessantes, por exemplo, os estudos de Perpétua Gonçalves para o português de Moçambique (veja-se a este propósito <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/geografia/portuguesmocambique.pdf> ou <http://ww1.rtp.pt/noticias/index.php?article=256279&visual=26>).

Algumas perguntas não respondidas: (1) Como tais projetos que a Priberam desenvolve poderiam ser abraçados pela área de políticas públicas? (2) Acredita que a língua portuguesa, fora dos domínios em que se insere como idioma materno, tem se tornado um código elitista de autoridades e formadores de opinião, já que a grande maioria não tem acesso ao idioma?

ANEXO XI - *Oi Futuro* - Release da assessoria de imprensa da organização

“O Oi Futuro vai expandir seus projetos para além das fronteiras do Brasil. Num convênio inédito com a empresa de comunicação Soico TV, de Moçambique, o instituto de responsabilidade social da Oi desembarca na África para transformar a educação em ferramenta de inclusão social e digital num continente sofrido que busca uma nova transformação social. O convênio foi assinado nesta terça-feira, dia 26 de fevereiro de 2008, no Rio de Janeiro, pelo presidente da Oi, Luiz Eduardo Falco, pelo presidente do Oi Futuro, José Augusto da Gama Figueira, e pelo presidente da Soico TV, Daniel David. Inicialmente, serão instalados projetos-piloto em cinco escolas públicas localizadas na periferia de Maputo, capital moçambicana.

‘O convênio é importante neste momento histórico em que estamos tentando fazer uma plataforma brasileira e, depois, uma plataforma internacional’, disse Falco, na cerimônia de assinatura. ‘No mundo, há 300 milhões (sic, 220 milhões) de pessoas que falam a língua portuguesa e este é um mercado para produtores e distribuidores de conteúdo nas suas diversas formas. Se pudermos trabalhar na cadeia de acessos e distribuição em vários países, para nós, faz todo o sentido do mundo’.

O presidente da Soico TV qualificou o convênio assinado como ‘fundamental’. ‘Moçambique e Brasil, através da Oi e da Soico TV, estão iniciando uma nova plataforma de entendimento’, acrescentou. ‘Vamos estreitando gradualmente essa parceria com o Brasil usando um convênio privado. Acho que a cooperação entre os países só é forte quando instituições privadas a desenvolvem’. Presidente do Oi Futuro, José Augusto da Gama Figueira destacou a importância que a nova fase do Tonomundo terá para o instituto de responsabilidade social da companhia brasileira: ‘Esse convênio na verdade é um marco. Vamos levar para Moçambique o nosso primeiro projeto de educação. Criado há oito anos, o Tonomundo já tem notoriedade em todo o país e, agora, segue sua trajetória de sucesso, com sua internacionalização’.

A idéia do projeto surgiu a partir de lei sancionada pelo Governo Federal em 2003, que introduziu o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino

fundamental e médio. O Oi Futuro decidiu levar sua comunidade virtual de aprendizagem e prática, o Tonomundo, para uma escola africana de língua portuguesa de forma a enriquecer o intercâmbio cultural e de educação entre os dois povos.

Metodologia inovadora

A metodologia de ensino que será utilizada em Moçambique será a mesma do Tonomundo no Brasil e pretende transformar a escola e seus alunos em pólos irradiadores de projetos sociais com impacto na comunidade. O Tonomundo foi desenvolvido pelo Oi Futuro em parceria com a Escola do Futuro da USP, e irá formar os professores moçambicanos com aulas presenciais, realizadas em duas semanas, e um curso à distância com duração de dois anos.

Através da implantação de laboratórios de informática com acesso à Internet na rede pública de ensino fundamental, o projeto dá prioridade às iniciativas que integram a comunidade à escola e promovem a renovação dos valores da cidadania.

Em 2001, o programa ganhou a chancela da Unesco e, desde então, foi multiplicado sob a forma de política pública nas escolas estaduais e municipais do Espírito Santo, Pernambuco, Sergipe, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, e Pará. O Tonomundo já beneficia mais de 650 mil alunos e 7 mil professores, em 598 escolas do país. Nesse período, o programa recebeu 10 prêmios nacionais e internacionais, como o Prêmio Ibero-Americano; o LIF, da Câmara de Comércio França-Brasil, e o prêmio A Rede.

A aproximação do Brasil com Moçambique não é de hoje. Também colonizado por Portugal, o país tem uma identificação cultural muito forte com o Brasil, não apenas em relação à cultura de massa, mas também pela literatura. Mia Couto, célebre escritor moçambicano, é um confesso admirador da literatura brasileira e seus textos têm forte influência de Guimarães Rosa e de contemporâneos como Moacir Scliar.

Estiveram presentes na assinatura do convênio do Oi Futuro com a Soico TV, de Moçambique; Silvia Fichmann, coordenadora do Tonomundo na Escola do Futuro da USP; Enoque Massango, diretor-adjunto da Soico TV; George Moraes, diretor de

Comunicação Corporativa da Oi, e Samara Werner, diretora dos projetos de Educação do Oi Futuro.

Sobre o Tonomundo

Desde 2000, o Tonomundo (www.tonomundo.org.br) atua em localidades com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) em parceria com a Escola do Futuro da USP e conta com a chancela da Unesco para projetos que apresentem uma transformação social. O programa atua com o foco na formação continuada de professores de Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Os professores do Tonomundo integram uma das maiores comunidades virtuais de aprendizagem do Brasil, onde são desenvolvidas práticas formativas para professores e atividades lúdicas on line, das quais também participam alunos, familiares e vizinhos da escola.

Sobre o Oi Futuro

O Oi Futuro está presente em várias cidades do Brasil, democratizando o acesso ao conhecimento, incentivando a criação artística, valorizando a diversidade cultural brasileira e investindo na tecnologia de ponta para acelerar e promover o desenvolvimento. São mais de dois milhões de pessoas beneficiadas através dos projetos Tonomundo, Geração Oi, Oi Kabum! Escolas de Arte e Tecnologia, Conecta e Novos Brasis.

Desde sua criação, em 2001, e até 2006, o Oi Futuro investiu, através de seus projetos, mais de R\$ 150 milhões em Educação e Cultura no Brasil. Assim, o instituto reafirma sua crença na educação e na cultura como fatores de transformação social, reconhecendo seu compromisso de inserir um número cada vez maior de brasileiros no mapa da cidadania.

Sobre a Soico STV

A Soico Televisão é uma estação de televisão privada moçambicana lançada em 2002 e transmite 24 horas de programação. Atualmente, a STV cobre as províncias de Maputo cidade, Maputo província, Gaza, Inhambane e Sofala.

A STV é uma televisão criativa e inovadora, considerada a melhor televisão de 2004 pela revista TV Zine. Isso graças à qualidade da informação difundida em blocos de notícias e aos debates de caráter político, econômico e social promovidos pela estação.

A STV também possui uma programação de qualidade, resultado das parcerias com a Rede Globo e Canal Futura. As parcerias garantem elevada audiência no horário nobre, que apresenta novelas e seriados, além de conteúdo educativo para os telespectadores.

Desde a sua criação a STV tem transmitido eventos nacionais e internacionais de grande porte, como o campeonato Europeu de futebol de 2004. No plano social participa ativamente de causas relacionadas com o HIV-AIDS e outras campanhas promovidas por organizações governamentais e não-governamentais. Todos os programas desenvolvidos pela SOICO na área de responsabilidade social estão dentro do projeto Moçambique Em Ação”.

ANEXO XII - Dez trechos destacados do documento da CPLP, *Declaração sobre Sociedade da Informação e do Conhecimento* *

(1) “a diversidade cultural e linguística deve ser um princípio fundador da Sociedade da Informação”.

(2) “a inclusão digital é um aspecto essencial da inclusão social e da participação política dos cidadãos, num mundo crescentemente influenciado pelas tecnologias da informação e das comunicações”.

(3) ” reconhecendo o potencial das tecnologias da informação e das comunicações para a erradicação da pobreza e a promoção do bem-estar social nos seus países, e conscientes da necessidade de promover políticas públicas e programas voltados para a redução do hiato digital e para a universalização do acesso às tecnologias da informação e das comunicações, inclusive à Internet”.

(4) “respeito ao direito de cada povo de se expressar na sua própria língua e o seu empenho na criação e disseminação de conteúdos em Língua Portuguesa, contribuindo para a construção de uma Sociedade da Informação que seja pluralista e, ao mesmo tempo, promova a língua, a cultura e os valores comuns de paz, democracia, Estado de Direito, direitos humanos e justiça social, que inspiram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”.

(5) “interesse em promover um exercício renovado da cidadania por meio das tecnologias de informação e das comunicações, criando novos canais de diálogo entre a sociedade e o Estado, e ampliando e aprimorando a prestação de serviços públicos por via electrónica”.

* Cfr. **Anexo XIII** – Tabela de Documentos da CPLP para o diagrama de expressão, página 183.

(6) *”interesse em assegurar o desenvolvimento da infra-estrutura de redes, indispensável à Sociedade da Informação, e a garantir a criação de aplicações das novas tecnologias orientadas para o atendimento das necessidades nacionais e locais; o seu empenho em estender o alcance das redes e das novas tecnologias de informação e das comunicações às regiões rurais e remotas, inclusive por meio de telecentros de acesso público, promovendo a transparência e a boa-governança a nível comunitário, e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para os esforços de superação da pobreza das comunidades localizadas em tais regiões”*.

(7) *“entendimento de que a capacitação digital deve permitir a cada cidadão e cidadã participar plenamente da Sociedade da Informação, não apenas como utilizador das novas tecnologias, mas também como agente de desenvolvimento e produtor de conteúdos”*.

(8) *“convicção de que o Software aberto, em alguns Estados membros designado Software livre, é instrumento de alta relevância para a construção de uma Sociedade da Informação inclusiva e pluralista, pois apresenta custos reduzidos, facilitando, assim, a inclusão digital e a partilha de conhecimento”*.

(9) *“preocupação com a necessidade de uma Governação multilateral, transparente e democrática da Internet, que leve em conta os interesses dos Governos, da Sociedade Civil e demais actores interessados, e garanta o respeito pela diversidade geográfica, cultural e lingüística”*.

(10) “interesse em que se acompanhe a presença da Língua Portuguesa na Internet; A sua convicção de que a Solidariedade Digital¹³⁵, a materializar-se por meio de novas formas de parceria de cooperação internacional, sobretudo na área de Governo Electrónico, do financiamento das tecnologias da informação e também pela implementação do Plano de Acção adoptado na I Fase da Cimeira Mundial sobre a Sociedade da Informação, são essenciais para a redução do fosso digital e para o fortalecimento dos laços de solidariedade entre os Países de Língua Portuguesa”.

No documento, que tem trechos de grande importância para esta pesquisa, pode-se ressaltar dois parágrafos fundamentais para se pensar o futuro das temáticas em questão:

“Saudaram a Declaração adoptada no âmbito da Conferência Ministerial de Países de Língua Oficial Portuguesa no domínio da Propriedade Industrial, realizada em Lisboa em Abril de 2006, organizada em colaboração com a Organização Mundial da Propriedade Intelectual sob o tema geral “A língua portuguesa enquanto língua de suporte económico e tecnológico no âmbito da sociedade do conhecimento e da informação”.

“Tendo em conta o potencial das tecnologias da informação e comunicação para a erradicação da pobreza e a promoção do bem-estar social, estando conscientes de que esses objectivos só poderão ser atingidos por meio da intensificação da cooperação internacional e da implementação de políticas públicas que visem à superação do hiato digital. Ressaltaram que a promoção e divulgação da Língua Portuguesa

¹³⁵ O documento anuncia ainda a criação de um “Grupo de Trabalho sobre Governação na Internet e na Força-Tarefa sobre o Fundo de Solidariedade Digital e Financiamento, a serem criados pelo Secretário-Geral das Nações Unidas”.

é um dos objectivos estabelecidos pelos Estatutos da CPLP, estando conscientes do poder da Internet para na promoção desse objectivo”.

Disponível em:

<http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaracao%20sobre%20a%20sociedade%20de%20informação%20como%20contributo.pdf> [Em linha] [Consultado em fevereiro de 2008]

ANEXO XIII – TABELA DE DOCUMENTOS DA CPLP PARA DIAGRAMA DE EXPRESSÃO (CAPÍTULO I).

ANEXO XIV – TABELA DE ANÁLISE DE 33 BLOGUES (CAPÍTULO IV)

Conferências de Chefes de Estado da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e desdobramentos: Análise Documental

Documento	Declaração	Resolução	Acordo	Protocolo	Reunião	Palavras-chave e idéias centrais	Fonte	Conferência/ Docs Relacionados
Declaração Constitutiva CPLP: Lisboa 1996	X					Povos de língua portuguesa, projeção internacional, comunicação, intercâmbio cultural, cooperação, ensino.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20Constitutiva%20da.pdf	I Conferência
Protocolo de cooperação entre o Secretariado Executivo da CPLP e o Fórum da Lusofonia: Lisboa, 1998				X		Comunidade, interatividade, integração, divulgação, multilateral, solidariedade, laços humanos.	http://www.cplp.org/docs/documentacao/PROTOCOLO%20DE%20COOPERA%C3%87%C3%83O%20F%C3%94RUM%20da%20Lusofonia.pdf	II Conferência
I Reunião Ordinária dos pontos focais de cooperação da CPLP: Cascais, 1999					X	Pontos focais, página da CPLP na internet, troca de informação, acesso à rede, acordos, formação profissional.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/1a%20reunião%20dos%20PFC%20relatório%20final.pdf	III Conferência
I Reunião Extraordinária dos pontos focais de cooperação da CPLP: Maputo, 2000					X	Cursos de formação, Palop, agências de língua portuguesa, bolsas de estudo, treinamento e recursos humanos.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/RPFC/1a%20R%20Extraord%20PFC.pdf	
Declaração de Maputo: Moçambique, 2000	X					Timor Leste, diálogo político, Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), mercado editorial, ensino à distância.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20DE%20MAPUTO.pdf	
Declaração sobre "cooperação, desenvolvimento e democracia na era da globalização": Maputo, 2000	X					Desenvolvimento tecnológico, compartilhamento de tecnologias, divulgação e fortalecimento de valores culturais.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20SOBRE%20COOP%20Maputo%202000.pdf	III Conferência
Resolução sobre o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP): Maputo, 2000		X				Língua e patrimônio, sede do IILP, Ministério da Educação dos Estados-Membros, associações internacionais, sociedade civil.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/RESOLUÇÃO%20SOBRE%20O%20IILP%20Maputo%202000.pdf	
Declaração de Brasília: Brasília, 2002	X					Português como língua de trabalho, visibilidade interna e externa, mobilização da opinião pública, políticas de informação.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20DE%20BRASÍLIA.pdf	IV Conferência
Declaração sobre o Governo Eletrônico: Brasília, 2002	X					Tecnologias da informação e comunicação na administração pública, transparência, fortalecimento da democracia e cidadania, sociedade da informação, governo eletrônico, transferência tecnológica.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20SOBRE%20O%20GOVERNO%20ELECTRÓNICO.pdf	
Declaração sobre paz e desenvolvimento e o futuro da CPLP: Brasília, 2002	X					Igualdade entre os países, reconhecimento e aceitação da diferença, estímulo ao desenvolvimento tecnológico.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/DECLARAÇÃO%20SOBRE%20PAZ%20E%20DESENVOLVIMENTO%20E%20O%20FUTURO%20DA%20CPLP.pdf	
Acordo do segundo protocolo modificativo ao Acordo Ortográfico da língua portuguesa: São Tomé, 2004			X			Acordo Ortográfico, adesão de Timor Leste.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Acordo%20o%20Protocolo%20Modificativo%20Acordo%20ortogr%20LP.pdf	V Conferência
Declaração de São Tomé: São Tomé, 2004	X					Concertação político-diplomática, Unesco, OEI, IICT, IILP na difusão da língua, AULP, intercâmbio de experiências, Brasil, Mercosul e CPLP, comércio.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20final%20Aprovada.pdf	
Declaração sobre a sociedade da informação como contributo para a boa governação e transparência: São Tomé, 2004	X					Diversidade cultural como princípio da sociedade da informação, inclusão digital, inclusão social, erradicação da pobreza, acesso à internet, participação política, solidariedade digital, criação e disseminação de conteúdos em língua portuguesa, pluralismo, novos canais de diálogo, serviços públicos por via eletrónica, difusão boas práticas em administração pública, infra-estrutura de redes, regiões rurais, local e global, telecentros, capacitação digital, cidadão agente de desenvolvimento e produtor de conteúdos, software livre, partilha de conhecimento, governação multilateral, respeito às diferenças geográficas, culturais e linguísticas.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20sobre%20a%20sociedade%20de%20informação%20como%20contributo.pdf	
Resolução sobre a promoção e difusão da língua portuguesa: São Tomé, 2004		X				Estação da Luz da Nossa Língua, conteúdos em língua portuguesa para as páginas de organizações afins.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Res%20sobre%20a%20prom%20e%20dif%20da%20LP.pdf	
Resolução sobre a sociedade civil: São Tomé, 2004		X				Adesão da sociedade civil, instrumentos para troca de informação entre entidades ligadas à CPLP, sistema de registo.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Res%20sobre%20a%20soc%20civil.pdf	
Resolução sobre os embaixadores de boa vontade da CPLP: São Tomé, 2004		X				Ações de visibilidade (dentro e fora) junto à opinião pública, embaixadores de boa vontade.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Res%20sobre%20os%20emb%20de%20boa%20vontade.pdf	
Declaração sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Desafios e Contribuição da CPLP: Bissau, 2006	X					Identificação de projetos e programas de sucesso, e experiências dos países-membros que possam ser estendidas aos demais, associação das universidades de língua portuguesa, rede de investigação e intercâmbio universitário.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração%20ODM-Desafios%20e%20contribuições%20da%20CPLP.pdf	
Declaração de Bissau: Bissau, 2006	X					Integração e cooperação regional, parcerias com organizações regionais e sub-regionais, rede lusófona, educação contra a Aids (Sida), Fórum da Juventude da CPLP, aproximação cultural das novas gerações, cooperação juvenil, necessidade de propostas para destacar o universo de falantes de língua portuguesa, feira do livro países CPLP, jornalistas de língua portuguesa, proteção e promoção das diversidades, compromisso de desenvolver projetos em TI, conversão da dívida externa em projetos de educação, turismo lusófono, formação de um banco de dados dos oito países, língua portuguesa como suporte económico e tecnológico no âmbito da sociedade da informação (propriedade industrial), portal da lusofonia, superação do hiato digital com políticas públicas, poder da Internet para divulgar língua portuguesa, acordo comercial entre Mercosul e Países da CPLP, Dia da Língua Portuguesa, ProAfrica, projetos comuns entre pesquisadores lusófonos, Fundo do Petróleo.	http://www.cplp.org/docs/estrutura/CCEG/Declaração_Bissau.pdf	VI Conferência

Observações:
 Amostra, total: 64 documentos das Conferências de Chefes de Estado da CPLP, realizadas a cada dois anos.
 Tabela elaborada a partir da triagem dos documentos, de acordo com a área de interesse desta pesquisa.
 Documentos consultados em agosto de 2007, acessados pela página da CPLP na Internet (www.cplp.org)

Análise de Blogues - Enfoque África lusófona e Timor Leste

ID	Nome	URL	Enfoque	Atualização	Idade	Amostra de vocábulos	Autor e região	Presença de línguas autóctones	Discurso e estilo
1	Causa Africana	http://causa-africana.blogspot.com/	África e Economia	Atualizado mas não frequente	51 posts, primeiro post em fev 07	África, África Subsahariana, empreendedorismo, moeda, liberdade de informação, trabalho, produtividade, inflação, competitividade, desenvolvimento, globalização, ética etc.	Izidine.Abdul.Cadir, economista, Local: África	Não	Discurso pautado em temas atuais de maneira a inserir África no debate globalizado com enfoque que não coloca o continente como vítima, mas como peça importante do tabuleiro do sistema internacional. Traz textos, gráficos, materiais adicionais.
2	Diário de um sociólogo	http://www.oficinadesociologia.blogspot.com/	Causas sociais	Atualizado diariamente	De 20 a 26 abril08: 56 posts - blog criado em 21 de abril de 2006 com 155 mil visitantes até abril 08	Violência, pós-apartheid, Zimbabue, África do Sul, custo de vida, Paulina Chiziane, Craveirinha, Guebuza, Obama, imigração, tráfico de menores etc.	Carlos Serra, Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane. Local: Maputo : Moçambique, Maputo; Interesses: "Tirar a casca dos fenómenos e tentar perceber a alma dos gomos sociais sem esquecer que o mais difícil é compreender a casca".	Eventualmente	Blogue de denúncia, com enfoques em temas de África e outros mais gerais. Tom de questionamento. Traz como reportagens, referências académicas etc. Citado em outros veículos de imprensa tradicional, também produz material independente.
3	ma-schamba	http://ma-schamba.com/ (endereço anterior: http://www.ma-schamba.blogspot.com/)	Educação e temas gerais	Atualizado frequentemente	Desde junho de 2005	Acordo Ortográfico, CPLP, política portuguesa, política Moçambique, cooperação, descolonização, Chico Buarque, Carlos Serra, Mia Couto etc.	José Pimentel Teixeira, Moçambique	SIM	Fala de Moçambique e Portugal e temas gerais focados para educação, literatura, língua portuguesa, com comentários que por vezes tendem ao factual.
4	Kabamwine	http://kabamwine.blogspot.com/	Comunicação	Atualizado frequentemente	Desde dezembro de 2005	fenômenos sociais, movimentos partidários, governantes, país, estabilidade, oposição, crise etc.	Lázaro Bamo, jornalista, Moçambique, Maputo	SIM	Textos longos altamente opinativo em formato de artigo com foco na situação política, nos problemas e crises do país. Crítico e em tom de desababo.
5	Moçambique para Todos	http://macua.blogs.com/moambiqu e_para_todos/	Comunicação	Atualizado diariamente	_____	Frelimo, CPLP, Lusofonia, imigração, refugiados, Goa, Guiné-Bissau, Portugal, Timor, São Tomé etc.	_____	Eventualmente	Perfil de um jornal eletrônico, segue a linha mais factual e menos opinativo. Procura abarcar temas com foco em país/nacional e no âmbito dos países da CPLP.
6	Marginal Zambí	http://marginalzambi.blogspot.com/	África, Pt e outros	Atualizado diariamente	Desde julho de 2006	Líderes africanos, colonizados, europeus, brancos, hipocrisia mundial, direitos humanos, Deus etc.	Laurentina (Pt), e Ouri Pacamutondo, jornalista, Moçambique	SIM	Textos altamente opinativos e de tom agressivo por vezes. Demonstra um apego de revolta ao passado colonial e às elites corruptas de África. Críticas a Portugal.
7	Pululu	http://pululu.blogspot.com/	Angola, PT e outros	Atualizado mas não frequente	Desde maio de 2004	Darfur, Unita, China, Brasil, CPLP, Timor, Acordo Ortográfico, lusofonia etc.	Eugénio Costa Almeida, Angola e Portugal	Não	Mistura fatos e a comentários opinativos, com tom comedido, voltado para questões de Relações Internacionais.

Análise de Blogues - Enfoque África lusófona e Timor Leste

ID	Nome	URL	Enfoque	Atualização	Idade	Amostra de vocábulos	Autor e região	Presença de línguas autóctones	Discurso e estilo
8	Alto Hama	http://www.altohama.blogspot.com/	Angola, África, Portugal	Atualizado diariamente	Desde agosto de 2006	África, Portugal, CPLP, mundo e infinitos temas.	Blog do jornalista Orlando Castro, Jornal de Notícias e Notícias Lusófonas	Não	Textos que comentam a realidade factual dos países de expressão portuguesa, em sua maioria, com críticas à política de Portugal e Europa com relação a África. Voltado para questões humanas e sociais, em defesa do povo.
9	A minha Sanzala	http://sanzalando.blogspot.com/	Temas do cotidiano, política, sentimentos etc.	Atualizado frequentemente	Desde fevereiro de 2006	Sentimentos, Angola, 25 de Abril, utopia, sonhos, solidão etc.	Carlos Carranca, jornalista, Angola	Eventualmente	Não assume bandeiras e nem enfoques muito polêmicos, mais voltado para as questões interiores, depoimentos e vivências pessoais.
10	Atelier dos Manguieirinhas	http://salucombojr.blogspot.com/	Cotidiano, sentimentos	Atualizado frequentemente	Desde outubro de 2005	Mar, Instituto Camões, luta, Bob Dylan, U2 etc.	Salucombo Jr., Angola	SIM	Não tem preocupação com uma temática linear, como a definição do perfil diz o interesse vai até aonde o pensamento alcançar.
11	Companhia de Moçambique	http://www.companhiademocambique.blogspot.com/	História e temas de África Oriental portuguesa	Atualizado desde 2005	—	Lourenço Marques, Mercado de Inhambane, Santos Rufino, costumes indígenas etc.	—	Eventualmente	Textos que demonstram aprofundamento histórico, com imagens de época e textos que explicam em detalhes os temas abordados, como um especial para cada assunto.
12	Idéias de Moçambique	http://ideiasdemocambique.blogspot.com/	Economia Política e Integração Regional História das Transições democráticas em África Desenvolvimento Social Globalização	Atualizado desde 2007 e volta no segundo semestre de 2008	Desde maio de 2005	República de Moçambique, livros, Carlos Serra, eleições, Maputoefeito, violência etc.	Egídio Vaz, historiador, Moçambique	Eventualmente	Abordagem de questões nacionais de Moçambique, suas relações diplomáticas e suas realidades internas, bem como seu passado histórico. Oferece ainda dicas de leitura etc.
13	Albatrozberdiano	http://www.albatrozberdiano.blogspot.com/	Cultura, língua, arte, poesia	Atualizado frequentemente	Desde agosto de 2004	Versos, língua, crioulo, mulato etc.	Filinto Elísio, Cabo Verde	SIM	Amplo uso do idioma nacional, se dedica aos temas culturais, poesia, questões de língua, e apresenta também posts em inglês.
14	Nulius in Verba	http://nulliusinverba-bv.blogspot.com/	Mídia e África	Atualizado frequentemente	Desde abril de 2007	Notícia, cobertura, mídia, ombudsman, RM, TVM etc.	Bayano Valy, Moçambique, Maputo	Eventualmente	Preocupação em comentar a atuação da mídia nos eventos do cotidiano no país e fora, na maioria dos temas tratados.
15	Angola Minha Terra	http://www.angolaxyami.blogspot.com/	País	Atualizado frequentemente	Desde agosto de 2004	Política angolana, África, paz, eleições, diálogo, livre expressão etc.	Francis Pac, Itália, Roma	Eventualmente	Posts curtos com temas que acabam contextualizando afinidades com Angola, positivo em relação às causas e vitórias do país.
16	O quotidiano de Moçambique	http://ilidiomacia.blogspot.com/	País	Atualizado mas não frequente	Desde fevereiro de 2007	Constituição, tráfico, cidadão, Estado, lei do trabalho, trabalhadores estrangeiros etc.	Ilídio Macia, jurista, Moçambique, Maputo	Não	Além de ter links para blogues já citados, os posts deste blogue decorrem no sentido de explicar o factual segundo o amparo das leis, da cidadania etc.
17	Angola Sempre	http://angolasempre.blog.com/	País	Atualizado mas não frequente	—	Política, sociedade, emprego, qualificação profissional, independência, Unita etc.	—	Eventualmente	Analisa o país sob a perspectiva das oportunidades de crescimento, emprego, negócios, política, questiona o futuro de Angola como uma incerteza, fala dos rumos nacionais e usa textos longos etc.
18	Rádio Muximangola	http://muximangola.blogspot.com/	Musicalidade e cultura	Atualizado frequentemente	—	História do rádio e da televisão em Angola, Miss Angola, música, teatro etc.	—	Eventualmente	Textos que contextualizam história de veículos de comunicação no país e cultura, bem como oferecem arquivos em mp3, além de links para blogues já analisados.

Análise de Blogues - Enfoque África lusófona e Timor Leste

ID	Nome	URL	Enfoque	Atualização	Idade	Amostra de vocábulos	Autor e região	Presença de línguas autóctones	Discurso e estilo
19	Serra da Chela	http://www.serradachela.blogspot.com/	Luanda	Atualizado frequentemente	Desde julho de 2006	Rádio, capital, voto de qualidade, partidos, poliomielite etc.	Manuel Vieira, jornalista, Angola, Luanda	SIM	Formato menos opinativo e mais noticioso, factual, mais dedicado aos temas da capital e do país.
20	Akoka em Cabo Verde	http://cverdes.blogspot.com/	Ilha do Sal	Desatualizado desde 2006	Desde agosto de 2005	Povo, Ilha do Sal, artesanato, paisagem etc.	Jorge Alves, Corroios, Portugal	SIM	Traz muitas imagens da Ilha e suas belas paisagens, fala de costumes, culturas, dicas do que fazer pelo local etc. Indica blogues já analisados.
21	Patrimônio de São Tomé	http://stomepatrimonio.blogspot.com/	História e Cultura STP	Atualizado mas não frequente	_____	Danças, instrumentos musicais, reabilitação, estudo, plantas medicinais etc.	Marta Gomes	SIM	Mostra com fotos e textos aprofundados a rica vida cultural de STP, suas danças, instrumentos para música, locais de visita, costumes e cotidiano. Blogue da Disciplina História do Patrimônio da PAES - Cooperação em São Tomé - Plataforma de Ensino.
22	1001 quilômetros quadrados	http://1001quilometrosquadrados.blogspot.com/	País	Desatualizado desde 2007	Desde junho de 2005	Patrimônio, turismo, flora, cacau, petróleo etc.	AJFF, São Tomé e Príncipe	Eventualmente	Concentra informação variada sobre STP, ressaltando as riquezas naturais, a questão do cacau, do petróleo, mostra estudos sobre população, pobreza etc.
23	Racionalidade Econômica	http://proeconomia.blogspot.com/	Economia moçambicana	Atualizado frequentemente	Abril 2007	Bolsa de valores, empréstimo, privatizações, dívida externa, CPLP, mercado de capitais etc.	Eugénio Chimbutane, economista, Moçambique, Maputo	Não	Abordagem especializada pouco comum no universo da blogosfera com enfoque específico na economia nacional antenada ao mundo globalizado.
24	Angola Saudade	http://anteropaiva.blog.simplesnet.pt/	País	Atualizado mas não frequente	_____	Crianças, Sida, paz, CPLP, poesia, mutilação sexual feminina etc.	_____	SIM	Fotos variadas do cotidiano, textos que falam de problemáticas locais, poesia, leituras etc.
25	Africanidades	http://africanidades.blogspot.com/	"África vista pelos olhos de um branco" (subtítulo do blogue)	Atualizado frequentemente	Desde maio de 2003	Fome, português, terra, café, radicalismo islâmico etc.	Jorge Rosmanino (jornalista alentejano), Guiné-Bissau	Não	Formato mais jornalístico e informativo que opinativo, colhe informações de veículos, cria material próprio com textos em formato de matéria ou depoimento de vivências ou notas comentadas.
26	Cenakritika	http://cenakritika.blogspot.com/	Teatro em Cabo Verde	Desatualizado desde 2007	Desde julho de 2005	Artes cênicas em Cabo Verde, crítica, paradigma cênico etc.	Micaela Basrbosa, Cabo Verde, Santiago	Não	Especializado em teatro, com textos longos em construção mais formal e em formato de crítica com comentários sobre a cena teatral de Cabo Verde.
27	Konkomitantemente, Mankakas!	http://mankakoso.blogspot.com/	Angola, Kakwaku, esporte, cotidiano	Desatualizado desde 2007	Desde fevereiro de 2006	kampeão afrikanu, mô Deus, realidade, bwé d'água pra bêbêre, kartas de condução, Uma brógue, tou falidu, tudo xtá prontu, Viva o povo angolano sofredor!, Din gon bé! Din gon bé! Etc.	Mankakoso, empresário, Angola	SIM, todo o blogue em idioma nacional	Textos em Kimbundo em todo o blogue, presença de algumas frases em português europeu, tom informal, uso de bom humor, cita blogues já vistos.

Análise de Blogues - Enfoque África lusófona e Timor Leste

ID	Nome	URL	Enfoque	Atualização	Idade	Amostra de vocábulos	Autor e região	Presença de línguas autóctones	Discurso e estilo
28	Ondaka Usongo (expressão umbundu que significa "a palavra é flecha" pelo que "pode ferir, profundamente)	http://upindi.blogspot.com/	País e cidade	Atualizado mas não frequente	Desde dezembro de 2004	Estabilidade macroeconómica, Independência de Angola, cidade portuária do Lobito, lobitangas, futuro, nação, povo angolano, sabedoria Umbundu etc.	Upindi Pacatolo, contabilidade, Angola, Lobito	SIM	Questionamentos sobre a realidade local e o futuro do país. Crítica aos serviços públicos, descrição de fatos do cotidiano, ressalta o povo, a nação, a sabedoria popular, citando provérbios africanos como exemplo das grandes lições a serem transmitidas.
29	Curto & Grosso	http://grossocurto.blogspot.com/	África e mundo	Desatualizado desde 2007	_____	Povo, FMI, Hugo Chavez, prostituição, Igreja, tráfico, revolução, rico e pobre, pensem nisso! Etc.	_____	Eventualmente	Produção própria de conteúdo fotos, textos com tom opinativo e que questiona acontecimentos em África e no mundo, traz posts de outros blogues, promove reflexões sobre os governantes de Moçambique, da ineficácia do Estado para com o povo, sofrido.
30	Interrogações sobre Angola	http://angolainterrogada.blogspot.com/	País	Atualizado frequentemente	Desde dezembro de 2005	Amor a Angola, democracia, governantes, máscaras do regime, Unita, pátria, nova geração, cólera, futuro, eleições etc.	tadeovsky, Fernando Macedo, Paulo Inglês, pfromao, angolainterrogada, Zé Andrade.	Eventualmente	Longos textos focando as questões nacionais, críticas ao regime, e de forte cunho ideológico e político, conclamando amor à pátria.
31	Espaço Cabo Verde	http://espaco-caboverde.blogspot.com/	País	Atualizado mas não frequente	_____	Língua portuguesa, operadoras de telemóveis, Mário Soares etc.	_____	Não	Funciona como um jornal com textos factuais sem caráter opinativo.
32	República da Guiné	http://republica-da-guine-bissau.blogspot.com/	País	Atualizado mas não frequente	_____	Fotolog, com música "Ora Tchiga" [Chegou a Hora]	Carlos Galveias, Guiné-Bissau	Não	Fotos de abril de 2005 de diversos ângulos com enfoque em cenas do dia-a-dia, subtítulo: "em imagens... as legendas ficam por sua conta".
33	Timor Online	http://www.timor-online.blogspot.com/	País, Informação	Atualizado frequentemente	_____	Armas, rebelde timorense, Xanana Gusmão, relações bilaterais etc.	_____	Não	Coletânea de matérias de veículos variados com textos em português e inglês.